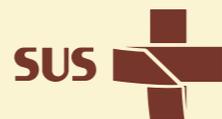


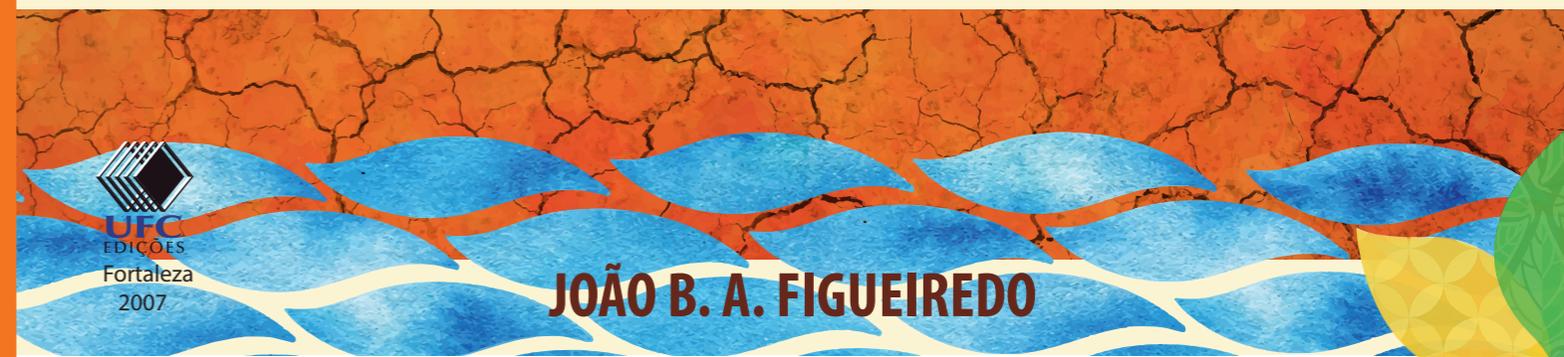
Ministério da
Saúde



EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIALÓGICA | JOÃO B. A. FIGUEIREDO

EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIALÓGICA

AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE
E A CULTURA SERTANEJA NORDESTINA



UFC
EDIÇÕES
Fortaleza
2007

JOÃO B. A. FIGUEIREDO



VEPOP-SUS

A reimpressão deste livro foi apoiada pelo Projeto de Pesquisa e Extensão VEPOP-SUS – Vivências de Extensão em Educação Popular e Saúde no SUS, como parte da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no SUS (PNEPS-SUS), promovido no âmbito da Universidade Federal da Paraíba por meio do Termo de Cooperação TC 383/2013. Visando apoiar iniciativas de sistematização e reflexões teóricas no campo da Extensão Universitária, Educação Popular e Formação em Saúde, o VEPOP-SUS publicou o Edital nº 08/2016, com o objetivo de oportunizar reimpressão e divulgação de livros já publicados na área. O livro *EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIALÓGICA: As contribuições de Paulo Freire e a cultura sertaneja nordestina* foi uma das obras contempladas no referido edital.

É proibida a venda de exemplares deste livro, impresso por intermédio deste projeto.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIALÓGICA

AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE
E A CULTURA SERTANEJA NORDESTINA

EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIALÓGICA | JOÃO B. A. FIGUEIREDO



JOÃO B. A. FIGUEIREDO

TRABALHO DE EDIÇÃO

Ernande Valentin do Prado
Pedro José Santos Carneiro Cruz
Daniela Gomes de Brito Carneiro
Eymard Mourão Vasconcelos

ARTE DA CAPA

Helena Lima dos Santos

João B. A. Figueiredo. Prof. Pesquisador do PPGE da Universidade Federal do Ceará. Tem pós doutorado em educação pela UFSC. Doutorado em Ciências (com concentração em Ecologia-Educação Ambiental) pela UFSCar. Prof. do Dpto de Teoria e Prática de Ensino da Faced - UFC.

Pesquisador associado da Anões e da ARIC. Líder do Gead - vinculado ao CNPq. Pesquisa e ensina na área da Educação Popular Freireana Educação Ambiental Didática e Formação Docente e Perspectiva Eco-Relacional.

E-mail: joaofigueiredoufc@gmail.com

Ministério da
Saúde



VEPOP-SUS



EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIALÓGICA
As Contribuições de Paulo Freire
e a Cultura Sertaneja Nordestina

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Fernando Haddad

Universidade Federal do Ceará**REITOR**

Prof. Luis Carlos Saunders

Editora UFC

EDITOR / DIRETOR DA IMPRENSA UNIVERSITÁRIA

Luiz Falcão

Conselho Editorial**PRESIDENTE**

Luiz Falcão

CONSELHEIROSProf^ª Ângela Maria Mota Rossas de Gutiérrez

Prof. Breno Magalhães Freitas

Prof^ª Denise Lucena Cavalcante

Prof. Gervásio Gurgel Bastos

Prof. Italo Gurgel

Prof. José Carneiro de Andrade

Prof. Manoel Odorico de Moraes Filho

Diretor da Faculdade de Educação

Luís Távora Furtado Ribeiro

Chefe do Departamento de Fundamentos da Educação

Maria Isabel Filgueira Lima Ciasca

CONSELHO EDITORIAL DA COLEÇÃO**Diálogos Intempestivos****COORDENAÇÃO EDITORIAL**

JOSÉ GERARDO VASCONCELOS (EDITOR-CHEFE)

Kelma Socorro Lopes de Matos

Wagner Bandeira Andriola

CONSELHEIROSDr^ª Ana Maria Iório Dias (UFC)Dr^ª Ângela T. Sousa (UFC)

Dr. Antonio Germano Magalhães Junior (UECE)

Dr. Antonio Paulino de Sousa (UFMA)

Dr^ª Dora Leal Rosa (UFBA)

Dr. Elizeu Clementino de Souza (UNEB)

Dr. Enéas Arrais Neto (UFC)

Dr^ª Francimar Duarte Arruda (UFF)

Dr. Hermínio Borges Neto (UFC)

Dr^ª Ilma Vieira do Nascimento (UFMA)

Dr. Jorge Carvalho (UFS)

Dr. José Aires de Castro Filho (UFC)

Dr. José Gerardo Vasconcelos (UFC)

Dr. José Levi Furtado Sampaio (UFC)

Dr. Juarez Dayrell (UFMG)

Dr. Justino de Sousa Júnior (UFMG)

Dr^ª Kelma Socorro Lopes de Matos (UFC)Dr^ª Marta Araújo (UFRN)Dr^ª Maria de Fátima Vasconcelos (UFC)Dr^ª Maria Juracy Maia Cavalcante (UFC)Dr^ª Maria Nobre Damasceno (UFC)

Dr. Ozir Tesser (UFC)

Dr. Paulo Sérgio Tumolo (UFSC)

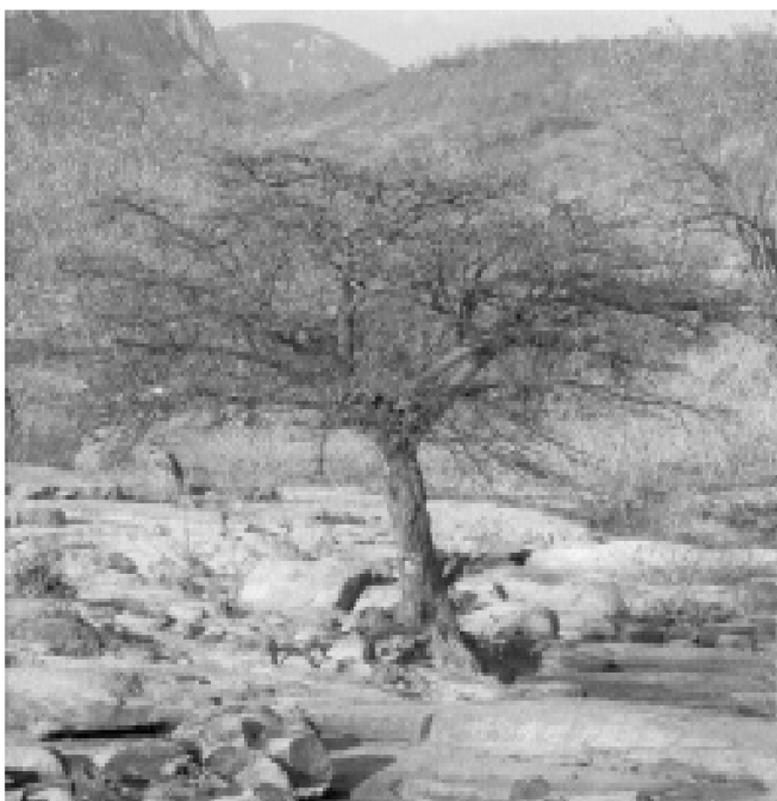
Dr^ª Sandra H. Petit (UFC)Dr^ª Shara Jane Holanda Costa Adad (UESPI)Dr^ª Valeska Fortes de Oliveira (UFSM)

Dr. Wagner Bandeira Andriola (UFC)

JOÃO B. A. FIGUEIREDO

EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIALÓGICA

**As Contribuições de Paulo Freire
e a Cultura Sertaneja Nordestina**



UFC
EDIÇÕES

Fortaleza

2007

Educação ambiental dialógica: as contribuições de Paulo Freire e a cultura sertaneja nordestina

© 2007 Copyright by João B. A. Figueiredo (autor)

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Efetuada depósito legal na Biblioteca Nacional

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora Universidade Federal do Ceará – UFC

Av. da Universidade, 2995 – Benfica – Fortaleza – Ceará

CEP 60020-181 – Tel/Fax: (085) 3366.7485 / 3366.7486

Internet.: www.editora.ufc.br – e-mail.: editora@ufc.br

Endereço da Faculdade de Educação

Rua: Waldery Uchoa, nº 1, Benfica – CEP 60020-110

Telefones: (85) 3366-7663/3366-7665/3366-7667 – Fax: (85) 3366-7666

Distribuição: Fone: (85) 214-5129 – e-mail: aurelio-fernandes@ig.com.br

Divisão de Editoração

Produção Editorial

Luiz Falcão

Coordenação Editorial

Roberto Cunha Lima

Divisão de Planejamento

Ronaldo P. de Souza

Normalização Bibliográfica

Perpétua Socorro Tavares Guimarães

Projeto Gráfico e Capa

Carlos Alberto Alexandre Dantas

Divisão de Produção Industrial

Moacir Ribeiro

Divisão de Apoio Administrativo

Maria Vilani Mano e Silva

Diretor da Imprensa Universitária

Luiz Falcão

Editora filiada à



Catálogo na Fonte

F475e Educação ambiental dialógica: as contribuições de Paulo Freire e a cultura sertaneja nordestina. João B. A. Figueiredo. – Fortaleza: Edições UFC, 2007. 395p.

(Coleção Diálogos Intempestivos, 43)

1. Educação Ambiental 2. Ecopedagogia I. Título

CDD:363.7

Para Deus.
Para Francisco de Assis.
Iluminam minha jornada sempre...
Para os companheiros e companheiras de Irauçuba.

Irauçuba em prosa e verso

Irauçuba; Ira uçuba, amizade, trabalho solidário...
De repente terra seca, sol causticado, sofrido, dorido
Água escassa, pobreza, miséria
Faz luz, vê-se belezura, alegria, entusiasmo.
Recantos escondidos desvelam o belo, o bom...

Luz e sombra, tristeza e alegria, seca e chuva
Cinza, marrom, verde, dourado
Cheiro de mato molhado, cheiro de terra molhada
Caminhamos, nos solidarizamos, nos envolvemos e o amor
é amado

Recortes e cores, não apenas o cinza e o preto
Brilha nossa luz, brilha o nosso olhar
Refulge nossa determinação de ser mais com
Relações significantes que nos movem e nos engrandecem
Engrandecem e movem nossos parceiros

Irauçuba, irmãos e irmãs de Irauçuba
Agradeço a possibilidade de aprender a ser
Agradeço por mais reconhecer ao reconhecer o outro ser
Desvelou e iluminou zonas trevosas do passado
E assim luz, água, beleza, dádiva, amizade...

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
--------------------	----

INTRODUÇÃO	15
------------------	----

A vereda escolhida	20
--------------------------	----

O caminho explica o caminhar	21
------------------------------------	----

Traçando marcos	24
-----------------------	----

CAPÍTULO I

Antecipações ao Problema de Pesquisa	27
--	----

O Caminho da Água, sua Relevância e sua Crise	27
---	----

CAPÍTULO II

Referenciais Teóricos	39
-----------------------------	----

A Dialógica e as Relações em Paulo Freire	40
---	----

A Perspectiva Eco-Relacional	49
------------------------------------	----

Na Tecitura do Conceito ‘Eco-Relacional’	58
--	----

(Re) Configurando o Conceito de Ecopraxis	60
---	----

A Dimensão Afetiva no enfrentamento do Problema	62
---	----

Educação Ambiental	65
--------------------------	----

Do Ecológico à Educação Ambiental	65
---	----

Relação Humano-ambiente	67
-------------------------------	----

Relação Sociedade-Natureza	69
----------------------------------	----

Uma Síntese Histórica da Educação Ambiental	70
---	----

Educação Ambiental e Sustentabilidade Solidária	73
---	----

Leitura de Mundo e Educações Ambientais	80
---	----

Educação Ambiental Crítica	85
----------------------------------	----

Educação Ambiental Dialógica: A Mediação	
--	--

da Linguagem	88
--------------------	----

O “Que-Fazer” Dialógico Relacional – Sua Aplicabilidade	89
---	----

A Teoria das Representações Sociais e Tema Gerador ..	91
---	----

CAPÍTULO III

O Sertão de Irauçuba	101
----------------------------	-----

O Campo Empírico: a Corporeidade em Diálogo	101
---	-----

O Sertão Nordestino	102
---------------------------	-----

A Caatinga e a Seca no Semi-Árido Nordestino	107
--	-----

A Seca	109
A Emigração, o Êxodo Sertanejo	115
O Sertão de Irauçuba: a Terra e a Água	118
Atividades Econômicas	119
Aspectos Fisiográficos	119
Domínios Hidrogeológicos	120
Alguns Aspectos Históricos como Contexto	123
Um Pouco da História de Irauçuba: Antecipando	
Alguns Resultados	124
Irauçuba e a Ruptura com Princípios Ecológicos	126
A Política Partidária em Irauçuba	128
Irauçuba significa Amizade	129
Um Passeio Histórico ao Redor das Águas de Irauçuba	130
O Percurso da Água na Pesquisa em Irauçuba	133
A Cultura Sertaneja Nordestina: o Povo do Sertão	
Nordestino	134
O Cotidiano do Sertanejo Nordestino	136
A Cultura do Sertão Nordestino na Literatura	138
A Oralidade da Cultura Sertaneja Nordestina	142
Os Marcadores do Discurso do Lugar	147
Características dos Marcadores do Discurso do Lugar .	151

CAPÍTULO IV

Abrindo Veredas, Escolhendo Caminhos	
(Procedimentos Metodológicos)	155
Apurando o Passo (Métodos e Técnicas de Pesquisa) .	160
Na Tecitura de uma Reflexão Interpretativa	169
A Costura dos Estudos e Interpretação dos Resultados ...	171
A Relação Dialógica Entre Metodologia e Referências	
Teóricas	175

CAPÍTULO V

Tecendo a Teia de Representações Sociais: Aproximações	
dos Resultados, Interpretações, Discussões e	
Intervenção	179
A Teia de Relações	181
A identificação de 'Nós Críticos' de Problematização	
da Água: Algumas Resultantes das Entrevistas	
Semi-Estruturadas	182

Os Fios da Teia: a Trajetória de Significação no Percuro Desejante dos Sujeitos, no Lugar Social Onde se Instalam os Nós Críticos	187
A Trajetória de Significação e o Percuro Desejante	188
O Bairro da Barragem	189
O Bairro do Cruzeiro	193
O Bairro do Gil Bastos	194
O Bairro da Rodoviária	195
O Bairro do Centro	203
O Bairro do Açude	206
O Bairro da Esperança	207
Uma Tipologia Relacionada à Água Deriva do Trajeto	208
Uma Reflexão Sertaneja Relacionada à Água	220
Uma Reflexão Introdutória à Teia de Representações Sociais	223
A Teia de Representações Sociais: Aspectos Desvelados e Sombreados Pelo Movimento em Espiral de Ação-Reflexão Social	228
A Invisibilidade e Visibilidade na Falta da Água; a Marca do Problema	229
A Fissura Entre o Vivido e o Pensado no Saber Sobre a Água; a Ecopráxis e o Fio de Ariadne	238
O Divino e a (In) Finitude	243
Do Natural à Naturalização da Injustiça, ao Utilitarismo e à Monetarização	245
A Percepção do Usufruto Individual e a Água Como Bem Social	250
Uma Pausa Para Respirar e Rever Antes de Prosseguir	259
A Inter-Relação Entre os Nós Críticos Como Processo de Superação; o Tensionar no Estudo dos Nós Críticos Com a Ecopráxis e o Eco-Relacional	260
Caminhando e Construindo Com a Educação Ambiental Popular Dialógica	261
A Intervenção em Educação Ambiental Dialógica: Relato da Trajetória de Sentido no Percuro Desejante, uma Ecopráxis Dialógica	267
O Seminário	272
O Percuro de Preparação da 1ª Reunião do Fórum	281

O Fórum Instaurando-se	282
Preparação do Curso de Educação Ambiental	
Dialógica em Curso	284
Avaliação do Curso, Reflexão Sobre a Própria Prática	
285	
(In)Conclusões e Perspectivas	300
Algumas “Palavr-Ações” a Título de (In)Conclusão ..	302
Referências Bibliográficas	311

ANEXO I

Carta de Intenções Oriunda dos Debates Ocorridos no Curso – Referendada Pelo Fórum de Irauçuba	333
--	-----

ANEXO II

Relatando a Produção Coletiva da Intervenção Dialógica em Irauçuba – CE (“Educação Ambiental Po- pular Dialógica e Convivência Solidária Sustentável no Semi-Árido”)	335
---	-----

ANEXO III

O Uso da Água e da Terra no SertãoNordestino	376
--	-----

ANEXO IV

Texto do Ciço	383
---------------------	-----

ANEXO V

Notas do Curso de Educação Ambiental Dialógica ..	387
---	-----

APRESENTAÇÃO

O livro de João Figueiredo resulta de uma pesquisa desenvolvida na região da seca no nordeste, na cidadezinha de Irauçuba. Trata-se de educação ambiental na perspectiva dos oprimidos, tema extremamente original e corajoso, já que educação ambiental, em geral, é tratada como se todos os homens e mulheres fossem iguais independente de sua condição sócio-econômica-cultural.

O problema é apresentado em toda a sua dramaticidade e a voz do povo é ouvida em contraponto à fala de mestre Paulo Freire. Deste diálogo, vai sendo tecida uma rede de saberes parceiros da gente que foi ensinada pelas agruras da vida, pelo descaso dos governantes, pela natureza implacável. Pobre gente que a vida ensinou a se *sentir menos* e a *aceitar o menos* como seu inevitável destino, só consolado por uma religiosidade que parece compensar tanto sofrimento, tanta falta, tanta dor. Falta de água, escassez de tudo que seria indispensável à vida, aceitação até de se alimentar de calango. Mas surpreendentemente, a vergonha, o medo, a baixa auto-estima convivem com um orgulho ingênuo do lugar em que vivem e com a palavração transformadora do mundo.

A pesquisa-ação se desenvolve em processo dialógico no sentido freireano. A inovadora perspectiva ecolacional gera propostas como a produção coletiva da intervenção dialógica, que potencializa os movimentos populares. Assim como a Asa Branca, pássaro símbolo que representa a resistência do povo nordestino à seca, aquele povo resiste, numa busca de *ser mais* em parceria, em sua solidariedade dialógica.

E, de repente a fala de Ciço, mote de todos aqueles que sabem que o povo sabe e que, como Carlos Brandão, lutam por dar visibilidade a este saber, sempre desqualificado pelos poderosos que, para melhor explorar precisam fazer crer que os diferentes são menos, menos humanos, não humanos.

O texto de João faz uma vigorosa denúncia ... sem perder a ternura, traz a dureza de uma situação de miséria e opressão e o diz em linguagem poética, vale-se da ciência para melhor compreender a situação vivida pela população pobre e põe a ciência em diálogo com a literatura, com a música, com a poesia. Deste rico diálogo ciência-arte-vida participam a oralidade popular, a cultura residual oral, o mundo das vivências imediatas, os saberes vividos.

Regina Leite Garcia

INTRODUÇÃO

Não há educação fora das sociedades humanas e não há [ser humano] no vazio.
(FREIRE, 2000, p. 43)

... e, ao descobrir-me ingênuo, comecei a tornar-me crítico.
(FREIRE, 1983, p. 20)

Este livro é para mim motivo de muita satisfação. Ele fotografa meu reencontro com Paulo Freire. Isto se deu de uma maneira absolutamente transformadora. Foi uma espécie de terapia na qual superei inúmeros problemas. Dentre eles, destaco a ruptura com a situação de me sentir mais em relação a algumas pessoas e menos em relação a outras. O desconhecer da relevância da fala de muitos e da capacidade de aprender permanentemente e em todas as situações da vida.

Creio que a obra oferece importante contribuição para áreas como Educação, Educação Ambiental, Epistemologia, Educação Popular, Ecologia Humana, Psicologia Social. Apresenta uma pesquisa-intervenção fundamentada na Educação Ambiental “Dialógica”, nos moldes da pedagogia freireana, sob uma Perspectiva Eco-Relacional. É uma teia que podemos chamar de Educação Ambiental Dialógica, ela é indissociável da Perspectiva Eco-Relacional e dos procedimentos de pesquisa-intervenção engajada.

Este artefato de cultura é fruto da minha tese. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais da Universidade Federal de São Carlos, Linha de pesquisa: Percepção e Educação Ambiental. Foram quatro anos, de 1999 à 2003, desde o plantio até a colheita desse fruto. Um plantar cuidadoso, amoroso, em terras de São Paulo com terra do Ceará. Adubar, regar, podar, acarinhar, cantar com ela, dançar com ela, celebrar. Representa um esforço parceiro de pesquisar com companheiros do movimento popular de Irauçuba (CE).

Corporifica uma proposta paradigmática: a Perspectiva Eco-Relacional, e uma abordagem educativa: A Edu-

cação Ambiental Dialógica. Traz como fundamento uma epistemologia fenomenológico-dialética, que avança como paradigma holístico, com uma politicidade radicalmente democrática e parceira.

Apresenta uma investigação que trata de um problema local-global: a água como lugar privilegiado no qual travamos uma discussão sobre a crise ambiental que possui singularidades nas culturas, mas que ocorrem em escala mundial. Parece-me urgente, no contexto crítico em que nos encontramos¹, refletir quanto ao potencial transformador dessas representações sociais, informações originárias do ‘senso comum’ que se manifestam na linguagem, nos valores e nas atitudes como espaço-chave de consciência e resignificação para uma Educação Ambiental que se propõe política e socialmente crítica.

A pesquisa-intervenção efetivou o levantamento das Representações Sociais da água de sujeitos-chave do povo da cidade de Irauçuba, no sertão do Ceará, no nordeste brasileiro. Povo, caracterizado como portador de uma cultura residualmente oral, que convive com a seca e a desertificação em processo. Utilizamos, na pesquisa, entrevistas, observações etnográficas e história oral.

O estudo dos informes colimados tinham o intuito de contribuir para a compreensão do ‘*ponto de vista*’ popular, dos movimentos de enfrentamento presentes nos percursos populares ante os embates sociais pela água.

Tivemos como resultados: os nós críticos presentes na trajetória de sentido, no percurso desejante, dos grupos populares associados aos bairros da cidade. Evidenciam-se marcos da luta pela água: o chafariz no bairro da Barragem; a caixa d’água e distribuição deficitária no bairro do Cruzeiro; o cata-vento defeituoso no Gil Bastos; o poço sem água no bairro da Rodoviária; O sistema de encanamento e a água que chega a cada três dias no bairro do Centro; os dejetos líquidos e esgotos no bairro da Esperança; a Estação de Tratamento de Água no bairro do Açude.

¹ Utilizo a primeira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural ao longo do texto, conforme trate de minha ecopraxis ou do grupo de pesquisa.

Tecemos uma teia de representações sociais da água com as seguintes categorias: a invisibilidade da problemática da água e a visibilidade na falta, na cultura do silêncio e na resistência popular; a fissura entre o vivido e o pensado e a práxis na relação com a água; a naturalização, o utilitarismo e a monetarização da água; a divinização e a (in)finitude da água; a percepção de usufruto individual e bem social da água implicando na situação-limite e no inédito viável.

Como parte do processo, tivemos a intervenção por meio da constituição do fórum, do curso e dos movimentos populares instituídos ao longo do trabalho. Nas (in)conclusões observamos a confirmação de uma idéia prévia, que é essencial pensarmos-agirmos na perspectiva de que uma educação ambiental para ser efetiva, no tocante a reflexões-ações sócio-ambientais, precisa, necessariamente, ser construída em parceria com o saber popular local de modo dialógico e eco-relacionado, possível de repercutir em transformações reais. A etapa de intervenção alcançou vincular a percepção coletiva das construções sociais locais sobre a problemática da água ao contexto politizador e criticizador mais geral do Fórum Cearense de Convivência com o Semi-Árido.

Talvez uma das maiores relevância desse trabalho seja servir de referência para pesquisadores, que pretendam trabalhar com a EA numa abordagem freireana. Para tanto, detalhamos exaustivamente os passos da pesquisa e da intervenção dialógica.

Outro aspecto digno de destaque, que emerge deste trabalho, é a apresentação de uma proposta educativa diferenciada, por se referendar numa perspectiva epistemológica, que é teoriz-ação, é também uma abordagem metodológica numa leitura educativa. Ela não se detém a ser uma contribuição apenas para a EA.

Ao se aliar a Educação Popular, ela adquire uma pujança que a torna indispensável nos processos formadores e de ensino-aprendizagem, em geral na contemporaneidade. Estamos em um momento civilizatório que impõe a premência em termos consciência desses aportes ofereci-

dos pela EA e EP, sob uma perspectiva mais abrangente, que potencializa um avanço paradigmático ao alinhar uma leitura relacional crítica com a dialógica. Ênfase ainda a dimensão democrática e o fazimento com o povo e para o povo.

Ainda sublinho a indispensabilidade percebida de exercitarmos a escuta afetiva, da multi-linguagem, do saber parceiro, da supra-alteridade, da contextualização, da transposição informacional, da ecopraxis... Princípios que emergem da Perspectiva Eco-Relacional na sua interface com a dialógica, gestados na tese, mas que estão sendo costurados, tecidos em nossos processos de pesquisa-intervenção engajada (FIGUEIREDO, 2006).

O contexto sócio-ambiental proporcionou as condições para que este trabalho viesse à luz. Nessa caminhada tornou-se possível uma perspectiva ambientalista sob parâmetros eco-relacionais². A abordagem se estabelece numa área de interface entre Educação Ambiental (EA), Educação Popular e Ecologia Humana, conseguindo chegar a alguns importantes resultados.

Uma contribuição que acredito ser relevante, uma das geradoras desse estudo, foi constatar o potencial desvelador das representações sociais³ (RS) existente na reflexão sobre as RS presentes no saber popular. No reconhecimento delas estão possibilidades de reformulação dos valores, condições de criticidade e reintegração do humano à natureza, na qual as relações possibilitam a eclosão do sentido da existência; da compreensão de que nessa rede de informações vivemos em um ecossistema interativo, claramente influenciado por meio de teorias e práticas (palavr-ação) que podemos reconhecer como transitórias na direção de constructos de significação mais amplos (FIGUEIREDO, 1999b).

² Este conceito está explicitado mais amplamente nos referenciais teóricos. Enfoca uma leitura de mundo caracterizada por realçar a importância fundamental das relações, sejam elas humanas, sociais ou ecológicas, considerando a relevância de relações não antropocêntricas (Temos um mini-glossário no anexo V).

³ As Representações Sociais estão mais explicadas nos referenciais teóricos.

Mesmo em situação de conflito, em crise existencial subliminar, vivendo em condições mínimas de sobrevivência, atores/autores sociais possuem espaço de crescimento, um mundo de entendimento, um horizonte, capaz de se expandir constantemente, a resistência que habilita mudanças fomentando uma expansão do núcleo de bom senso no 'senso comum.'"

Foi possível, durante a concretização dessa tese, associar Paulo Freire à Teoria das Representações Sociais e à Educação Ambiental numa perspectiva popular e, desse modo, contribuir para o debate da problemática ambiental resultante da relação entre "Ser Humano e Água", que se apresenta como uma das grandes questões do século XXI.

Uma meta basilar dessa pesquisa foi contribuir com a compreensão dos caminhos vividos na constituição de uma consciência⁴ ambiental por meio do estudo das RS da água em uma cultura sertaneja nordestina. Essas inquietações se situam no contexto de uma educação ambiental dialógica, de base freireana, que parte da potencialização da escuta e desvelamento da perspectiva do pensamento popular, geradora de mobilização e práxis concreta de transformação de um quadro de opressão.

Nesse reconhecimento possibilitamos a ruptura com possíveis pontos alienantes do fazer fragmentado e sem reflexão, que conduz a uma prática dissociada de uma teoria, a um comportamento irrefletido gerador de grandes mazelas ambientais, o que parece também existir ao lado de práxis⁵ ambiental criticizada na relação ser humano e água.

Na expectativa de alcançar este desiderato foi preciso acompanhar o percurso de compreensibilidade da problemática da água vivenciado a partir do ponto de

⁴ Nos apropriamos das contribuições de Freire (1983) ao definir consciência como resultante da reflexão sobre a ação.

⁵ O conceito de práxis segundo Paulo Freire (1983, p. 40) significa reflexão e ação dos seres humanos em sua relação com o mundo visando sua transformação.

vista popular, construindo um saber parceiro por meio do diálogo que se estabeleceu mediante uma abordagem etnográfica que, em um momento subsequente, resultou em intervenção junto a cultura em estudo.

A vereda escolhida

Libertar-se de sua força (da realidade funcionalmente domesticadora) exige, indiscutivelmente, a emersão dela, a volta sobre ela. Por isso é que só através da práxis autêntica, que não sendo “blá-blá-blá”, nem ativismo, mas ação e reflexão, é possível fazê-lo. (FREIRE, 1974, p. 40).

Assim como quem escolhe a vereda pela qual vai trilhar no rumo do destino, foi que escolhi a seguinte pergunta de partida: que representações sociais possuíam os atores/autores sociais, moradores da cidade de Irauçuba (CE), acerca da água e de suas práxis na relação com a água, presentes no estudo etnográfico feito e, posteriormente, na intervenção levada a efeito.

Complementando, interrogou-se: como essas representações poderiam ser utilizadas, enquanto esfera potencialmente privilegiada na constituição de transformações ambientais, por meio de uma educação ambiental dialógica? Como seguir a perspectiva popular e seus movimentos de desvelamento da realidade na construção social dos seus conhecimentos sobre água?

Tive como principais referências de estudo utilizadas a abordagem educacional dialógica, crítica e política com base em Paulo Freire e na Teoria das Representações Sociais de Moscovici.

Essa perspectiva se insere em um constructo que situa bio-psico-socialmente a relação dos seres humanos com o ambiente como um marco. Pretendeu-se identificar como se apresentavam as RS da água, em percursos singulares-grupais, constituintes de uma práxis ambiental, conforme manifesta na cultura popular de Irauçuba – cidade de estrutura urbana pequena, convivendo diretamente com o fenômeno da seca, da desertificação, da falta d’água, situada no interior do estado do Ceará. Nela, observamos

as matrizes representacionais associadas à temática água, norteadoras das relações dos usuários com o potencial hídrico, em seu cotidiano, nos seus afazeres habituais e em seus trajetos de luta social.

Constatee com essa pesquisa a viabilidade e as vantagens de contribuirmos para ações ambientais concretas que levem em conta o potencial crítico da perspectiva popular, na consolidação de uma práxis ambiental transformadora por meio de uma práxis educativa dialógica.

Eu acreditava que o resgate das representações sociais expressas pelos sujeitos da pesquisa possibilitasse o diálogo em torno de ancoragens apropriadas, efetivas e coerentes com uma consciência ambiental, uma vez que consideramos isto fundamental na constituição de uma práxis nova na perspectiva popular.

O caminho explica o caminhar

Não há um sem os outros, mas ambos em permanente integração. (FREIRE, 1974, p. 39).

Diante da amplitude dessa temática, que envolve uma educação ambiental que nomeio de dialógica, defino alguns valores fundamentais no contexto de uma consciência ambiental, alicerçada em uma ação ser humano-ambiente essencialmente relacional, nos termos que desenvolvi ao falar em Perspectiva Eco-Relacional.

Dito isto, cabe compreender que os bens da terra são um patrimônio de toda a humanidade e seu uso deve estar sujeito às condições básicas de vida no planeta e não ao desejo de uns poucos. Deve-se exigir que esse uso seja apropriado, isto é, que gere o menor impacto possível e respeite as condições de sustentabilidade e renovabilidade possível dos elementos naturais. O bem-estar material das pessoas não é diretamente proporcional à maior quantidade de bens que ela consome. Conseqüentemente, deve-se ter uma atitude de busca e reconhecimento em nós mesmos do que são os fatores de nossa realização pessoal e coletiva; ampliar o senso crítico quanto às induções do consumo;

estabelecer uma percepção da responsabilidade no que se refere ao uso dos bens comuns consolidando um respeito e reverência à vida e a tudo o que existe (BRASIL, 1995).

Constata-se a existência de um quadro problemático no que se refere à viabilidade da vida no planeta se persistir o modo como se dão as relações ambientais. Observam-se atitudes que se dissociam de uma consciência ambiental coletiva, que se consubstanciam em ações concretas, na direção da reversão desse quadro. Estudos têm observado que na base dessas ações predatórias situam-se representações de interesses de grupos minoritários alicerçadas em um paradigma⁶ cartesiano, no qual o humano usa a razão de modo fragmentado, focando apenas seu interesse imediato, eliminando qualquer razão inerente ao outro subjugado. Foi assim que, na modernidade, a natureza passou a ser considerada algo a serviço desses grupos concentradores das riquezas sociais. Isto explica em parte porque muitos comprometem as condições hídricas de uma região, degradando o ambiente, propiciando, com o desmatamento, o assoreamento do leito dos rios, a poluição e contaminação das águas. Evidente que o quadro social baseado na “cultura capitalística” (GUATTARI & ROLNIK, 1986) põe as bases dessas ações e pensamentos de domínio em um patamar que vincula a produção da subjetividade às condições objetivas em que medram.

O resgate das representações sociais proporciona instrumental satisfatório de compreensibilidade do saber popular, como veremos adiante, encontrando na Perspectiva Eco-Relacional contribuições para ampliarmos a discussão dessas RS, o que permitirá identificar essas representações e ações dos sujeitos em suas conexões com a consciência ambiental. Por meio das RS, identificadas junto aos grupos pesquisados, realizamos a compreensão do percurso da consciência ambiental. O trajeto dos sujeitos e grupos, em seus devires, aponta movimentos de adesão e recuos ante uma Perspectiva Eco-Relacional, que certamente traz reais

⁶ “Paradigma no sentido grego ‘paradeigma’, significando modelo, matriz do pensar, do conhecer.” (FIGUEIREDO, 1999b).

conseqüências no trato com a *água*, no sentido de uma melhor qualidade de vida.

Os estudos preliminarmente empreendidos, confirmados pelo processo etnográfico e de intervenção vivido, permitiram estabelecer uma base reflexiva que apontaram para a relevância de uma Perspectiva Eco-Relacional, da dimensão afetiva, da dialógica, que foram inclusas nos processos de pesquisa e intervenção, no contexto de uma educação ambiental dialógica. Assim é que tratamos as representações sociais como temas geradores, no contexto temático constituído pelos problemas ambientais apontados pela população.

O marco inicial dessa pesquisa foram as evidências de crise ambiental, que se cronifica na cultura sertaneja, em especial, que se apresenta no processo de desertificação de Irauçuba, cidade do semi-árido nordestino. Essa inserção teórico-prática, alvo dessa pesquisa, se dá em continuidade a uma preocupação de definir e desenvolver o que denomino de ecopráxis, de Perspectiva Eco-Relacional, proposta de ultrapassagem de uma leitura naturalística e antropocêntrica, que se dá em continuidade ao meu trabalho de mestrado (FIGUEIREDO, 1999b).

As conseqüências do comprometimento da relação dos seres humanos entre si e com a natureza têm caracterizado essa dissociação, identificável, por exemplo, em problemas de poluição dos corpos d'água, lançamento de efluentes industriais não tratados adequadamente, projetos de irrigação indevidamente planejados, atividades garimpeiras, desmatamento nas margens dos rios, assentamentos urbanos sem infra-estrutura de saneamento básico e produção da "indústria da seca" (PORRÉCA, 1997).

Porréca (op. cit.), dentre outros autores como, por exemplo, Rebouças (1999a; 1999b), Coimbra et al. (1999), Oliveira (1996), Queiroz (1999), afirma que em conseqüência das agressões e dos limites naturais da disponibilidade hídrica, estaremos vivendo, nos próximos cinquenta anos, a "crise da água" e que para prevenirmos os impactos que a geram e alimentam, há um conjunto de medidas que devem ser aplicadas. Na verdade, nossos estudos parecem

apontar para a urgência de considerarmos a perspectiva popular, que se revela no seio de uma educação ambiental dialógica. Portanto, uma nova cultura ambiental necessita ser instaurada.

Estudos que falam da crise eco-ambiental, em grande medida, têm sido abordados em meio a análises do ponto de vista macroestrutural, detendo-se em estudos estatísticos, quantitativos, certamente fundamentais no delineamento de problemas ambientais. Estes estudos têm se detido, também, em análises conjunturais muito amplas, o que sem dúvida é relevante para os contornos concretos da questão. Entretanto, parece-nos importante traçarmos movimentos de compreensão sobre o singular das culturas humanas e o modo como, nelas, se dá o ponto de vista popular, enquanto construção da consciência ambiental.

Compreende-se, portanto, que uma das relevâncias dessa pesquisa se define pela importância de se considerar devidamente os saberes populares procurando clarificar e contribuir com a potencialização dos movimentos populares enquanto grupo-sujeito de embates sociais. A especificidade da cultura sertaneja, inclusive, passa a ser adequadamente valorizada, algo essencial quando se pensa em uma educação que se estabelece neste recanto repleto de especificidades.

Traçando marcos

É certo que se pretendemos chegar a algum lugar ou resolver alguma questão temos que delinear nossos objetivos. E aqui foi feito. Dentre os objetivos, destaco como principais os seguintes:

- a. Como primeiro passo, identificar as representações sociais do grupo composto de uma parcela da população da cidade de Irauçuba (CE), acerca de relações fundamentais em face da água,

⁷ "Chamamos de mananciais qualquer corpo d'água, superficial ou subterrâneo, utilizado para o abastecimento humano, industrial, animal ou para a irrigação na agricultura" (CONDINI, 1998).

- ações frente aos mananciais⁷ hídricos, seguindo a perspectiva popular e seu trajeto na busca de sentido;
- b. Considerar, na elaboração de projetos políticos, de gerenciamento, programas de Educação Ambiental, a teia de representações sociais da problemática ambiental, manifesta no percurso dos grupos em suas lutas sociais, capazes de funcionar como matrizes para a construção da consciência ambiental;
 - c. Compreender a relação entre trajetória de sentido e percurso desejante no processo de desvelamento das RS, inscritas nos seus núcleos temáticos, aqui vistos como temas geradores de mobilização social e seu potencial na efetivação dos anseios dos grupos;
 - d. Relacionar o movimento da construção da consciência ambiental desses atores sociais, com a proposta de uma educação ambiental dialógica, no singular da cultura sertaneja; bem como as possíveis influências do nível de conhecimento ambiental e as ações coletivas na conquista social da resolução de problemas sócio-ambientais.

Como objetivos conseqüentes, numa potencialização da práxis, proponho:

- Contribuir para o planejamento de processos educativos que visem à conquista de qualidade de vida, a conservação de bens naturais, cuidados no consumo, combate aos desperdícios, valorizando a utilização adequada, considerando o saber popular na construção do conhecimento social sobre esses bens naturais;
- Refletir sobre as motivações que podem contribuir para a adoção de atitudes ambientais no processo de relação das culturas humanas e dos bens naturais, como procedimento que pode servir de referência para a relação ser humano

- e ambiente;
- Estabelecer referências para uma práxis educativa que considere o percurso desejante dos grupos na conquista social da água (em nosso exemplo), como modo de favorecer a concretização de suas aspirações por água de qualidade e quantidade suficiente em contexto de desertificação;
 - Fornecer subsídios ao planejamento e à gestão sustentável dos potenciais ambientais (hídricos, por exemplo) por meio de uma educação ambiental dialógica que situe a comunidade como sujeito desse processo;
 - Oferecer elementos que subsidiem a construção e divulgação de metodologias mais apropriadas e produtivas no trato das questões sócio-ambientais, utilizando o conhecimento das classes populares inscritos nas RS, tendo como objetivo uma educação ambiental dialógica e popular.

O livro retrata a tese formatada de modo tal que no seu Capítulo I apresento uma discussão acerca da água, informando sobre a gravidade da crise. Nele explicarei os aspectos conjunturais que dão conformação a essa crise planetária que tem sua agravante nos processos de desertificação.

No Capítulo II trato dos referenciais teóricos que balizaram o referido trabalho, destaco a confluência da contribuição freireana para a Educação Ambiental Dialógica, a Perspectiva Eco-Relacional resultante da maturação do paradigma ecocêntrico e a Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1978).

No Capítulo III apresento o sertão de Irauçuba (CE – Brasil) com suas peculiaridades, dentre elas a seca, a desertificação, os grupos–sujeitos no procedimento de pesquisa, os atores sociais privilegiados que demarcam os discursos do lugar. Antecipamos alguns resultados ao contarmos histórias do lugar.

No Capítulo IV articulo os processos metodológicos aplicados durante a investigação e a interpretação dos resultados da pesquisa. Ressalte-se que dentro dos resultados

informo a teia de representações sociais, os trajetos de lutas e realizações, os marcos e embates entre o caminho de efetivação dos desejos e os significados que dão sentido ao caminhar.

No capítulo V discorro sobre a intervenção que realizamos em Irauçuba e o procedimento de devolução dos resultados da pesquisa naquela cidade, em processo dialógico com o conjunto dos atores sociais envolvidos. E, por fim, proponho as conclusões e recomendações.

CAPÍTULO I

Antecipações ao Problema de Pesquisa

Na verdade, o problema da água é, sobretudo, um problema de democracia e de solidariedade. (PETRELLA, 2002, p. 149).

Escolhemos a água, em suas representações sociais, como mote gerador do processo de pesquisa e intervenção educativa ambiental dialógica e por este motivo estaremos apresentando em seguida um caminhar em torno dela, nadando nela, contando um pouco sobre suas particularidades.

De certo modo a escrita desse texto apresenta uma certa aridez própria da cientificidade com que se discute certos tópicos na academia. Entretanto, consideramos por bem mantê-lo tal como foi apresentado na tese mesmo que tentados a dar uma roupagem mais amena e poética compatível com os textos que lhe seguem. É um demonstrativo dos avanços conseguidos ao longo do trabalho. Retrata a mudança que nos foi possibilitada ao nos molharmos das águas do sertão nordestino e de nossa oralidade anteriormente expulsa que ressurgiu dos escombros reedificados do passado.

O Caminho da Água, sua Relevância e sua Crise

Iniciamos lembrando que cerca de um bilhão de anos separa a formação da Terra e a data dos fósseis mais antigos

até agora descobertos. A matéria-prima mais importante para a vida estava na atmosfera do jovem planeta. O componente principal do Sol e do seu sistema é o hidrogênio. O oxigênio ocorria principalmente na composição da água (H_2O). Em presença de muito hidrogênio, o oxigênio, o nitrogênio e o carbono existentes tenderiam a combinar-se com ele para formar água, amônia (NH_3), metano (CH_4) e outros gases constituídos de carbono e hidrogênio. Foram estes os componentes da matéria-prima dos seres vivos (CURTIS, 1977, p. 18-19).

Conforme se pode verificar, a água caracterizou-se como fator fundamental e essencial na constituição dos seres vivos, participando tanto na condição de substância (maior parte), como no processo (tendo sido o ambiente, o útero) e mesmo enquanto fenômeno gerador (proporcionando os recursos para a mistura e emergência da vida, canalizando a matéria orgânica para certas áreas do oceano), sendo ainda a forma primeira da matéria viva, enquanto gota de líquido vivo.

No dizer de Curtis (1977, p. 40): “A vida neste planeta começou na água e hoje, onde quer que haja água, quase sempre há vida.” Alguns dos fatores que explicam a potencialidade extraordinária da água são as pontes de hidrogênio, a tensão superficial que resulta da coesão de suas moléculas, sua capilaridade (resultado da interação entre adesão e coesão), a embebição (movimento de moléculas da água para dentro de materiais) e seu alto calor específico (este fator, bem como a tensão superficial e sua coesão aparece como resultado das pontes de hidrogênio).

A água é um elemento vital da natureza – como meio de vida de várias espécies vegetais e animais, como componente bioquímico e mesmo como fator representativo de valores socioculturais. No caso dos seres humanos, o corpo biológico pode ser considerado um equipamento hidráulico. Certos órgãos como o coração e o cérebro contêm aproximadamente 80% de água. Ela pode representar até 90% da composição de certos vegetais (FREITAS & SANTOS, 1999).

Lembremos, no ensejo, que já na pré-história e,

em particular, na transição entre os períodos neolítico e paleolítico, na substituição dos hábitos nômades pelos sedentários, ocorre o advento das “sociedades hidráulicas.” Sociedades que se consolidavam às margens de leitos d’água que lhes serviriam de suporte vital, proporcionando condições essenciais à irrigação do plantio, como suprimento líquido, como higienizador, e mesmo para cultos religiosos. Destacam-se a civilização Egípcia com o rio Nilo; a Mesopotâmica entre o Tigre e o Eufrates; a Palestina (Hebraica) com o Jordão; a Cretense, às margens do mar, bem como os Fenícios, os primeiros grandes navegadores. Ressaltam-se também a milenar China com o rio Amarelo e a Índia com o Ganges. Os Gregos utilizaram eficientemente a água salgada e os Romanos romperam as tradições servindo-se de mecanismos artificiais, culturais, no uso da água através dos aquedutos.

Depois, vieram as Grandes Navegações, utilizando necessariamente os mares, expandindo horizontes e ampliando as áreas de atuação do capital e das idéias de consumo. Nesse entremeio, a colonização de novos mundos, a florescência de culturas agrícolas incipientes se davam associadas ao elemento água que passava a ser base para a edificação de novos povoados e consolidação de novas culturas agrícolas. No período da Revolução Industrial dá-se o advento das máquinas têxteis movidas a vapor d’água e os trens a vapor, que favoreceram a expansão das indústrias e do mercado.

Ressalve-se que um ser humano precisa tomar cerca de 2,3 litros de água por dia, na ingestão direta de líquidos e por meio da comida, o que advém do fato de também constituir parte dos alimentos, o que chega a proporcionar mais uns 200 mililitros resultantes da oxidação de suas moléculas. Perde-se água pela urina, pela expiração, pelas fezes e transpiração. É elemento essencial funcionando como solvente básico para a digestão, sendo indispensável para a eliminação de substâncias excretadas. No organismo humano existe gordura suficiente que lhe permite resistir até por três meses sem alimento, no entanto, sem água se perece geralmente após três dias. A percentagem aproximada de

água total no corpo humano é de 65%, correspondendo a 46 kg de um homem com 75 kg de peso corporal. (CURTIS, 1977).

Muitos são os usos da água: para beber, na reposição natural da água dos organismos biológicos, para abastecimento doméstico tal como lavar e cozinhar os alimentos, para o banho e outros hábitos de higiene, saneamento público, uso industrial, lazer, pesca, esportes náuticos, para a navegação e transporte, irrigação e dessedentação de animais, composição paisagística etc.

A água tanto favorece no sentido da saúde, do bem-estar, quanto pode ser veículo de inúmeras enfermidades, podendo afetar o ser humano, sobretudo por ingestão e contato com água contaminada e por meio de insetos que se desenvolvem na água. O cuidado com a água deve ser manifestado em toda a sua peculiaridade e muitos são os parâmetros de qualidade da água que precisam ser verificados. A água necessita ser vista numa perspectiva sistêmica, limnológica⁸, pois que a mesma conecta diversos ecossistemas, ligando, por exemplo, o aquático ao terrestre.

A água se caracteriza como geradora de um fluxo permanente de energia e matéria. A hidrosfera cobre 77% da Terra, correspondendo a 1.386 milhões de km³, sendo 361,3 milhões km² de oceanos e mares, 17,5 milhões km² de calhas de rios e pântanos, 16,3 milhões de km² de calotas polares e geleiras, e 2,1 milhões km² de lagos.⁹ Embora tenha permanecido constante, o valor total de água no Planeta nos últimos 500 milhões de anos e sua distribuição nos diferentes reservatórios variou substancialmente e continua a variar. (REBOUÇAS, 1999a).

Ismail Serageldin, o vice-presidente do banco (Banco Mundial) para assuntos relacionados ao meio

⁸ Limnologia é a ciência que estuda lagos, rios, represas, ou seja, as águas continentais, em suas relações ecológicas, intrínsecas e extrínsecas com o meio circundante (ESTEVES, 1998).

⁹ Lagos e represas (açudes) constituem estoque regulador de fluxos de águas superficiais. Açude, do árabe as-suddd, significa represar água (REBOUÇAS, 1999a).

ambiente e presidente da Comissão Mundial da Água, declarou rudemente, alguns anos atrás, que “as guerras do século XXI serão travadas por causa da água[...]” (VILLIERS, 2002, p. 36).

Segundo Rebouças (1999a), a “guerra da água” é um conflito milenar, constando nas suas observações a informação de que desde 8 mil a. C., na Mesopotâmia, havia o cuidado de proteger os poços escavados de ataques. Ele demonstra que a oferta da água, historicamente, tem sido utilizada como fonte de poder desde 3 mil a. C., nos vales dos rios Amarelo e Indu, sendo elemento chave no controle das enchentes. Essa guerra que poderia ter sido amainada com os requintes tecnológicos e científicos na contemporaneidade tende a se expandir.

Considera-se, de forma praticamente unânime que menos de 1.000 m³ per capita/ano já representa uma condição de “estresse de água”, e que menos de 500 m³/hab./ano já significa “escassez de água”(FALKENMARK, 1986).[...] A disponibilidade social de água nos rios em 18 países do mundo, em 1990, já era inferior a 1.000 m³ per capita/ano. Essa situação de “estresse de água” nos rios deverá atingir 30 países no ano 2025. (REBOUÇAS, 1999a, p.19).

Gleick [uma referência mundial e consultor da ONU – UNESCO] recomendou que a UNESCO adotasse um “direito humano” de 50 litros por pessoa por dia. “A água potável, 5 litros; água de saneamento, 20 litros; água de banho, 15 litros; preparo de alimentos, 10 litros. Total 50 litros”. Estes dados, salientou ele, estão muito abaixo da média mínima de retirada “per capita” na maioria dos países pobres em água. “Isso não é uma questão tecnológica”, continuou Gleick. “A tecnologia é facilmente disponibilizada. É uma questão política e organizacional.” A água é um bem social – todos concordamos nesse ponto[...]

¹⁰ WORLD FRESH WATER RESOURCES. In: GLEICK, Peter H. *Water in crisis: a guide to the World's Freshwater Resources*.

(VILLIERS, 2002, p. 80).

Como se pode ver, a água se apresenta como um dos grandes destaques nessa transição entre milênios. Muitas pesquisas têm sido efetuadas em torno desse elemento essencial à vida, principalmente motivadas pela conscientização de que esse componente vital da nossa biosfera, elemento natural finito, se encontra em avançado estágio de comprometimento, quanto à sua disponibilidade futura.

Conforme Coimbra et al. (1999), citando dados do *World Fresh Water Resources*¹⁰, a água no mundo se distribui de modo que 97,5% é salgada e apenas 2,5%, doce. Agravando ainda mais o quadro, informa que desses 2,5% de água doce, 69% estão em geleiras e neves, 30% são águas subterrâneas, 0,7% estão na condição de umidade do solo, pantanais e solos congelados, restando apenas 0,3% em rios e lagoas. Estes dados são corroborados por Rebouças (1999a, p. 7), com pequenas e irrelevantes variações.

[...] como mostrou o Relatório do Desenvolvimento Humano do PNUD de 1998, a quinta parte mais rica da população mundial (um pouco menos que um bilhão de pessoas) é responsável por 86 por cento do consumo de água no mundo. Um recém-nascido no [Norte] (ou um bebê rico no Sul) consome em média 40 a 70 vezes mais água que um recém-nascido no Sul que tenha acesso à água. Devemos ter em mente que são necessários 400.000 litros de água para fazer um carro e que a maioria dos 50 milhões de carros produzidos a cada ano são comprados e usados nos países do Norte. (PETRELLA, 2002, p. 56 e 57).

O consumo inadequado da água é problema grave e acirra contrastes sociais em proporções superlativas. Por exemplo, uma típica casa estadunidense utiliza no dia-a-dia 378,5 litros de água em média. Duas partes dos habitantes do planeta usam no seu dia-a-dia menos de 49,2 litros. Os Estados Unidos utilizam diariamente 1,28 bilhões de litros

de água, a maior parte para produzir eletricidade, irrigar terras ou operar indústrias (OLIVEIRA, 1996).

O estoque de água doce fica cada vez mais comprometido quando são retiradas as vegetações protetoras das margens e mananciais dos rios; quando são feitas construções em suas margens ou modificados seus cursos; e quando são poluídos com esgotos, resíduos sólidos, resíduos industriais, produtos químicos agrícolas e pela mineração que provoca o assoreamento e o envenenamento com metais pesados. São milhares de rios mortos, transformados em esgotos e lixeiras.

Não podemos deixar de considerar aqui a circulação da água através dos processos de evaporação e evapotranspiração que reciclam os mananciais. Estes importantes fenômenos, responsáveis pelo equilíbrio climático, pelas chuvas e umidades do ar, ficam seriamente comprometidos pelo desmatamento e pelos processos de desertificação, que tornam maior a absorção dos solos e ventos que deslocam as nuvens." (OLIVEIRA, 1996, p. 57).

No Brasil, observamos um excedente hídrico que alimenta uma das maiores redes de rios perenes do mundo. Excetue-se a região do semi-árido nordestino, representada por rios intermitentes, tem o país uma descarga de água doce de 177.900 m³/s e mais 73.100 m³/s da Amazônia Internacional, significando 53% da água doce da América do Sul e 12% do total mundial (REBOUÇAS, 1999a).

A "cultura do desperdício de água" (REBOUÇAS, 1999a) talvez se agrave com estas condições favoráveis, pois isto colabora com uma representação da água como bem inesgotável. Saliente-se que ocorrem sérios problemas de abastecimento d'água no Brasil, motivados por aumento

¹¹ Entre colchetes, visando destacar que seria mais adequado falar em ser humano ou homem moderno e mulher moderna.

¹² Além das dificuldades relacionadas à captação, tratamento e distribuição de água potável, merecem destaque ainda os problemas ligados à obtenção de energia e acúmulo de lixo doméstico e industrial (nota do autor do texto).

extraordinário da demanda, da degradação dos mananciais, da perda por má conservação das canalizações da distribuição e do generalizado desperdício já ressaltado, além do modelo concentrador de renda e poder, com suas coordenadas aviltantes.

O lugar-comum de que a água é fonte de vida aparece com insistente freqüência em diversos domínios do saber. Os pesquisadores dedicados ao estudo das alterações ambientais que ameaçam a vida do planeta – todas elas, ao que parece, direta ou indiretamente associadas ao modo de vida urbano-industrial mundialmente adotado pelo [homem moderno]¹¹ – têm chamado a nossa atenção para as crescentes dificuldades de abastecimento de água potável em todas as regiões do globo.¹² (QUEIROZ, 1999, p. 671).

Efetivamente, a água está se tornando o ouro líquido do próximo século. Tem sido estudada nas mais diversas perspectivas, tais como: capital ecológico, uso e conservação, agente de vulnerabilidade climática, recursos hídricos, elemento essencial no desenvolvimento sustentável, gerenciamento, monitoramento de quantidade e qualidade, na relação com o meio ambiente e saúde, na sua utilização com a pesca, na aquicultura, na navegação, no ecoturismo, na indústria, na agricultura e pecuária, na hidroeletricidade, na hidroeconomia, no que concerne as águas subterrâneas, aos aspectos econômicos e sociais de sua utilização, às águas atmosféricas, à água no saneamento básico, no direito brasileiro, na cultura brasileira, nos ecossistemas de águas interiores, como também nos impactos, conservação e recuperação de ecossistemas aquáticos, água doce no semi-árido etc.

Forsberg (1982), tratando das pesquisas limnológicas para o monitoramento e controle qualitativo da água, afirma que nenhuma diretriz central tem condições, por si só, de efetuar a gestão da quantidade e qualidade da água hoje existente. Destaca ainda que as informações visando efetuar tal controle, em geral custam muito e contribuem pouco com esse processo. Ele estabelece uma comparação interessante entre a saúde dos corpos hídricos e dos corpos

humanos, sugerindo que a Limnologia, tal qual a medicina, precisa atuar preventivamente e não apenas buscando tratar sintomas. Para tanto, afirma o autor, é preciso que o enfermo esteja ciente do problema e das alternativas de solução ou de minimização do mesmo.

Como afirma Thomas (1989), no texto em que trata dessa temática, a administração de água é algo multidisciplinar, complexo, que funciona envolvendo cientistas, políticos e burocratas e, desse fato, advém a necessidade de envolvimento da população local nesse processo.

Afirmam Tundisi et al. (1999) que a principal fonte de água doce, na Terra, reside no escoamento de águas da superfície, e sua distribuição é extremamente desigual no planeta, sendo assim também no caso específico do Brasil.

Borges (1999) alude a inúmeros trabalhos demonstrativos da importância dessa proposta metodológica que envolve a população nos processos de planejamento e gestão da água. Ele chama a atenção para o envolvimento social das populações como um instrumento essencial na gestão dos recursos hídricos, e enfatiza:

No Brasil, a participação pública na gestão dos recursos hídricos é prevista por lei, porém, comprova-se que o nível de participação da sociedade é ainda pequeno e pouco efetivo. Partindo-se dessa realidade, este trabalho tem por objetivo, sob a égide da cidadania, refletir sobre a necessidade de se tentar construir um modelo metodológico que incorpore elementos capazes de captar as diferentes percepções sociais que compõem uma comunidade – em relação ao que venha ser justo e equitativo em aproveitamento e usos da água –, com o intuito de colaborar, simultaneamente, para o avanço metodológico dessa nova linha de pesquisa e para o fornecimento de subsídios para um gerenciamento hídrico menos excludente socialmente. (BORGES, 1989, p. 1).

¹³por exemplo: *Revista Veja* de 1º de setembro de 1999, p. 122-125, *Jornal O Estado de São Paulo* de 10 de outubro de 1999, p. 16A e 17A.

Atualmente até mesmo centros com mais recursos financeiros e clima mais ameno, como o Estado de São Paulo, fazem suas “rogativa por chuva” e ressentem-se da baixa precipitação pluviométrica, empobrecendo suas colheitas e comprometendo a distribuição de água para o consumo humano. Desse modo, podemos perceber que problemas hídricos existem em muitos lugares, embora haja no nordeste brasileiro uma “indústria da seca” que se utiliza indevidamente dessas questões.

Afunilando essas observações, vemos a peculiaridade que envolve o Nordeste brasileiro, em particular a área de nosso interesse, ou seja, Irauçuba (CE), uma das regiões mais comprometidas pela relação ecológica envolvendo água, clima, solo e população. Essa cidade se destacou no cenário da imprensa nacional¹³ pelas condições de seca que apresenta, bem como o estado grave, tendendo à desertificação, em que se encontra.

Cruz (1999), ao falar sobre a hidrologia do Nordeste, ressalta que ela está relacionada a um regime irregular de chuvas (caracterizado por precipitação concentrada da ordem de 800mm por ano), agravado pela baixa permeabilidade dos solos cristalinos, resultando em enchentes violentas e longos períodos de estiagem.¹⁴ Afirma ainda que muitos rios ficam secos durante parte do ano e o escoamento de superfície se manifesta com uma descarga média específica da ordem de 4 l/s/ km². A região está em uma zona climática denominada de semi-árido, com clima tropical, grandes extensões de terra com solo raso e embasamento rochoso, o que impede a infiltração e favorece o escoamento superficial, restringindo a descarga subterrânea e limitando a vegetação. A caatinga é a vegetação predominante. Temperaturas em torno de 22^o C e 28^o C, com pouca variação entre as áreas, e insolação muito alta: cerca de 2.800 horas por ano, em média; chuva concentrada na chamada “estação úmida”, com duração

¹³ Destaca que as principais secas na história nordestina foram as ocorridas nos anos: 1900; 1903; 1915; 1919/20; 1931/32; 1942; 1951/53; 1958; 1966; 1970; 1972; 1976; 1979/80; 1982/83; 1993; 1998 (CRUZ, 1999).

de 3 a 4 meses, e com distribuição irregular. Cruz afirma que estudos avaliando o balanço hídrico demonstram que 91,8% da precipitação pluviométrica, na região, se evaporam, e 8% se escoam na superfície, ficando somente 0,2% no subsolo. Tudo isto se agrava com as secas que ocorrem, em média, a cada cinco anos.

Escassez e mau uso da água doce representam sérios e crescentes problemas que ameaçam o desenvolvimento sustentável e a proteção do ambiente. Saúde humana e bem-estar, produção segura de comida, desenvolvimento industrial e ecossistemas dos quais estes dependem, estão todos ameaçados a menos que os recursos de água doce e solo sejam utilizados de forma mais eficiente nas próximas décadas e muito mais do que tem sido até agora. (REBOUÇAS et al. 1999b. In: Conferência Internacional de Água e Desenvolvimento Sustentável.¹⁵ Citação da contracapa).

Este fator local indica a necessidade premente de um debate em torno da carência de água na região nordestina. Urge verificar qual a possibilidade de um investimento efetivo em educação ambiental, que contribua para uma melhor relação do ser humano com a água, que possa atenuar a problemática dessa carência. O estudo das representações sociais da água parece trilhar na direção de contribuições que se encaminham para um processo educativo que considera o saber local e seu lugar na reversão desse quadro. Daí resulta um desafio que nos estimula a refletir sobre a dialógica que constrói as ações e contatos cotidianos.

Ao tratar das representações sociais encontramos a relevância de entender a dimensão do imaginário no contexto da crise, pois que há uma relação efetiva entre a subjetividade e a objetividade do problema e das suas possíveis soluções. Certamente toda essa questão envolve não apenas dados e declarações concretas mais está diretamente ligada às leituras de mundo que, por sua vez, se vinculam diretamente à dimensão do imaginário da água.

Nessa vertente Gaston Bachelard (1997) desenvolve na obra *A Água e os Sonhos*, uma teoria a respeito da

imaginação poética associada à água, inspirando-se em várias fontes, tais como Jung e Freud. Ele defende que o sentimento antecede o conhecimento, no que concordamos apoiados em Freire, Maturana etc. Cunha (2000), por sua vez, afirma que a água é preta de significados, sejam materiais ou imaginários. Corrobora com Diegues (2000) tratando das imagens e símbolos construídos em torno desse elemento essencial. Dizendo que:

A água está, assim, na natureza e, a um só tempo, na cultura. Está nos mitos e na história. Está no dia e na noite, nas estações do ano: nas águas de janeiro, primeiras águas, nas águas de março, que fecham o verão, como canta Tom Jobim, nas águas outonais ou primaveris. Está na vida dos amantes, nos encontros amorosos nos beijos molhados, na dança dos corpos suados que se enlaçam e se fundem em ato de amor – no gozo lúbrico. Está nas celebrações da vida e da morte, nas cerimônias de adeus, a água-lágrima, no batismo, a água-benta para a purificação divina. [...] representam o perpétuo movimento da vida, embora existam águas-paradas ou águas-mortas, ou ainda água-dormente. São leves ou pesadas, quentes ou frias e, há também as águas-mornas. Indicam a passagem do tempo, são águas-passadas ou águas-que-rolam. [...] oposta ao fogo, na filosofia taoísta, é yin... Por conseguinte, a água pode ser a representação do feminino e do símbolo materno. (CUNHA, 2000, p. 17).

Ao pensarmos nas RS da água como importante contribuição para a EA, estamos colocando em pauta, na problemática da crise da água, a produção do conhe-

cimento sobre o assunto que se dá na perspectiva das classes populares. Em geral, as políticas de gerenciamento de bens hídricos têm se constituído num braço para o domínio concentrador de riquezas e iniquidades sociais, no conjunto do processo do capitalismo mundial. É evidente que a força de resistência tem desafiado a reprodutividade dos processos do capital.

É, pois, em meio a essa correlação de forças que nos propomos a uma ecopráxis dialógica. Vemos no sertão as propostas de 'cima para baixo', sem uma ação-reflexão profunda e negando o papel de atores-autores à população. Nega-se, sobretudo, aos grupos culturais oprimidos, o papel de produtores ativos de saber e práxis sobre o assunto. Esse trabalho elege a busca da compreensão do percurso de sentido vivido na construção da consciência ambiental, relativa a essa temática.

CAPÍTULO II

Referenciais Teóricos

Mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo. A relação entre linguagem-pensamento-mundo é uma relação dialética, processual, contraditória. (FREIRE, 1994, p. 68).

Certamente que a edificação de uma obra necessita de um alicerce bem sólido. Nossa escolha molhada de afeto, motivada por inúmeros fatores, estabelece como grande referencial o educador Paulo Freire, que com sua nordestinidade nos ofereceu um pensar sobre o povo sertanejo nordestino, sua matriz, instigando-nos a caminhar, a partir de suas referências. Sua ênfase na capacidade ontológica, própria do humano de "ser mais", de superar as "situações-limites", críticas, na direção de um "sonho possível", por meio de um percurso que transita da curiosidade do senso comum para a "curiosidade epistêmica", metódica – parece-nos delinear um caminho precioso para a educação ambiental.

Destacamos, mais, que a politização e criticidade do ato educativo, eixo da proposta freireana, é uma instância

essencial na constituição de um “que-fazer” que, não sendo mera palavra, é “palavração” transformadora do mundo, do ser, de si. E nessa vertente rompe com posturas que se polarizam, ora caindo em idealismo, inativo, ora em uma empiria sem o fermento da crítica de reflexão.

Compreendemos, com Paulo Freire, a relação direta entre linguagem-pensamento-mundo. Desse modo, interagindo com a linguagem, enquanto mediadora e materializadora do pensar e da ação dos sujeitos no mundo, podemos intervir e transmutar, permanentemente, o mundo, o pensamento, a linguagem.

Começamos, assim, a constituir uma proposta de abordagem para a Educação Ambiental que, voltada para os oprimidos desse mundo, pense sua linguagem e construa um saber parceiro, sob a perspectiva eco-relacional. Dessa maneira, a Abordagem Dialógica de Freire compõe o eixo imprescindível desse trabalho.

Começamos pensando a relação com o mundo, da tríade linguagem-pensamento-mundo, no entendimento de que o mundo precisa ser visto sob a lógica de “*oikos*,”¹⁶ constituído essencialmente de relações. Isto, de modo muito sucinto, indica a relevância do eco-relacional, que apresentaremos adiante.

O pensamento, por sua vez, relaciona a esfera subjetiva com o mundo objetivo e ganha consistência por meio da reflexão sobre a prática e a prática da teoria, numa perspectiva mais abrangente essa práxis ganha mais intensidade por meio da ecopráxis, essa práxis que situa como base a relação, que toma também o mundo não humano como partícipe dessa teia social. Ecopráxis é, portanto, a palavração ampliada, a dialógica vinculada à ação humana. Assim, é mediação da linguagem na ação transmutadora na desconstrução de situações de opressão. Ecopráxis se explicita no mundo, concebido num contexto planetário.

Tratando da linguagem, enquanto agente de corporificação do pensamento em sua relação com o mundo, encontramos

¹⁶ A palavra “*oikos*” vem do grego, significando casa, moradia (VER ODUM, 1988).

mediático. Ponte entre pensamento e mundo, a linguagem expressa nas representações sociais, viabiliza a constituição do tema gerador e, por meio dele, a reflexão capaz de estabelecer a ecopraxis enquanto texto no contexto do mundo eco-relacionado.

A Dialógica e as Relações em Paulo Freire

O conceito de relações[...], guarda em si, como veremos, conotações de pluralidade, de transcendência, de criticidade, de consequência e de temporalidade. [...] estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é. (FREIRE, 2000, p. 47).

Aqui nos deixamos ir através da corrente de águas límpidas da dialógica, em suas relações constituintes. Como afirma Paulo Freire, o diálogo constitui a própria intersubjetividade humana, sendo ela relacional e consubstanciadora da democracia, da alteridade, no afeto, na fé, na humildade de saber-se inacabado e histórico. Ente de relações, o ser humano constrói sua transcendência na interação com o mundo, com os outros.

A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo. (FREIRE, 1996, p. 24).

A constatação de que não poderíamos estar teorizando de forma dissociada da ação, nem agindo sem relacionar ação e reflexão em um contexto de transformação, está presente como interlocução, impondo uma necessidade constante de atenção sobre a nossa práxis epistêmica. Isto se faz ainda mais premente diante do fato de compreendermos esse trabalho em seu contexto de interface com a intervenção educativa. Não pretendíamos uma investigação que visasse um diagnóstico e sim uma pesquisa que se vinculasse a uma proposta de ação pedagógica transformadora de condições de opressão e a uma

mobilização popular.

Isso impõe especificidades, já que toda e qualquer atividade que envolva docência legítima, autêntica, implica necessariamente práxis epistêmico-pedagógica o que significa a necessidade fundamental de vincular ação e reflexão.

Freire (1983) afirma o ser humano como um ser de relações plurais, capaz de, na organização reflexiva do pensamento, renunciar à condição de simples objeto, exigindo o que por vocação é: sujeito. Para isto precisa desvelar o mundo de opressão mediante um caminho (método) dialógico, por isso ativo e crítico. Compreendendo o diálogo como um processo que se dá em uma relação horizontal, fundado em uma matriz crítica e geradora de criticidade, nutre-se de amor, humanidade, esperança, fé e disciplina.

Acreditamos que, para o “que-fazer” pedagógico, conforme informa Paulo Freire, a fé associada à esperança e à confiança implica no reconhecimento do potencial ontológico do humano “ser mais.” Já a disciplina é a concentração em torno do mais importante, o recorte e o desprendimento na direção da simplicidade essencial.

O diálogo é o encontro entre [seres humanos], mediatizados pelo mundo, para designá-lo.” [...] o diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar, este diálogo não pode reduzir-se a depositar idéias em outro.

O diálogo não pode existir sem um profundo amor pelo mundo e pelos [seres humanos]. Designar o mundo, que é ato de criação e recriação, não é possível sem estar impregnado de amor.

O diálogo não pode existir sem humildade. [...] o diálogo, como encontro dos [seres humanos] que têm por tarefa comum aprender e atuar, rompe-se se as partes – ou uma delas – carecer de humildade.

O diálogo exige igualmente uma fé intensa no

[ser humano], fé em seu poder de fazer e refazer, de criar e recriar, fé em sua vocação de ser mais humano. [...] haveria contradição nos termos se o diálogo – amante, humilde, cheio de fé – não produzisse este clima de confiança mútua que conduz os que dialogam a colaborar sempre mais estreitamente no ato de designar o mundo.

O diálogo não pode existir sem esperança. A esperança está na raiz da inconclusão dos [seres humanos][...]

Finalmente, o verdadeiro diálogo não pode existir se os que dialogam não se comprometem com o pensamento crítico; pensamento que não aceita a dicotomia mundo – [humanos], reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade...

Uma vez mais quero afirmar que não há dicotomia entre diálogo e ação revolucionária... na teoria desta ação, os atores conduzem a atividade de maneira intersubjetiva sobre um objeto – a realidade que os mediatiza –, tendo como objetivo a humanização dos [seres humanos]. (FREIRE, 1980, p. 83-85).

Essas referências apresentadas norteiam nossas atitudes de pesquisa e, atualmente mesmo as vivências mais amplas do educador-pesquisador para que pudesse, nesse estudo, estabelecer diálogos significativos e produção de um saber parceiro.

Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. A “do-discência” - docência-discência – e a pesquisa, indicotomizáveis são assim práticas requeridas por estes momentos do ciclo gnosiológico. (FREIRE, 1996, p. 31).

Paulo Freire considera basilar, portanto, a noção de que o saber epistêmico, científico, não resulta de uma ruptura com o saber do senso comum, mas de um avançar com esse saber na direção de uma curiosidade e de rigorosidade metódica intencionados pela busca da “razão de

ser” dos fenômenos e dos seres em interação.

Não há para mim, na diferença e na distância entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. (FREIRE, 1996, p. 34).

Há uma pluralidade nas relações do [ser humano] com o mundo, na medida em que responde à ampla variedade dos seus desafios. Em que não se esgota num tipo padronizado de resposta. A sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto, mas em face de um mesmo desafio. No jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se. Escolhe a melhor resposta. Testa-se. Age. Faz tudo isso com a certeza de quem usa uma ferramenta, com a consciência de quem está diante de algo que o desafia. Nas relações que o [ser humano] estabelece com o mundo há, por isso mesmo, uma pluralidade na própria singularidade. E há também uma nota presente de criticidade. A captação dos dados objetivos de sua realidade, como dos laços que prendem um dado a outro, ou um fato a outro, é naturalmente crítica, por isso, reflexiva e não reflexa[...] (FREIRE, 2000, p. 48).

Como vemos, na visão freireana, o humano é um ser de relações plurais, por meio das quais supera-se, humaniza-se, faz-se mais. Nas relações, o diálogo se faz existencial, com o sentido produzido pela práxis e nela solidariamente compartilhado.

A sua integração ao seu contexto, resultante de estar não apenas nele, mas com ele, e não a simples adaptação, acomodação, ajustamento[...] a sua integração o enraíza.

Não houvesse esta integração, que é nota de suas relações, e que se aperfeiçoa na medida em que a consciência se torna crítica[...]

E o fará melhor, toda vez que, integrando-se ao

espírito delas, se aproprie de seus temas fundamentais, reconheça suas tarefas concretas[...] (Op. cit.; p. 50).

No processo de enraizamento e reconhecimento de seu contexto, via reflexão-ação sobre seus temas básicos, os humanos estabelecem uma maior criticidade, isto por meio da dialógica presente nas relações.

A partir das relações do [ser humano] com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. [...] vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do [ser humano] com o mundo e do [ser humano] com os [seres humanos], desafiando e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o [ser humano] deve participar destas épocas. (FREIRE, 2000, p. 51).

No jogo das relações, o humano vai consolidando a humanização do mundo por meio da cultura. Fazendo-se criador e recriador, movimenta-se objetivando a compreensão, a razão de ser das coisas, dos seres, dos fatos, dos eventos, dos fenômenos. Por outro lado, é no diálogo que a relação estabelece um intercâmbio significativo, por meio da linguagem que media a relação entre pensamento e mundo. Na dialógica freireana o ciclo gnosiológico se consolida, unindo conhecer ao compartilhar, a pesquisa ao ensino.

A radicalização, que implica no enraizamento que o [ser humano] faz na opção que fez, é positiva, porque preponderantemente crítica. Porque crítica e amorosa, humilde e comunicativa. O [ser huma-

no] radical na sua opção, não nega o direito ao outro de optar. Não pretende impor a sua opção. Dialoga sobre ela. Está convencido de seu acerto, mas respeita no outro o direito de também julgar certo. Tenta convencer e converter, e não esmagar o oponente[...] (p. 58).

Poder extrair, via reflexão, saber-aprendizagem do saber de experiência feito expressa a grandeza do cotidiano grávido de sentidos; o potencial de saberes presentes na práxis vivencial cotidiana ampliando o potencial de acolhimento da consciência. Entretanto, o diálogo sobre esses saberes não pode ser impositivo, nem pretender submeter ou subjugar o outro.

Este poder do enraizamento crítico sofre sérios embates e esmaecimentos em uma cultura sertaneja caracterizada por uma política de concentração de bens e riquezas na mão de grupos socialmente privilegiados, como é o caso do sertão do nordeste brasileiro. Nesse recanto, Freire observa, a continuidade do processo de colonização por meio da distribuição de terras e águas para coronéis e apadrinhados políticos, o que faz ele afirmar uma necessária horizontalidade para que o diálogo ocorra.

Fazenda e engenho, terras grandes, imensas terras, doadas às léguas a uma pessoa só, que se apossava delas e dos [seres humanos] que vinham povoá-las e trabalhá-las. (FREIRE, 2000, p. 76).

Mesmo quando as relações humanas se façam, em certo aspecto, macias, de senhores para escravo, de nobre para plebeu, no grande domínio não há diálogo. Há paternalismo...

A distância social existente e característica das relações humanas no grande domínio não permite a dialogação. (p. 78).

Para Freire, o amor define a educação e, essa, é vista como ato e enfrentamento. Nesse contexto, o diálogo se

¹⁷ "A – B = Diálogo – Relação de "simpatia" entre os pólos em busca de algo. – Matriz: Amor, humildade, esperança, fé, confiança, critici-

erige como instância transformadora, crítica.

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. (FREIRE, 2000, p. 104).

Mas, como realizar esta educação? [...]

Somente um método ativodialógico, participante, poderia fazê-lo.¹⁷

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. [...] Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 2000, p. 115).

Fiori, na magistral apresentação do livro de Paulo Freire mais difundido, *Pedagogia do Oprimido*, reflete sobre a proposta dialógica freireana. E, assim, o diálogo vai sendo afirmado como a base fundamental da abordagem de Paulo Freire, como elo constitutivo da consciência crítica. Meio essencial de relações significativas e significantes. Considerando a “palavra autêntica”, mediação do diálogo e das relações autênticas, como “palavração”, práxis, ação refletida e reflexão atuante. Freire afirma ser o diálogo a própria historicização, o movimento constitutivo da consciência.

O diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes “admiram” um mesmo mundo; afastam-se dele e com ele coincidem; nele põem-se e opõem-se. Vimos que, assim, a consciência se existência e busca perfazer-se. O diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização. É ele, pois, o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente,

busca reencontrar-se além de si mesma. (FIORI, apud FREIRE, 1983, p. 10).

A palavra é entendida, aqui, como palavra e ação; não é o termo que assinala arbitrariamente um pensamento que, por sua vez, discorre separado da existência. É significação produzida pela “práxis”, palavra cuja discursividade flui da historicidade – palavra viva e dinâmica, não categoria inerte, exânime. Palavra que diz e transforma o mundo. A palavra viva é diálogo existencial. Expressa e elabora o mundo, em comunicação e colaboração. O diálogo autêntico – reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro – é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum. (FIORI, apud FREIRE, 1983, p. 15).

Paulo Freire, no Livro: *Pedagogia do Oprimido*, afirma a dialógica como “essência da educação como prática da liberdade. “[...] quer dizer, palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo.” (p. 92). Demarca que o diálogo começa na busca do conteúdo programático da educação libertária. Define o diálogo como o encontro dos seres humanos, mediatizados pelo mundo para pronunciá-lo, assim assevera Freire:

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos [seres humanos], o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia. (FREIRE, 1983, p. 15).

Considerar o diálogo nessa vertente é considerar a relação direta entre relações e dialógica, o que implica na possibilidade de integrarmos uma Perspectiva Eco-Relacional à Dialógica freireana.

Enfatizamos, portanto, que essa proposta parte do pressuposto da necessidade de considerarmos como indispensável à nossa pesquisa a valorização do outro como legítimo outro que se humaniza nas relações afetivas (MATURANA, 1998); a dimensão relacional (MORAIS, 1998); a superação de uma leitura cartesiana das relações sociais com as esferas não humanas próprias de algumas culturas

autóctones (BRANDÃO, 1994); que as esferas psíquica-sócio-política-ecológica-natural são indissociáveis; que o econômico é apenas parcela da totalidade; que todos esses são fatores essenciais e indissociáveis de uma perspectiva, que aqui passamos a denominar de “perspectiva eco-relacional – PER”, capaz de contribuir para um mundo solidário dialógico, habilitado a resistir à conjuntura crítica em que atualmente vivemos.

A intenção das escolhas efetuadas e que aqui apresentamos foi estabelecer alicerces capazes de dar a sustentação necessária para a tese, considerando a importância de dialogarmos com a problemática ambiental, particularizada na questão da água, tendo como finalidade propostas pedagógicas voltadas para a Educação Ambiental, compatíveis com a abordagem dialógica freireana, associada à Perspectiva Eco-Relacional. É nesse contexto que a perspectiva popular medra, com o reconhecimento da importância da afetividade e politicidade da práxis educativa.

Concordamos com Reigota (1995, 1996) ao contestar as tendências gerais da educação contemporânea, que se baseiam na transmissão de conteúdos científicos (originados na ciência clássica e no positivismo); nos métodos ditos modernos, que utilizam os meios tecnológicos (do computador ao vídeo) sem reflexão crítica; no populismo cultural, que considera sempre válido todo conhecimento originado nas camadas sociais mais pobres.

É um desafio para a Educação Ambiental propor alternativas sociais críticas, considerando a amplitude das relações ambientais. Com esse intuito, partimos das referências formuladas por Paulo Freire sobre a compreensão da riqueza do uso da linguagem presente no senso comum, que aglutina núcleos de bom senso, extraídos da práxis social. Esses núcleos vivos podem ser estudados através da Teoria das Representações Sociais e seu movimento dialógico desvelado enquanto construção de saberes parceiros, fundamentais na edificação de uma consciência ambiental.

Caminhar por essas interfaces levou-nos a perceber

que alguns aspectos sublinhados por Paulo Freire teriam que estar concretamente presentes em nossa proposta pedagógica, que visa a uma Educação Ambiental Dialógica (EAD) sob a Perspectiva Eco-Relacional (PER). A própria PER carrega-se de um sentido novo, agora enriquecido pela sabedoria popular que se desvela. Um corpo teórico anterior, oriundo de uma ruptura epistemológica com o Paradigma Ecocêntrico (Figueiredo, 1999), enriquecia-se por que-fazer-criticos que refletiam e se viam refletidos nas propostas freireanas.

A Perspectiva Eco-Relacional

Coisas isoladas não existem, existem apenas relações. (FIGUEIREDO, 1999).

Durante o trabalho de investigação que redundou em Dissertação de Mestrado (FIGUEIREDO, 1999), houve a possibilidade de construirmos um corpo teórico que serviu de referencial para esse trabalho. Utilizamos esse arcabouço teórico para responder à necessária superação da crise de paradigmas nas ciências. Na ultrapassagem do paradigma cartesiano, a fragmentação do conhecimento humano que fundamenta a maioria das intervenções e gestões ambientais necessitava ser superada por um novo olhar e ação. Era essencial que aprimorássemos nossa visada incluindo as dimensões histórica e política singularizadas na busca da perspectiva popular, que não se evidenciava adequadamente na proposta anterior, a ecocêntrica.

O paradigma ecocêntrico representou, pois, um estágio de conquista transitória, iniciado com o paradigma cosmocêntrico, que rompe com o mítico e inaugura o período da Grécia Clássica. O paradigma teocêntrico, que lhe sucede, é abrigado pela Idade Média, com suas peculiaridades; o antropocêntrico, amparado pela ciência que se rebela, instala a modernidade e suas ambivalências.

Nasce a modernidade associada ao Paradigma Antropocêntrico. O ser humano reage na contramão do ciclo anterior, considerando-se o construtor de todas

as verdades, abdicando de Deus e se apropriando da natureza. Com Galileu, Descartes e Newton o ser humano faz hegemônica a razão científica. Dela nascendo tecnologia, poder, dominação, exploração. (FIGUEIREDO, 1999, p. 26).

Descartes oferece a valorização da razão como critério último da “verdade” e na dúvida metódica assentava os recursos utilizados por ele na fundamentação de seu método científico. O seu método define quatro preceitos básicos: nunca acolher algo como verdade que não conhecesse como tal; dividir as dificuldades em quantas parcelas possíveis para melhor resolvê-las; esmiuçar os pedaços para entender o todo; enumerar e revisar até que se tenha certeza de nada omitir.

Constata-se, claramente, que as leituras cartesianas se erigiram mediante tentativas de simplificar, fragmentando os objetos de conhecimento, o que resulta por trazer uma concepção fragmentada do mundo. Daí decorrem diversas seqüelas, dentre elas se destacam a objetualização do mundo considerado não racional (“Penso, logo existo!”). Esse ideário serve à competitividade mais intensa, base do capitalismo, e ao individualismo exacerbado, não considerando adequadamente o mundo natural e a natureza humana, nem mesmo os outros seres, nem as futuras gerações.

A grande crise mundial de nossa civilização ‘antropocêntrica’, no dizer de Oliveira (1996), é perceptível tanto na ciência quanto na filosofia e mesmo no senso comum. Na ciência, essa crise se explicita através de uma crise epistemológica/metodológica evidenciada, por exemplo, na Física Quântica e Engenharia Genética. Na filosofia, com a crise da racionalidade moderna, instrumental e reificadora.

É uma crise mundial de civilização, crise do projeto de vida social humana assentado também pela ciência moderna, pelas formas de construção do conhecimento; utilizadas em apoio às estruturas de produção. Assim é que vivemos num espaço de vácuo entre um paradigma cartesiano e um novo modo de perceber e atuar na vida.

É certo que, atualmente, existe uma supervalorização do saber científico. A compreensão das raízes causais do jogo de relações epistemológicas e vivenciais, levam a crer em sua inserção nas matrizes da razão instrumental (OLIVEIRA, 1996). Fugir às armadilhas da razão instrumental é instigar a busca de uma “razão” em seu sentido mais amplo, com suas múltiplas dimensões. Uma razão que incorpore a afetividade, o cognitivo, a intuição e o corporal; a razão enquanto inteligência em suas múltiplas formas.

Um dos arcabouços dessa perspectiva que desenvolvemos e nomeamos de eco-relacional foi oferecido por Brandão (1994), em seu livro *Somos as Águas Puras*, revelando em sua antropologia a experiência ancestral, o imaginário dos seres humanos na relação com os outros seres humanos e não-humanos, vivos e não-vivos. Com sua crítica solidária e dialógica debate as raízes de sérios problemas de nossa civilização ocidental. Começa ouvindo um mestiço que trata da distinção entre “o índio e o branco”, relatando as oposições entre as duas maneiras de pensar o mundo. Enfatiza que:

Até onde suas culturas foram conhecidas e seriamente estudadas, de um modo ou de outro, todos os grupos tribais reconhecem que seus relacionamentos com o mundo natural próximo, como o rio ao fundo da aldeia, distante, como os fundos de uma floresta até onde se vai raramente, ou imaginado, como o que deve existir “do outro lado do oceano”, estão baseados em princípios sociais.

Esta maneira de pensar o mundo, que torna simbólico o natural e depois pensa o símbolo como social, opõe a cultura do índio à experiência animal de lidar com o mundo. [...] ela distancia o “pensamento selvagem” do modo ocidental de pensar. Entre nós e a natureza, estabelecemos o fosso de uma “dupla natureza”, o que talvez nos torne o real mais realista e nos permita uma ciência provavelmente mais funcional do que a dos índios, mas nos impede o simbolizar qualquer relação com a natureza de um ponto de vista social.

O que nos escapa é a possibilidade de imaginar o relacionamento humano com o mundo como algo

passado entre duas categorias diversas, mas convergentes e comunicáveis, entre duas dimensões de subjetividade colocadas em relação. Pensando como conjunção o que nós pensamos a partir de uma inevitável disjunção, os índios movem-se em um imaginário regido de parte a parte por uma ou por inúmeras formas de trocas, de reciprocidades. Isso porque, social e dotado de sentido, de um lado (o humano) e do outro (natural), tudo o que se passa entre os humanos e os outros seres de seu mundo são trocas, porque são relacionamentos entre sujeitos, de um lado e do outro. (BRANDÃO, 1994, p. 20 e 21).

Compreendemos assim o potencial reflexivo que nos oferece esse modo de perceber o natural com o qual nos relacionamos. Conforme Brandão, os índios estão no mundo, vendo-se a si mesmos como às plantas e os animais, como o seu entorno, com os quais realiza trocas e interações simbólicas.

“Os índios vêem-se no interior de uma trama de relações ativas, intencionais e significativas no mundo da natureza.” (BRANDÃO, 1994, p. 21). Pode-se extrair dessa ilação que, para os índios que vivem sob essa perspectiva, as relações se dão edificando a trama, a teia, na qual convivem. Possuem uma percepção próxima daquela que aqui denominamos de eco-relacional.

Como afirma Brandão (1994), no imaginário dos povos das florestas, as permutas entre a sociedade e a natureza são interconstituintes, na reciprocidade entre sujeitos sociais que vivem “uma mesma teia de trocas amorosas.” Para eles, continua esse autor, temos três princípios de relações orientando o sentimento e o saber dos índios: “[...] a terra e os seus elementos não são uma coisa, mas um dom”; “tudo o que existe e é dado[...] estabelece a obrigação de uma reciprocidade”; “a terra não é somente um lugar, mas um tempo realizado de símbolos e memórias.” Nas palavras de um índio, o sentido de história assim fica enriquecido:

De uma coisa sabemos. A terra não pertence, ao homem: é o homem que pertence à terra, disso temos

certeza. Todas as coisas estão interligadas, como o sangue que une uma família. Tudo está relacionado entre si. Tudo quanto agride a terra, agride os filhos da terra. Não foi o homem quem teceu a trama da vida: ele é meramente um fio da mesma. Tudo o que ele fizer à trama, a si próprio fará. (Trecho da mensagem do Chefe Seattle – WWI, 2002).

Dialogando com Maturana (1998), tivemos a possibilidade de encontrar um interlocutor especialíssimo que oferece uma grande contribuição ao processo de fundamentar nossas reflexões acerca do eco-relacional, particularizando a dimensão afetiva. Na verdade, a partir do ponto de percepção daquilo que ele chama de Biologia da Educação, pudemos encontrar corroboração para o que chamamos de eco-relacional e se estrutura na esfera do afetivo, enquanto eixo relacional que gira em torno do compartilhar. Desse modo podemos articular nossa investigação assentada na amorosidade da dialógica freireana, que encontra tom peculiar em Maturana e sua perspectiva que enfatiza o processo de interação amorosa como alternativa essencial no transitar para um mundo mais ético.

Dizer que a razão caracteriza o humano é um antolho, porque nos deixa cegos frente à emoção, que fica desvalorizada como algo animal ou como algo que nega o racional. Quer dizer, ao nos declararmos seres racionais vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional.

As emoções não são o que correntemente chamamos de sentimento. Do ponto de vista biológico, o que conotamos quando falamos de emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação. Na verdade, todos sabemos isso na práxis da vida cotidiana, mas o negamos porque insistimos que o que define nossas condutas como humanas são elas serem racionais.

Ao mesmo tempo todos sabemos que, quando estamos sob determinada emoção, há coisas que podemos fazer e coisas que não podemos fazer, e que aceitamos como válidos certos argumentos que não aceitaríamos sob outra emoção. (MATURANA, 1998, p. 15).

Morais (1998) ressalta que a fragmentação está vinculada aos fatores que resultam nos problemas ambientais e em representações de “meio ambiente” que se associam exclusivamente aos elementos naturais. O que repercute na maioria das definições de “sustentabilidade.” Como consequência, afirma ele, pode-se verificar que o enfrentamento dos problemas ambientais tem se resumido na retórica inoperante e em práticas muitas vezes bem intencionadas, entretanto, quase sempre inseqüentes, no que se refere às transformações culturais e sociais necessárias. Cremos que isto se dá, principalmente, por não existir uma devida consideração aos saberes do povo do lugar.

Destaca Moraes (1998) que em relação ao conhecimento científico existem avanços na tentativa de superar a fragmentação, utilizando-se a abordagem sistêmica, o estudo da complexidade etc. Esses avanços, porém, têm se caracterizado como incipiente em termos de estratégias educacionais que viabilizem um avanço sócio-cultural mais amplo.

Na tentativa de contribuir para o processo de discussão em busca da superação das representações fragmentadas de mundo predominantes e, portanto, para o enfrentamento seqüente do Desafio Ambiental, apresentamos a proposta de uma estratégia educacional tendo como fundamento a construção de um conhecimento integrado. Nesse contexto, o conhecimento integrado tem o significado da percepção e compreensão do mundo em que vivemos considerando-se a complexa integração dos seus componentes. Ele é entendido como sendo o conhecimento da integração mais do que a integração do conhecimento que lhe é necessária, mas não suficiente. (MORAIS, 1998, p. 39).

A caminhada se dirige na direção de uma perspectiva mais ampla, que possa oferecer subsídios para uma atitude solidária, para uma gestão embasada em propostas que retomem valores ético-morais não antropocêntricos, não fragmentários, fundamentalmente relacionais, melhor dizendo, eco-relacionais.

Essa Perspectiva se funda na proposta de enfatizar a Relação como eixo principal dentro do contexto de mundo (sentido, pensado ou vivido), na constituição ontológica e epistemológica do ser. Começa-se selecionando, dentre os diversos sentidos oferecidos pelo dicionarista, o conceito de Relação aqui adotado. Dentre as definições (FERREIRA, 2000), escolhem-se as seguintes: Relação [Do lat. *relatione*.] traduzindo-se pelo ato de ligação, referência, vinculação; categoria filosófica fundamental que designa o caráter das idéias, que confere unidade a dois ou mais objetos; operação lógica que determina a agregação ou a conexão de dois objetos. As relações se processam em espaços próprios que podem ser denominados de ambiente de relações ou lugar relacional.

Na busca de uma maior compreensão, discute-se aqui as rupturas paradigmáticas como agentes de transformações mais profundas. Em grego, paradigma, ou melhor “paradeigma” significa modelo ou padrão. Na filosofia platônica era o mundo das idéias, que se achava oculto pelas ilusões e figurações do sensível. A idéia de ruptura de paradigmas na ciência foi abordada primeiro por Thomas S. Kuhn (1997). Ele, ao sistematizar a categorização de crise de paradigmas em ciência, estabelece que a força de um paradigma reside justamente no consenso da comunidade científica quanto a certas questões. Ressalta que uma revolução científica é essencialmente uma revolução de paradigma que se dá por meio de uma ruptura na qual se nega a validade do paradigma anterior em responder aos problemas emergentes. Afirma que a mudança de paradigma se caracteriza por uma crise na qual a novidade aparece para o indivíduo que, conhecendo com precisão o que deveria esperar, está em condições de reconhecer

que algo está errado. A anomalia aparece somente em referência ao contexto produzido pelo paradigma, indicando a necessidade de sua superação por outro paradigma capaz de oferecer as respostas de maneira apropriada. Podemos deduzir, portanto, que as questões e respostas estão diretamente relacionadas à matriz, ao padrão, ao modelo de ver e viver.

Dentro da perspectiva eco-relacional, podemos constatar a dimensão relacional de que tanto fala Morais (1998). E se, mesmo diante de tal padrão de reflexão, ainda assim insistimos em uma perspectiva mutilada, isto se dá por não entendermos a conveniência de irmos mais fundo, mais intimamente no cerne crítico do núcleo representacional que são os valores paradigmáticos que orientam as nossas percepções e suas representações.

O conceito de dimensão relacional baseia-se no princípio de que nada está isolado. Como corolário desse princípio, a capacidade de interagir (agir sobre e receber ação de) pode ser considerada como uma propriedade intrínseca a todas as coisas o que significa que tudo é capaz de interagir. Essa potencialidade para interagir constitui, portanto, uma característica de todas as coisas vivas ou inanimadas, que pode ser identificada como o seu Potencial Interativo. [...] O potencial interativo é determinado pela constituição e estrutura de cada coisa e a sua expressão confere a tudo que existe uma Dimensão Relacional. Assim a Dimensão Relacional de um dado objeto ou ser vivo pode ser entendida como sendo estabelecida pelo conjunto de interações nas quais o objeto ou ser vivo está envolvido e depende, portanto, da sua composição, estrutura e atividade. (MORAIS, 1998, p. 40-41).

A Dimensão Relacional é a propriedade que permite a associação de elementos em diferentes estruturas organizacionais de modo que cada estrutura adquira o seu próprio Potencial Interativo e conseqüentemente a sua própria Dimensão Relacional, gerados no processo da sua constituição. [...] nessa perspectiva, a organização sistêmica

(Bertalanfy, 1977; Lê Moigne, 1985; Rosnay, 1975) pode ser entendida como consequência de uma propriedade intrínseca dos elementos componentes do sistema: a Dimensão Relacional. (MORAIS, 1998, p. 41).

Segundo Morais, existem três níveis de organização relacional que surgiram durante o processo evolutivo da Terra: o físico-químico – a dimensão relacional físico-química permeia do núcleo atômico até a estrutura planetária; o biológico – permeia das células às comunidades, podendo interagir entre si e com os sistemas físico-químicos e o humano-social – a dimensão relacional humana, que emerge das anteriores, propicia condições do advento dos diversos níveis de organização social. Essa dimensão permite a interação intrínseca e, também, extrínseca com os sistemas biológicos e físico-químicos.

Compreende-se, portanto, a necessidade de se considerar essa dimensão relacional diante das questões ambientais. Necessariamente, as interações humanas, que são contínuas, se dão em direção à sua multidimensionalidade, nelas repercutindo. Nas representações hegemônicas relativas ao “meio ambiente”, essas questões ambientais têm se restringido às relações físico-químicas e biológicas, não considerando devidamente as relações humanas e sociais. Retrato de uma percepção fragmentada necessita de um redimensionamento perceptivo. A proposta de uma educação ambiental dialógica eco-relacional parece-nos favorecer a construção de um conhecer integrado, que pode resultar em uma percepção eco-relacional que se corporifica em ecopráxis.

Pensamos que a premissa ontológica do ser humano exige pensar-se a totalidade como produto da inter-relação entre as múltiplas dimensões do humano e do ambiente, no transcender de uma segmentação ilusória da natureza própria dos seres. Numa interpretação calcada na percep-

¹⁸ *Holopráxis* seria uma prática consciente, crítica e auto-reflexiva que considera a inserção no holos e as inter-relações como fator essencial (FIGUEIREDO, 1999).

ção dialógica, suplantariamos as distinções entre figura e representação. Temos como método a idéia de que uma epistemologia vivencial-experencial, voltada para a teia de relações, pode repercutir em uma lógica compatível, ou seja, numa teoria que considere a totalidade das relações interligadas e interagindo. Tendendo a resultar em *holopraxis*.¹⁸

Nesse constructo, procedendo a uma ruptura paradigmática, considerando a dimensão ambiental constituída também pelas esferas histórico-política e sócio-cultural, nos permitimos, então, constituir o que denominamos de “ecopraxis.” No adensamento dessa ruptura avançamos no sentido da “Perspectiva Eco-Relacional.”

Com esse arcabouço conceitual, podemos interagir com os mundos alheios e entenderemos o mundo como plenitude de eus-nós, nós *persona*, nós outro, nós ser social e nós natureza em relação. Assim é que nos proporcionamos a possibilidade de optar por uma “perspectiva eco-relacional” e a sua conseqüente “ecopraxis”, nos termos que definiremos a seguir.

Na Tecitura do Conceito ‘Eco-Relacional’

A “Perspectiva Eco-Relacional” (PER) é um neologismo proposto para atender ao anseio de avançar com a perspectiva ecocêntrica (FIGUEIREDO, 1999) numa ruptura epistemológica na direção de uma perspectiva mais ampla e abrangente e principalmente política e solidária. A perspectiva eco-relacional pode ser caracterizada por alguns eixos fundamentais:

- 1) Prioriza o “relacional” como contexto básico e as relações como princípio do real;
- 2) O termo “eco”, reforça a conjuntura ecossistêmica, as interações sociais entre o vivo e o considerado não-vivo da natureza. Está interligado com o “*oikos*” (morada), informando o contexto de manifestação das relações, o espaço relacional. Tanto o micro quanto o macrocosmo são

marcados pelas relações universais. O próprio átomo, e mesmo as partículas subatômicas das quais é composto, tem sua existência fundada nas relações intrínsecas. Os sistemas planetários, as galáxias, o *cosmos* se mantêm por meio das suas inter-relações;

- 3) O “eco-relacional” retrata o interativo de “tudo com tudo” e toda a totalidade. Na verdade é uma proposta que representa a compreensão do Universo, na qual as totalidades são parcelas entremeadas, inseridas em totalidades ainda maiores, estruturando, desde o nível mais simples ao mais complexo, uma ligação de interdependência em busca da contínua co-evolução. Compreende como essencial à dimensão afetiva, enquanto esfera propiciadora das grandes marcas evolutivas da natureza. Desse modo, a amorição, fator que lhe caracteriza, significando o respeito ao outro enquanto legítimo outro, torna-se o Elo capaz de produzir o dever ser, na superação do ser em si, atualizando potências latentes;
- 4) Explicita a complexidade e abrangência presente e representada no contexto da evolução das formas de vida. Segundo esse paradigma o ser humano é concebido como uma unidade interativa: um todo interatuante, multidimensional (inteligência cognitiva, emocional, cinestésica, intrapessoal e interpessoal), indivisível (corpo físico, sentimento e psique) embora interligado com o todo ao seu redor;
- 5) O argumento essencial dessa perspectiva é poder representar uma boa resposta para a crise atual de paradigmas. O humano, enquanto ser

¹⁹ O adjetivo holístico ou holística originou-se da palavra grega *Kath Holikos*, se refere à totalidade, ao universal (WEIL, 1993a). Historicamente, afirma Weil (1991a), as palavras “holística” e “holismo”, foram criadas e usadas primeiramente, em 1926, pelo filósofo sul-africano, Jan Cristian Smuts [1894-1963].

que se edifica continuamente, tem na vivência sociopolítica o espaço privilegiado, na busca do equilíbrio entre os interesses individuais e coletivos, em uma construção histórica que inclui a transcendência;

- 6) Essa perspectiva crítica considera que toda amplitude, interior e exterior, objetiva, subjetiva e intersubjetiva se entrelaçam, se comunicam, podendo levar desde o processo de sensibilização, “alfabetização” eco-relacional, à prática eco-relacional (*ecopraxis*);
- 7) A dimensão ética emerge como esfera essencial. Uma ética eco-relacional que se estabelece no respeito à alteridade como legítima e importante no contexto da existência e da transcendência própria da co-evolução.

(Re) Configurando o Conceito de Ecopraxis

“Ecopraxis” significa um aspecto importante nesse processo. Reflexo dessa consciência *eco-relacional*, *eco-auto-relacional-refletida*. O conceito de *ecopraxis*, pois, parece-nos ser necessário cunhar dessa forma e envolve a idéia de uma práxis ‘ampliada’ para dar maior movimento na direção da perspectiva de transformação sócio-histórica, que parece não ser devidamente tratada pela “holística.”¹⁹ A idéia de *ecopraxis* reveste-se do necessário engajamento efetivo na transformação política e ética do mundo. Desse modo penso que essa unidade que a *ecopraxis* propõe deve inscrever-se em ação transformadora que possui um horizonte: a ação refletida e solidária entre os múltiplos “eus.”

Ecopraxis é proposta ao se reconhecer a conveniência de avançar com o conceito de práxis na direção de uma ação-reflexão mais ampla, que identifica à necessidade permanente de alargar os horizontes, de permanecer aberto para as múltiplas influências e conseqüências simultâneas que ocorrem em torno da palavra-ação.

Ecopraxis, inicialmente definida por Figueiredo

(1999), se caracteriza por ser uma práxis multidimensional, alicerçada numa percepção integral de mundo, em toda sua amplitude e inteireza; uma práxis que, ao ser eco-relacionada, tem como fundamento básico e essencial a inter-relação harmônica entre os seres vivos e os considerados não vivos. Traz como princípio as relações em uma perspectiva ecológica mais radical e ampla (multidimensionalizada pela ecologia humana, ecologia interior ou psíquica, ecologia social e ecologia natural ou da natureza). Uma ecopráxis é percebida na busca de uma relação equilibrada e solidária do ser humano com ele mesmo, com o outro, com a sociedade e com a natureza, da qual ele faz parte; sendo uma prática consciente de que fazemos parte, na teia de relações inter-relacionadas e interatuantes (FIGUEIREDO, 1999, 2000).

Elo essencial da ação educativa, sempre numa perspectiva de transformação sócio-histórica, como agente epistêmico que expressa a unidade entre teoria (eco-hologia) e prática (ecopráxis), uma práxis eco-relacionada significa um processo de transformação concreta do mundo, com vistas a uma teia de solidariedade. O “dever-ser” (a ética) em tensão com o que se tem como real e como presente histórico, retoma sua força no contexto do saber.

A ecopráxis envolve “mundo dos saberes”, interliga múltiplas dimensões do pensar, tais como a do sentimento, do pensamento verbal-lógico, do sensório e do intuitivo, tal como ressalta Jung (SAIANI, 1999). Dimensões do pensamento que, segundo a dominância de alguns processos, podem gerar as chamadas *múltiplas inteligências*, de Gardner (1994). Ou ainda a *Rosa dos Semas*, de Linhares (2001), que discutindo as idéias desses dois pensadores, aludindo a uma analogia com a “rosa dos ventos” e a interconexão que estabelece entre os pontos cardeais, oferece-nos a possibilidade de associá-los pela via das proto-inteligências, que são integradas e perfazem movimentos de conhecimento pelas vias da intuição, percepção, sentimento e pensamento lógico-verbal relacionando-os das mais diversas formas.

Com base na percepção da totalidade natural tem-se a consciência de que somos parte integrante da grande

teia da vida Esse paradigma articula afetividade e pensamento crítico, consciência individual e social, relações interdimensionais dinâmicas e equilibradamente trabalhadas (FIGUEIREDO, 2000; 2001a; 2001b; 2001c).

Essa perspectiva proporciona uma nova atitude epistemológica que se apresenta consolidada em algumas mudanças fundamentais, tais como mudança de enfoque da parte para as relações que compõem o todo, no qual não se pode mais considerar partes isoladas; de uma perspectiva de objetividade para uma perspectiva epistêmica; de uma metáfora de tijolos de construção para o padrão de uma teia de relações; da estrutura (corpo) que dá forma, para a relação entre estrutura e o processo (atividade) que gera vida; de descrições “pseudoverdadeiras” para descrições aproximadas, relativas, reconhecendo-se a impossibilidade de uma descrição plena do real (Modificado de Capra, 1992).

A Dimensão Afetiva no Enfrentamento do Problema

Nesses enfrentamentos precisamos dar o devido valor a todas as dimensões que envolvem as graves situações que ameaçam a vida. Carecemos do entendimento de que a *leitura de mundo* pode ser um “lugar” – como conceitua Tuan (1983) – considerando a dimensão afetiva – no qual se estabelece o diálogo, mais do que na tolerância, no respeito e valorização ao diferente, possibilitando uma “trans-ação” – ação que se instaura transcendendo a si mesma na direção do outro; ou como afirma Freire, uma “Palavração” – no sentido de uma teoria que fundamenta criticamente a práxis.

Manifestamos “atitudes” – conceito que exprime orientação de ação, estado disponível, propósito, ou maneira de manifestar esse propósito – por diversos meios (pensamentos, sentimentos, corporeidade, palavras) que exigem sua expressividade em forma de ação. Compreender o que, o como e o por que fazer, proporcionado pelo

²⁰ Associado a apresentação da perspectiva eco-relacional.

resgate do intrínseco – das motivações reais – constitui-se o poder de uma recomposição de mundos, ou de sua transformação.

A sensibilidade adequada, atitude refletida e ética somada à afetividade resulta em ecopráxis. Isto nos sugere o retomar de um diálogo iniciado anteriormente com Maturana²⁰ (1998), no qual verificamos mais alguns pontos importantes traçados por esse biólogo do conhecimento. De acordo com Maturana, a humanização associada à evolução cerebral humana relaciona-se fundamentalmente com a linguagem que, por sua vez, se vincula com a coordenação consensual de ação. Ele reforça que:

[...] é na conservação de um modo de vida, caracterizada pelo compartilhar alimentos, no prazer da convivência e no encontro sensual recorrente que pode dar-se, e há de se ter dado, o modo de vida em coordenações consensuais de ações que constituem a linguagem. (MUTURAMA, 1998, p. 21).

O evoluir do cérebro humano se relaciona principalmente com a linguagem. Para que isto ocorra, é necessária uma emoção fundadora particular, que é o amor.

O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência. (MATURANA, 1998, p. 67).

É na recorrência das relações significativas que se estabiliza o amor, a convivência e mesmo a racionalidade crítica que pode daí decorrer.

O social tem seu fundamento no emocional, de acordo com Maturana (1998). Ele informa que sem a aceitação do outro como legítimo outro na convivência, não há fenômeno social. O social se define, portanto, em meio a relações que se instauram sobre essa aceitação do outro. A perspectiva eco-relacional incorpora em si esses fundamentos essenciais. Isso se dá no entendimento, na busca do mais além, da importância da totalidade, da dialética nesses percursos de subjetivação concretos que resultam da objetivação do abstrato, do simbólico, e da intersubjetividade relacional

entre os seres e suas múltiplas dimensões.

Considera-se que o grande elo desse caminhar com o real é sua possível contribuição e alargamento de fronteiras, de horizontes de percepção. Isto ocorre ao interligar propostas metodológicas com fundamentos teóricos que amplificam trazendo em si o potencial da solidariedade. A perspectiva eco-relacional efetiva-se como ponte entre o natural, o individual e o sócio-cultural, permitindo o transitar, o interagir, o colaborar. Essa perspectiva oferece a compreensão da complexidade do real e da essencialidade de superação da razão antropocêntrica e fragmentadora por meio dessa perspectiva que interliga as múltiplas dimensões do ser.

Por pensarmos o Eco-relacional também nos termos de multidimensionalidade do humano, é que propomos a “amorização” como liame, integrando esses elos. O eco-relacional significa, essencialmente, respeito e reconhecimento do direito e da importância do outro ser um autêntico outro. Como afirma Maturana (1998), são as emoções que permeiam a constituição da linguagem, sendo o domínio no qual se gesta a humanidade, a evolução da natureza na constituição da cultura. Em suas palavras:

A emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor. [...] o amor é o fundamento do social, mas nem toda convivência é social. O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência que conotamos quando falamos do social. (MATURANA, 1998,p. 23).

Eis a grande maneira de que dispomos para retomarmos a unidade essencial para a superação dos problemas ambientais anteriormente citados, habilitando os processos eco-relacionais por meio dessa emoção. “[...] não é a ra-

²¹ O que venho a chamar de pesquisa-intervenção e engajada é na verdade uma tentativa de alinhavar pesquisa participante e pesquisa-ação, que considera essencial o diálogo no contexto da comunidade ampliada de pesquisa.

zão que nos leva à ação, mas a emoção”, como defende Maturana (1998, p. 23).

Educação Ambiental

Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam. (FREIRE, 1983, p. 17).

Nesse lugar passamos a tratar do caminho que vai da ecologia até uma educação ambiental. Dessa leitura mais geral transito no rumo de uma Educação Ambiental crítica e dialógica, que incorpora a abordagem dialógica de Paulo Freire e a Perspectiva Eco-Relacional, que lhe agrega a dimensão ambiental no sentido ampliado que vimos definir. Explicita os fatores problemáticos que indicam a conveniência de pensar num outro modelo de Educação Ambiental, que foca as relações críticas e transformadoras, entre seres humanos diferentes entre si, entre estes e a cultura e entre estes e a natureza, num contexto ampliado de pesquisa-intervenção engajada²¹ (FIGUEIREDO, 2005).

Do Ecológico à Educação Ambiental

A crise ecológica explicita o conflito da relação do homem com a natureza como um todo e enquanto tal é sinal de uma crise mais profunda na vida humana [...] a questão ecológica é muito mais do que aparece imediatamente. O que está em jogo parece ser o questionamento radical de uma determinada cultura entendida como modo determinado de interpretar o existir do homem na história. [...] assim, a crise ecológica é uma crise do sentido da vida humana, de sua inserção na natureza, no meio ambiente, uma crise dos critérios fundamentais de seu agir [...] a crise ecológica é assim, num primeiro momento, uma “crise antropológica”, pois diz respeito às chances da própria sobrevivência da espécie; em última análise é uma crise filosófica, pois implica, para sua solução, numa teoria de ser humano, enquanto totalidade. (OLIVEIRA, 1997a, p.176 a 178).

O primeiro discurso ecológico contemporâneo emerge quando Ernst Haeckel, em 1866, fundamenta o termo ecologia, propondo sua inclusão como uma disciplina científica. Mesmo no início, em 1900, como campo reconhecidamente distinto de ciência, afirma Odum (1988), ela se dividia em *ecologia vegetal* e *ecologia animal*, sendo considerada sua organicidade como resultante da ação do ambiente sobre fauna e flora, como nos informa Coutinho (1992) analisando as obras de Warming, editada em 1909 (primeira obra publicada sobre ecologia).

No início da década de 20 este *discurso* é contestado com o discurso de *populações* agindo de modo independente. A década de 40 vê desenvolver-se o *discurso dos ecossistemas*, termo cunhado em 1935 por Tansley e incorporado, efetivamente, em 1942 por Lindeman. Odum (1988) considera que este avanço se consolida com os estudos desenvolvidos por Bertalanffy, em 1950 e 1969, propondo uma teoria geral de sistemas. Neste discurso dos ecossistemas, as interconexões entre o ambiente e as comunidades tomam a maior relevância.

Nesse percurso vê-se o surgimento de uma subdisciplina: *Ecologia Aplicada*, que tem apresentado, predominantemente, um discurso que aposta no comportamentalismo e na tecnologia (derivada da ciência) para a solução dos problemas ambientais. Este discurso se encontra e se confunde com o “discurso ambientalista” (COUTINHO, 1992), surgido nos anos 60, tendo como marca uma crítica à modernidade e trazendo em seu bojo uma espécie de utopia de desenvolvimento social. Nessa vertente emerge a Educação Ambiental, que tomaremos na amplitude que engloba, em sua constituição, o ecológico, o natural, o humano e o social (FIGUEIREDO, 1999b).

Relação Humano-ambiente

Historicamente os seres humanos em seus primórdios eram caçadores, coletores, construindo a base da humanidade no diálogo amoroso (MATURANA, 1998),

foram gradativamente desenvolvendo outras ferramentas de acesso ao necessário à sua sobrevivência... O humano desenvolveu técnicas, reflexões e atitudes, avançando a tal ponto que esqueceu que é parcela da natureza, dependendo de relações construídas com ela.

Filosoficamente constatamos que a dita modernidade, recente, da qual estamos saindo aos poucos na direção de uma contemporaneidade, apresentou uma ruptura radical dessa relação entre ser humano e natureza, passando a natureza a ser construção do ser humano, não havendo mais razão nela própria. Nesse contexto de sentido, a ação do ser humano sobre a natureza é de dominação, levando a uma dicotomia, que fragmenta a realidade em mundo humano e mundo natural. O mundo exterior se transforma em puro objeto, edificação do sujeito. Perde-se a percepção de unidade fundamental entre os seres humanos e o meio ambiente.

Em nosso cotidiano, pode-se identificar a crise nas conseqüências sociais operadas com a globalização e o neoliberalismo, tais como a universalização de certos modelos de valor, que tem sua agravante no consumo capitalista. Com a implantação de tecnologias e processos de trabalho que permitem ao capital um amplo e renovado impulso de racionalização instrumental, quer dizer, uma revolução tecnológica para a abertura de novos mercados e fontes de acumulações, amplia-se o desemprego e a discriminação. Com a desintegração do Estado social e a destruição dos compromissos sociais que se assentam nele, aumenta a frente de ação da racionalidade acumuladora capitalística. Com o capital internacional se transferindo (aplicações monetárias) de um lugar para outro com uma velocidade alarmante, sem considerar as fronteiras nacionais, aproveitando as melhores possibilidades de ampliação a custos favoráveis, em uma combinação das redes de empresas de ampla cobertura mundial, vemos favorecer mais ainda a segregação social e os bolsões de miséria. Pela primeira vez na história existe um mercado capitalista que abrange todo o mundo (HIRSCH, 1996). O desemprego generalizado e o crescimento da violência e

da fome de populações, grupos e países que passam a ser considerados ‘viáveis’, dependendo de estar alinhado ou não a esse mercado mundializado. Esta dimensão se vincula fortemente com um profundo impacto social ao dirigir atitudes de aquisição alienada e descarte permanente.

Portanto, hoje vivemos essa crise civilizatória, crise da modernidade, crise radical do pensamento, dos valores, das orientações éticas. Não vivemos apenas uma crise setorial, mas de paradigma, da matriz de percepção do mundo, do pensar. Estabelecer um referencial que supere estas dicotomias e restabeleça o diálogo amoroso como elo essencial de relações mais apropriadas com a natureza em nós e fora de nós é necessidade premente.

É preciosa uma reflexão que permita-nos perceber que somos parte essencial da natureza. Ponto de encontro entre o céu e a terra. Momento em que a natureza toma consciência de si mesma através do humano. E é nessa interface que devemos compreender que o mundo da cultura é uma ampliação, uma expansão do mundo natural na direção do “que-fazer” que faz o mundo fazendo a si mesmo.

Como informam estudos efetivados por Geertz (1973), o ser humano é o único ser vivo capaz de produzir cultura – por desempenhar um trabalho no qual existe um projeto prévio. Isto implica em diversidade cultural e também em diversidade biológica, sem com isto dizermos que aí se apresenta uma prova de que são incompatíveis, ou ainda que uma não tenha nada a ver com a outra.

Precisamos isto sim, romper com as dicotomias que separam o ser humano da natureza, entendendo que, sendo um ser cultural, o humano é também um ser natural. Devendo assumir seu papel de contribuinte na manutenção do equilíbrio dinâmico desse grande ecossistema global.

Como já verificamos anteriormente, temos paradigmas, modelos de percepção, que estabelecem modelos de ação que funcionam como braços para o domínio capitalista mundial. Na versão desse quadro, precisamos começar a desenvolver nossa ecopraxis, nossos eco-relacionamentos. Não mais um projeto de domínio da natureza, mas um de

trans-ação com a natureza. Um projeto que resgate saberes autóctones, que compreendem as relações naturais em um dinamismo diferente, entendendo que todos os seres naturais são indivíduos que merecem respeito e afeto.

Relação Sociedade-natureza

É necessário compreendermos que o ser humano efetivamente se constrói no contexto da sociedade. Carecemos de observar que a relação dita social se estabelece dentro de um conjunto de normas historicamente estabelecidas que definem estratos sociais.

Com base nesta hierarquização verificamos toda uma estrutura social que impõe e determina, aos menos favorecidos, propostas políticas e relações de trabalho convenientes aos que possuem a hegemonia na sociedade. Isto repercute em todos os processos sociais que conhecemos fisicamente.

Os procedimentos de utilização da natureza não fogem a este pressuposto. Daí constatarmos um programa de desenvolvimento capitalista que compromete de maneira desastrosa o meio ambiente. Diante dessas constatações foi que emergiram as propostas alternativas de desenvolvimento.

Na terminologia desenvolvimentista os setores primários – agricultura, silvicultura, pesca e mineração – vão perdendo relevância enquanto se ampliam os setores secundários – indústrias de transformação e os terciários – serviços. Contribui para tanto o distanciamento do mundo rural que ocorre ao nos dirigirmos para uma urbanização crescente com suas conseqüências. Lembramos que o ecossistema urbano que cresce e se desenvolve intensamente depende do ambiente rural que desaparece quase que na mesma proporção que cresce a urbanidade.

É nessa relação que a educação ambiental parece ter um lugar importante de construção de consciência diferente para tratarmos das relações de mútua dependência que existe na interação sociedade-natureza. Isto implica no repensar dos modelos, dos projetos, das propostas de desenvolvimento que aí estão.

Nesse sentido, pensarmos a educação ambiental, enquanto prática dialógica, libertadora, que objetiva a expansão da consciência crítica, implica em abordagens da problemática sócio-ambiental que inter-relacione os múltiplos aspectos que constituem o real, ou seja: sociais, econômicos, políticos, culturais, científicos, tecnológicos, ecológicos, jurídicos, éticos, espirituais etc.

Uma Síntese Histórica da Educação Ambiental

Será apresentada, na seqüência, pequena síntese histórica adaptada de Dias (1991), Cascino (1999) e Figueiredo (1999b), tratando da Educação Ambiental (EA), com ênfase nos documentos essenciais, construídos ao longo do tempo.

Constatado ficou que, nos anos 50-60, o ambiente era visto apenas como um componente a mais no processo pedagógico. Nasceu, efetivamente, na década de 60 o movimento ambientalista. Uma de suas marcas foi o livro *Silent Spring*, de Rachel Carson, lançado em 1962.

Ainda nessa década o homem já experimentara uma abrupta queda de qualidade de vida, ocasionada pela rápida degradação ambiental, levando a Organização das Nações Unidas (ONU) a discutir essas questões em 1968. Tais inquietações chegaram à ONU quando a delegação da Suécia chama a atenção oficialmente sobre a necessidade de uma abordagem global quanto aos problemas ambientais. Ainda em 1968 a UNESCO realiza um estudo sobre o meio ambiente e a escola, junto aos 79 países membros, destacando que o ambiente constitui-se em um conceito que envolve, também, aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e éticos, além dos já tradicionais físicos, químicos e biológicos.

Foi nesse mesmo ano que trinta especialistas de diversas áreas do conhecimento fundaram o Clube de Roma, com a intenção de estudar e refletir sobre as questões econômicas e ambientais. Daí resultou o primeiro texto de investigação científica tratando da temática ambiental, "Os limites do crescimento" (MEADOWS, 1972), publicado

em 1968.

Na década de 1970 tivemos a *I Conferência Mundial sobre Meio Ambiente Humano e Desenvolvimento*, ocorrida em Estocolmo – Suécia, que produziu a *Declaração sobre o Meio Ambiente Humano* (1972). Ali estiveram reunidos representantes de 113 países junto aos quais a ONU pretendeu estabelecer uma visão global e princípios comuns que servissem de norma à humanidade para a preservação e melhoria do ambiente humano. Naquela conferência o destaque foi o escândalo internacional produzido pelas declarações dos representantes do governo brasileiro ao afirmarem que, para o Brasil, mais importante do que as questões ambientais estava o desenvolvimento do país, sem restrições à poluição industrial. Como consequências, vieram Cubatão, a destruição do rio Tietê, o Projeto Carajás. O Banco Mundial e algumas instituições ambientalistas pressionaram e o Presidente da República criou a Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), primeiro órgão oficial brasileiro orientado para a gestão ambiental, embora tenha se limitado a atuar como fiscalizador. A recomendação nº 96 da Conferência de Estocolmo reconhecia o desenvolvimento da Educação Ambiental (EA) como o elemento fundamental para o embate contra à crise ambiental do mundo.

Em resposta a estas recomendações, três anos após, a Unesco promoveu em Belgrado, Iugoslávia, um *Encontro Internacional sobre Educação Ambiental* (1975), que redundou na *Carta de Belgrado*, em que se preconiza a necessidade de uma nova ética global, que promova atitudes e comportamentos compatíveis com o lugar dos seres humanos dentro da biosfera.

Em Tbilisi (Geórgia), no ano de 1977, ocorre o *I Congresso Mundial de Educação Ambiental*, que gerou a *Declaração da Conferência Intergovernamental de Tbilisi sobre Educação Ambiental*, propondo princípios e recomendando associar valores e atitudes à Educação Ambiental.

Em 1983 é publicado o Relatório *Nosso Futuro Comum*, coordenado por Gro Brundtland, primeira ministra

da Noruega, proposto pela ONU. Em 1987 ocorre em Moscou o II Congresso Internacional de Educação Ambiental. Nele o conceito de “desenvolvimento sustentável” foi cunhado (CMMAD, 1991), pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU.

Um novo momento significativo ocorre com a ECO-92, no Rio de Janeiro (Brasil), gerando a *Agenda 21*, na qual mais uma vez a Educação Ambiental tem lugar de destaque aparecendo no capítulo 36. Foi requerido a todos os signatários da *Agenda 21*, que cada nação e estado ali representados elaborasse sua agenda 21. Durante o evento, paralelamente acontece uma grande discussão sobre a temática promovida pelas Organizações não Governamentais – ONGs, na qual foi elaborado o *Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global*. Outro importante documento que aí nasce resulta de um “Workshop” promovido pelo Ministério de Educação e do Desporto (MEC), na qual tem destaque o compromisso de estados e municípios no cumprimento da legislação para a Educação Ambiental.

O último documento da década de noventa, elaborado para Educação Ambiental, foi a *Declaração de Tessalônica*, na Grécia em 1997, conclamando mais uma vez para a necessidade de propor práticas educativas interdisciplinares, dentro da EA, fundamentadas em conceitos de ética e sustentabilidade, identidade cultural e diversidade. No Brasil, a I *Conferência Nacional de Educação Ambiental* realizada em Brasília no ano de 1997, produzindo a *Declaração de Brasília para a Educação Ambiental* (MMA, MEC, 1997).

Kasue Matsushima (1991), em artigo publicado pelo Ministério da Educação, destaca o dilema contemporâneo relacionado à educação ambiental, quando a busca de uma significação mais profunda parece representar uma voz coletiva e, no entanto, raramente se lhe concede a devida importância. Segundo essa autora, parece predominar ainda uma visão centrada na Biologia, carecendo a Educação Ambiental de uma abordagem que contestasse essa dissociação entre o ser humano e a natureza da qual

faz parte, reconhecendo, por trás dos atos fragmentários e unilaterais, uma cisão interna existente no ser humano, em nível de psique, entre o inconsciente e o consciente.

Nos dias atuais a Carta da Terra (Conselho da Terra, 1998) oferece uma posição altamente inovadora e aberta na consolidação de um processo que, certamente, pode contribuir para uma leitura de mundo identificada com uma perspectiva aqui denominada de eco-relacional e com uma atitude de solidariedade para com todos os seres, para com a Terra.

Avançamos embora pareça-nos que continua grave essa crise ambiental. Inequivocamente, estamos revivendo o fim de uma época tal como ocorreu na civilização grega, com a crise do paradigma antropocêntrico. O impacto da queda do muro socialista, a eclosão do neoliberalismo, como caminho capitalístico dominante no mundo, geram uma crise identitária. A própria velocidade da informação, os processos maquínicos do capitalismo, com a homogeneização das subjetividades, que passam a funcionar de maneira serializada (GUATTARI & ROLNIK, 1986), implicam numa revisão também dos processos de aprendizagem das coletividades, e proporciona uma discussão chave também que, necessariamente, se dá no debate acerca do chamado Desenvolvimento Sustentável – DS.

Educação Ambiental e Sustentabilidade Solidária

O mundo todo passa por sérios problemas ambientais dos mais variados matizes.

Cerca de 50 milhões de brasileiros não dispõem de água de boa qualidade em suas casas, e mais de 90% dos esgotos não recebem tratamento, indo direto aos rios. (DIAS, 1994b).

Constatamos que a crise ambiental é sintoma de uma crise mais profunda que envolve valores e perspectivas, percepções e moralidade, estilos de vida e padrões de consumo, projetos de desenvolvimento e pressões sociais. É aí que entra amplamente a Educação Ambiental.

Como vimos, a EA pode contribuir com as mudanças estruturais necessárias e prementes ao mundo de hoje. Envolve mudança de hábitos de consumo e de produção para estilos sustentáveis de vida, ética, padrão cultural e equidade compatíveis com a Sustentabilidade como Imperativo Moral.

Mas afinal o que é e para que serve o chamado “Desenvolvimento Sustentável”? Segundo o discurso oficial, o desenvolvimento sustentável se propõe a ser uma forma de desenvolvimento que busca compatibilizar objetivos distintos, de modo que nenhum deles seja prejudicado ou prejudicasse o objetivo do outro. Tal desenvolvimento deveria permanecer nos limites da capacidade de suporte do planeta, de modo a não comprometer a integridade dos sistemas que mantêm a vida na Terra no presente, nem para as gerações futuras. Entretanto, a crítica a esse conceito definido nessas bases se faz conveniente, pois este desenvolvimento é proposto a partir de um modelo civilizatório capitalista que prioriza o consumo e o lucro, centrando suas atenções no processo acumulador, gerador de pobreza e miséria, em escala mundial.

O conceito de desenvolvimento esteve, historicamente, associado à economia, a um economicismo que não fazia uma crítica ao modelo capitalista concentrador de riquezas por uma classe. Desconhecia essa idéia qualquer outra dimensão. O conceito de desenvolvimento sustentável é recente e ganhou força durante a *Conferência Eco-92*, tendo inspirado a proposta da *Agenda 21*, que traz no seu capítulo 36 as orientações para a “Educação para a Sustentabilidade.” Sorrentino (1998) afirma que esta proposta se insere em uma das quatro vertentes das práticas ambientais educacionais vigentes, no caso a “economia ecológica”, que se divide em duas: “educação para a sustentabilidade” – reunindo empresários, governantes e algumas ONGs; “sociedades sustentáveis” – aglutina os que sempre estiveram na oposição ao atual modelo de desenvolvimento e afirmam que a “educação para a sustentabilidade” é apenas uma roupa nova na manutenção do *status quo*.

Di Ciommo (1999) lembra que os problemas ambientais, que resultaram nos debates acima explicitados,

são sistêmicos, complexos e interligados na complexa rede de relações sociais e ecológicas, não sendo possível resolver a insustentabilidade com propostas exclusivamente econômicas. O enfrentamento dessa problemática deve resultar em uma estratégia educacional que leve em conta um conhecimento integrado, incluindo a dimensão relacional, como afirma Moraes (1998).

A noção de desenvolvimento deve ser multidimensional, “metadesenvolvimento.” “Des – envolvimento” pode ser lido como não envolver-se. Parece-nos necessário a expansão sem comprometer a continuidade, o futuro, do processo. Considerando o todo e as partes, o contexto e o complexo, a interdependência de extensão planetária e a eco-relação. Não a célebre afirmativa do “pensar global e agir local”, mas pensar e agir local, sem desconsiderar o global.

Ao associarmos Educação Ambiental e Sustentabilidade percebe-se que, no debate corrente sobre educação ambiental parece que se evidenciam tendências que privilegiam ações locais e outras que discutem modelos de desenvolvimento. Nestas tensões constitutivas, ligando Educação Ambiental a modelo de desenvolvimento, polarizam-se vertentes que se inserem no ambientalismo pragmático e as que consideram o ecologismo ético (CRESPO, 1998). Em meio a estas polarizações, percebe-se existir uma proposta global de “educação para o desenvolvimento sustentável”, tentando cooptar uma e outra destas tendências, ainda que existam contraposições mais salutares e consentâneas com o nosso pensar, como na idéia de “[...] educação ambiental para sociedades sustentáveis.” (SORRENTINO, 1998).

A necessidade impõe, algumas vezes, ações localizadas, pontuais e imediatistas, colocando desafios contundentes às práticas sociais. Entretanto, torna-se essencial considerarmos as estruturas político-ambientais que interligam o local e o global, alcançando uma amplitude que incorpore aquilo que chamamos de crítica da sustentabilidade numa diretriz que transcenda o economicismo e supere as propostas de responsabilização de indivíduos, que descaracterizam a responsabilidade das políticas capitalísticas globalizantes,

constituintes de culturas capitalísticas. Faz-se, pois, necessário construir uma cultura crítica da sustentabilidade.

Uma cultura crítica da sustentabilidade nos devolve à pergunta pela participação dos atores fundamentais dessa história. Na verdade nos remete à tarefa de buscar desvelar, no sentido freireano, o trajeto e a percepção popular sobre o assunto.

É no bojo de uma crítica da sustentabilidade e no anseio de trazer novos elementos e balizas para essa discussão que refletimos alguns pontos fundamentados em Gadotti (2000):

A insustentabilidade é determinada principalmente pelo rápido crescimento populacional, a persistência da pobreza generalizada, a expansão da indústria em todo o mundo, o uso de modalidades de cultivos novos e intensivos, a negação da democracia econômica e a violação dos direitos humanos. Atualmente 25% da população do mundo consomem 75% dos recursos naturais do planeta. Nenhum desses fatores pode ser tratado separadamente. (GADOTTI, 2000, p.87).

O conceito de desenvolvimento não é um conceito neutro. Ele tem um contexto bem preciso dentro de uma ideologia do progresso, que supõe uma concepção de história, de economia, de sociedade e do próprio ser humano. O conceito foi utilizado numa visão colonizadora, durante muitos anos, na qual os países do globo foram divididos entre “desenvolvidos”, “em desenvolvimento” e “subdesenvolvidos”, remetendo-se sempre a um padrão de industrialização e de consumo. Ele supõe que todas as sociedades devam orientar-se por uma única via de acesso ao bem-estar e à felicidade, a serem alcançadas apenas pela acumulação de bens materiais. (GADOTTI, 2000 p. 60).

Parece claro que entre sustentabilidade e capitalismo existe uma incompatibilidade de princípios. Essa é uma contradição de base que está inclusive no centro de todos os debates da Carta da Terra e que pode inviabilizá-la. Tenta-se conciliar dois

termos inconciliáveis. Não são inconciliáveis metafisicamente. São inconciliáveis no atual contexto da globalização capitalista. O conceito de desenvolvimento sustentável é impensável e inaplicável neste contexto. O fracasso da *Agenda 21* o demonstra. (GADOTTI, 2000 p. 60).

Como pode existir um crescimento com equidade, um crescimento sustentável numa economia regida pelo lucro, pela acumulação ilimitada, pela exploração do trabalho e não pelas necessidades das pessoas? [...] Ele só tem sentido numa economia solidária, numa economia regida pela compaixão e não pelo lucro. [...]. Solidariedade é a utopia contemporânea... (GADOTTI, 2000, p. 61).

O tema da sustentabilidade originou-se na economia (desenvolvimento sustentável) e na ecologia, para inserir-se definitivamente no campo da educação. [...]. O que seria uma cultura da sustentabilidade? [...] O conceito de sustentabilidade foi ampliado. Ele permeia todas as instâncias da vida e da sociedade. Para além da sustentabilidade econômica, podemos falar de uma sustentabilidade ambiental, social, política... (GADOTTI, 2000, p.35).

Ao pensar em uma crítica da sustentabilidade temos que considerar alguns princípios, dentre os quais, destacamos: a satisfação das necessidades fundamentais; a solidariedade, inclusive com as gerações futuras; a participação popular; o cuidado com os bens naturais; um sistema social solidário que garanta qualidade de vida (saúde, educação, moradia, emprego, segurança, respeito à alteridade etc.).

Ressalte-se que propomos uma Educação Ambiental dentro de uma perspectiva mais incluyente, dentro de uma eco-práxis que considere a sustentabilidade solidária. Entendemos que é preciso romper com o conceito de “desenvolvimento”, mesmo reconhecendo que ele pode ser revisto dentro de outras vertentes, pois DS contém uma roupagem histórica que lhe reveste e da qual não é possível se descolar tão

facilmente.

De outro modo, damos atenção ao conceito de sustentabilidade, desacoplado de um desenvolvimento que não questiona o modelo capitalista, enfoca-se a prioridade no componente “relacional” que se faz solidário em uma reorientação do termo, observando a relevância do construir parceiro de saberes, valorizando devidamente o saber popular, sem descuidar dos aspectos sócio-históricos e políticos envolvidos e que devem ser considerados por essa outra educação ambiental.

Essa Educação Ambiental considera as dimensões político-ambiental, ético-psíquica, ecológico-natural-cultural como eixos de discussão, tendo como fator significativo a necessidade de não reconhecer o eixo econômico como excludente de outras dimensões. Assim é que se faz importante definir como demarcador a construção das *Agendas 21* locais, dos bairros, familiares, pessoais. Pensamos que muito há que se percorrer para torná-la exequível. E isto se dará quando assentirmos que as novas orientações precisam de prática social propícia para florescer, terreno fértil no qual devam ser semeadas para florescer e frutificar.

A Educação Ambiental hegemônica, que se insere de modo globalizado, apresenta esta tendência embutida no tecnicismo, na participação das populações em ações pontuais, nos planejamentos e decisões governamentais centralizadas que não afrontam o modelo capitalista de modo conseqüente (embora haja contradições em seu seio, é certo). A resolução pontual dos problemas, a responsabilidade posta como essencialmente individual e não sócio-política da solução das questões ambientais redonda em equívocos desastrosos.

Como nos desvela Guimarães, conceitos e categorias propostas pelo ambientalismo, por uma corrente de educação mais emancipatória, foram apropriados pelo discurso dominante, emperrando um processo libertador que ganhava força. Isto resultou em uma “[...]pedagogia da ação pela ação, sem passar por uma reflexão crítica e criativa, mascarando uma práxis.” (2000).

Como exemplo, este autor cita os comentários de Isabel Carvalho sobre as recomendações de Tbilisi, mostrando que neste discurso oficial, o indivíduo é responsabilizado pelo futuro do planeta, em uma inculcação ideológica, que esconde as imposições políticas dominantes; a cooptação alienante de grupos sociais; o ocultamento das tensões e conflitos de interesses que existem na vida real; o direcionamento capitalista na tentativa de solução dos problemas; um esforço de atrelamento à modernidade, com sua lógica conservadora na qual predomina a ‘razão instrumental’; a fragmentação como estratégia de leitura de mundo e resolução dos problemas sem questionamento da concentração de riquezas; o mecanicismo e o antropocentrismo como eixos estruturais de uma visão do universo.

Por estes motivos, e outros mais, a proposta educativa baseada em Tbilisi se constitui numa postura reprodutora do “status quo”, utilizando-se de uma “educação bancária”, de estratégias de solução de problemas aplicados de forma pré-definida, não contextualizada, pré-planejada e tecnicista, não dialógica, não problematizadora. Criticando esse enfoque, Guimarães (2000) assevera-nos:

Conclui-se que o embate revelado mais amplamente no campo educacional apresenta-se refletido nas discussões dos objetivos pretendidos para uma Educação Ambiental. (p. 64).

Para se concretizar uma Educação Ambiental que se pretenda crítica desse modelo de sociedade e participativa na construção de um mundo justo e ambientalmente equilibrado (incluindo a dimensão social) e, ainda, uma educação para a formação da cidadania, essa proposta deverá resgatar e atrelar aos seus princípios a concepção de Educação Popular. (p. 68).

²² SAUVÉ, L. Environmental education and sustainable development: a further appraisal. In *Canadian Journal of Environmental Education*, v. 1, n. 1, 7-34, 1996a. (In: Sato, 1997).

²³ ROBOTOM, I. & HART, P. *Research in Environmental Education*. Victoria: Deakin University, 1993. (In: Sato, 1997).

Portanto, uma educação que se pretenda crítica está atrelada aos interesses das classes populares, dos 'oprimidos. (p. 71).

Pensar em uma Educação Ambiental crítica leva-nos a uma apropriação da fala de Guimarães (2000) que distingue propostas educativas adjetivadas de ambientais, desvelando sua lógica e assim permitindo decidir qual delas nos convém. Salientamos que escolher uma concepção de educação é uma decisão eminentemente política, pois ela referenciará uma práxis educativa. Em nosso caso particular, optamos por uma Educação Ambiental na perspectiva dos "oprimidos." O que significa uma escolha política, numa perspectiva freireana de opção pelas classes populares.

Leitura de Mundo e Educações Ambientais

É a "leitura do mundo" exatamente a que vai possibilitando a decifração cada vez mais crítica da ou das "situações limites", mais além das quais se acha o "inédito viável." (FREIRE, 1994, p. 106).

Carece-se mais que nunca de uma pedagogia fundada sobre os alicerces da esperança; uma educação consubstanciada por um modelo de mundo (paradigma) que reconheça a necessidade emergencial de lidar com as relações de um modo transpessoal, de uma maneira eco-relacional; uma didática inter-relacional que identifique a co-evolução, os princípios eco-relacionais (FIGUEIREDO, 2003) em toda a sua amplitude.

A influência de diferentes concepções acerca do ambiente repercute em diferentes abordagens pedagógicas e estratégias sugeridas pelos diferentes autores ou educadores, sendo essas representações sociais do ambiente o determinante dessas diferentes concepções. Ilustrando, Sato (1997) afirma que o estudo da teoria e da prática em Educação Ambiental, do ponto de vista fenomenológico, citando Sauv  (1996a²²), identifica seis concepções paradigmáticas sobre o ambiente. Citemo-las:

“o ambiente como natureza”, para ser admirado e respeitado; “o ambiente como um recurso”, para ser gerenciado; “o ambiente como um problema”, para ser resolvido; “o ambiente como um lugar para se viver”, para se conhecer e cuidar; “o ambiente como a biosfera”, onde se vive junto; “o ambiente como um projeto comunitário”, onde somos envolvidos. Sato continua, informando que Robottom & Hart²³ analisando paradigmas em EA, consideram que eles estão relacionados com o positivismo vinculando a ações pedagógicas com predomínio do conhecimento **sobre** o ambiente, numa perspectiva cognitivista), o construtivismo associado a atividades **no** ambiente (ênfatizando a dimensão afetiva) e a teoria crítica ligada a ações **para** o ambiente (com destaque para a esfera participativa).

Essas perspectivas paradigmáticas potencializam e regulam as relações sociais, atividades cotidianas, ações pedagógicas, como podemos deduzir do trabalho efetuado por Reigota (1995) ao constatar que a representação social que os professores, envolvidos com sua pesquisa, possuíam estava associada à sua prática pedagógica. Tendo uma postura centrada na transmissão de conteúdos, vendo no meio ambiente um depósito de recursos, situavam-se as representações de meio ambiente de modo “antropocêntrico”; os de “representação globalizante”, alternavam entre transmissão de conteúdos e atividades inovadoras numa leitura mais ampla não circunscrita ao imediato, nem ao natural do ambiente; os que possuíam uma “representação naturalística” expressavam uma prática que identificava meio ambiente com natureza, restrita ao conhecimento da fauna, flora e meio físico. Reigota verificou, nestas investigações, que refletir sobre as representações sociais possibilitava influir sobre a práxis.

Portanto, lembramos que essa relação do humano com seu meio ambiente está na dependência de seu ambiente interno que desencadeia sua visão de mundo. Essas leituras de mundo repercutem em educação-pedagogia compatível com essas matrizes. Isto implica na relação com áreas específicas do conhecimento.

Em seguida apresentaremos algumas argumentações

formuladas por Reigota (1999a) em torno da relação entre representação social, leituras de mundo e educação ambiental, confirmando nossa afirmativa da possibilidade de uma releitura de mundo por meio do diálogo em torno da comunicação oral, das entrevistas, dos relatos orais, como esfera de reflexão e apreensão das representações sociais presentes no grupo de interesse.

A idéia central e básica é uma adequação à educação ambiental da proposta freireana de “leitura do mundo.” [...]. Paulo Freire, em diversos dos seus trabalhos e indiretamente em trabalhos escritos pelos seus seguidores, enfatizava que cada pessoa tem a sua leitura do mundo, dando assim validade às leituras populares, simples, sem por isso desconsiderar as leituras mais elaboradas e sofisticadas.[...] nesse contexto das diferentes “leituras do mundo”, todas válidas e também questionáveis, o processo dialógico é aquele que poderá contribuir para que elas se ampliem.[...] na dialogicidade entre pessoas com distintas leituras e interpretações sobre a problemática ambiental, precisamos considerar as possibilidades de mudanças qualitativas no sentido que as “leituras de mundo” podem ser discutidas, recriadas, refeitas, desconstruídas etc.[...] não se busca eliminar ou desconsiderar as leituras anteriores ao processo pedagógico, mas sim partir delas. Nesse ponto de partida encontram-se muitas pessoas com diferentes leituras inclusive os professores. Dessa forma, todos os atores sociais (professores e alunos) envolvidos no processo correm o saudável risco de ter as suas leituras de mundo alteradas e possivelmente ampliadas. (REIGOTA, 1999a, p.119 e 122).

Podemos tornar paradigmática nossa pesquisa com essa relação entre “leitura de mundo”, representações sociais e perspectiva eco-relacional dialógica. Reigota (1999a) tratou das Representações Sociais que se apresentam na linguagem visual. Nós partimos da idéia que a linguagem falada possui seu potencial revelador, podendo ser codifi-

cada em situações problemas. Na dialógica esse processo educativo se constitui, influenciando e sendo influenciado pela interação.

É sobre essa comunicação oral, presencial, realizada face a face que esse trabalho se consolida, apresentando-se como modelo de associação entre o desvelar das representações sociais presentes na fala e a Educação Ambiental Dialógica. É um descentrar-se na busca da perspectiva popular, no compreender sua lógica – sua trajetória de sentido e suas aspirações – seu percurso desejante. E esse modelo pode ser tomado, em certa medida, como estratégia de ação na perspectiva do “oprimido”, fornecendo subsídios para planejamento e gestão ambiental.

Para termos uma educação verdadeiramente ambiental, numa leitura popular, precisamos superar pedagogias de bases conservadoras tal como a pedagogia tradicional, ou mesmo uma Pedagogia da Escola Nova (Dewey; MONTESSORI etc.), ou ainda a Tecnicista (GADOTTI, 1995). Certamente o aspecto da relação com o conhecimento e o interacional situados em uma perspectiva sócio-cultural terá em Freire matriz fundamental. Convém, pois, transpormos uma abordagem comportamentalista (Skinner) e mesmo cognitivista (Piaget) na direção de uma abordagem crítica que inclua contribuições libertadoras, numa perspectiva social, cultural e histórica (GADOTTI, 1995).

Em nosso pensar-agir precisamos alargar ainda mais o entendimento das múltiplas dimensões interagindo, inseridas no contexto sócio-histórico-cultural, com criticidade e postura política, e resultando em uma perspectiva eco-relacional associada essencialmente à proposta de Paulo Freire para a Educação Dialógica.

A crise ecológico-ambiental manifestada pela degradação sócio-ambiental, como se vê, indica a conveniência de transcender o antropocentrismo e do neoliberalismo, no qual natureza, cultura, política, sociologia, economia, religião, ética, girariam ao redor de uma lógica do mercado capitalístico. É preciso que, embasados nas questões ambientais, transponham-se as barreiras da inação,

pensando-se constructos mais críticos, ancoradouros de ações concretas enfrentadoras desta conformação do capital mundial.

Tendo esse objetivo, precisamos contribuir para a construção desse dever, inscrito em uma nova racionalidade, em uma nova perspectiva paradigmática. Esse trabalho leva a pensar que uma educação apropriada a esse propósito será indispensável. Uma educação ambiental dialógica, portanto popular, embasada em uma perspectiva eco-relacional, que pode oferecer matrizes que se encaminhem para a construção de ações que se situem do ponto de vista do oprimido, na acepção freireana.

No retomar da questão acerca das educações ambientais, segundo Sato (1997) temos duas matrizes principais norteando as escolhas metodológicas: a natural (que destaca o meio biofísico, a ecologia; vendo a natureza danificada e propondo ênfase na gestão dos recursos naturais) e a cultural (que enfatiza o meio social, e a educação é sua principal esfera; carrega um tanto de alienação para com a natureza e prioriza o desenvolvimento social). Certamente consideramos como imprescindível buscar o diálogo entre estas duas vertentes, enfatizando o ponto de vista sócio-político. As matrizes produzem formas de leitura que redundam em formas de Educação Ambiental. Muitas destas leituras são feitas considerando os princípios de Tbilisi.

Na Conferência de Tbilisi, a Educação Ambiental foi definida como uma dimensão dada ao conteúdo e à prática da educação, orientada para a resolução dos problemas concretos do meio ambiente através de enfoques interdisciplinares e de uma participação ativa e responsável de cada indivíduo. Se, como vimos, existem problemas quanto aos princípios e pretensões desenvolvimentistas, podemos, por outro lado, nos apropriarmos de alguns princípios importantes tais como a Interdisciplinaridade e a Visão Sistêmica. Já a resolução de problemas seria repensada, agora, em um contexto político de participação popular.

A Interdisciplinaridade é aqui considerada como uma tentativa de integração entre componentes distintos

de várias disciplinas, o que na pesquisa – intervenção educativa conduz a novos conhecimentos que não seriam possíveis se não fosse esta integração. Certamente interdisciplinaridade é muito mais do que isso. Confirma-se a conveniência da interdisciplinaridade por permitir a cooperação dando acessibilidade a um conjunto de conceitos diferentes em muitas disciplinas, permitindo o uso de instrumentos teóricos e metodológicos de diferentes áreas, viabilizando interfaces e potencializando múltiplas leituras (NISSANI, 1995).

Uma idealista da interdisciplinaridade, Ivani Fazenda (1989), destaca que a categoria mestra quando se trata de interdisciplinaridade é parceria. Compartilhar é o mote. Humildade, perplexidade, desafio, envolvimento e contemplação, são as atitudes básicas. Para ela a interdisciplinaridade seria uma espécie de ponte superando as fronteiras disciplinares. No seu entender o senso comum poderia ser a origem de uma nova racionalidade.

A práxis interdisciplinar proporciona que se enxergue para além de sua disciplina, “para o outro lado do muro” e para ambos os lados simultaneamente. A Interdisciplinaridade permite a práxis da valorização do outro enquanto legítimo outro.

A leitura ecossistêmica, por sua vez, oportuniza-nos entrever a totalidade interagindo com seus componentes, dentro de um conceito mais acessível, embora não aplicável linearmente às leituras sociológicas, psicológicas ou pedagógicas. Em nosso entendimento a Perspectiva Eco-Relacional atende de maneira satisfatória expandindo essa visão para o contexto sócio-histórico-político-ambiental.

A participação política proporciona espaço que pode ser utilizado na construção de uma verdadeira cidadania e da edificação plena da democracia participativa. Implica na necessária postura dialógica e solidária, trazendo como uma conseqüência desejável a resolução de problemas ambientais, que por sua natureza são integrados e inseridos em múltiplos sistemas simultaneamente.

Educação Ambiental Crítica

Ao observar os eventos (EPEA, GE/GT de Educação Ambiental na ANPEd) que principiam a discutir pesquisa em Educação Ambiental, percebe-se que há um avanço que se materializa na tentativa de superação de matrizes educacionais mais pragmáticas, centradas na conservação ecológica, ao incorporar as dimensões culturais, sócio-políticas. Isto tudo nos leva a vislumbrar propostas alternativas.

Partimos do pressuposto de que precisamos de uma educação ambiental crítica, política, popular, consequentemente dialógica. Essa EA crítica dialógica é, essencialmente, uma educação que capacita os seres humanos para a compreensão e resolução de questões ambientais, a partir de um embasamento estruturado pela Perspectiva Eco-Relacional, centrada em uma ecopráxis, pretendendo a sustentabilidade em bases que consideram o movimento popular como sujeito central das ações. Dessa maneira, com esse entendimento axiológico, vamos apresentar alguns aspectos metodológicos ligados à educação ambiental crítica.

Assim, quando tratamos de metodologia do ensino em EA, somos levados a elaborar sérias reflexões-ações ao redor de pontos essenciais. Grün (1996) enfatiza que é impossível pensarmos em Educação Ambiental numa perspectiva cartesiana, defendendo que Educação Ambiental é uma tematização sobre valores, incompatível com uma ética antropocêntrica (mecânica e não orgânica). Formula uma crítica ao cartesianismo (no desacoplamento do humano em sua relação com o meio); ao holismo (considerando que aí apenas ocorre uma inversão do cartesianismo indo-se para o pólo oposto de valoração apenas do todo, em detrimento das partes – isto sem falar do aspecto ‘ahistórico’ dado ao pensamento autônomo, idealista); ao arcaísmo (que desconsidera os avanços civilizatórios, numa postura biocêntrica, também sem uma historicidade crítica) e ao sobrevivencialismo (configurando apenas uma proposta pragmática, apolítica como as anteriores). Conclui ressaltando a necessária busca da dimensão ética e

de um horizonte histórico para a EA. Concordamos com o Mauro Grün, por isso mesmo nos propusemos em avançar com as contribuições holísticas na vertente da Perspectiva Eco-Relacional.

Desse modo, embora existam inúmeras formas de se fazer educação ambiental precisamos efetuar uma escolha. Existem EAs e todas elas poderiam estar sendo classificadas, em nosso entendimento, com base em duas grandes esferas: EA Críticas e EA Não-Críticas. Aqui nos definimos – sob a Perspectiva Eco-Relacional, visando à sustentabilidade solidária, a opção por um respeito ao saber popular, pretendendo a construção de uma ecopráxis parceira; a vivência de uma lógica multidimensional – por uma EA Crítica Dialógica, herdeira e companheira de Paulo Freire, incorporando uma pedagogia libertária, da autonomia, problematizadora, que se faz na superação de situações-limites, na direção do inédito viável.

Encontramos reforço na Declaração de Brasília para a Educação Ambiental, fruto da *I Conferência Nacional de Educação Ambiental* (1997). Nela, verificamos algumas problemáticas apontadas, das quais se destacavam: o conflito de percepções do que seja desenvolvimento sustentável; a falta de articulação entre diversos setores da sociedade; a necessidade de incentivo a práticas de educação ambiental que privilegiassem uma contextualização sócio-econômica e cultural da realidade; a necessidade de superação do modelo de educação baseadas no paradigma positivista e na pedagogia tecnicista em direção a uma perspectiva crítica.

Verificamos, em tudo o que já foi tratado anteriormente, a relevância de nossa escolha por uma Educação Ambiental crítica, conseqüentemente por uma metodologia de Educação Ambiental compatível com essa opção. Destaca-se mais ainda uma opção específica por uma proposta de uma Educação Ambiental Popular eminentemente de matriz freireana.

Para termos uma educação que consideramos verdadeiramente ambiental e crítica, superadora de pedagogias de base conservadora, liberal ou mesmo tecnicista, precisamos avançar na direção de uma abordagem dialógica, situada em

uma perspectiva sócio-cultural orientada por Paulo Freire.

Guimarães (2000) propõe que um passo fundamental, agindo-pensando em uma EA Crítica, seja o planejamento participativo, propondo uma educação ambiental popular comprometida com a transformação sócio-ambiental. Os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento seriam pontos de partida para a produção de novos conhecimentos. Não se detendo apenas ao conteúdo, mas relacionando-os à realidade concreta. O conhecimento seria instrumento para uma práxis criativa.

Moraes (1998) contesta propostas que proponham a resolução de problemas ambientais pautadas em posturas fragmentárias. Ele indica a conveniência de considerarmos a dimensão relacional nesses processos constituindo um conhecimento integrado. Layrargues (1999, 2000, 2002) fala disso. Em um de seus textos ele ressalta que a estratégia de resolução de problemas ambientais como metodologia da educação ambiental permite dois tipos de abordagens:

Elas podem ser consideradas tanto como tema-gerador de onde se irradia uma concepção pedagógica comprometida com a compreensão e transformação da realidade; ou como uma atividade-fim que visa unicamente à resolução pontual daquele problema ambiental abordado." (LAYRARGUES, 1999, p. 135).

Diante desses fatos, da compreensão das implicações ideológicas das escolhas, compreende-se que, sem considerar essa Perspectiva Eco-Relacional, o ser humano jamais poderá sentir, pensar e atuar adequadamente diante das questões ambientais.

Educação Ambiental Dialógica: A Mediação da Linguagem

[...] ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressentida, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo. (FREIRE, 1992, p. 77).

No processo de delimitação dos contornos de uma educação ambiental crítica e dialógica de matriz freireana podemos dizer que, ao realizarmos o diálogo entre Educação Popular e Educação Ambiental, precisamos presentificar, corporificar, nessa práxis pedagógica componentes como a solidariedade, a equidade, a participação crítica, a transação, a práxis política. E nesse contexto dizer a palavra autêntica é contribuir com a transformação do mundo. Para nós isso implica na opção e definição de uma educação ambiental que denominamos de Educação Ambiental Dialógica – EAD.

Na corporificação dessa EAD buscamos uma superação dos padrões ínsitos na razão instrumental, dissociados de uma dimensão afetiva e de uma Perspectiva Eco-Relacional. Isso inclui como essencial a afetividade. Como afirma Guimarães:

[...] apenas utilizarmos a razão para superarmos a separação histórica, extremamente enraizada, entre [ser humano]-sociedade-natureza não seria estarmos restritos a uma racionalidade que imprimiu a visão de mundo da modernidade? Não seria mantermo-nos numa dicotomia interna entre a razão e a emoção, negando-nos como seres integrais na relação com o mundo? Tais reflexões precisam fundamentar as práticas da Educação Ambiental. [...] Torna-se fundamental que os educadores ambientais trabalhem, em suas ações educativas, a perspectiva da sensibilização através da reaproximação com o natural, do emocionar-se com a natureza, do sentimento de pertencimento à vida planetária[...] (2000, p. 72).

Ensinar-educar dialogicamente exige o saber escutar, pois é escutando que aprendemos a falar com..., numa posição dialógica, que considera o outro também como sujeito de saber. Especialmente, exige disponibilidade para o diálogo no respeito à diferença e na coerência entre o que se diz e se faz. Ensinar dialogando, exige querer bem aos educandos, em uma afetividade que não se acha excluída da cognoscibilidade. Que considera a sensibilidade, a

abertura ao bem querer como elementos próprios da alegria necessária ao que-fazer docente.

O “Que-Fazer” Dialógico Relacional – Sua Aplicabilidade

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. (FREIRE, 1992b).

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que [...], assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 1996, p. 24 e 25).

A Educação Ambiental Dialógica, mais que qualquer outra forma de educação, impõe uma associação entre a intervenção e a pesquisa. Como constatamos anteriormente, devemos estabelecer reflexões na busca de elementos teórico-práticos tanto presente quanto os transferíveis para outras situações, respeitando as idiossincrasias e as singularidades das situações. Incorpora os dados, discutindo com eles com base nos referenciais teóricos, instalando a validação teórico-metodológica.

A ecopráxis dialógica inicia-se com o Diálogo, elemento indispensável e mobilizador de todo o processo educativo. Em seguida, objetiva-se a expectativa de cada participante do processo que visa a constituir uma teia representacional – nela, situações-problemas locais são codificadas por meio de múltiplas linguagens, tais como as músicas, imagens e/ou depoimentos, enfocando tensões do cotidiano. Observe-se que na definição da proposta programática – temas geradores locais devem ser constituídos de modo parceiro. A continuidade desse processo de EAD ocorre com o diálogo mediado por categorias fundamentais e conceitos retirados de problemáticas concretas da vida (situações-limite) do lugar.

A categoria de “saber”, no contexto da EAD, é vista como produto da relação entre formas diversas de capaci-

dades intelectivas, manifestas por indivíduos interatuantes no processo educativo. A categoria do cotidiano possibilita a apreensão do vivido, intitulada por Paulo Freire como *Saber de Experiência Feito*, devendo ser considerada como base essencial ao processo educativo.

Destacamos, com o intuito de melhor esclarecer, as formulações propostas pelo Relatório Delors da UNESCO discutidas por Romão (2002), tratando da Pedagogia Dialógica, que se apropria das afirmações do: aprender a conhecer (conceitual), aprender a ser (ético), aprender a conviver (alteridade) e aprender a fazer (atitudinal). E com elas insiste em ressaltar que para Paulo Freire o verbo *aprender* tinha mais sentido do que o saber (substantivo). Que o “aprender a conhecer”, em Freire, é mais do que “aprender o conhecido”, que o “aprender a fazer” é mais do que “aprender como se faz”, que o “aprender a conviver” não pode ser reduzido a um entendimento das relações formais de boa vizinhança.

[...] o conviver é a própria essência da obra de Paulo, já que ela tem como centralidade o diálogo. Ora, ele não é possível sem a existência, no mínimo, de dois seres dialogantes e implica a convivência de ambos (Paulo Freire, p. 117).

Entretanto, precisamos salientar que é pela práxis que o ser humano se constrói, construindo o mundo. Isto ocorre nas relações com os outros, com a sociedade, com a natureza. Isso está implicado na complexidade do real, ainda mais na perspectiva ambiental. Está associado à maneira como os seres humanos interagem dialogicamente.

Para que o diálogo seja o selo do ato de um verdadeiro conhecimento é preciso que os sujeitos cognoscentes tentem apreender a realidade[...] no sentido de descobrir a razão de ser da mesma – o que faz ser como está sendo. Assim, conhecer não é relembrar algo previamente conhecido e agora esquecido, Nem a “doxa” pode ser superada pelo “logos” fora da prática consciente dos seres humanos sobre a realidade. (FREIRE, 1979, p. 55).

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes

indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 1996, p. 25).

A Teoria das Representações Sociais e Tema Gerador

[...] a representação social é um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes de sua imaginação. [...] Em poucas palavras, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos. (MOSCOVICI, 1978, p. 26-28).

O campo das Representações Sociais emerge através de Moscovici em 1961, quando da publicação de sua tese sobre as Representações Sociais da Psicanálise. Nela, resgata o conceito originário da “representação coletiva” de Durkheim, inserindo-o numa estrutura teórico-metodológica e mesmo conceitual diferenciada, na interface entre a psicologia e a sociologia do conhecimento, proporcionando possibilidades de verificação das representações que os atores/autores sociais possuem. Contribui na ruptura com a psicologia social behaviorista, redefinindo a psicologia social como ciência que estuda o indivíduo dentro da rede social na qual se encontra inserido.

Representações Sociais são, na conceituação indicada por Moscovici,

[...] um modo de conhecimento particular presente no senso comum, constituído de imagem (figura) e linguagem (significação), que orienta para a ação e proporciona diretriz para a comunicação entre indivíduos e o pensamento socialmente elaborado. (MOSCOVICI, 1978).

A Teoria viabiliza a identificação dos processos de absorvência dos conceitos no cotidiano, dos atores/autores sociais. Viabiliza também a conexão entre diversas disciplinas. Constitui-se, basicamente, através de duas etapas processuais: a “Ancoragem” que fornece um contexto inteligível ao objeto, classificando-o, dando nome a ele; e a “Objetivação”, que duplica um sentido por uma figura, materializando o abstrato numa imagem.

No Brasil, a teoria chegou também através de ecologistas como Ângela M. S. Arruda, autora do primeiro texto publicado em português sobre representações sociais, em 1983, com o título “*O Estudo das Representações Sociais: uma Contribuição à Psicologia Social no Nordeste*”. Por sua vez, tratando do tema ecologia, concluiu trabalho em 1981 na França, publicado em 1993 no Brasil, com o título “*Ecologia e Desenvolvimento: Representações de Especialistas em Formação*”; Marcos Reigota foi o primeiro, no Brasil, a publicar na interface “*Meio Ambiente e Representação Social*”, em 1995, oferecendo contribuições da TRS à Educação Ambiental, a partir de sua tese de doutoramento.

As representações sociais poderiam se conceituar como um campo científico delineado com “núcleos estruturantes”, lugar de proteção e legitimidade de identidades sociais produtoras de saber. Possuem uma função afetiva, além da intelectual, permitindo uma familiarização com o mundo, inclusive o científico e cultural. Segundo Spink (1993), as RS seriam um eixo do conhecimento prático. Manifestam os atributos de um grupo. Servem para explicar, justificar e questionar a realidade, podendo mesmo serem utilizadas para contribuir com sua transformação. As representações sociais podem ser consideradas uma categoria de pensamento, ação e sentimento. Elas podem também apresentar um caráter de conformismo em meio a aspectos dinâmicos e geradores de mudanças.

As representações, identificadas junto à população, mostram-se representações sociais a partir do instante em que possuem um mínimo de consenso, ou seja, mostram-se compartilhadas por um grupo de pessoas. São elas que possibilitam nosso acesso ao senso comum. Permitem uma

avaliação do sistema de significação grupal ao adentrar seu mundo simbólico. Demonstrem ser uma forma de conhecimento construído na rede de interações sociais, concorrendo para a construção da realidade dessa teia social.

As representações sociais resultam de uma consciência compartilhada, por meio de uma produção espontânea em um contexto social que envolve diversidade e semelhança. Elas estruturam a comunicação, ao orientar a linguagem. Têm como funções de base a função cognitiva de integrar a novidade; a interpretativa, que interpreta os eventos e a orientadora, que orienta ações e comunicações.

Podemos verificar as RS enquanto Processo, na formação das RS no grupo, como elemento constituinte e gerador de mudanças (Moscovici priorizou esse aspecto); e Produto, determinado, constituído. Enquanto *processo*, as RS são constituídas pela Ancoragem, com sua peculiaridade para enraizar e classificar, domesticar o estranho, a novidade, mediante pressão do grupo (consciência compartilhada). Enquanto que a Objetivação conecta essa percepção ancorada a um conceito já estabelecido, reconhece-o e familiariza-se com ele, significando uma nova organização cognitiva.

Representações Sociais é prática e simbólica, retratando a realidade da vida cotidiana, funcionando no sentido de interpretar, comunicar e impulsionar um agir sobre a realidade. Expressa como o senso comum, assimila o estranho, e ao percebê-lo procura igualar figura e signo; representa, associando significação e significado. RS torna-se essencial para a passagem da percepção à conceituação e vice-versa.

Quanto ao sistema de comunicação, que viabiliza sua conformação social, se manifesta dos seguintes modos: Difusão que estimula a estabelecer opiniões (forma socialmente valorizada a que o indivíduo adere); Propagação que pode resultar em atitudes e Propaganda podendo gerar estereótipos.

As RS modelam condutas, ações. Quanto à com-

preensão das distinções intergrupais, distinguem-se 3 dimensões do conteúdo: Informação; enquanto montante do conhecimento sobre o objeto social; Campo de representação, caracterizando-se por tendências de respostas com base na imagem constituída (ex.: ideologia) e Atitude, que é a expressão resultante desse contexto.

Rangel (1993), tratando das Representações Sociais como agente que contribui para a educação, afirma que

A representação social, como perspectiva de estudo, tem se destacado, atualmente, nas atenções dos educadores, pelas contribuições que traz ao entendimento da formação e consolidação de conceitos, socialmente veiculados e mantidos. (Moscovici, 1978 e 1981).

Ele reconhece nas representações sociais um importante fator nas relações ser humano e mundo. Continuando, recorda que elas refletem o pensamento e o sentimento (e no sentimento a atitude) que se constroem e se expressam, coletiva e socialmente.

As dimensões da representação social são a atitude, a informação e o campo de representação. A atitude expressa o sentimento, o julgamento de valor (positivo, negativo ou neutro) do sujeito em relação ao objeto da representação. A informação é o dado conhecido e o campo de representação é a imagem formada sobre o objeto de representação. (RANGEL, 1993).

Referindo-se aos meios de verificação das representações, Mazzotti (1997), ao tratar do problema ambiental por meio das representações sociais, clarifica bem como através da análise de conteúdo (BARDIN, 1977) podemos identificar as representações como um campo estruturado e, através da frequência dos temas e da importância e sentido a eles atribuídos pelos respondentes, buscamos compreender os elementos constitutivos da representação.

Teoricamente, as discussões com Moscovici enriquecidas pela perspectiva eco-relacional (FIGUEIREDO, 2001a, 2001b, 2001d) possibilitam a nossa mobilização

na compreensão dos elos entre as seguintes categorias psicossociológicas: representações sociais, afetividade, consciência, concepções, percepções e atitudes Lane & Codo (1989); Lane & Sawaia (1995); Leontiev (1978); Luria (1986); Vygotsky et al. (1989).

Essas categorias têm sido estudadas amplamente pela psicologia social. Lane (1989) discutindo a relação entre linguagem, pensamento e representações sociais ressalta que o humano se transforma ao falar, ao mesmo tempo em que transforma o que lhe ouve. Compreende que a linguagem reproduz “visões de mundo”, enquanto produto de relações que se desenvolvem a partir do trabalho produtivo. Considera existir na palavra um microcosmo da consciência humana. Sendo assim, a palavra é um veículo de poder e domínio. Somente pode ser dominada no confronto com seus diversos significados possíveis – que, segundo Lane, é um princípio defendido por Paulo Freire como condição para o pensar crítico, motor de ação transformadora. Silvia Lane define então Representações Sociais como uma rede de relações que estabelece, desde sua situação social entre significados e situações, o que interessa à sobrevivência do grupo.

Compreendendo que as representações sociais implicam e são implicadas na constituição do humano que se dá na práxis, retomamos a discussão formulada por Lane sobre a constituição psicossocial do psiquismo humano. Em seguida, na tentativa de melhor entender essas categorias, vamos navegar um pouco ao derredor delas, com a ajuda de, além da Silvia Lane, Vygotsky, Luria e Leontiev.

Lane (1995) ao caracterizar as categorias fundamentais do psiquismo humano, na esteira de Vygotsky, Luria e Leontiev, elege a atividade, a consciência e a personalidade, mediadas pela linguagem e pelo pensamento nas relações com os outros. Ela inclui a afetividade nessa estrutura, propondo-a também como mediadora na constituição do psiquismo humano.

Emoção, linguagem e pensamento são mediações que levam à ação, portanto somos as atividades

que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos a afetividade que ama e odeia este mundo, e com esta bagagem nos identificamos e somos identificados por aqueles que nos cercam. (LANE, 1995, p. 62).

“Atividades” seriam comportamentos ou ações socialmente desenvolvidas. “Consciência” se caracteriza pela representação do mundo e das ações e operações que realiza-analisa no contexto social, detectando conteúdos, ideologias e contradições, elaboradas através da linguagem e do pensamento. Já a “personalidade”,

[...] se constitui nas relações com os outros, levando a permanência de certas características que identificam a pessoa, ao longo de sua história. (LANE, 1995, p. 75).

Detalhando estes aspectos, Lane ressalta que Vygotsky considerava estreita a relação entre a linguagem e o pensamento, porém com movimentos opostos: o pensamento caminharia na direção do particular, enquanto a linguagem partiria do particular para o todo.

Leontiev (1978), estudando estes processos de constituição do psiquismo, informa que a consciência humana se distingue ao diferenciar a realidade objetiva do seu reflexo, o que torna possível a observação de si mesmo. Remonta a origem da consciência ao aparecimento e desenvolvimento do trabalho, gênese do humano. O trabalho seria atividade humana diferenciada que só é possível ocorrer em grupo, em relação, no contexto de uma reflexão psíquica da realidade (percepção – identificação – sensível das correlações entre entes e eventos). O trabalho ligaria o humano à natureza, enquanto processo de ação sobre a natureza que se transforma, transformando o humano, atualizando potenciais adormecidos.

[...] a atividade complexa dos animais superiores, submetida a relações naturais entre coisas, transforma-se, no [homem] numa [atividade] submetida a relações sociais desde a sua origem. Esta é a causa imediata que dá origem à forma especifi-

camente humana do reflexo sobre a realidade, a consciência humana.

A decomposição de uma ação supõe que o sujeito que age tem a possibilidade de refletir psicologicamente a relação que existe entre o motivo [objetivo] da [ação] e o seu objeto. Senão, a [ação] é impossível, é vazia de sentido para o sujeito. (LEONTIEV, 1978, p. 78-79).

Em outras palavras, podemos dizer que o advento da consciência humana passa necessariamente pela possibilidade de efetuar relações entre as várias fases da atividade e seus resultados pretendidos previamente. Leontiev diz ainda que a consciência da finalidade de uma ação de trabalho, supõe o reflexo dos objetos resultantes para os quais ela se orienta, possibilitando o surgimento do pensamento humano. Este, por sua vez, permite a abstração que resulta em representações, conceitos com base sensível, embora reflexos conscientes da realidade objetiva. A própria percepção do objeto, não mais o reflete apenas como forma física mas agrega significações objetivas e subjetivas. Onde emerge a relação da consciência com o entorno na forma de linguagem. “O nascimento da linguagem só pode ser compreendido em relação com a necessidade, nascida do trabalho, que os [homens] sentem de dizer alguma coisa.” (LEONTIEV, 1978, p. 86).

Para Leontiev a linguagem é uma forma da consciência e do pensamento humano. Sendo que, a consciência só pode aparecer nas relações do humano com a natureza mediatizada pelas relações de trabalho com outros humanos. Desse modo a consciência é, desde sua gênese, produto histórico e social.

Vimos [...] que a consciência só podia aparecer nas condições de uma [ação efetiva] sobre a natureza, nas condições de uma atividade de trabalho por meio de instrumentos, a qual é ao mesmo tempo a forma prática do conhecimento humano. (LEONTIEV, 1978, p. 87).

A realidade, desse modo se faz presente na consciência por meio de um reflexo psíquico que resulta da relação entre um sujeito material e a realidade material que o cerca. Depende, pois, das atividades do sujeito. Caracteriza-se por significações situadas mediante a linguagem e que estabelecem um sistema de ligações entre o objeto ou fenômeno e interações objetivas e subjetivas. “A significação é a generalização da realidade que é cristalizada e fixada num [vetor] sensível.” (LEONTIEV, 1978, p. 94).

Luria (1986) ressalta que o ser humano não apenas percebe mais reflete sobre..., deduz de suas impressões imediatas. Pode, assim, não apenas captar a realidade pela percepção sensível imediata, mas também tirar conclusões com base no raciocínio, nos conceitos abstratos. Sendo essa possibilidade, a que caracteriza a consciência humana, diferente do psiquismo animal. “Este traço, a capacidade do [ser humano] de transpor os limites da experiência imediata, é a peculiaridade fundamental de sua consciência.” (LURIA, 1986, p. 13).

Esse fato deve ser considerado sem, no entanto, esquecermos de que o processo do conhecer desvinculado da vida, centrado na palavra dissociada de contextos concretos de significação e interesses, impede o partejamento de um saber crítico vivencial, superpondo à realidade conceitos “abstratos” que não representam saber no sentido freireano.

Por outro lado, a relação mundo – linguagem – humano implica em múltiplas reflexões-ações críticas. Com base na associação da Perspectiva Eco-Relacional com a educação ambiental dialógica e a teoria das representações sociais, podemos considerar as representações sociais temas-geradores, envolvendo um decodificar que favorece um distanciamento capaz de desvelar alternativas de superação das situações-limite na direção do inédito viável.

Com o propósito de concluir esse capítulo recorremos a uma fala de Paulo Freire tratando da relação entre o educador e a pesquisa, numa aula inaugural da Pós-Graduação em Supervisão e Currículo da PUC-SP, em 1994, na qual desvela-nos algumas palavras que cabem bem

nesse momento de nosso trabalho. Ele diz da conveniência de compreendermos que a diferença entre a curiosidade do senso comum e a curiosidade epistemológica é o rigor com o qual buscamos as respostas e a busca da “razão de ser” das situações, fatos, eventos, fenômenos. Enfatiza que os resultados da pesquisa sempre serão interpretações e nunca a verdade definitiva, portanto todo o cuidado que se deve ter no processo de ensino-pesquisa é com a seriedade e o rigor que nos acompanham na jornada.

No caso de nossa pesquisa esse rigor metodológico se estabelece com base nesses pressupostos teóricos: a Educação Ambiental Dialógica, a Perspectiva Eco-Relacional e a Teoria das Representações Sociais. Com esse arcabouço podemos aliar essa teoria, a História Oral e a Etnografia Profunda para nadar ao sabor da maré com destino as nossas interpretações numa aproximação da razão de ser do quadro sertanejo com o qual interagimos.

CAPÍTULO III

O Sertão de Irauçuba

[...] ainda quando as áreas camponesas estejam sendo atingidas pelas influências urbanas através do rádio, da comunicação mais fácil por meio das estradas que diminuem as distâncias, conservam, quase sempre, certos núcleos básicos de sua forma

²⁴ Esses procedimentos serão detalhados adiante quando formos tratar dos procedimentos metodológicos da pesquisa

de estar sendo.

Estas formas de estar sendo se diferenciam das urbanas na maneira de andar, de vestir-se, de falar, de comer que têm as gentes. (FREIRE, 1992, p. 46).

O Campo Empírico: a Corporeidade em Diálogo

Um dos componentes fundamentais de uma investigação científica é o relatar do movimento de compreensão que se faz na tentativa de aproximação das respostas à problemática de pesquisa proposta. Neste percurso começamos a trilhar a jornada por meio de entrevistas e observação de campo. Nessa jornada, talvez por imaturidade, ou por não sentir segurança quanto aos instrumentos da pesquisa, ou por não ter ainda a compreensão vivencial da proposta eco-relacional, não ocorreu uma maior interação com a comunidade, com o povo, com o lugar, com o ambiente em sua inteireza de composição. Sequer a sensação de viver naquela conjuntura eco-sócio-ambiental.

Constatamos que havia uma necessidade de maior aprofundamento nesse processo de compreensibilidade que foi se constituindo. Isto implicou num maior esforço, maior investimento no sentido de permitir o desvelar mais denso das representações sociais. Fizemos isto através das histórias orais dos “marcadores do discurso do lugar”, informantes-chave, espécie de lideranças orgânicas, apontadas na comunidade para falar o que elas desejam dizer. Utilizamos também a proposta de observação etnográfica profunda, conforme Geertz (1973), na tentativa daquilo que ele chama de descrição densa por meio da interpretação de aspectos da cultura local.²⁴

Claro que esse navegar ocorre pautado por uma contínua aproximação e distanciamento que foi se construindo no diálogo entre a ação e a reflexão teórica. Nessa esfera passam a ocorrer verdadeiras relações significativas, como se fossem primeiros contatos com a comunidade que passam a funcionar como marcas para a seqüência do processo.

Nessa tentativa de expansão das referências da

investigação, buscou-se essa “nova entrada” no campo. Começamos corporalmente ampliando nossa sensibilidade para sentir o vento quente que nos levava a ter sensação de estar vivendo sob o peso da “quintura” do lugar, como diz o povo de Irauçuba.

É realmente “esturricante.” A própria brisa que deveria refrescar traz mais calor, e o corpo passa a funcionar de nova forma, acolhendo a diferença. A pouca água no lugar é evidente e empreitadas ensaiam soluções que descambam em represas grandes e pequenas, em açudes, em barragens subterrâneas, em cisternas de placa, em cacimbas, em poços artesianos, em poços profundos, no uso da semente da moringa para purificar a água, nos dessalinizadores, em chafarizes, em cata-ventos, caixas d’água, cacimbões, poços artesanais, carros-pipa, potes, baldes, latas d’águas e tantas outras estratégias de busca, armazenamento e distribuição da água na comunidade. Desse modo pudemos reviver nossos vínculos pretéritos, fruto de vivências da infância no sertão.

O Sertão Nordestino

Não derrubar o mato, nem mesmo um só pé de pau...

Não tocar fogo no roçado nem na caatinga...

Não caçar mais e deixar os bichos viverem...

Não criar o boi nem o bode soltos; faça cercados e deixe o pasto descansar para ele se refazer...

Não plantar nos caminhos d’água nem fazer roçado em ladeira alta, para que a chuva não arraste a terra e não perca a sua riqueza[...]

Construir uma cisterna no oitão de sua casa para guardar a água da chuva[...]

Represar os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta[...]

Plantar cada dia, pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só[...]

Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado vai melhorando e o povo terá sempre o que comer[...]

Mas, se não obedecer, dentro de vinte anos o sertão será um deserto só (“Preceitos de Padre Cícero; apud VASCONCELOS SOBRINHO, 1998).

Adentramos o sertão... Parece ser interessante um retorno na história buscando os preceitos propostos por Padre Cícero Romão Batista, um homem considerado um santo nesse rincão brasileiro. Recentemente, no ano 2000, lhe foi outorgado o título póstumo de “Cearense do século.” Os preceitos mostram um rico saber popular que apresenta um cuidado atento e vigilante quanto ao meio ambiente. Acreditamos que muito do aparente descuido ambiental que resultou em processo de desertificação se deveu ao descaso de um modelo de desenvolvimento capitalístico, que priorizou o lucro imediato em detrimento de uma sustentabilidade coerente. Talvez devêssemos rever estas propostas como uma boa opção diante de um modelo diferente do que se encontra hegemônico.

Uma curiosidade teórica que emerge desse calor é o sentido da palavra “Sertão”, utilizado largamente por todo o interior do Ceará para denominar boa parte do seu território, exceção feita para as regiões litorâneas e de serra. No *Dicionário Aurélio* esta palavra de origem obscura, pode significar uma “região agreste, distante das povoações ou das terras cultivadas.” Um “terreno coberto de mato, longe do litoral.” Ou, como é mais comum,

[...] uma zona pouco povoada do interior do Brasil, em especial do interior semi-árido da parte norte-ocidental, mais seca do que a caatinga, onde a criação de gado prevalece sobre a agricultura, e onde perduram tradições e costumes antigos.” (FERREIRA, 1999).

O professor Caio Lóssio Botelho (2000, p. 78) afirma que a palavra **sertão** deriva de “desertão.”

Destaque-se aqui inúmeros literatos que possuem sua fama construída dentro da temática do sertão, como é o caso de Euclides da Cunha, Rachel de Queiroz, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, dentre outros. Só para ilustrar recordamos do auto de natal pernambucano que é uma apo-

logia à relação do ser humano com a água e com a miséria do sertão nordestino, no caso o *Morte e Vida Severina*. Este auto relata o percurso do retirante da seca que acompanha o leito do rio Capibaribe, “entre terras de sede que das margens me vigiavam” (p. 3), de sua nascente à cidade do Recife. Observando

[...] a paisagem, com tantos nomes, é quase a mesma. A mesma dor calada, o mesmo soluço seco, mesma morte de coisa que não apodrece mas seca. (p. 7).

Segundo Vasconcelos Sobrinho (1998) as primeiras observações advertindo sobre a desertificação nas regiões do semi-árido nordestino vieram de Euclides da Cunha. Este, que na obra *Os Sertões* nos traz belíssimas páginas enfocando este agreste ambiente, enfatiza a existência de mais de um sertão, com peculiaridades próprias relacionadas à pluviosidade, à evaporação, ao sistema atmosférico, à geologia do terreno, às condições fisiográficas, à sua posição geográfica e ao imaginário mesmo das gentes. Assim ele se expressa em alguns trechos de sua obra literária:

Se ao assalto subtâneo dos tufões do vento Nordeste e dos aguaceiros se sucedem as chuvas regulares, transmudam-se os sertões revivendo. Passam, porém, não raro, num giro célere, de ciclone. A drenagem rápida do terreno e a evaporação, que se estabelece logo mais viva, tornam-nos outra vez, desolados e áridos. E penetrando-lhes a atmosfera ardente, os ventos duplicam a capacidade higrométrica e vão, dia a dia, absorvendo a umidade exígua da terra – reabrindo o ciclo inflexível das secas... (p. 29).

O sertanejo adivinha-a (a seca). [...]. A seca não o apavora. É um complemento à sua vida tormentosa, emoldurando-a em cenários tremendos. Enfrenta-a, estóico. Apesar das dolorosas tradições, que conhece através de um sem-número de terríveis episódios, alimenta a todo o transe esperanças de uma resistência impossível. [...]. Com os escassos recursos das próprias observações e das dos seus maiores, em que ensinamentos práticos

se misturam a extravagantes crendices, tem procurado estudar o mal, para o conhecer, suportar e suplantar. Aparelha-se com singular serenidade para a luta. Dois ou três meses, antes do solstício de verão, espeda e fortalece os muros dos açudes, ou limpa as cacimbas. Faz os roçados e arrega as estreitas faixas de solo arável à orla dos ribeirões. Está preparado para as plantações ligeiras à vinda das primeiras chuvas. (p. 92).

A seca é inevitável. [...]. Resignado e tenaz... o sertanejo reage. A princípio reza – o seu primeiro amparo é a fé religiosa. (p. 93) .

Mas os céus persistem sinistramente claros; o sol fulmina a terra; progride o espasmo assombrador da seca. O matuto considera a prole apavorada; contempla entristecido os bois sucumbidos [...], e sem que se lhe amorteça a crença, sem duvidar da providência [...] apresta-se ao sacrifício. Arremete de alvião a enxada com a terra., buscando nos estratos inferiores a água que fugiu da superfície. Atinge-os às vezes[...] (p. 94).

Na maioria dessa região o clima oferece contraste seqüenciado de longas estiagens intervaladas, às vezes, por períodos de intensas chuvas. É o semi-árido mais habitado do planeta. O Nordeste é uma região geográfica com uma área absoluta de 1.548.672 km², correspondendo a 18, 2% do país e uma área territorial de 1.542.271 km². Compreendida entre as latitudes de 1º 01´ 00´´ S e 18º 20´ 45´´ S e as longitudes de 34º 45´ 55´´ WGr e 48º 50´ 15´´ WGr. A região é integrada pelos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, além do território insular de Fernando de Noronha (ARAÚJO, 1990).

O Estado do Ceará (146.817 km²), conforme dados de Botelho (2000), está todo inserido no semi-árido equatorial, possuindo 19.000 km² em fase de desertificação (13% do seu território), 59% de sua área está ameaçada

²⁵ “caá” – erva , planta, mato; “tinga” – branco(a), da língua Tupi (FERREIRA, 1999).

de aridez e foi desmatada aproximadamente 50% de sua cobertura vegetal.

É indispensável o aprendizado da convivência com o semi-árido para que se possa sobreviver. Em particular no “Polígono da Seca”, nesta região inóspita que abrange nove estados nordestinos e áreas do norte de Minas Gerais e Espírito Santo. São aproximadamente 940.000 km². Duque em 1949 apud Araújo (1990, p. 28), classificou o Nordeste em 6 regiões naturais, considerando a disponibilidade da água, as condições pedológicas, o clima, a vegetação nativa, assim como as condições ambientais para as culturas agrícolas. Sendo as seguintes: caatinga, sertão, seridó, agreste, carrasco e serras. Segundo esta divisão, o uso predatório do solo, sobretudo pelo fogo, transformaria a caatinga em sertão e este, em seridó; sendo o agreste uma zona de transição entre uma região mais seca e outra mais úmida. O carrasco teria uma vegetação mais compacta e as serras potencializariam mesmo matas e águas mais abundantes.

Bezerra (1996) divide a região nordestina, do ponto de vista ecológico, especialmente climático, em três sub-regiões: o semi-árido com área superior a 800.000 km², o semi-úmido com aproximadamente 600.000 km² e o úmido com cerca de 200.000 km². As duas últimas compreendem o sul da Bahia, o Estado do Maranhão e alguns trechos do Piauí, as áreas de serras com mais de 900 m de altitude. Os demais estados nordestinos estão todos, praticamente, com pequenas parcelas de exceção, inseridos na primeira região, conhecida como “Polígono da Seca.”

Barros e Sena (1989) destacam que qualquer estudo que se pretenda desenvolver envolvendo a região nordeste, há de considerar a relação íntima entre o ser humano e o ambiente biofísico. Introduzem seu livro com os preceitos de Padre Cícero, nome venerado em todo o nordeste brasileiro, nos quais ele adverte quanto aos cuidados necessários para se debelar a seca. Nessa obra mais uma vez existe o destaque para o dado relativo à evapotranspiração de 92% como problemática central da região do semi-árido.

Estudos de Lemos (2001), da Universidade Federal do

Ceará, mostram que o principal problema de se viver nessa terra seca e tornada uma terra pouco produtiva resulta da grave degradação ambiental (caracterizado por um índice de degradação – ID superior ou igual a 80%) que afeta 95 municípios do estado do Ceará. Comprometendo a vida de 589.332 trabalhadores. Dentre os 24 municípios mais afetados, com o índice de degradação superior a 85%, se encontra Irauçuba (ID = 87,57%). Tamboril (ID = 91,32%), mais recentemente, é tido como o de quadro mais crítico. Nestas regiões, 75% das águas subterrâneas ficam em terrenos cristalinos, no qual só se extrai água nas fraturas dessas rochas e isto com tecnologia apropriada.

A Caatinga e a Seca no Semi-árido Nordestino

No período da seca, praticamente, desaparece o verde. A caatinga ocupa mais de 70% da vegetação que cobre o território do nordeste e 11% da área do Brasil (BRASIL, 2002). Uma floresta lenhosa – caatinga, “mato branco ou esbranquiçado²⁵”, na língua dos índios – *mata rala* que mostra, conforme seca, conforme inverno, dupla face. De tortuosos galhos, nus de folhas e flores, só espinhos e garranchos, para uma explosão de verdes e brotos, com as primeiras chuvas.

Essa área é um dos biomas brasileiro mais ameaçado e já transformado pela ação do homem. Duzentos anos atrás, a história era outra. Apresentava-se como uma densa e exuberante mata. Em 1982 pelo menos 80% da caatinga do Ceará já era secundária. Ou seja, a vegetação original já havia sido derrubada. Restavam apenas 20% de mata primária (ARAÚJO FILHO, 2001).

O agravamento desse quadro ambiental tem levado a outro trágico problema: a desertificação que compromete ~~18%~~ do território nacional, abrigando 29% da população ²⁶ ‘*Columba picazuro*’. Pássaro do sertão nordestino, parecido com a pombinha. Seu nome alude à cor branca em baixo das asas, somente visível quando está voando. Este pássaro é um signo da resistência para os sertanejos, pois é o último que migra durante a seca. Quando a asa branca abandona sua habitação, não há mais esperança de chuva (p. 130 – glossário – Ramalho, Elba B., 2000).

do país, numa extensão de 858.000 km², na qual vive uma população de 18,5 milhões de habitantes. Segundo o Ministério do Meio Ambiente – MMA essas pessoas estão entre as mais pobres do país, com índices de qualidade de vida muito inferiores à média nacional. A Convenção de Combate à Desertificação das Nações Unidas – CCD, dividiram o Brasil, de acordo com o grau de suscetibilidade ao processo de desertificação, em três categorias: áreas em estado muito grave de desertificação, áreas graves e áreas moderadas. Estes estudos indicaram que a área afetada de forma muito grave hoje é de 98.595 km² do Polígono da Seca e de forma grave já atinge 81.870 km², que significa 10% da região semi-árida (BRASIL, 2002).

Na definição do Ministério do Meio Ambiente (op. cit.): “Desertificação é um processo de degradação ambiental por ação antrópica, nas regiões semi-áridas e subúmidas secas, com aumento gradativo da pobreza.” Segundo Dias (1998) existem quatro trabalhos que identificam Irauçuba como área em processo de desertificação ou desertificada, seriam eles: Ferreira et al. (1994) considerando a região no nível MUITO GRAVE, considerando-a um núcleo de desertificação, Lemos (1995) identificando-a no nível MODERADO; Rodrigues (1996) classifica no nível FORTE e numa segunda versão, Rodrigues e Viana (1997) o classifica no nível GRAVE.

“Na Carta das Nações Unidas sobre desertificação, constata-se que a região semi-árida do Nordeste do Brasil aparece como uma área de elevada periculosidade[...]” (VASCONCELOS SOBRINHO, 1998, p. 1). O autor ainda reproduz algumas definições oferecidas, ressaltando que desertificação não é sinônimo de deserto, podendo ter esse processo sustado e revertido, dependendo do estágio. Segundo se pode deduzir da leitura de diversos estudos é

²⁸ Xerófilas: Plantas resistentes à falta de água, a seca (cactos: mandacaru, xiquexique etc.). Que vive em lugares secos, como a caatinga e os desertos. Vegetais que têm uma estrutura especial, na qual domina o reforço das paredes celulares e há, portanto, abundância de tecidos mecânicos, tendo, ainda, adaptações funcionais contra a falta de água, razão por que resistem bem às carências de água disponível. Um exemplo marcante é o Mandacaru, que constitui um símbolo da seca nordestina.

que os fatores apontados como os mais comuns que contribuem para essa situação são: excessiva exploração do solo, queimadas e práticas inadequadas de irrigação que são agravadas quando existe uma pecuária intensiva em ambiente tão frágil e plantio de monoculturas, em geral com culturas exóticas, estranhas àquele ambiente. Entretanto, questões mais sérias e intrínsecas, menos explícitas, necessitam maturação. Inclusive o entendimento das causas que levam a estas ações, meros sintomas.

Quanto ao aspecto sócio-político, devemos enfatizar que este fato antrópico se estabelece, em larga escala, por escolhas e decisões políticas e econômicas que buscam um modelo de desenvolvimento dentro da proposta capitalista, o que é um problema. O agravamento da situação geofísica se institui com propostas, impostas e não construídas democraticamente, tais como a de monoculturas agrícolas e pecuária intensiva. O que implica em exploração, desumanização, flagelo social. Amorosamente precisamos nos posicionar diante disso de modo a contribuir com a ruptura da passividade, quando esta exista, nestas relações verticais.

A Seca

*Quando “oiêi” a terra ardendo “quá” fogueira
de São João*

*Eu “preguntei-ei” a Deus do céu, ai; pra que ta-
manha “judiação”*

*“Qui” braseiro, “qui fornáia”, nem um pé de
“prantação”*

*“Pru farta” d’água perdi meu gado, morreu de
sede meu alazão*

*“Inté” mesmo a Asa Branca²⁶ bateu asas do
sertão.*

*“Entonce” eu disse adeus Rosinha. Guarda contigo
meu coração*

Hoje longe muitas légua, numa triste solidão

*Espero a chuva cair de novo pra mim “vortar”
pro meu sertão*

*Quando o verde dos teus “óio” se “espaia” na
“prantação”*

Eu te asseguro num chore não, viu? Que eu “vor-

tarei”, viu? Meu coração. (Música GONZAGA e TEIXEIRA, 1947).

Esta obra musical do cancionero popular nordestino retrata poeticamente a situação dorida desse fenômeno frequente na região do semi-árido brasileiro. A idéia de seca vai desde a falta de precipitação, deficiência de umidade no solo agrícola, quebra de produção agropecuária, até impactos sociais e econômicos negativos em geral (VIEIRA, 1999).

As diferentes facetas da seca enfocam múltiplas visões: histórica, antropológica, política, em suma sócio-ambiental. O problema transformou-se em símbolo do sofrimento do sertanejo nordestino. A seca é, a princípio, resultante da má distribuição de chuvas no tempo e no espaço, acrescidas, no caso do nosso semi-árido, da alta evapotranspiração. Entretanto, sabemos que o real problema se encontra em opções desenvolvimentistas efetuadas, seja no processo de colonização da região, seja, como afirma Dias (1998), quando se escolheu determinado modelo de desenvolvimento para a agropecuária nordestina, utilizando o desmatamento da mata nativa, a monocultura, tecnologias de difícil acesso para o povo, distribuição de terras para uns poucos latifundiários etc. Isto tudo foi pré-requisito para o advento da desertificação. Os principais problemas que agravaram o quadro ecológico foram: tecnologia alienígena; grandes represas como alternativa principal; modelos inadequados de combate à seca, modelo sócio-econômico concentrador de riquezas; falta de compreensão integrada, desconsiderando ações sociais, tais como a agronomia social, indústrias do tipo *foot-lossen*,²⁷ produtos xerófilos²⁸ etc. (BOTELHO, 2000).

Certamente não podemos esquecer que a fé é esteio permanente do sertanejo. Entretanto, é fundamental uma organização comunitária capaz de fazer frente a um processo capitalístico que explora um fenômeno natural fazendo-o desumanizante. Este processo ficou conhecido como “indústria da seca.” A apropriação da seca se faz numa perspectiva de geração de lucros eleitorais, econômicos, causando sérios prejuízos humanos e sociais, além dos prejuízos ecológicos, passíveis de soluções tecnológicas

desde que aliadas às outras, humanas, sócio-políticas.

Garrido (1999), tratando da seca, afirma que existem três principais razões para nos preocuparmos com o tema, sendo elas: o tamanho da área comprometida, de quase um milhão de km² associada a quase trinta e cinco milhões de habitantes; a segunda é o quadro de pobreza associado; a terceira é que só agora estão buscando, de modo mais sério, alternativas de solução para um problema tão antigo.

Toneladas de mantimentos foram enviadas aos flagelados da seca no Nordeste, ao mesmo tempo foram abertas frentes de serviço para garantir um mínimo de renda às famílias que perderam a lavoura. Mesmo assim, muitas famílias de sertanejos deixaram suas casas, migrando para as cidades na esperança de conseguir emprego." Essa notícia poderia ter sido retirada de algum jornal desta semana, mas se refere à seca que atingiu o Nordeste brasileiro entre 1721 e 1727. Os portugueses que, na época, ainda eram os donos do Brasil, tiveram que enviar de Lisboa vários navios carregados de mantimentos para mitigar o sofrimento da região. (SAKAMOTO, 2001, p. 337).

Bezerra (1996) afirma que a seca no Nordeste é tão antiga quanto o tempo que o Brasil tem esse nome. Informa que o Padre Serafim Leite registrou a ocorrência da seca na Bahia, Pernambuco e Ceará nos anos de 1559, 1564 e 1592, período da colonização portuguesa, quando ocorreu a primeira invasão de flagelados da seca (índios agoniados pela fome).

No século XVII, registraram-se seis secas no Nordeste: nos anos de 1603, 1609, 1614, 1691 e 1692, sendo as províncias mais afetadas a do Ceará e de Pernambuco. Durante o século XVIII, a história destaca onze eventos das secas. No ano de 1792 o território cearense sofreu severo golpe em sua economia, tendo sido zerada a produção da carne do Ceará, como era até então conhecida a carne seca. No século XIX assinalam-se 12 secas que se concentraram em alguns Estados isolados. A seca que ocorre entre os anos de 1877 a 1879, foi considerada a mais catastrófica, sendo o

estado do Ceará o mais castigado. Durante a seca de 1877, só no Ceará e vizinhanças morreram em torno de 500.000 pessoas de sede, inanição e epidemias (FERREIRA, 1999). O século XX nasceu, segundo Bezerra, sob o signo da seca: foram dezesseis períodos. Destaca-se a de 1958 que atinge 500.000 km² de fome, desemprego e emigração. Já na seca quinquenal de 1979-1983, o governo procurou modificar em alguma medida a migração criando os “Bolsões da Seca”, procurando manter o sertanejo em sua terra, empregando-o em obras como construção de pequenos barramentos e cacimbões. Na verdade era a mesma “frente de emergência” que das outras secas, com a agravante de que havia maior teor de corrupção, constantemente noticiada pela imprensa, isto além do propósito eleitoral das ações e a postura assistencialista da proposta. Evandro Bezerra enfatiza, como outros autores consultados, que embora a açudagem tenha contribuído para minimizar o problema das secas, ela resulta por ser solução de alcance muito restrito, quase sempre beneficiando alguns empreendimentos privados, agravada pelo percentual de perda pela evaporação, pela salinização que acarreta etc. Centralmente, porém, há o problema político, que levou os açudes a serem edificadas, em sua maioria, em terras de particulares e com dinheiro público.

Com 40 anos dedicados ao estudo da seca do Nordeste, Botelho afirma que o semi-árido nordestino é uma região anômala no mundo. A única região situada na faixa equatorial que deixou de ser superúmida, como a Amazônia, o Congo e a Indonésia passando a ter clima semi-árido. Segundo ele, este fato é que gerou o fenômeno das secas, diferindo de áreas secas de outros recantos do mundo, como Israel, Marrocos e Estados Unidos (Arizona e Colorado). O semi-árido equatorial nordestino é considerado atípico. Enquanto estas outras regiões acima citadas apresentam uma perda de apenas 45% das águas das chuvas que caem, nessa região do Brasil o aproveitamento é de apenas 8%,

²⁹ Adutora é um canal ou tubulação usado para a condução das águas de uma fonte para um reservatório.

com 92% de evaporação e evapotranspiração. Ainda segundo Botelho, o fenômeno da seca transcende questões puramente climáticas e meteorológicas, envolvendo fatores astronômicos, oceanográficos, geológicos, pedológicos, sociais, políticos etc. (BOTELHO, 2000). Destacaríamos os fatores sociais e políticos como os que requerem mais atenção. “[...], a questão da seca ainda não foi sanada pela falta de **decisão política**” (BOTELHO, 2000, p. 98).

Botelho (op. cit.) destaca que a seca, do ponto de vista geofísico, não é a falta absoluta (total) de água, mas sim a má distribuição das chuvas no tempo. Ela ocorre quando, durante o ano em um só mês ocorrem precipitações; e no espaço – quando se concentram em algumas áreas litorâneas, deixando as demais regiões com raras chuvas, ou ausência de precipitações.

Sendo a seca resultante da expansão do microclima, a ameaça de desertificação em alguns pontos do nordeste brasileiro é uma realidade. [...], a desertificação é fruto da ruptura ecológica de uma região [...], sobretudo, pela ação antrópica. (p. 76).

É conveniente repetirmos que esse quadro atual resulta de escolhas históricas inseridas dentro de um modelo capitalista.

Dentre alternativas de soluções propostas, as que mais se repetem são: a solução ecológica da lavoura e do reflorestamento com plantas xerófilas; a solução hidráulica da açudagem, com pequenas represas e irrigação por gotejamento; a solução das chuvas provocadas artificialmente; a solução conservadora dos recursos naturais; a solução da agronomia social, educação ambiental e redução de atividades antrópicas inapropriadas para esta região. Vieira sugere como ação mais importante a:

Proteção dos ecossistemas e do hidro-ambiente; manejo adequado do solo, de forma a minimizar seus impactos sobre os recursos hídricos; controle corretivo e preventivo da poluição; conservação da biodiversidade ecológica e manutenção do

equilíbrio natural; recuperação das áreas degradadas; minimização do processo de desertificação; disciplinamento do uso e ocupação do solo; controle da erosão e do assoreamento; controle da salinização dos mananciais; proteção das nascentes; proteção das águas subterrâneas; controle de perdas e desperdícios; educação ambiental. (1999. p. 529).

Na atualidade, segundo Garrido, o combate à seca se caracteriza

[...] pela organização e legitimação do setor de gerenciamento dos recursos hídricos, associada a um vigoroso programa de ações estruturadoras, consubstanciadas no Proágua Semi-árido[...] (1999)

De acordo com este autor, a atual fase elege como intervenção prioritária as obras de adutoras.²⁹ Essas ações não resultaram em maiores benefícios para o semi-árido como um todo, considerando a lógica popular, no contexto do sertão cearense.

Botelho, por sua vez, ressalta que é necessária uma ação integrada, por

[...]uma visão multidisciplinar (que envolve disciplinas afins) e interdisciplinar (disciplinas comuns a dois ou mais ramos do conhecimento humano), dentro de uma perspectiva holística. (Grifo do autor). (2000, p. 77).

Compreendemos como essencial o processo de mobilização social em torno das questões mais amplas, que envolvem deliberações políticas e definições de modelos de sustentabilidade comunitária capazes do enfrentamento necessário diante das opções elitistas e alienantes efetivadas ao longo de todo este tempo.

Por outro lado, associada ao fenômeno das secas, se ligando à problemática da água no sertão nordestino, nos deparamos com as enchentes. Fenômeno que ocorre em épocas nas quais as precipitações se dão em maior quan-

tidade do que a evaporação e a evapotranspiração. Esta grande quantidade de água que se acumulou em rio, lago etc., especialmente em decorrência de uma característica da região de incidência de chuvas fortes, ao transbordar, provoca inundação de terras adjacentes. Este fator sofre o agravamento da pouca permeabilidade dos solos e da escassa vegetação, com possibilidades retentoras, aliadas ao desmatamento das matas ciliares e o assoreamento dos leitos dos rios.

Estes fatores, que em geral resultam de ações antrópicas que encontram no modelo capitalista seu colapso, atingem intensamente toda a área do semi-árido, de modo mais doloroso no Polígono da Seca, ressoando em diversas conseqüências desastrosas tais como a miséria, a fome, a exploração do potencial ecológico para além dos seus limites, o êxodo rural etc. Mas a esperança permanece latente no coração sertanejo, ano após ano. A música de Luiz Gonzaga e Zé Dantas (1950), *A Volta da Asa Branca*, relata este retorno esperançoso.

Já faz três noites que pro norte relampeia. A Asa Branca, ouvindo o ronco do trovão, já bateu asa e vortou pro meu sertão. Ai, ai eu vou m'embora. Vou cuidar da prantação. Já bateu asas e vortou pro meu sertão. Ai, ai eu vou me'embora. Vou cuidar da prantação

A seca fez eu desertar da minha terra. Mas felizmente Deus agora se lembrou de mandar chuva pr'esse sertão sofrêdô. Sertão das muié séria, dos home trabaiaidô. De mandar chuva pr'esse sertão sofrêdô.

Sertão das muié séria, dos home trabaiaidô

Rios correndo, as cachoeiras tão zoando. Terra moiada, mato verde, que riqueza E a Asa Branca, à tarde canta que beleza. Ah! hai, o povo alegre, mais alegre a natureza. E a Asa Branca, à tarde canta, que beleza. Ah! hai, o povo alegre, mais alegre a natureza.

Sentindo a chuva eu me arrescordo de Rosinha. A linda frô do meu sertão pernambucano. E se a safra num atrapaiá meus prano. Que é que hai, ô seu Vigário, vou casar no fim do ano. E se a safra num atrapaiá meus prano. Que é que hai, ô seu

Vigário, vou casar no fim do ano.

A Emigração, o Êxodo Sertanejo

Já a música *Asa Branca* (GONZAGA e TEIXEIRA, 1947), toca no tema da emigração. A dor do sertanejo diante do dilema de abandonar a sua terra natal. A crença de que suas raízes lá estão, ficando para trás. O desespero de deixar suas origens e a dor da perda de tantos quereres e sonhos. Euclides da Cunha (1979) mais uma vez registra magistralmente esse dilema doloroso de sair pela “precisão do meio de vida” que lhe dê sua manutenção e a dos seus, deixando para trás o coração.

Contempla (o sertanejo) a ruína da fazenda: bois espectrais, vivos não se sabe como, caídos sob árvores mortas[...], bois mortos há dias e intactos, que os próprios urubus rejeitam, porque não rompem a bicadas as suas peles esturradas. [...]. Não resiste mais. Amatula-se num daqueles bandos, e lá se vai o sertanejo o êxodo penosíssimo para a costa[...]. Atinge-os. Salva-se.

Passam-se os meses. Acaba-se o flagelo. Ei-lo de volta. Vence-o a saudade do sertão. Remigra. E torna feliz, revigorado, cantando; esquecido dos infortúnios. (CUNHA, 1979, p.94).

De acordo com Barros e Sena (1989), o ritmo de saída de nordestinos para outros centros vinha se reduzindo, desde 1960, com a ampliação da oferta de trabalho regional. Segundo estes autores: “O principal pólo atrativo dos fluxos migratórios é São Paulo, que, em 1980, contava com cerca de 2,8% do total de nordestinos que deixam suas terras natais” (BARROS e SENA, 1989, p.42). Os principais fluxos tinham sua origem no Ceará, na Bahia e em Pernambuco.

Garrido (1999) afirma que o Artigo 36, inciso I, do

³⁰ “O sertão é uma das regiões mais pobres do país e do mundo, em torno da qual se formou uma das mais perversas indústrias da história, a chamada indústria da seca, na qual as elites captam recursos do governo federal para abrir açudes em propriedades particulares” (MICROSOFT, 1993-2001).

Código das Águas ao tomar como premissa básica o privilégio de se dar prioridade ao uso da água para o abastecimento humano, sobre todos os demais, assiste diretamente ao indivíduo satisfazendo-lhe uma das necessidades mais básicas. Diz ele que, ao lado dessa medida, a garantia de abastecimento de água para comunidades com mais de oitenta famílias atinge uma expressiva parcela da população do semi-árido brasileiro e que isto:

[...] representa a eliminação, em grande medida, do êxodo rural forçado pela seca, com isso colocando de pé um dos pilares da estrutura do desenvolvimento econômico da região, que é o crescimento do homem em sua própria origem, ao mesmo tempo em que inibe o fator de formação e de crescimento dos cinturões de pobreza nas grandes cidades do próprio semi-árido e do restante do País. Por outro lado, o fornecimento de água reduz drasticamente, quando não elimina de todo, a disseminação das chamadas enfermidades de veiculação hídrica, um forte obstáculo à saúde e à eugenia e, por via de consequência, ao desenvolvimento. (GARRIDO, 1999).

No entanto, isto não tem passado do corpo de letra da lei. Sabemos que isto não tem sido exeqüível até o momento. Nosso lugar da pesquisa, o sertão de Irauçuba, demonstra materialmente de modo contundente essa afirmativa. A lei não tem tido força política para modificar o concreto do mundo vivido? Ou será que as comunidades ainda não têm esse potencial de integração e mobilização suficientemente desenvolvido para fazer valer a lei?

Quanto à dimensão política cabe salientar que este, de fato, é o grande problema. A seca muito contribui com a problemática da água, no entanto, é, em grande medida, uma construção social que resulta do modelo concentrador de riquezas, dentro de um processo de exploração que canaliza benefícios para os que já têm em detrimento dos que não têm. Isto implica, também, na manipulação dos potenciais hídricos. Construção de açudes em terras de particulares, utilizados em benefício próprio, sem conside-

rar critérios de uso coletivo. Estabeleceu-se, efetivamente, uma “indústria da seca.”³⁰ Dentro desta exploração da seca, implantou-se um projeto político de apadrinhamento e doações paternalistas desumanizantes.

Opúnhamos a estas soluções assistencialistas... Em primeiro lugar, contradiziam a vocação natural da pessoa – a de ser sujeito e não objeto, e o assistencialismo faz de quem recebe a assistência um objeto passivo, sem possibilidade de participar do processo de sua própria recuperação. Em segundo lugar contradiziam o processo de “democratização fundamental” [...].

O grande perigo do assistencialismo está na violência do seu antidiálogo, que, impondo ao [humano] o mutismo e passividade, não lhe oferece condições especiais para o desenvolvimento ou a “abertura” de sua consciência que, nas democracias autênticas, há de ser cada vez mais crítica. (FREIRE, 2000, p. 65).

O Sertão de Irauçuba: a Terra e a Água

A cidade de Irauçuba passou a ter essa denominação em 24 de julho de 1910 (Histórico, 1999). Localizada no município de mesmo nome, ela pertence à região administrativa 06 do Estado do Ceará, tendo conseguido sua autonomia política em 20 de maio de 1957. Está inserida na porção noroeste do estado do Ceará, que por sua vez se localiza ao norte da região Nordeste do Brasil. Este ambiente brasileiro merece observações especiais. Nele se inscreve uma realidade que o torna profundamente vulnerável do ponto de vista ecológico: a seca.

Voltando a tratar de Irauçuba, um diagnóstico do Serviço Geológico do Brasil (CPRM, 2000) traz a informação de que a área irregular desse município é de 1.451 km². Limita-se com os municípios de Miraíma, Canindé, Tejuçuoca, Sobral e Itapajé. Irauçuba dista 157 km da capital, Fortaleza. A cidade de Irauçuba localiza-se na latitude de 3.74611 graus e a longitude de 39.78333 graus (IBGE, 1999). Seus “pontos turísticos” se caracterizam pelos açudes Jerimum,

Mocó e São Gabriel; o Boqueirão com suas esculturais pedras e serrotes, além de suas quedas d'água presentes no período chuvoso; O Mici com poços e nascentes de água boa; casarão antigo na Aroeira; minas de cristais no Mandacaru etc.

O município de Irauçuba conta com uma população em torno de 17.000 com uma densidade populacional aproximada de 1200 hab./km². Sendo 8.612 do sexo masculino e 8.388 do sexo feminino. 53% dessa população residia na área urbana. 614 pessoas migraram do município durante o ano de 1991 (CPRM, 2000).

Em seguida, apresentaremos um apanhado resultante de um diagnóstico efetuado para o município de Irauçuba, oriundo de um Programa de Recenseamento de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea no Estado do Ceará, relativos às atividades econômicas, aspectos fisiográficos e domínios hidrogeológicos (CPRM, 2000).

Atividades Econômicas

A principal atividade econômica reside na agricultura, com culturas de subsistência de feijão, milho, mandioca, e, um pouco de monoculturas de algodão, cana-de-açúcar, castanha de caju e frutas diversas. Na pecuária extensiva, destaca-se a criação de bovinos, ovinos, caprinos, suínos, asininos e eqüinos. O extrativismo vegetal sobressai na fabricação de carvão vegetal, extração de madeiras diversas para lenha e construção de cercas. O artesanato de redes e bordados está difundido entre os munícipes (CPRM, 2000).

Aspectos Fisiográficos

Conforme dados do IPLANCE (1997) e da SRH-CE (1992), o clima da região é caracterizado por temperaturas médias de 19°C, no período mais chuvoso e 29°C, no período de estiagem, e precipitação pluviométrica média anual próxima dos 600 mm, uma das mais baixas do estado.

O relevo da maior parte do município é constituído por formas suaves, pouco dissecadas, pertencentes à denominada

Depressão Sertaneja. Ao sul e norte ocorrem maciços residuais, que se elevam a mais de 700 metros de altitude. Os solos registrados são dos grupos bruno não-cálcicos e planossolos, ocorrendo ainda manchas de solos litólicos; a vegetação que sobre eles se estabelece é a típica caatinga arbustiva aberta, com porções onde é mais densa. O município apresenta um quadro geológico simples (Anexo XI), com o predomínio de rochas do embasamento cristalino de idade pré-cambriana, representadas por granitos, gnaisses e migmatitos diversos. Sobre esse substrato repousam coberturas aluvionares, de idade quaternária, encontradas ao longo dos principais cursos d'água que drenam o município (CPRM, 2000).

Domínios Hidrogeológicos

No município de Irauçuba podemos distinguir dois domínios hidrogeológicos distintos: rochas cristalinas e depósitos aluvionares. As cristalinas predominam totalmente na área. Como basicamente não existe uma porosidade primária nesse tipo de rocha, a ocorrência da água subterrânea é condicionada por uma porosidade secundária representada por fraturas e fendas, o que se traduz por reservatórios aleatórios, descontínuos e de pequena extensão (CPRM, 2000).

Dentro deste contexto, em geral, as vazões produzidas por poços são pequenas e a água, em função da falta de circulação e dos efeitos do clima semi-árido é, na maior parte das vezes, salinizada. Essas condições atribuem um potencial hidrogeológico baixo para as rochas cristalinas sem, no entanto, diminuir sua importância como alternativa de abastecimento em casos de pequenas comunidades ou como reserva estratégica em períodos prolongados de estiagem (CPRM, 2000).

Os depósitos aluvionares são representados por sedimentos areno-argilosos recentes, que ocorrem margeando as calhas dos principais rios e riachos que drenam a região, e apresentam, em geral, uma boa alternativa como manancial, tendo uma importância relativamente alta do ponto de vista hidrogeológico, principalmente em regiões semi-áridas com predomínio de rochas cristalinas.

Normalmente, a alta permeabilidade dos termos arenosos compensa as pequenas espessuras, produzindo vazões significativas (CPRM, 2000).

O município de Irauçuba localiza-se nas bacias hidrográficas do Aracatiaçu e Curu, tendo como principais drenagens o rio Aracatiaçu, e os riachos Riachão, Aroeira e Gabriel (na primeira bacia) e o rio Caxitoré e os riachos Cachoeirinha e Camocim (na segunda bacia). O principal reservatório local é o açude Santo Antônio do Aracatiaçu, conhecido popularmente pelo nome de açude Paulo Bastos, com capacidade de acumulação da ordem de 24,25 hm³ (CPRM, 2000).

A CAGECE abastece atualmente a cidade através do açude Jerimum. Segundo dados da Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos – COGERH, afixados em placa próxima à parede (barragem) do açude Jerimum, sua capacidade é de 20.500.000 m³, com uma cota de sangria de 147.000 m, um volume morto de 2.500.000 m³, cota de volume morto de 135,50 m. A área da bacia hidráulica é de 269ha., a área da bacia hidrográfica é de 386 km².

Quanto ao aspecto sanitário associado à água:

Cerca de 82,89% dos domicílios não possuem água encanada. Agravando ainda a situação da água consumida pela população, 72% dos domicílios não possuem filtro de água. Sobre as condições sanitárias da população, o quadro de precariedade não é diferente: em 60, 04% dos domicílios não há instalação sanitária. O quadro educacional revela-se um dos mais críticos: quase metade da população é analfabeta (46,48%). [...] “A ausência de infra-estrutura suficiente de saneamento básico na sede vem contribuindo para a degradação dos recursos hídricos, como explica um antigo habitante, atualmente com 77 anos. Ele conta que ‘encanaram os esgotos tudo pra dentro do rio daqui, até o rio Missi é tudo contaminado. Botaram os esgotos tudo pra dentro do rio Lanchinha. (DIAS, 1998; p. 100 e 108).

Dias (1998, p. 57), utilizando dados da Fundação Cearense de Meteorologia, mediante a utilização do siste-

ma de informações geográficas (SGI), afirma que Irauçuba estava com 53% de sua área degradada suscetível aos processos de desertificação. Segundo a autora:

Em 1995 foi iniciada uma pesquisa, em que a FUNCEME, além das contribuições técnicas, assumiu a posição estratégica de prover os meios financeiros visando à recuperação de parte dessa área degradada. Menos de dois anos depois, a pesquisa foi desativada pela nova administração daquele órgão no governo estadual eleito em 1996, sob a alegação de que não era prioridade e não havia recursos financeiros. Em janeiro de 1998, como parte do Plano Nacional de Combate à Desertificação, formulada em 1994, o governo cearense criou uma Comissão de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável do Semi-Árido. (DIAS, 1998, p. 57 e 58).

Dias ainda afirma que Irauçuba se localiza em área considerada por alguns pesquisadores em pleno processo de desertificação. De suma importância, porém, é tratar de viabilizar a reversão desse quadro, construído socialmente, enfrentando as condições inóspitas em que se encontram os habitantes da cidade de Irauçuba.

Continua ao salientar que a região originariamente era bastante arborizada, uma densa floresta seca, que foi sendo desmatada nos seus primórdios, para dar lugar à pecuária inadequada ou realizada em áreas inapropriadas. Outro Agravante foram as queimadas visando o plantio. Um sério problema foi a exploração das pastagens durante o período chuvoso.

Em uma reflexão mais aprofundada podemos deduzir que estas atitudes (tais como, as queimadas, monocultura, plantios inadequados etc.) são, principalmente, derivadas de macropolíticas gestoras dos modelos de desenvolvimento e conseqüentemente de propostas de modernização, tais como que aqui estão citadas. É evidente que estes procedimentos por ela apresentados são aspectos manifestos de escolhas políticas, que se reflete no micro compulsoriamente.

Quanto à obtenção de água para consumo humano,

era auferida de cacimbas cavadas no leito dos rios, todos periódicos (Lanchinha, Missi, Caxitoré e Mocó, entre os principais). Outros recursos eram os 'olhos d'água' que existiam nas serras. Entretanto, o abastecimento principal de água era feito utilizando-se o açude público Paulo Bastos, construído em 1950. Já em 1911 obras hidráulicas se realizavam na região, com a construção da barragem do rio Lanchinha.

Em se tratando da água, questões essenciais do lugar se associam à relação com a desertificação e a seca e isso requer intervenções em diversas frentes, já que não se restringe a prolongadas estiagens de chuvas, portanto não é fenômeno meramente climático, envolvendo aspectos outros, principalmente sociais e políticos, impondo mobilização, debates e discussões com o conjunto da sociedade.

Alguns Aspectos Históricos como Contexto

Acrescentando mais alguns pontos relativos à história de Irauçuba, nos utilizaremos, principalmente de trechos de bibliografias e entrevistas efetuadas por Dias (1998), enxertadas com depoimentos coletados por nós no processo da pesquisa, que apresentaremos a seguir. Antes, uma rápida visita aos primeiros momentos da colonização das terras cearenses, extraídas da obra de Piletti:

A luta contra os franceses foi o principal fator que levou os portugueses a se estabelecerem em alguns pontos do litoral nordestino, chegando ao Pará em 1616. O interior do Nordeste e a Amazônia continuavam praticamente despovoados nessa época. Somente a partir de meados do século XVIII é que começou de fato a ocupação do interior nordestino, impulsionada pela pecuária, e da Amazônia,

³¹ "informações obtidas em entrevista com o professor João Ambrósio de Araújo filho, em junho de 1997. João Ambrósio de Araújo Filho, 58 anos, PhD em manejo de pastagens nativas, pós-doutor na Inglaterra em Anatomia Vegetal. Atualmente prestando serviço a Embrapa de Sobral-CE" (nota de Dias, 1998).

movida pelo interesse nos produtos da floresta e na pesca. (1996, p. 71).

Piletti (1996) diz que a pecuária se destaca como a opção prioritária no processo colonizador das terras nordestinas. Praticamente nenhuma outra atividade se desenvolveu nestas regiões, exceto pequenas roças para produzir alimentos para o grupo de trabalho da fazenda. Os núcleos mais desenvolvidos aconteceram nas margens dos poucos rios perenes do lugar. Esta ocupação se deu a partir de dois núcleos principais: Bahia e Pernambuco. Da Bahia as fazendas de gado foram ao rio São Francisco nos meados do séc. XVIII, da onde seguiram a rota rio acima na direção do sul, onde as fazendas se desenvolveram mais a partir do séc. XVIII, durante o povoamento das minas, período em que se amplia o consumo de carne; a outra rota atravessa o rio na direção do norte ocupando o atual estado do Piauí, já no final do séc. XVIII. Neste ambiente as fazendas obtiveram condições mais adequadas, com mais chuvas e rios perenes favorecendo melhores pastos.

Do Piauí as fazendas avançaram para o Maranhão e o Ceará, onde alcançaram as que tinham ultrapassado a Paraíba e o Rio Grande do Norte, oriundas de Pernambuco. (PILETTI, 1996, p. 72).

Tratando especificamente da área na qual emerge o povoado que daria origem a Irauçuba, temos um depoimento oferecido pelo Padre Francisco Pinto durante sua passagem pela região, em 1607, atravessando o rio Curu na direção da serra de Uruburetama (chamada então de Serra dos Corvos). Este informe indica claramente que o espaço no qual Irauçuba se insere hoje em pleno processo de desertificação, foi ocupado por uma flora abundante, tanto que era difícil, ao transitar por ela, identificar a luz solar.

Um Pouco da História de Irauçuba: Antecipando Alguns Resultados

Compreendendo a importância de apresentar Irau-

çuba da forma mais ampla possível, resolvemos antecipar alguns resultados dos depoimentos oferecidos através das histórias orais que vieram a se somar aos resultados de pesquisa de Dias (1998) tratando do povoamento de Irauçuba. Ela nos traz dados que foram corroborados por nosso percurso com “Histórias de Vida” efetuada com o ‘seu’ Sebastião Salustiano, o ‘seu’ Manuel e com o ‘seu’ Milton.

Segundo nos informaram, Luís da Mota de Melo e Maria Joana foram os primeiros “brancos” a se instalarem ali, em 1912, fundando o povoado chamado de “Cacimba do Meio.” Informe confirmado por Dias:

Sobre o repovoamento de Irauçuba, não encontramos registros de quando este espaço passou a ser habitado pelos brancos. Mas, segundo conta uma habitante, hoje com 65 anos, descendente das primeiras famílias não indígenas nesse Município e interessado pela história local, ao final do século XVIII, Luís da Mota de Melo e Maria Joana chegaram a esse espaço já habitado por brancos numa localidade conhecida por Cacimba Salgada, o que motivou Luís da Mota a dar nome de Cacimba do Meio ao núcleo gerador da sede de Irauçuba. [...]. O referido casal teria vindo de Pernambuco e, antes de se estabelecer, foi ao lugar hoje conhecido como Itapajé solicitar permissão, àqueles que poderiam conceder, para lá se estabelecerem. Foi-lhes concedido o espaço entre o que é hoje a Fazenda Saco Verde e a Fazenda Riachão. Anos mais tarde, Luís Mota e Melo comprou a Cacimba do meio de Agostinho Leal e Ludovico Pinto de Mesquita. Os filhos, Como os pais, dedicaram-se predominantemente à pecuária, e, de forma complementar, à agricultura de subsistência. (DIAS, 1998, p. 65-66).

Retomando a questão da pecuária, agora enfocando o ambiente de nossa pesquisa, encontramos uma discussão apresentada para Dias (1998) pelo professor João Ambrósio,³¹ incluindo uma avaliação quanto a um período de maior fartura quando o fluxo na região era intenso. Segundo nosso entrevistado, o sr. Manuel, a cidade era ponto de parada

quase que obrigatório, por estar no meio do caminho entre o ponto de origem e de chegada do trânsito da época, que fazia a rota do sertão de dentro (Fortaleza – Acaraú, passando por Sobral).

O gado bovino entrou no Nordeste no século XVIII. E Irauçuba, como explica o professor Ambrósio, sempre se constituiu numa área de exploração pastoril muito grande. As pastagens de Irauçuba sempre foram exploradas basicamente durante o período chuvoso, ocorrendo a transumância, que é uma prática existente ainda hoje, ou seja, durante o período chuvoso, os donos de gado bovino, principalmente na faixa litorânea, mobilizavam todo o gado para Irauçuba. Essa prática é antiga. Não se pode precisar a data de quando se iniciou e foi extremamente danosa para as plantas, pois no período chuvoso é quando ocorre a rebrotas, que garante a reprodução das espécies. Mas, havendo o superpastoreio, esse mecanismo de reprodução fica comprometido. O Ceará, um século e meio depois, era o primeiro exportador de produtos animais. Na época das charqueadas.

Acaraú era um ponto de charqueadas de onde se escoava a produção bovina da região norte do Estado. [...]. O tráfego na época era muito intenso. Havia empresários dessas charqueadas em Acaraú que mantinham um comércio em Sobral, trazendo produtos do porto, em Fortaleza, e levando de Sobral para lá, mobilizando uma frota de mais de oitocentos carros de bois. Certamente Irauçuba, na época, desempenhava um papel muito importante no tráfego animal. [...]. Além da pecuária, havia também agricultura, cujos produtos principais eram o milho (*Zea mays*), o feijão (*Vigna*) e o algodão (*Gossypium*). Irauçuba também dedicou-se à exploração da mamona, da maniçoba, da oiticica e, em menor escala, da carnaúba (*Copernicia cerifera* Mat.). (DIAS, 1998, p. 66 e 68).

Irauçuba e a Ruptura com Princípios Ecológicos

Demarcamos aqui um ponto importante e que eco-relacionalmente se associa a este trabalho. A questão

defendida por Dias (1998) em sua dissertação permite-nos inferir quanto ao processo antrópico relacionado a Irauçuba. Segundo esta pesquisadora, o fator “modernização da agricultura” associado à expansão induzida para a expansão do capitalismo que estimula o aumento do consumo, a divisão internacional do trabalho, a propagação das leis do mercado e a acumulação e concentração de renda, incorporada nas políticas governamentais, afetou seriamente princípios ecológicos e sociais. Somado a isto, não havia uma assistência técnica e extensão rural que pudesse reduzir a degradação do potencial natural. Ao contrário, obras de desmatamento foram realizadas no período de emergência, durante a seca. A política fundiária, implementada como política de crédito e incentivos fiscais, foi mais um mal para Irauçuba, ao favorecer a concentração de terras nas mãos de pessoas alheias ao município, descomprometidas com a região.

As políticas públicas formuladas para o setor agropecuário como base científica privilegiaram um modelo tecnológico, o qual, além de inapropriado para o semi-árido, é anti-ecológico e socialmente injusto. (DIAS, 1998, p. 111).

O princípio ecológico da interdependência foi comprometido particularmente ao retirar vegetação nativa e inserir a monocultura, a especialização de culturas. Estas alterações atuam diretamente no equilíbrio auto-regulado; reduz a diversidade destruindo a flora e a fauna natural; a especialização implica na necessidade de utilização de agrotóxicos e de fertilizantes químicos, o que impõe um ciclo artificial e problemático nos procedimentos efetuados pelos sertanejos.

Estes fatos repercutem na necessidade de uma maior exploração do solo; o uso inadequado das queimadas de modo mais constante e sem o pousio; o aumento do número de animais no pasto reduzido; o menor número de roças etc. Ocorre uma maior ação antrópica forçada por estes pontos

³² Falcão. Márlio F. Pelúcio. *Pequeno dicionário toponímico do Ceará*. Fortaleza: Quadricolor, 1993.

citados, implicando em maior tendência à desertificação que acentua a fragilidade ecológica desse ambiente. Temos, portanto, uma resultante grave que é o comprometimento das condições ecológico-ambientais dessas pessoas.

Do ponto de vista sócio-cultural, isto gerou sérios resultados. Com o aumento do nível de exigência de implementos e de consumo, ocorre o incentivo aos grandes produtores em detrimento dos pequenos que vão desaparecendo, engolidos pela expulsão para áreas urbanas, para a miséria, para a fome, os sub-empregos ou desemprego.

A Política Partidária em Irauçuba

A política partidária no município parece-nos que traz um pecado desde sua origem, pois até recentemente o mesmo quadro se reproduzia, mudando apenas os personagens e mantendo o mesmo drama original.

Temos na cidade dois partidos políticos mais fortes: o feijão podre, família Bastos – o filho do senhor Negreiros, na época prefeito e irmão do atual prefeito, tinha o monopólio de uma mercearia que vendia para os funcionários da prefeitura – e vendia produtos estragados muitas vezes; e o carne brava – o Lauriston, Raimundo de Almeida Braga, que é muito esquentado. (Depoimento do ‘seu’ Manuel).

Na época das primeiras eleições que, segundo a referida entrevistada, deve ter sido na década de 20, havia duas facções políticas, representantes da classe dominante: os marretas e os democratas. Chegando à ditadura de 30, ela conta que parou tudo mesmo e que já não era nada, acabou-se. Mas, em 1945, quando as lideranças de Fortaleza vieram, aí Paulo Bastos, que era um comerciante que tinha chegado por aqui [...] recebeu a comitiva. Estes pertenciam à UDN, havendo, em contraposição, um comerciante lojista, Casimiro Dutra de Melo, que pertencia ao PSD. Vencendo a UDN, ao que tudo indica, Paulo Bastos chegou a ser o inspetor escolar, trazendo o primeiro grupo escolar (escola primária Araújo Bruno). (DIAS, 1998, p. 68).

Cronologicamente temos uma seqüência de nomes associados a uma mesma facção política, que vinha dominando o município desde 1962, com Walmar Braga; seguido de Jorge Domingos de Araújo; novamente Walmar Braga – por seis anos; Patriolino Rodrigues Barbosa; Antonio Negreiros Bastos; Antonio Gaudêncio Braga; Antonio Negreiros Bastos; Antonio Gaudêncio Braga; Antonio Negreiros Bastos (falecido em novembro de 2001) – considerado por alguns “o pai da pobreza” – segundo dizem, tirava da prefeitura e dava aos pobres, tendo sofrido processo no tribunal de contas e ficado em dívida com R\$ 12.000; Evaldo Bastos (filho do Negreiros, tendo sido eleito pelo prestígio do pai) e novamente Evaldo Bastos, o atual prefeito da cidade (trechos de depoimentos de nossos informantes-chave, antecipando alguns resultados).

Carne brava e feijão podre disputavam o domínio pelo município. Entretanto, o domínio dos que são intitutados de feijão podre predominou por quarenta e sete anos. O nome de feijão podre se deu devido a um filho mais velho do prefeito Antônio Negreiros que foi identificado ao vender feijão apodrecido para funcionários da prefeitura administrada pelo seu pai (trechos de depoimentos de nossos informantes-chave).

Irauçuba Significa Amizade

Irauçuba seria oriundo do termo iraussuba, ou seja irá ou eirá que significa abelha e ussu ou uçu que quer dizer grande, associado a uba ou yuba com a tradução de amarelo. Procede destacar que, para Sampaio, o significado de Irauçuba é amizade. (DIAS, 1998, p. 67).

[...] Ficou registrado na memória dos mais velhos que o nome irauçuba foi dado em 1910, pelo doutor Valá, um viajante que sempre pedia rancho na casa grande e, achando-a parecida com uma colméia, pela constante presença de filhos e netos dos descendentes de Luís da Mota, chamou-se de Irauçuba, palavra indígena que, de acordo com Falcão (1993³²), significa grande abelha amarela.

Quando chegaram Luís da Mota e esposa, um dos poucos indícios mais evidentes da atividade humana naquele ambiente era a estrada real, ligando Fortaleza à Serra Grande e só por volta de 1932, tornou-se a Br-222. Ao redor, havia raros povoados. Um deles, hoje conhecido como Boqueirão, no Distrito de Missi, era ainda habitado por índios pertencentes à tribo Guanacés. (DIAS, 1998, p. 66-67).

Nestes termos, optamos por esta associação de Irauçuba à “amizade”, seu sentido subjetivo, simbólico, por propiciar um corpo oriundo do imaginário que envolve a dimensão eco-relacional, relações horizontais e dialógicas. Isto nos interessa na medida que contribui na constituição dessa teia representacional reflexiva-ativa que pode se expor ao grupo de sujeitos-chave dessa pesquisa no processo de intervenção educativa.

Sobre o nome do município e de sua sede, a cidade de Irauçuba, temos uma contribuição registrada que denota um sentido simbólico que conviria ser resgatado nas discussões populares do lugar. O sentido de sociedade que trabalha solidariamente, refletido no significado de “amizade”, sentido vinculado historicamente ao nome de Irauçuba. Associa-se a uma metáfora, uma analogia a um agrupamento de abelhas que existia abundantemente na região. Uma abelha amarelada que produzia de modo bastante solidário, afetivo, amoroso, fraterno.

Um Passeio Histórico ao Redor das Águas de Irauçuba

O texto que apresentamos na seqüência foi elaborado com base principalmente nos depoimentos dos srs. Milton Vasconcelos, Manuel Diocleciano de Sousa, Zuleide e Zuíla Mota e Sebastião Salustiano da Mota, estes últimos parentes diretos do fundador da localidade que resultou em Irauçuba.

Segundo eles, tudo se inicia junto com o lugarejo que se instaura próximo a cacimba que ficou conhecida como “Cacimba do Meio”. “O primeiro

proprietário ao chegar ali constata que a água era muito difícil na época de seca, seus familiares abrem uma cacimba numa lagoa que havia, chamada “Cacimbão”, isso em 1912. “Tinha a data na cacimba.” A localidade foi assim chamada, Cacimba do Meio, por conta dessa cacimba estar no meio do povoado. Por sinal, cacimba de águas salobras desde àquela época.

“Em 1932-1933, durante a emergência, realizando obras na BR 222, a Inspetoria de Obras Contra a Seca, construiu um poço profundo de grande vazão, de águas salobras, com cata-vento. Era localizado bem no centro, onde hoje é a praça central. Durante a administração do prefeito Walmar Braga fechou-se o poço, fez-se a praça, pois já tínhamos a água do açude Paulo Bastos. Depois da seca grande de 32 cuidaram de construir açudes.”

“O açude Paulo Bastos foi construído mais ou menos em 1950. Abastecido pelas águas do Rio Lanchinho (Rio Riachão) – rio datado, significando que na época das Sesmarias servia para delimitar os limites das propriedades. Outro rio da região que tinha esta função era o rio Mici, que corre paralelo ao rio Mocó (este rio nasce nos Pocins) a uns 7,5 km da cidade. O rio Riachão, ou Lanchinha, nasce na fazenda Saco Verde e se junta ao rio Mocó mais adiante, ao norte, na saída da cidade de Irauçuba.”

“Instalou-se chafariz no centro e depois em outros bairros. Existiam chafarizes também nos Bairros da Esperança, no Gil Bastos e no Cruzeiro. Chafariz foi utilizado no Centro e na Barragem desde uns dez a doze anos atrás. Nos outros bairros não funcionavam até chegar água do Jerimum. Antes era o carro-pipa no período que não chovia. Com as chuvas o pessoal usava os barreiros, as cacimbas, os olhos d’água, açudes, água da chuva etc.”

“O primeiro chafariz implantado foi próximo ao cemitério, seguido por um perto da delegacia, em terceiro veio o dos Prados (Gil Bastos), o quarto e o quinto foram no centro. O sexto chafariz foi construído no Gil Bastos, juntamente com outro, o sétimo, no bairro da Barragem. Foram construídos no final do período de fornecimento

de água dos Patos. Hoje são os únicos que ainda funcionam.”

“Em 1970 construiu-se o açude Mocó (prefeito Jorge Domingos), situado a umas 4 léguas da sede. Têm-se uns 5 açudes ligados ao Mocó.”

“O açude Paulo Bastos abastecia bem. Sangrou em 1974 pela última vez. Neste ano, Patriolino (ex-prefeito) aceitou que se construíssem barragens na cabeceira do açude (a maioria das terras era de Edson Queiroz) – são várias barragens que impedem o fluxo desimpedido das águas do rio. Hoje as terras são na maioria do Incra. Antes do Jerimum passava-se de 3 a 4 meses sem água nas torneiras. Era a ferrugem no encanamento. Vazamentos nos canos eram demais e isto impedia que o abastecimento fosse satisfatório. Ligado ao açude Paulo Bastos tem mais uns 10 açudes que o antecedem em relação à cabeceira do rio. O Miranda, o Barreira, o Saco Verde etc.”

“Em 1976 foi inaugurada a estação de tratamento de água de Irauçuba, localizada no bairro do açude (bairro onde fica o açude Paulo Bastos), utilizando água do açude dos Patos. Faz 26 anos em 2002. A água dos Patos foi distribuída para o centro, em substituição do cata-vento existente no poço que ficava naquele bairro. Havia chafariz no centro que foi desativado há uns cinco anos. Na época, no Bairro da Rodoviária havia água encanada para o posto da polícia rodoviária. Outrora a distribuição se fazia por meio de Chafariz e de tanques cheios por carros-pipas, com água trazida de cacimbas de Itapajé. A maioria das casas não tinha água encanada na época dos Patos.”

“Em 1998, começou a ser utilizada a água do açude Jerimum (fez 5 anos em 2003). O rio que abastece o açude Jerimum é o rio Caxitoré. Quando da implantação de água encanada no bairro, só ficaram umas seis casas sem água encanada no Cruzeiro. Muitas no bairro da Barragem, algumas no bairro Gil Bastos. A prefeitura tem um projeto

³³ DIEGUES, Júnior M. **Regiões culturais do Brasil**. Rio de Janeiro: CBPE, 1960.

zona rural.”

O Percorso da Água na Pesquisa em Irauçuba

Passando agora a tratar um pouco sobre o grupo social envolvido nessa pesquisa, reafirmamos que tivemos duas etapas distintas. Na primeira fase da pesquisa o grupo estudado compreendeu moradores em geral da cidade de Irauçuba. A escolha se deu de acordo com a facilidade de acesso e a disponibilidade observada em atender nossa solicitação de participar da entrevista. Consideramos a expectativa de uma amostra que abrangesse a faixa etária a partir dos 16 anos, o que define idade estabelecida como responsável pelos cuidados pessoais; com renda familiar variável, entretanto inseridos nas classes populares. Foi composto por moradores dos diversos bairros da cidade. A maior parte do grupo é constituído por pessoas de renda considerada de média a baixa, realidade, aliás, da maioria de seus munícipes. As áreas enfocadas foram: “Bairro Gil Bastos”, “Bairro do Cruzeiro”, “Bairro da Barragem”, “Bairro da Rodoviária”, o “Centro”; o “Bairro do Açude” e o “Bairro da Esperança”. O que na realidade constitui todos os bairros da cidade. Junto a estes bairros aplicamos vinte entrevistas, que se acrescentaram às dez entrevistas efetuadas anteriormente na fase piloto da investigação.

Falando um pouco dos bairros, observamos no princípio dessa pesquisa (1999) que o Bairro do Cruzeiro e do Gil Bastos não possuíam serviço regular de distribuição de água encanada dependendo, principalmente, do serviço de carros-pipas para abastecer as casas. Com respeito ao bairro da Esperança e Barragem, a falta de encanamento em algumas casas impunha a estes residentes buscarem o chafariz. O bairro da Rodoviária, no início dessa pesquisa, ainda não estava recebendo distribuição de água. O Centro recebia distribuição irregular por meio do serviço de distribuição local recebendo a água do açude Jerimum. O Bairro do Açude é um espaço sem identidade social, nem estrutura popular constituída. Este bairro não tem associação de moradores estruturada e nem lideranças que se destaquem. É um bairro que até hoje está sem marcas e nem discursos. Não possui uma práxis social,

nem embates, sequer desejos coletivos, por enquanto.

Atualmente (2003) quase todos os bairros possuem serviço de distribuição de água. É certo que é uma água de baixíssima qualidade e distribuída irregularmente, e isto quando existe água suficiente no açude Jerimum. No presente, abril de 2003, segundo informação do secretário de agricultura, recursos hídricos e meio ambiente de Irauçuba, o “25” (Francisco das Chaves Alves), o Jerimum está com 9% de sua capacidade, a maior desses quatro anos que convivemos com o lugar.

A Cultura Sertaneja Nordestina: O Povo do Sertão Nordestino

Cada meio que surge é uma nova possibilidade de expressão para o [ser humano]. (BOSI, 2000, p. 45). Ramalho (2000), falando sobre o movimento que desencadeou a ocupação do sertão brasileiro, informa que este se deu principalmente sob a direção dos Capuchinhos e Oratorianos. Destaca daí que estes religiosos utilizavam prioritariamente a arte como instrumento pedagógico. Por sua vez, Diegues Júnior,³³ citado por esta autora, divide o Nordeste em duas áreas culturais: o nordeste agrário do litoral e o sertão nordestino. Estas áreas indicam tendências peculiares.

O ser humano que reside na região semi-árida brasileira desenvolve características, peculiaridades e estruturam um conjunto de valores, de símbolos e representações, resultantes dessa interação, que lhes distinguem de outros indivíduos de outras regiões do nosso país. Apresentam particularidades que se estabelecem nas relações com seu *habitat*, com seu *nicho ecológico*. Interagem com um meio ambiente especialíssimo, que lhe exige um padrão próprio de relação. Possui períodos lidos como “fartura” e que associam, em parte, aos períodos chuvosos, intercalados com períodos de uma agressiva deficiência de quase tudo.

Bosi (2000), introduzindo um escrito sobre a cultura das classes pobres, demarca que essa cultura se liga à existência e à própria sobrevivência destas classes. De

fato, precisamos urgentemente contribuir com o reconhecimento de uma cultura sertaneja e sua valorização e autovalorização para que estes grupos sociais que lhe constituem tenham o seu poder de barganha, de embate, de resistência, de definição dos seus territórios, na estruturação de seus percursos de singularização (GUATTARI & ROLNIK, 1986).

Estas caminhadas singulares e singularizantes se estabelecem através de desejos e afetos na tentativa de consolidar aspirações humanas e sociais. É possível aproveitar brechas na estrutura constituinte da 'cultura capitalística dominante' da qual nos fala Guattari. Dando ouvidos à fala dos índios e índias Tremembés, Linhares (2001) destaca que para eles e elas "[a] verdade é aquilo que serve para viver."

É possível indicar algumas peculiaridades que apon- tam núcleos de resistência dessa 'cultura sertaneja'. Cultura que habilita um convívio equilibrado do sertanejo com o semi-árido, com a seca, com a caatinga.

"O sertanejo é antes de tudo um forte." É o [ser humano] permanentemente fatigado... Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude... Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O [ser humano] transfigura-se... reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias.

... Perfeita tradução moral dos agentes físicos da sua terra, o sertanejo teve uma árdua aprendizagem de reverses. Afez-se cedo a encontrá-los de chofre e a reagir, de pronto... Reflete a própria natureza que o rodeia. É inconstante como ela. É natural que o seja. Viver é adaptar-se. (CUNHA, 1979, p. 81-84).

Essa força do sertão nos toca a sensibilidade fazendo ressurgir nosso lado poético e a peculiaridade de termos profundas raízes na oralidade. Dessa forma em muitos momentos a escrita estará molhada de oralidade, no diálogo conosco mesmo, enriquecido que fomos pelo retomar da

paixão pelo sertão, pelo sertanejo e seus costumes, sua cultura. Paixão que esteve amortecida até recentemente, como que esquecida em nossa história de vida. Portanto, o que vem a seguir registra essa oralidade marcada por essa paixão que se distancia e se aproxima, num movimento de idas e vindas tentando manter a integridade do rigor científico da investigação.

E assim apresentamos resultados dessa história de vida e da história de vida de nossos marcadores mesclada com os relatos de outros povos do sertão, de nossas observações etnográficas e de registros de escritores que tiveram o sertão e seu povo como referência.

O Cotidiano do Sertanejo Nordestino

O sertanejo é um apaixonado por sua terra, mantém um intenso vínculo familiar e possui uma forte tendência à solidariedade. Gosta de acordar com as galinhas e os pássaros, aos primeiros raios do alvorecer de um dia sempre novo. Sua religiosidade quase natural lhe permite renovar a fé e a esperança em um tempo de fartura.

Deita também com essas aves, logo que a noite vem buscar suas últimas forças desgastadas, em geral no cabo da enxada ou no lombo do cavalo. A morte e a desesperança são passageiras e efêmeras mesmo diante do inesperado, que devia sempre se esperar como a estiagem prolongada das chuvas e a morte que leva os entes queridos, na rede que lhes embalou noites e dias de festa e de missa, de sonhos e domingos.

Suas refeições, em geral, se restringem a: um café com pão de milho ou mandioca, uma tapioca ou ainda uma batata doce, algumas vezes tem o milho cozido, o angu, a macaxeira; no almoço, lá pelas 11 horas da manhã, o arroz com feijão acompanhado da farinha e de um pedaço de rapadura. Quando trabalha direto, leva um prato em cima do outro amarrado com um pano e lá no mato mesmo pára o capinar ou a colheita e engole a bóia. No jantar, às 17h30min., geralmente repete o prato do almoço. Algumas vezes um pedaço de carne ou um ovo frito faz a mistura. É

um ser de hábitos sistemáticos, que somente se alteram nos domingos e feriados, quando ouvem no rádio uns forrós e outras músicas nordestinas. Espicham-se numa rede armada na varanda, quando tem e no terreiro, quando podem nessas tardes de descanso. “Até Nosso Senhor descansou!”, diriam.

Normalmente tratam bem os muitos filhos e filhas, regra geral são de quatro a sete, ou dez, ou vinte, e a criação (os animais domésticos que lhes servem, normalmente umas galinhas, capotes, umas poucas cabras e porcos). Possuem uma casinha de taipa, com o chão batido, tendo como mobília redes, às vezes alguma cama, que pode ser de varas, uns dois potes, uma quartinha, cadeiras, uma mesa, um fogão a lenha, baú ou malas para as roupas. Ocorre de alguns possuírem um guarda-roupa. E não podemos esquecer a lamparina a querosene ou o lampião a gás butano, quando ainda não possuem energia elétrica.

Sempre atenciosos e receptivos, recebem você em suas casas com um sorriso entre encabulado e uma presteza incomum. Perguntam se quer água, café, e oferecem acomodação, um abrigo do sol ou da noite. Se estiver próximo das refeições lhe convidam para comer com eles, com elas.

Destaca-se um ponto que marca definitivamente esta cultura: indiferente a todo o esforço possível efetuado pelo sertanejo nas relações com seu ambiente, ele não consegue modificá-lo amplamente e, por isso mesmo, são muito mais dependentes dos processos inerentes à natureza do que noutros casos. Por mais que se imponha uma cultura capitalística a esses seres do sertão e estes se sintam estimulados a se dissociarem do mato que percebem constantemente ao seu derredor, desenvolvem um relacionamento integrado com a natureza. Trabalham com ela como com uma parceira.

Ao amanhecer de cada dia logo depois de esquentar a água e tomar o café, vão botar comer pros bichos e só depois saem para a roça. Ao voltar para casa no fim do dia, recolhem os bichos no galinheiro, no curral, no aprisco. São capazes de deixar de beber para dar de beber aos

animais, quando essa carestia d'água é de poucos dias e não compromete sua vida.

Como afirma Brandão (1985) a cultura, que é a natureza transformada e significada pelo ser humano, deve ser produzida de modo a garantir a realização humana no mundo.

Assim, a própria consciência humana, produto do trabalho, é também construída no processo da história e, como um pensar coletivo sobre o mundo através do trabalho, é um pensar social na e sobre a história: produto e palco do trabalho e da cultura. (BRANDÃO, 1985, p. 23).

A Cultura do Sertão Nordestino na Literatura

Em seguida vamos apresentar alguns trechos de depoimentos sobre a dramática condição sócio-ambiental de extrema miséria que compromete a vida de milhões de sertanejos nordestinos presentes em algumas obras da literatura dos sertões, tais como *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (2002); *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego (1984); *O Sertanejo*, de José de Alencar (1952); *O Quinze*, de Rachel de Queiroz (1993); além do já citado *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1979). Estas obras em muito corroboram com o quadro do povo do sertão nordestino que foi apresentado.

Começamos apresentando uma situação de práxis pedagógica trabalhada com alguns marcadores de Irauçuba. Apresentamos uma fotografia de um momento inicial do filme *Vidas Secas*, baseado no livro de Ramos (2002). Esta

³⁴ Em geral um homem poderoso financeiramente que adquiriu a patente para aumentar seu *status* social. Identificado com o “coronelismo”, uma rubrica política, regionalista, particularmente do sertão nordestino do Brasil, associada a uma prática de cunho político-social, própria do meio rural e das pequenas cidades do interior, que floresceu durante a Primeira República (1889-1930) e que configura uma forma de mandonismo em que uma elite, encarnada emblematicamente pelo proprietário rural, controla os meios de produção, detendo o poder econômico, social e político local (HOUAISS et al, 2001).

foto mostra uma imagem que foi percebida por alguns companheiros de Irauçuba como sendo do seu lugar. De fato existem elementos que compõem o ambiente do sertão nordestino que são comuns a todos estes sertões. Mostra a caminhada pela mudança... Fabiano e sua família como retirantes caminham em meio a garranchos, em busca de uma possibilidade de vida coletiva, em meio ao sertão e à seca. A permanente busca do lugar em espaços alheios, faz do sertanejo um ser humano que teima em sobreviver na sua terra, em uma seca, marcado por uma estrutura fundiária perversa baseada no latifúndio.

Uma, duas, três, havia mais de cinco estrelas no céu. A lua estava cercada de um halo cor de leite. Ia chover. Bem. A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a solidão. Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, sinhá Vitória vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a catinga ficaria toda verde.

Encheu a cuia, ergueu-se, afastou-se, lento, para não derramar a água salobra. Subiu a ladeira. A aragem morna sacudia os xiquexiques e os mandacarus. Uma palpitação nova. Sentiu um arrepio na caatinga, uma ressurreição dos garranchos e folhas secas. (RAMOS, 2002, p. 15).

A esperança, sempre renovada, a cada possível aragem nova, mostra o desejo de transcender às condições difíceis. Mesmo diante da mais funesta agressão à sua humanidade, este sertanejo continua convicto de que virá a chuva e com ela o amainar de suas dores e de suas carências. É a permanente esperança capaz de, como afirma Freire na *Pedagogia do Oprimido*, alavancar o humano a ser mais. A não ser submetido a uma vida de bicho; a viver no alheio:

E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros... como vivia em terra alheia, cuidava de animais

alheios... (p. 18).

Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopéias. (RAMOS, 2002, p. 20).

Uma vida caracterizada pelo silêncio imposto ao longo da história do sertão nordestino. Uma cultura do silêncio que perpetua o domínio e a sobrevivência do poder dos patriarcas, dos coronéis do sertão, homens que foram beneficiados com terras e águas visando ao plantio da monocultura, a cana, o algodão, ou a pecuária intensiva. Relações nas quais, pensando bem, ele, Fabiano, perde sua humanidade diante da brutal desigualdade na relação de força com o proprietário de tudo ao redor. Freire, mais uma vez, nos oferece reflexões acerca dessa cultura popular e da necessidade de trabalharmos com a perspectiva de realçar o saber do povo e ultrapassar os limites dessa cultura do silêncio, no intuito de, dialogicamente, humanizarmos os seres de relações, em relações efetivamente mais significativas e transformadoras.

Aproximou-se do canto onde o pote se erguia numa forquilha de três pontas, bebeu um caneco de água. Água salobra. (p. 42).

Dentro em pouco o despotismo da água ia acabar (diante do inverno), mas Fabiano não pensava no futuro. (RAMOS, 2002, p. 65).

A necessidade de ater-se ao imediato resulta da precisão deste imediato para manter-se vivo, o que impõe algumas situações conflitantes. Dispõe-se de uma água salobra por dádiva paternalista de algum latifundiário ou algum poderoso da região até que venha a chuva e com ela a possibilidade de ter acesso direto e sem dívidas a este “bem precioso.” Rego (1984) relata em sua principal obra, *Menino de Engenho*, “relações” como estas entre os patriarcas, donos de engenho, e seus criados ou rendeiros. Tal como mostra Graciliano Ramos, em várias de suas obras, este tipo de associação entre o sertanejo e o seu patrão, dono da fazenda ou o coronel³⁴, é marcada por uma

coisificação do outro, uma redução à animalidade:

Fabiano recebia na partilha a quarta parte dos bezerros e a terça parte dos cabritos. Mas como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, comia da feira, desfazia-se dos animais, não chegava a ferrar um bezerro ou assinar a orelha de um cabrito.

Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia. (p.92).

[...] Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro. Que juro! O que havia era safadeza. (p. 94).

Se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. (RAMOS, 2002, p. 95-96).

Foi dentro desse sistema de “desenvolvimento rural” que a colonização avançou nos sertões nordestinos. A maioria das relações que se estabelecem nos sertões são verticais e exploratórias. Os oprimidos pela terra alheia, pela água alheia, se submetem compulsoriamente a “relações feudais”. Hoje estas relações trazem modificações, mas ocorrem envolvendo os mesmos sertanejos tratando com outros tipos de coronéis, outros tipos de patrão, outras feudais associações, nas quais um proprietário empresta o uso da terra, da água e extrai o lucro maior do que o que a terra permite.

[...] A verdade é que não queria afastar-se da fazenda. A viagem parecia-lhe sem jeito, nem acreditava nela. Preparara-a lentamente, adiará-a, tornara a prepará-la, e só se resolvera a partir quando estava definitivamente perdido. Podia continuar a viver num cemitério? [...], acharia um lugar menos seco para enterrar-se. (RAMOS, 2002; p. 117).

O elo com a terra impõe afetos e saudades. “[...].

Chegou o triste dia, já vai 'viajá'. A seca 'terrive', que tudo devora lhe bota pra fora da terra 'nata'" (Patativa do Assaré). É dolorosa a nova e "triste partida", como canta esta música de Patativa do Assaré. "E o sertão continuaria a mandar gente pra lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes[...]" (RAMOS, 2002, p. 126). O sertanejo foge diante de uma situação que poderia ter alternativas de solução diante de um outro modelo social. O sertão carece de profundas reflexões que viabilizem a auto-suficiência do sertanejo nordestino. São soluções viáveis e que poderiam possibilitar aos povos dos sertões nordestinos adquirirem a condição de sujeitos de seus destinos. Seria então que seriam respeitados por sua extraordinária experiência de convívio com estas áreas tão peculiares que implicam em um modelo específico de convivência solidária sustentável. E isto só se possibilita diante da mudança neste contexto. Faz-se imprescindível estabelecermos o diálogo, relações dialógicas. Só elas permitirão uma práxis transformadora desse mundo maravilhoso em sua instância natural, que pode ser bom em sua dimensão sócio-cultural.

A Oralidade da Cultura Sertaneja Nordestina

Nos últimos anos, têm-se descoberto certas diferenças básicas entre as maneiras de lidar com o conhecimento e a verbalização em culturas orais primárias (culturas que ignoram completamente a escrita) e em culturas profundamente afetadas pelo uso da escrita. (ONG, 1996, p. 9).

Um dos aspectos importantes que constatamos com essa pesquisa foi o de que estávamos tratando com uma cultura que possuía suas raízes intensamente associadas à oralidade, naquilo que Ong (1996) intitula de uma cultura residualmente oral. Ou seja, uma cultura que estabelece suas conexões, diálogos, planejamento de trabalho, pesquisas e explicações predominantemente através da oralidade. Carreando juntamente e justamente por isto as marcas da oralidade residual.

Os estudos acerca da oralidade parecem ter eclodi-

do, como afirmam Havelock (1997), Ong (1996) e Cardoso (2000), com Milman Parry com sua tese de doutorado em 1928 e seu discípulo, Albert Lord que publica um livro em 1960, reunindo diversas notas sobre o assunto. Segue-se Marshall McLuhan, o próprio Ong com suas pesquisas antropológicas e Havelock com seu rastreamento histórico.

Estudando resultados parciais dessa pesquisa, detivemo-nos a verificar mais enfaticamente a eco-relação na teia de representações sociais e constatamos que a oralidade confere singularidade a essa cultura, às formas de pensamento, de interação e de legitimação dos discursos do lugar. Efetivamente, é significativa a distinção entre cultura oral e escrita, aliás, é mais ampla do que a princípio podemos imaginar. Afirma Ong (1996):

[...] Sem a escrita, as palavras em si não possuem uma presença visual, mesmo que os objetos que elas representam sejam visuais. Elas são sons. Poder-se-ia “evocá-las” – “reenvocá-las.” Porém não estão em lugar algum onde poderiam ser “procuradas”. Não têm sede, nem rastro (uma metáfora visual, que mostra a subordinação à escrita), nem mesmo uma trajetória. São ocorrências, eventos. [...]. Toda sensação ocorre no tempo, mas o som possui uma relação especial com ele, diferente da que existe em outros campos registrados na sensação humana. O som existe apenas quando está deixando de existir. Ele não é apenas perecível, mas é essencialmente evanescente. [...]. Não há como deter e possuir o som. (p. 42).

Existe uma interioridade no som que não existe naturalmente na visão, pois que: a vista não percebe um interior estritamente como interior [...]. A vista isola; o som incorpora. A visão situa o observador fora do que ele vê, a uma distância, ao passo que o som invade o ouvinte. A visão disseca. (p. 85).

A interioridade e a harmonia são características da consciência humana. A consciência de cada indivíduo humano é totalmente interiorizada, conhecida do indivíduo, a partir de dentro e é inacessível a qualquer outro diretamente do interior. [...]. O conhecimento é, fundamentalmente, não

um fenômeno fragmentador, mas unificador, uma luta pela harmonia. (p. 86).

Como pode ser percebido, esses estudos sugerem que o grupo com o qual interagimos manifesta muitos caracteres específicos da oralidade, justificando-se, por isto mesmo, discutir um pouco mais essas particularidades distintivas de uma cultura oral ou residualmente oral. Nessa linha de entendimento é que apresentamos, em seguida, algumas dessas principais características.

Ong (1996), destacando alguns indicadores da cultura oral, informa que existe uma propensão de serem: (1) mais aditivos do que subordinativos; (2) redundantes ou copiosos. Essas peculiaridades parecem derivar de uma contingência da memória auditiva que requer repetição maior para gravar o que quer memorizar; (3) mais agregativos do que analíticos, aqui poderia se pensar que isto está relacionado com a tendência de remanescentes dessa cultura oral a viver mais próximos uns dos outros, sendo mais empáticos e possuírem a tendência a buscar o equilíbrio. Similarmente, fica-se tentado a associar essa característica à dificuldade de se distanciar para separar, implicando em uma proximidade que gera propensão agregativa, contrariamente à tendência fragmentária tão comum à cultura escrita, tal como se estabeleceu sob o paradigma da modernidade; (4) conservadores ou tradicionalistas. Nesse caso o conservadorismo resulta da condição básica de se manter o que já se construiu diante da dificuldade de se construir o novo, sob o alicerce de uma memória física, concreta, limitada naturalmente, que assim se restringe ao essencial, sentindo-se propelida a manter o que existe; (5) próximos ao cotidiano da vida humana. Tratando disso, o autor afirma que “a escrita alimenta abstrações que afastam o conhecimento da arena onde seres humanos lutam entre si. Ela separa aquele que conhece daquilo que é conhecido.” (p. 55). Por ter que limitar o que pode e deve ser arquivado na memória oral, existe uma queda ao ‘mundo de vivências imediatas’; (6) de tom agonístico, pois que representações entusiásticas de luta, violência física e de

louvor permitem maior facilidade de registro mnemônico. Tudo o que se relaciona com a luta, em particular a luta pela vida, se destaca nesta cultura que precisa preservar espaços mentais para suas atividades e comunicações mais urgentes e freqüentes; (7) mais empáticos e participativos do que objetivamente distanciados. Para uma cultura oral o ato de conhecer está ligado a entrar em ressonância, identificar-se intimamente, deixar-se sintonizar com... Para a cultura escrita, a objetividade, o distanciamento se faz necessário para vislumbrar o objeto; (8) homeostáticos: quanto a isto relata o mesmo autor que

[...]ao contrário das sociedades de cultura escrita, as sociedades orais podem ser caracterizadas como homeostáticas, isto é, elas vivem preponderantemente num presente que se mantém em equilíbrio ou homeostase, descartando-se de memórias que já não são relevantes para esse presente. (p.58).

O presente impõe sua própria economia sobre o passado e o futuro, visando manter um equilíbrio aceitável em seu contexto de vida. (9) mais situacionais do que abstratos.

Estudos de Luria, citados na obra de Ong (1996), demonstram que a lógica de uma cultura oral ou residualmente oral difere da lógica formal proposta pelos gregos, após o advento da escrita alfabética. Utiliza muito mais conceitos operacionais, situacionais, que respostas escolares ou categorias construídas. Como as situações exteriores dominam a atenção, existe uma dificuldade em realizar auto-análise, pois isto obriga a um rompimento com o situacional, implicando em um isolamento, um distanciamento para que possa se examinar e descrever.

A inteligência, nessa cultura, se associa à contextos operacionais. E, somente a escrita individualmente interiorizada altera esse quadro, influenciando os processos de pensamento. Assim, esses indivíduos que interiorizaram a escrita não apenas escrevem, mas elaboram sua fala dentro dos padrões da cultura escrita.

Com base em algumas conclusões dos estudos de Ong (1996), podemos deduzir que a cultura oral tende a

proporcionar, intrinsecamente, uma percepção agregativa, na qual o “cosmos” é identificado como um evento contínuo com o ser humano nele presente e participante. Na oralidade, o sagrado, as relações comunitárias se colocam como agentes de coesão, agrupando e fortalecendo. A escrita rompe isso, ao implementar uma “visão” na qual o “mundo” é pensado essencialmente como algo dissociado, visível aos nossos olhos. Transitamos gradativamente do “universo” sonoro ao “espaço” visual. Desse modo, o que na oralidade era sagrado se dessacraliza com a textualidade.

A escrita reestrutura efetivamente a consciência, propiciando-lhe maior potencialidade e abstração. Por outro lado, produz uma tendência à dissociação do contexto, contribuindo com um rompimento da tendência à solidariedade que em geral estão presentes nas culturas orais.

Com as tecnologias do telefone, do rádio, da televisão, da eletrônica, da informática, entramos na “oralidade secundária.” Com ela se retoma um pouco do sentido comunal e participativo, embora virtualmente. Apresenta-se como sendo mais ‘global’, aparentando mesmo potencializar uma alienação do ‘local’. Esse sentido comunal manifesta-se de forma mais analítica do que agregativa, o que gera uma ruptura com a solidariedade inerente a uma oralidade primária.

Em relação à cultura sertaneja, percebe-se um embate constante com a cultura capitalística, com sua característica cultural de oralidade secundária, trazendo a massificação proposta pela indústria cultural (BOSI, 2000) resultando em formas peculiares de conhecimento, que nós denominamos de conhecimento tatuado (FIGUEIREDO, 2001a).

Como afirmamos, em trabalhos anteriormente apresentados [...], esta cultura residualmente oral parece implicar que o mundo concreto possui os legitimadores dos saberes do grupo onde operam. Conhecimento que não é mediatizado por estes, ou fica vazio de sentido ante as práticas grupais ou é registrado, como “tatuagem” sobreposta,

a-criticamente, sobre as vivências concretas dos sujeitos. Esse “conhecimento-tatuado”, conforme nomeamos, parece desenraizado, sem ancoragem coerente, necessitando conexões dialógicas com os “saberes-vividos” pelo grupo e legitimados.

Estes “saberes-vividos” se conectam com o que aqui denominamos de “mundo concreto”, no qual o ator social se relaciona em sua cotidianidade, vive suas sensações e sentidos e exercita sua afetividade e inteligibilidade. Não havendo maiores mediações senão as dos sentidos físicos, dos afetos e da intelectualidade prática oferecida pelo arcabouço que a natureza nos propicia e os relacionamentos concretos e próximos nos oferecem. Entretanto, estão dissociados desse mundo concreto os conhecimentos na forma de tatuagem. (FIGUEIREDO, 2001a).

Nessa direção, verificamos que os entrevistados apresentam uma miscigenação da cultura residualmente oral com a oralidade secundária. Ocorre uma situação de conflito na qual, características próprias da oralidade são sobrepostas por outras tendências inerentes à oralidade secundária e mesmo à escrita. Esses autores sociais passam a associar percepções e representações na constituição das RS da água, da natureza etc.

Se a escrita rompe com o imediato, permite, por sua vez, a visão do distante, se introduz alienação e divisão, potencializa uma unidade maior. A fala, por sua vez, ilumina a consciência e permite identificar e articular a relação entre sujeitos e entre o sujeito e o mundo concreto (natureza e sociedade). Carecemos transcender as restrições próprias a cada uma dessas culturas e retomarmos o caminho da unidade, da solidariedade.

Como apontado (FIGUEIREDO, 2001a, 2001b, 2001c), a Perspectiva Eco-Relacional reforça a importância de considerarmos as interações entre proposta pedagógica e percepção da realidade, intrínseca aos grupos envolvidos. O pressuposto de estarmos interagindo com uma cultura residualmente oral nos leva à hipótese de que é necessário considerar tal fato e suas conseqüências na efetivação de processos educacionais. Assim, gera-se um conjunto que

compõe uma teia de representações que trazem marcas desse processo, o que possibilita reflexões, que podem ajudar no planejamento de programas de educação ambiental, referendados pela Perspectiva Eco-Relacional.

Os Marcadores do Discurso do Lugar

Na segunda fase da investigação, nossa abordagem aprofunda-se e com o levantamento das Histórias Orais com informantes-chave, apontados como “pessoas que falam pela gente daqui da comunidade.” Nós passamos a denominá-los de “marcadores sociais do discurso do lugar”, isso porque constatamos peculiaridades que nos indicaram ser essa cultura constituída de peculiaridades próprias de uma cultura residualmente oral. E essa oralidade indica aspectos que demonstram a relevância social dessas pessoas que definem, na conjuntura oral ou residualmente oral, a importância ou não de certos discursos, falas, saberes, conhecimentos, informações, eventos, fenômenos, pessoas etc.

Realizamos o levantamento de dezessete histórias orais centradas na temática de nosso interesse, dentre essas tivemos alguns depoimentos pessoais. Nossos marcadores foram Pedro Silva Sousa, o Pedro Piquira e sua esposa Marlene Sousa, Sebastião Salustiano da Mota e sua filha Francisca Lucivânia Oliveira Mota, do Bairro da Barragem; Antônia Maria Nascimento Mesquita, do Bairro do Cruzeiro; Francisco Moura Cavalcante, do Bairro Gil Bastos; Francisco Gilvane Mota e Rita de Cássia Brioso Mota, do Bairro da Rodoviária; o ‘seu’ Manuel Deoclides de Sousa, ‘seu’ Milton Vasconcelos, Zuleide e Zuíla Mota, Caetano Rodrigues de Sousa e Raimundo Nonato Sousa Silva, do Bairro do Centro; Raimundo Pinto Barbosa e José Clairton Rodrigues Batista, do Bairro da Esperança; ‘seu’ Raimundo Pinto da Costa, do Bairro do Açude.

Descrevendo um pouco, esses informantes-chave, vemos que Pedro Piquira e sua esposa Marlene possuem formação primária, larga experiência de vida vivida na dificuldade. Moram em uma casinha de três vãos, com poucos móveis. Na sala dois sofás, no quarto uma cama e

redes armadas, pote, fogão e vasilhas com água, além de outros pequenos objetos. Parecem ter uns cinqüenta anos de idade. Lutadores do cotidiano que tentam se inserir nas discussões maiores do bairro de modo tímido. Não poderia esquecer, o “último” a integrar este grupo de marcadores, o Nonato, Raimundo Nonato Sousa Silva (Bairro do Centro), que é assessor da Federação de Associações de Irauçuba e atualmente um dos marcadores mais influentes nas relações com os demais, estando a frente deste largo movimento popular que está emergindo no município de Irauçuba de 2002 em diante.

Antônia Maria é uma falante que conta suas transações com os outros marcadores, com o governo local que lhe negou acordos estabelecidos. Desde cedo procura ajudar as pessoas que, tal qual ela, viviam em situação de aflição e carência de tudo. Daí foi se destacando e fundou uma associação para melhor contribuir com a comunidade de sua área residencial. Parece ter uns trinta e cinco anos.

Moura, aparenta cinqüenta e poucos anos, traz larga bagagem de vida. Transitou por muitos lugares. Hoje, “aquietou o facho.” Não quer mais sair desse lugar. Construiu sua casinha em um terreno doado pelo ex-prefeito. Talvez esperasse gratidão e cuidado com sua língua astuta e atenta. Com um largo bigode e sua fala crítica, é um grande contador de causos. Tem sempre uma excelente metáfora, a oferecer. É um grande lutador em favor do seu povo. Atualmente é secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Irauçuba.

Francisco Gilvane Mota, Rita de Cássia Briosso Mota e Caetano Rodrigues de Sousa são jovens que se aliaram em prol de uma Irauçuba melhor por meio de suas contribuições. A Cássia assumiu em substituição ao Gilvane a Associação do Bairro, quando ele, juntamente com o Caetano, foi para São Paulo buscar qualificação pessoal, através de um curso de especialização em gestão ambiental. Gilvane e Caetano possuem graduação realizada na cidade de Sobral, na Universidade Vale do Acaraú. São professores em escolas públicas. Esses chegaram juntos

nessa estrada com a jovialidade e entusiasmo próprio de jovens lideranças populares. Gilvane é o atual Secretário de Administração da Prefeitura Municipal de Irauçuba. Caetano é Secretário de Meio Ambiente e Agricultura.

Manuel Deoclides de Sousa é um dos mais idosos do grupo. Ele traz na memória muitos relatos. Conta muito sobre Irauçuba e enfoca sua problemática financeira. Relata sua vida de fazendeiro, de dono de hotel na cidade, de candidato a prefeito etc. Conta sobre os poucos anos bons da atualidade e de bons anos passados.

Milton Vasconcelos é um verdadeiro historiador leigo. Já fez de tudo e finalmente se dedicou a ser professor de educação física e historiador sobre a cidade, nas horas vagas. Reconhece os marcos históricos do lugar e suas lutas. Deve estar com seus setenta anos.

Zuleide e Zuíla Mota, jovens idosas que se orgulham de pertencer à família fundadora do município, falam sobre sua juventude e como era maravilhoso o rio Lanchinha, enquanto lazer e ponto de encontro de sua época de garota e adolescente. Dizem como hoje está tudo tão mudado.

Raimundo Pinto Barbosa é um agricultor e moto-taxista. Atua na agricultura, mas complementa seu orçamento com um trabalho numa motocicleta em serviço de táxi. Falador contumaz relata sobre sua cidade e sobre o seu bairro. Como está sofrida a cidade e o seu bairro com o descaso das autoridades quanto aos esgotos lançados nos mananciais de Irauçuba.

Clairton é uma figura especial. Homem simples do povo que se destaca por ter um coração enorme e ajudar a todos que necessitam. Tornou-se, por força de sua práxis social, uma liderança escolhida pelos seus pares e, assim, atualmente se insere noutras instâncias, envolvido em movimentos mais amplos, tais como a Federação de Associações de Irauçuba, tal como Gilvane, Caetano, Antônia Maria, Moura e Nonato.

Raimundo Pinto da Costa é um agricultor sem maiores atuações sociais junto à comunidade, sendo apenas um interlocutor do bairro em razão de sua relação histórica com o bairro do Açude. No citado bairro, não há um mo-

vimento associativo, nem embates sociais reconhecidos pelos seus moradores.

Sebastião Salustiano da Mota parece ter uns setenta e cinco anos. Seu pai, João Salustiano, é neto do fundador de Irauçuba. É um homem sério, mas aparenta uma ingenuidade que já foi, inclusive, utilizada indevidamente pelos políticos locais quando de sua atuação como presidente da associação do bairro da Barragem. Possui uma pequena propriedade, na área fronteira entre o urbano da cidade de Irauçuba e a área rural. É agricultor, têm uma pequena criação de gado, galinhas no quintal. O rio Lanchinha corre por dentro de suas terras, infelizmente já contaminado pelos esgotos da cidade.

Francisca Lucivânia Oliveira Mota, filha do Sr. Sebastião, foi secretária da Associação do Bairro da Barragem. Uma jovem destemida e voluntariosa. Busca envolver-se intensamente nos embates do seu bairro. Atualmente vive um drama resultante de estar restrita em suas atuações pelo atual presidente da Associação, seu primo indicado pelo seu pai para assumir o cargo. Sebastião e Lucivânia muito falaram de descasos e de conflitos sócio-políticos ao redor das demandas populares.

Raimundo Nonato Sousa Silva, jovem empreendedor, que se notabiliza pela permanente ação visando colaborar com os mais sofridos da comunidade. Parece se destacar de seus pares por estar bastante atento aos demais no sentido de ouvi-los e colaborar com eles. Desponta como um possível candidato popular à prefeitura de Irauçuba no próximo pleito. Foi funcionário da prefeitura atuando na área de elaboração de projetos junto ao Banco do Nordeste do Brasil, até que, por conta de sua participação no movimento popular em prol de candidatos comprometidos com a Federação das Associações de Irauçuba, foi demitido de suas funções. Hoje Nonato é o atual prefeito de Irauçuba. O primeiro prefeito de origem popular e eleito pelo povo, rompendo com a hegemonia anterior.

Características dos Marcadores do Discurso do Lugar

Esses atores que são autores de textos orais e de-

marcam com legitimidade popular os discursos e falas significativas do lugar, são sujeitos que sublinham e ou re-sintetizam as falas coletivas do grupo. Isto aparece como uma necessidade de ter uma espécie de legitimação intrínseca dos discursos e falas que circulam socialmente em seus contextos de vida. Para tanto, elegem 'indivíduos' que assumem uma espécie de mandato coletivo, recebendo a aval comunitária para grifar, realçar, reescrever, traduzir, transcrever, sublinhar aspectos dos discursos que chegam ao seu mundo vivido. Esse mandato coletivo propõe a marcação do discurso do grupo, no qual destacam e definem pontos, trechos, falas de interesse ou apropriadas ao grupo.

Como emergem esses marcadores? O que nos aparece, ao interrogarmos sobre o advento desses marcadores sociais, é que, em geral, emergem em situações de crise, de incertezas, de dúvida, de indecisão coletiva ou individualmente freqüentes. Destacam-se no esclarecimento comunitário, na mobilização popular, nas ações sociais solidárias, no compromisso cidadão, na dedicação pessoal a causas comunitárias.

Na maioria das vezes são esses marcadores sociais que efetuam a ponte entre o grupo que representam e os governantes locais. Estabelecem demarcações nos discursos que lhes são propostos ou impostos. Atuam como referência para os que se lhes acercam. Desvelam alguns aspectos sombreados da lógica popular. São esses autores que redefinem e sublinham um percurso interpretativo. Legitimam e efetuam reordenações simbólicas. Demarcam de que lugares estão falando e as idéias de mediação subjetivas, muito embora em uma cultura residualmente oral a esfera vital tenha significativa influência. O bom marcador marca o lugar do devir.

Aqui, abrimos ouvidos mais atentos à voz dos marcadores sociais do discurso do lugar para que descrevessem suas lutas, resistências, histórias de vida, reflexão sobre os conflitos presentes. Buscamos as sutilezas – imagens de dupla mão – iconizadas. Lidamos com a contradição que evidencia ora a pessoa enquanto sujeito de sua história pessoal, ora a sua atuação como marcador de discurso do

lugar, ora sua postura política mais ampla, ora o seu jogo de interesses. Sua cooptação ou resistência ao processo de sedução. Possuem esse mandato coletivo, propondo a marcação do discurso do grupo, destacando pontos, aspectos. A mobilização e a desmobilização são potencialidades presente na marcação. Enfatizam o movimento em busca do desejo e acenam e efetivam um “sair do canto.” Às vezes, contudo, há um emudecer de cooptação. Um exemplo é dado por um dos marcadores que recebe uma ajuda para o filho e parece passar a sublinhar o silêncio, o não sair do canto do que deveria ser um movimento social. Enfatiza a não negociação do discurso nas trocas entre políticos e associação comunitária. Um outro marcador do discurso de determinado bairro recebe doação de um terreno para construir a casa própria, entretanto, permanece na luta sofrendo retaliações, como o não recebimento de água encanada em sua casa. A sua e a do seu vizinho são as únicas casas da área nas quais não chega o sistema de distribuição de água na área.

Outro marcador foi em busca de qualificação, por meio de um curso de especialização, acreditando desse modo poder contribuir mais efetivamente. Desenvolve bom discurso, mas precisa encontrar os meios de efetuar a significação de seu percurso desejante na construção de uma história social popular. Necessita rever suas raízes e retomar um contato radical com sua comunidade para manter-se contribuindo, de modo engajado, com os embates sociais.

Nesse processo de marcação do discurso do lugar, existe latente um enorme potencial de transformações sociais, através da abertura de um leque de entendimentos possíveis na reflexão-ação presente, inscritas nas representações sociais existentes no grupo, podendo ser recanto de trans-ações.

Como chegamos a eles? Fomos rastreando no meio do povo, questionando quem poderia falar sobre o seu lugar e suas lutas e histórias. De repente muitos indicavam o mesmo nome, a mesma pessoa para falar por eles. Afinal, eles eclodem diante de crises (Sebastião, Pedro Piquira,

Marlene) ou se destacam por um serviço constante em favor do grupo (caso da Antonia Maria), ou ainda por ser o que mais fala sem temor dos problemas do lugar (Zuíla e Zuleide, Raimundo P. Barbosa, Clairton) e reivindicam em nome dos que estão atemorizados em falar (o caso do Moura). Outros ainda surgem quando buscam mobilizar e/ou organizar seu povo na direção de um percurso desejante comunitário (Gilvane, Acássia, Caetano, Vânia, Nonato).

Esses marcadores, que se tornaram amigos e companheiros em muitos embates de palavração, ofereceram muita riqueza em seus saberes. Mostraram, muitos deles, um caminhar reflexivo construído em estudos mais avançados do que a maioria da comunidade ou em disposição mais profunda à solidariedade, ou ainda somaram esses fatores.

CAPÍTULO IV

Abrindo Veredas, Escolhendo Caminhos (Procedimentos Metodológicos)

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um 'penso', mas um 'pensamos' que estabelece o 'penso' e não o contrário.

Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediador da comunicação. (FREIRE, 1992, p. 66).

Teoria, epistemologia e método aqui formam um círculo contínuo e influenciam-se mutuamente [...]. As representações sociais, enquanto formas de conhecimento, são estruturas cognitivo-afetivas e, desta monta, não podem ser reduzidas apenas ao seu conteúdo cognitivo. Precisam ser entendidas, assim, a partir do contexto que as engendram e a

³⁵ É o caso de ecopráxis, consciência, eco-relacional etc.

partir de sua funcionalidade nas interações sociais do cotidiano. (SPINK, 1995a, p. 117 e 118).

A investigação se propôs, como foi explicitado anteriormente, a identificar e comparar as representações sociais da água, atitudes e práxis relacionadas, em um esforço de compreensibilidade do 'ponto de vista' popular. Isto foi efetivado por meio de trinta entrevistas (THOMPSON, 1998; HAGUETTE, 1995; BROW e DOWLING, 1997; MINAYO, 1996) que nos proporcionaram uma espécie de varredura geral do campo de pesquisa. Seguidas de um trabalho mais extensivo e de maior profundidade desenvolvido através das histórias orais e alguns depoimentos pessoais, o que explicaremos mais amplamente adiante, com base em Queiroz, 1998; Cipriani, 1998; Bosi, 1999; Brandão, 1998; Thompson, 1998. As atitudes e a práxis puderam ser percebidas mais efetivamente por meio das observações etnográficas (GEERTZ, 1973) que apontavam como a consciência ambiental se manifestava concretamente associada ao grupo investigado.

Esse grupo foi composto por usuários dos recursos hídricos oriundos da população em geral, no caso das entrevistas. Estes foram selecionados por conveniência, enquanto residentes nos bairros da 'dita' zona urbana da cidade de Irauçuba (CE). Quanto aos depoentes, tanto no caso das histórias orais quanto no nos depoimentos pessoais, foram escolhidos dentre aqueles que se destacavam nos diferentes bairros como informantes-chave, que vimos a denominar de marcadores sociais do discurso do lugar.

De início, através de um projeto piloto, aplicamos dez entrevistas. Diante do que ficou proposto um número de mais vinte entrevistas, número que poderia ser modificado caso não atendesse ao princípio de saturação de informações, que sugere continuarmos o processo de entrevistas ou questionamentos até que as informações comecem a se repetir continuamente como se estivessem saturadas as respostas possíveis (QUIVY & CAMPENHOUDT, 1992; MARISA et al., 1996; KRAMER, 1993; HAGUETTE, 1987). Esse número predeterminado não necessitou ser modifica-

do por ter havido a devida saturação de informações resultantes das entrevistas. Foi possível o aproveitamento das dez entrevistas do projeto piloto, pois não houve maiores modificações no roteiro e procedimento das entrevistas, entre as duas fases.

Essas entrevistas, levantamentos das histórias orais e depoimentos pessoais foram efetivados na cidade de Irauçuba, tendo como zona de investigação seus sete bairros. O Bairro do Açude e o Bairro da Esperança são os que aparecem com o menor número de imóveis, provavelmente com o menor número de residentes, principalmente o Bairro do Açude, que consta de apenas umas poucas ruas, com umas pouquíssimas casas. As entrevistas foram efetuadas em todos os bairros não se repetindo mais do que dois imóveis por rua de cada bairro. Residências particulares e estabelecimentos comerciais foram acessados no processo das entrevistas. Utilizamos o gravador, solicitando autorização para gravarmos. Anotamos alguns detalhes interessantes em folhas e cadernos que serviram como Diário de Campo. Seguimos um roteiro de perguntas pré-estabelecidas o que viabilizava a comparação das respostas.

Com vistas ao objetivo desse estudo, no primeiro momento das entrevistas, foi coletada a informação da representação pedindo para que os atores/autores sociais investigados expressassem de maneira livre o que pensavam com a evocação de palavras como: recursos hídricos, água, falta d'água, poluição da água, procedendo a uma "Associação Livre" (ROAZZI e SANTANA, 1994; SPINK, 1995a; SÁ, 1996). Logo em seguida foi aplicada a entrevista com possibilidade de respostas abertas mais amplas.

A investigação por meio das entrevistas tomou corpo buscando a compreensão dos elementos simbólicos associados à água e às atitudes em torno da relação com o elemento hídrico. Agrupou-se essas RS em conjuntos vinculados a um modo de relação do grupo local com a água. As representações sociais propiciaram condições de acesso interpretativo do mundo simbólico do grupo e da maneira como esse desempenha ações no cotidiano.

Foram utilizados, no processo de reflexão e interpre-

tação dos resultados, alguns conceitos sintéticos, categorias sistêmicas (QUIVY e CAMPENHOUDT, 1992), pré-estabelecidos e já apresentados³⁵, com o intuito de permitir comparações entre o empírico e o desejado, bem como estabelecer propostas mais eficazes a partir das comparações entre conceitos sistêmicos e empíricos identificados através da pesquisa e entre as representações sociais dos grupos pesquisados.

Diante da complexidade dos resultados acolhidos e de uma relativa opacidade dos dados resolvemos aprofundar a investigação por meio de outra técnica de pesquisa: a “História Oral” (QUEIROZ, 1988; BRANDÃO, 1998; BOSI, 1999; BOTURA, 1998; THOMPSON, 1998; ALMEIDA, 2001; HAGUETTE, 1995; MAROTTI e SANTOS, 2001). Quanto aos depoimentos, tivemos um total de dezessete colaboradores, anteriormente apresentados. Ao longo dos quatro anos de relação com Irauçuba produzimos, aproximadamente, vinte horas de vídeo, trinta e nove horas de áudio e mais de quatrocentas fotografias coloridas.

Em relação ao estudo do material coletado dentro do contexto das Representações Sociais, ele se insere na tradição fenomenológica de pesquisa ampliada pela Perspectiva Eco-Relacional, pela abordagem freireana da “fenomenologia dialética” (GADOTTI, 1996, p. 125), inferindo-se que as representações sociais necessitam de técnicas para o desvelamento das associações, que emergem das teias de significados, no que terá o amparo da análise de conteúdo (BARDIN, 1977), da “etnografia profunda” (GEERTZ, 1973) e das contribuições dessas abordagens acima citadas.

Essa proposta metodológica reflete a opção teórica dessa pesquisa qualitativa, em especial pela investigação a que se propõe. Reconhece, em particular, a identidade entre o sujeito da pesquisa e os atores/autores sociais a

³⁶ Percepção da realidade está associada a como os seres humanos atribuem significados à realidade; como interpretam acontecimentos e ‘objetos’ e como esses interferem no seu cotidiano. A percepção sobre si mesmo está associada a como o indivíduo vê a si mesmo, o que reflete no processo de como o sujeito constitui sua identidade, seus valores e atitudes.

serem investigados, a historicidade, a subjetividade, a dimensão simbólica, espaço fundamental desse trabalho, e o concreto vivido, enquanto manifestação das motivações intrínsecas dos referidos atores/atores.

Considera-se a pertinência e mesmo a necessidade de se identificar as âncoras que o senso comum tem utilizado na constituição de representações associadas à dimensão sócio-ambiental. Como afirma Jovchelovitch (2000) a importância da escolha pela pesquisa em representações sociais se explicita, principalmente, por dois motivos: primeiro porque as RS são fenômenos simbólicos produzidos na esfera pública, nas conjunturas de comunicação e ação, podendo, portanto, no nosso caso, apresentar os conteúdos significantes do povo; segundo, pelo seu caráter tanto referencial como construtivista.

As representações sociais são sempre a representação de um objeto, ou seja, elas ocupam o lugar de alguma coisa, elas re-apresentam alguma coisa (JODELET, 1984b). Neste sentido, elas reconstroem a realidade, de uma forma autônoma e criativa. Elas possuem um caráter produtor de imagens e significante, que expressa, em última instância, o trabalho do psiquismo humano sobre o mundo[...] (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 41).

Essa autora ainda ressalta que nisso não há tentativa de negar o poder das estruturas sociais, de fato, não deve se pensar numa dicotomia entre as estruturas concretas e a dimensão do imaginário. As RS se relacionam dialogicamente carregando em si tanto a possibilidade de manutenção do passado quanto a mudança do futuro (Jovchelovitch, op. cit). Constituem-se do saber do senso comum. “Trata-se de um conhecimento ‘outro’, diferente da ciência, mas que é adaptado à ação sobre o mundo e mesmo corroborado por ela.” (JODELET, 1991, p.11). Nesse sentido, nosso estudo permite encontrarmos matéria-prima rica na constituição de um saber parceiro, mantendo e mudando, de maneira compatível com ações conscientes, apropriadas diante da urgência e gravidade do momento

de crise ambiental.

Numa triangulação metodológica, ou seja, usando técnicas variadas para ampliar a possibilidade de interpretação do caráter multifacetado da realidade sob investigação (JOVCHELOVITCH, 2000), pretendeu-se verificar o quanto essas representações presentes no discurso, nas imagens, na práxis, retratam uma Perspectiva Eco-Relacional. Como procedimentos de geração dos dados da pesquisa utilizamos as entrevistas, histórias orais e depoimentos pessoais.

Ao longo desse processo e junto a essas áreas de estudo, foram realizadas observações de campo numa leitura etnográfica (GEERTZ, 1973; BRANDÃO, 1981; HAGUETTE, 1987) quanto à prática eco-sócio-ambiental no relacionamento com a água. Pode-se então estabelecer, por meio do estudo dos dados, dos resultados das entrevistas, das observações, do conhecimento do contexto histórico das áreas de estudo, uma aproximação do entendimento das interações empíricas próprias dos grupos investigados no que se refere a uma consciência ambiental e à conexão existente entre esta consciência e as relações com a água.

Aprumando o Passo (Métodos e Técnicas de Pesquisa)

“Não sabemos o que pensamos enquanto não vemos o que dizemos.” (GEERTZ, 1973, p. 90). A entrevista (THOMPSON, 1998; HAGUETTE, 1995; MINAYO, 1996), como também a ‘história oral’ (QUEIROZ, 1988; BRANDÃO, 1998; BOSI, 1999; BOTURA, 1998; THOMPSON, 1998; ALMEIDA, 2001; HAGUETTE, 1995) foram os principais meios de obtenção de respostas às questões formuladas com o objetivo de identificar as representações sociais, dentro do seu quadro de significações.

No caso das entrevistas utilizamos um roteiro estruturado com questões abertas, considerando alguns detalhes, tais como: a inter-relação dos itens com o problema central; o conhecimento do assunto tanto quanto possível antes de iniciar a formulação das perguntas, a consideração de cada item como uma entrevista em si mesma, constituída de propósito,

justificando sua inclusão. Utilização de perguntas tendo como base os objetivos. Posteriormente as histórias orais mostraram-se mais satisfatórias aos nossos propósitos.

Quando da aplicação dessa técnica de coleta de dados, tendo o formulário como eixo norteador da entrevista, pretendeu-se estimular o ator social a expressar suas representações e atitudes envolvendo as relações diárias com a água e reflexões inerentes a essas. Na seqüência, discutiram-se suas impressões sobre responsabilidade, diálogo, finalidade social, compromissos e responsabilidades, percepção³⁶ sobre si mesmo, sobre a natureza, sobre a ecologia, consciência ambiental. Procedeu-se a uma discussão de significados, distinções e identidades entre as representações.

Na aplicação desse modo de caminhar da pesquisa, o primeiro estágio foi a aplicação da “associação livre”, ou seja, solicitou-se aos entrevistados revelarem de modo espontâneo o que lhes viesse, de imediato, ao pensamento com a evocação de determinadas palavras (ROAZZI e SANTANA, 1994). Spink chama-a de Técnica Projetiva (SPINK, 1995a). É considerada por Abric (apud SÁ, 1996) uma técnica maior para coletar os elementos que constituem uma representação pelo caráter espontâneo, menos controlado, e pela dimensão projetiva desse trabalho. Quando de sua aplicação, nessa pesquisa, pedimos que as pessoas expressassem de maneira livre a idéia que lhes afluía ao pensamento com a evocação de palavras como água, falta d’água, poluição da água, ecologia, natureza, meio ambiente. Com base nesse levantamento, fez-se o registro das palavras mais articuladas por categorias que foram inspiradas pelos momentos investigativos iniciais. Também se evocou uma imagem mental que proporcionasse prazer, lazer e repouso, buscando comprovar a hipótese de que as pessoas, em sua maioria, incluiriam “água” nessa imagem.

Simultaneamente ao trabalho das entrevistas foram

³⁷ Alguns termos grafados aqui em itálico, dentro do texto, estarão sendo explicitados quando da apresentação dos resultados da pesquisa.

efetuadas “Observações de Campo.” Afinal, o presente estudo é uma pesquisa na qual a investigação se procede observando-se as semelhanças e diferenças entre as representações dos atores/autores sociais pesquisados, a prática ou práxis existente e a consciência ambiental que a dirige. As induções decorrentes permitiram constatações empíricas relativas às vivências do grupo pesquisado, em particular quanto à prática ambiental cotidiana. Foram seguidas as sugestões básicas adaptadas das propostas por Brandão (1981) e Haguette (1987) para a Pesquisa Participante.

Referindo-se ao diário de campo (HAGUETTE, 1987; MINAYO, 1996; FIGUEIREDO, 1999b) utilizou-se esse documento de registro com muitos registros fruto de nossa oralidade e poética que eclodia na vivência íntima com o sertão. Nele registravam-se detalhes do contexto e os eventos significativos que ocorressem no campo, relacionados ao tema. O pesquisador fez, também, anotações sobre suas próprias idéias, ligações com outros dados e reflexões sobre observações anteriores. No final de cada observação, o pesquisador efetuou anotações relacionadas a informes adicionais coletados, incluindo conversas ao final das entrevistas. O registro era feito o mais rápido possível. Anotaram-se no diário de campo, todas as observações consideradas importantes para o propósito do trabalho e os trechos poéticos inspirados pelo ser tão nordestino.

O outro instrumento encampado posteriormente, mas que demonstrou toda sua pujança, foi a “História Oral”. Como afirma Bosi:

Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais. Apurada reflexão pode preceder e acompanhar a evocação. Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. (1999. p. 81).

A natureza do problema determina a escolha do método, por esse motivo, diante de uma problemática que envolve múltiplas determinações e dimensões do real, ocorre uma particularidade que enriquece ao se constatar

a peculiaridade de estarmos interagindo com uma cultura residualmente oral. Verificou-se a impossibilidade de restringirmos a pesquisa a entrevistas e observações. “Procurando Compreender a Fala das Classes Populares”, artigo de Valla (2000), inspira uma busca de expansão. Isto se dá através da “História Oral”. É proporcionar a oportunidade de ouvirmos a voz daqueles historicamente silenciados. É buscar a memória como função social, tal como indica Bosi (1999).

Apresentamos um pouco dessa metodologia de investigação nas metáforas a seguir. Procuramos tecer os fios da pesquisa por esse meio. Fazendo uso das palavras de Kramer (1993), aqui a intenção é de relatar o movimento de várias trajetórias que ocorrem simultaneamente na construção da pesquisa. O trajeto do educador que descobre que sem a pesquisa não há real educação, do percurso de construção da identidade sócio-cultural, do caminho imaginário das divagações, da jornada de interpretação do saber do outro... São fios tecendo o entrelaçar do saber fazer-refletir, do saber conhecer, saber compreender com o saber ser. Vidas entrelaçadas que costuram teias. E a metáfora por nós escolhida adquire mais vida. É como se uma aranha emergisse da dimensão imaginária e se apresentasse como parceira permanente na constituição da teia epistêmica que é parte essencial da teia da vida, teia ontológica no humanizar-se que pode se fazer teia axiológica na consolidação de valores e princípios éticos fundamentais.

A aranha tece num trabalho vital, tirando de suas entranhas a matéria-prima dos fios que habilita o edificar da teia. Essa teia lhe propicia as condições da captura, da interligação com o ambiente ao seu redor. Reconhece e interage assim que qualquer ser toca qualquer ponto de sua teia. Sua teia é uma exteriorização de uma parcela de sua interioridade. Sua teia é parte de si mesma e lhe envia mensagens de qualquer fio tocado.

³⁸ Intitulamos esse de Grupo de Trabalho e Discussão da Relação de Convivência Solidária com o Semi-Árido – GTDRS. Em seguida apresentaremos os profissionais que compuseram esse grupo.

Dessa metáfora eclode o potencial das metodologias aqui adotadas. Constituem, tal como a teia, a potencialização de diversos fios entremeados por meio dos nós que lhe interligam e permitem a aquisição de componentes da realidade e assim alimentar a necessidade de conhecer e saber. Costuram, desse modo, uma teia do real composta de seus *'nós críticos'*³⁷, de sua fiação, obra que exterioriza um intercâmbio de sua natureza interior com a natureza fora de si. Constrói uma *'percepção eco-relacionada'* para si e para os outros. Uma construção que associa práxis educativa e práxis investigativa constituindo uma práxis ontológica, de se fazer-refletir ao refletir o fazer com consciência.

Tratando um tema de fronteira que efetua interface entre ciência do ambiente com ciências humanas temos "objetos" que são sujeitos que falam. Isto implica em que uma abordagem quantitativa não daria conta do desvelar essa amplitude. O qualitativo necessariamente se apresenta como alternativa obrigatória. Mesmo porque:

O fundamento do real centro de atividade, da real mediação histórica entre espírito e matéria, cultura e natureza, homem e cosmos, teoria e ação é a práxis, "revelação do segredo" do homem que cria a realidade humano-social e que, portanto, compreende a realidade humana e não-humana. A práxis não é atividade prática contraposta à teoria: é atividade que se produz historicamente, é unidade do sujeito e do objeto, da produção e do produto. Pela práxis o homem ultrapassa a animalidade. (KRAMER, 1993, p. 36).

Para fundamentar teoricamente o uso das "Histórias Orais", nos apoiamos em um trabalho produzido em parceria entre o Departamento de Sociologia da Universidade de Roma e o Centro de Estudos Rurais e Urbanos do Departamento de Ciências Sociais da USP. Trabalho organizado por Simpson (1988) que apresentaremos a seguir em seus componentes conforme a conveniência dessa pesquisa.

De acordo com Queiroz (1988), Oscar Lewis foi um pioneiro na utilização desse recurso. Após seu surgimento no

Brasil no final da década de 40 ela permaneceu ignorada até que, recentemente, com a revalorização da subjetividade e da História Oral na Europa, ela adquire visibilidade. Em uma tentativa de definir “História Oral” a autora afirma que:

“História Oral” é um termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de indivíduos de uma mesma coletividade. Nesse último caso, busca-se uma convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento ou sobre um período do tempo. (p. 19).

A diferença entre história de vida e depoimento está na forma específica de agir do pesquisador ao utilizar cada uma destas técnicas, durante o diálogo com o informante. Ao colher um depoimento o colóquio é dirigido diretamente pelo pesquisador; pode fazê-lo com maior ou menor sutileza, mas na verdade tem nas mãos o fio da meada e conduz a entrevista. Da “vida” do seu informante só lhe interessam os acontecimentos que venham se inserir diretamente no trabalho, e a escolha é unicamente efetuada com esse critério. [...]. Conhecendo o problema, busca obter do narrador o essencial[...] (p. 21).

Certamente “História Oral” não esgota aspectos sociais em foco, mas levanta questões importantes e profundas capazes de iluminar ou ampliar perspectivas acerca do que já havia sido identificado por meio das entrevistas e observações. Revela mais do cotidiano, opiniões e valores e relacionamentos sócio-culturais. É técnica que capta os nós psicossociais da teia que entrelaça o individual com o social. Como afirma Brandão:

Somos todos responsáveis desde já e sempre pelas gerações que seguidamente realizarão o presente e o futuro. Mas se isto é verdade, e toda a complicada discussão sobre o futuro do Planeta traz no

seu bojo a evidência de nossa responsabilidade diante de tudo o que, acontecendo agora, determinará a direção do que virá a acontecer, é também verdadeiro que devemos ser solidariamente responsáveis pelas gerações que nos antecederam. (1998, p. 28).

Um cuidado importante com essa técnica foi aplicá-la juntamente com um grupo de pesquisa e práxis.³⁸ Esse procedimento tinha o intuito de diminuir os vieses subjetivistas passíveis em um processo como esse. Seria também possível, em seguida, rever junto com esses pesquisadores o trabalho registrado debatendo para ampliar a tradução das falas e dos componentes da fala que seriam de interesse direto para a nossa investigação.

O “vídeo artesanal” (VASCONCELOS, 2001) foi utilizado como técnica complementar associada às histórias orais. Com essa aplicação foi possível observar além da linguagem oral também outras linguagens, tais como a corporal, suas interações e contradições, a cantiga de suas falas, o gestual. A possibilidade de rever a imagem com e sem fala ajudava a perceber outras nuances. Porém, sua maior ajuda foi possibilitar debates, baseadas nesses depoimentos filmados e nas imagens, com esses companheiros que aceitaram participar desse “grupo de trabalho e discussão.”

Em campo, foram usados simultaneamente o gravador, a anotação no diário de campo de aspectos relevantes e a gravação em vídeo, nos moldes do vídeo artesanal proposto por Vasconcelos (2001) em seu trabalho de resgate da riqueza multifacetada do saber popular. Sua idéia era evitar qualquer desvio que restringisse a tentativa de compreensão do saber local, considerando a orientação de Paulo Freire para as relações entre intelectuais e classes populares.

Entendemos com Demartini (1988) que a complexidade não estaria apenas na realização das entrevistas, mas na intercomplementaridade e ligação que se fizesse entre as diversas etapas dessa fase. Dela nos apropriamos de sugestões quanto à transcrição e ao tratamento dos informes ampliados com a utilização do vídeo.

Foi composto o “Grupo de Trabalho e Discussão das Relações de Convivência Solidária com o Semi-Árido” com João Figueiredo, coordenador e responsável pela pesquisa, a Profa. Dra. em Educação Ângela Linhares, o pedagogo Pedro Henrique Alves Camelo e o acadêmico de pedagogia e “vídeo-man” Helder Pontes Lima (Nitamo).

Muitíssimas satisfatórias foram as reuniões de trabalho em torno das imagens e vozes registradas em vídeo e em áudio. Através dessas discussões montamos a teia de representações sociais cujas temáticas originaram-se nela. O grupo sugeriu que a ênfase da reflexão sobre a teoria-prática não poderia deixar de ser o eco-relacional e a ecopraxis, o agente mobilizador e resultante de sua elaboração. Pois, diante dos relatos, constatava-se a importância de reforçar o que já havia sido constatado durante as entrevistas. De fato, nas traduções formuladas pelo grupo havia a constatação do saber local interligado com o “conhecimento tatuado” (FIGUEIREDO, 2001) que lhe induzia a ocultamentos e fragmentações, distorcendo valores e atitudes.

Os atores escolhidos para a história oral foram os “marcadores do discurso do lugar” (FIGUEIREDO, 2001) por sua posição privilegiada de efetuarem ponte entre o grupo que representam e os governantes locais. Por estabelecerem demarcações nos discursos que lhes são propostos ou impostos. Por atuarem como referência para os que lhes acercam. Por poderem desvelar alguns aspectos sombreados da lógica popular.

Um argumento contrário a utilização da “História Oral” tem sido quanto a sua validade mais ampla diante do singular que o relato oferece. Cipriani (1988) refuta essa idéia ao informar que o dado biográfico, portanto a “História Oral”, não tem nunca apenas conteúdo pessoal, pois se relaciona com a comunidade local e a sociedade mais ampla. Permite, inclusive, reconstruir a realidade social em suas manifestações correntes. Muito embora não se pretenda uma universalidade absoluta, uma generalização indiscriminada. Daí se trabalhar com diversas histórias orais e preferencialmente levantadas no ambiente do ator social interagindo com os seus pares. Considerando as interven-

ções daqueles que lhe acercam no momento da entrevista e de suas discussões em torno dos temas de interesse da pesquisa. Obviamente dando destaque à fala desses mediadores do saber local. Cipriani (1998) afirma que:

[...] as respostas que se encontram, esparsas aqui e ali na densa trama de uma autobiografia, assumem um caráter significativo com as quais não conseguem competir as afirmações secas e inequívocas contidas em uma lista de perguntas previamente organizadas e possivelmente com respostas já codificadas. A história de vida permite à pesquisa sociológica recuperar uma problemática que, de modo contrário, se enfraqueceria pelas contínuas injeções redutivas de itens autoritários[...] (p. 122).

A narrativa de uma “História Oral”, ou particularmente de uma história de vida, não implica em considerarmos o sujeito como eixo – recanto de reconciliação social. Por outro lado esses marcadores com os quais trabalhamos carregam uma função social que nos permite reconhecê-los como informantes privilegiados no contexto dessa investigação acerca das representações sociais. Além do que, vemos as narrativas carregando representações sociais e uma considerável densidade de informações. Nesse entendimento temos a corroboração de Jovchelovitch (2000):

Narrativas são uma das principais formas discursivas nas quais as representações sociais se desenvolvem.

[...] a narração demonstra que parece haver em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar. Contando estórias, grupos e indivíduos humanos relembram o que passou, dão ordem e sentido à experiência e manipulam a cadeia de eventos que forma tanto a vida social como a vida individual. (p. 143 e 144).

[...] Em narrativas, as representações sociais encontram um terreno privilegiado no qual podem se incubar e se desenvolver. Quando sujeitos sociais organizam eventos em uma trama, eles o

revestem com significados, valores e afetos que são o material substantivo das representações sociais. (p. 147).

Assim, no cruzamento dessas histórias orais com as entrevistas, observações etnográficas e as trocas de idéias com o grupo de discussão, foram possíveis aproximações adequadas e, em “zoom”, ir e vir, nos distanciarmos e nos reaproximarmos na constituição dessa tessitura da teia, da trama e fios do real interpretado. O que lhe fortalece é exatamente não ser um campo isolado do conhecimento, mas um espaço relacional.

Se não consegue abranger a totalidade e a complexidade do real, lhe oferece um fio condutor tal qual, no clássico mito grego, o fio de Ariadne foi oferecido como consequência da relação afetiva que se estabeleceu entre ela e Teseu e que resultou no revelar do caminho para que ele sáísse dos corredores do labirinto do Minotauro. Recordemos que Teseu foi jogado no labirinto para tentar a saída do contexto fragmentado em direção à sua liberdade ou para ser devorado pela dimensão fera do humano retratada pelo Minotauro.

Na Tecitura de uma Reflexão Interpretativa

Não apenas as idéias, mas as próprias emoções são no [ser humano] artefatos culturais (GEERTZ, 1973, p. 95).

[...] pedras de um lado e sonhos do outro – são coisas deste mundo. O que devemos indagar é qual a sua importância: o que está sendo transmitido com a sua ocorrência e através da sua agência[...] (op. cit., p. 20 e 21).

Esse trecho do trabalho se estabelece na tessitura da tapeçaria teórica, traçada por diversos e múltiplos fios oriundos de diferentes escolas, correntes, que costuram e montam o grande tapete que nos servirá de ponte. Nessa ponte, a variável cultura adentra para alargar o construtivismo, a fenomenologia, visando à superação do pensamento

lógico-matemático.

Começamos por explicitar os conceitos novos que foram estabelecidos para designar certos aspectos, eventos, essenciais para o processo de descrição e interpretação aqui pretendido. E, precisando o sentido aqui dado à metodologia etnográfica, não se restringirá a um simples descrever, mas uma potencialização etnológica, já que existe uma descrição que busca o sentido, centra-se na interpretação. Beira a Etnometodologia e a Ecologia Cultural. A Perspectiva Eco-Relacional potencializa a superação da fragmentação, a separatividade, a competitividade, expandindo a compreensão da totalidade.

A pretensão da Interpretação Etnográfica é reconhecer os atores-autores sociais, o que pensam, como representam... Isto implica em convivência nos habitats dessas pessoas. Significa entrar em contato mais íntimo com suas falas, ações cotidianas, seus hábitos, suas conversas, suas práticas, suas interações.

O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e as sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 1973, p. 15).

O ponto a enfocar agora é somente que a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato, a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. (GEERTZ, 1973, p. 20).

Na esteira da tradição de Geertz (1973), interligamos subjetividade e cultura, visando a uma descrição que não se atenha à superfície dos fatos, fenomenicamente, mas adentrando na busca de maior totalidade de dimensões. Pretende-se romper com o mero reprodutivismo, tentando resgatar dimensões esquecidas dos seres humanos, ou mesmo expulsas de espaços formais.

A multidimensionalidade dos sujeitos, que se propõe apreender, rompe com a idéia de seres restritos ao pensamento lógico, a dita racionalidade. Cria uma leitura do processo de reterritorialização de sujeitos em situação de intenso sofrimento social (LINHARES, 2001) na qual o diálogo intersemiótico proporciona a identificação dos 'links' entre os componentes psíquicos. Lembramos que a experiência dos valores só vem com a emoção e não com a mera lógica racional.

Por meio das narrativas, em suas tensões constitutivas, no contato presencial com o outro (partilha do vivido), nos deparamos com o dito por meio do não-dito. Verificamos a complexidade na presença do ausente, a equibração majorante (PIAGET, 1996; LINHARES, 2001) diante da interação entre as memórias e as vivências atuais, ou seja, o reordenamento, a readaptação, dos sujeitos sociais às mudanças. "Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado." (BOSI, 1999, p. 55). Nas narrativas constatamos também a presença dos quadros sociais da memória. Como afirma Bosi:

Nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas ao mundo da pessoa (relação entre o corpo e o espírito, por exemplo), mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. (1989, p. 54).

"A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada." (THOMPSON, 1998, p. 22). Em nossa pretensão a narrativa histórica potencializa a escuta da história das

classes populares. Pois,

[...] toda comunidade carrega dentro de si uma história multifacetada de trabalho, vida familiar e relações sociais à espera de alguém que a traga para fora. (THOMPSON, 1998, p. 217).

O conhecimento, advindo das narrativas históricas, assume o papel de *'spots'* para ver o mundo e o modo de autoconstrução. Isto se pode deduzir das observações do proceder dos indivíduos na edificação de seu mundo pessoal e coletivo. Vasconcelos (2001) informa pontos indispensáveis em uma pesquisa que se instala tendo como "diretriz" a Educação Popular. Enfatiza o quão pouco se tem estudado a respeito de como as classes populares elaboram e se apropriam das mensagens e saberes transmitidos nas ações oficiais.

A Costura dos Estudos e Interpretação dos Resultados

A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as a caminhar para um futuro construídos por elas mesmas. (THOMPSON, 1998, p. 337).

Para mim a realidade concreta é algo mais que fatos ou dados tomados mais ou menos em si mesmos. Ela é todos esses fatos e todos esses dados e mais a percepção que deles esteja tendo a população neles envolvida.

Se[...], a minha opção é libertadora, se a realidade se dá a mim não como algo parado, imobilizado, posto aí, mas na relação dinâmica entre objetividade e subjetividade, não posso reduzir os grupos populares a meros objetos de minha pesquisa. (FREIRE, 1981, p.35).

Quanto à interpretação das informações coligidas, foi utilizada a análise de conteúdo fundamentada em uma Perspectiva Eco-Relacional, juntamente com as contribuições oferecidas pelo contexto sócio-histórico, para que desse modo se transpusesse a ilusão da transparência e se identificasse efetivamente as representações sociais presentes

na linguagem falada pelos atores/atores sociais estudados. A finalidade essencial foi estabelecer a compreensão dos dados brutos, depurando-os, confirmando os pressupostos e respondendo questões norteadoras, explorando e ampliando o conhecimento sobre o assunto e articulando perspectivas.

Bardin (1977), considerado uma referência, oferece a “Análise de conteúdo” como instrumento bastante usual na interpretação resultante da aplicação da Teoria das Representações Sociais. Essa foi nossa opção para tentar interpretar o conteúdo presente nas entrevistas e nas narrativas de histórias orais e depoimentos de história vida. Ele oferece uma estrutura e permite que usemos essa técnica dentro de um recorte específico, já que o propósito foi colaborar na identificação das representações sociais para que traduzíssemos o saber popular e assim possibilitasse a posterior intervenção em educação ambiental dialógica.

A partir dessa escolha estabelecemos como unidade de estudo a “análise temática”, uma das possíveis formas de efetuar a análise de conteúdo. Esse instrumento facilitou a revelação do que se encontrava por trás da suposta transparência dos discursos presentes nas entrevistas. A técnica se caracteriza por ter como eixo de significação o tema, que se liberta do texto em estudo, como palavras, frases ou resumos, como feixe de relação, associados ao propósito específico desse trabalho, em que o tema se descobre por meio de núcleos de sentido.

Suas fases foram divididas em: 1. Ordenação dos dados, por meio da transcrição de fitas de áudio e de vídeo, leitura do material, organização dos relatos e dos dados de observação; 2. Foi feita uma *pré-identificação*, por meio de uma leitura flutuante dos documentos pretendendo a familiarização, a impregnação pelo conteúdo e posterior organização do material. 3. Executamos a *exploração do material*, através da clarificação dos dados, ou seja, leitura exaustiva e repetida; identificação das estruturas de relevância, do núcleo de sentido; classificação; refinamento da classificação; 4. Essa fase é a do *tratamento dos resultados*, quando se transformou os dados brutos em núcleos de compreensão, por meio do recorte das unidades de sentido, seja por meio das regras de contagem, ou por meio

da avaliação qualitativa. Foram buscadas as unidades de sentido, codificando e categorizando; 5. Na outra fase veio a *interpretação dos resultados* composta das interpretações propriamente ditas, debatidas em grupo (o grupo de discussão constituído) e das inferências possíveis. É a fase final quando o empírico dialoga com o teórico, o concreto com o abstrato, o particular com o geral; efetuando a objetivação do resultado final desse estudo. de freqüência de respostas, através da classificação das categorias que comandaram a especificidade das discussões (BARDIN, 1977).

Nesse ponto somaram-se, ao processo de estudo, alguns aspectos contextuais, incorporando-se a verificação da conjuntura sócio-histórica da área que se estudou. Os estudos das histórias orais, dos vídeos artesanais foram então considerados como eixo fundamental para definição da teia de representações sociais e assim podermos utilizá-la como temas geradores e/ou imagens geradoras, na abordagem pedagógica pretendida. Visando expandir e qualificar essa interpretação, procuramos tirar proveito das várias contribuições teóricas já delineadas para uma maior compreensão, ampliando o sentido dentro do universo do entendimento, do emaranhado da teia de relações.

Devido à particularidade desse espaço de pesquisa, área que se apresenta como fronteira entre o pesquisador e os fenômenos pesquisados, entre a natureza intrínseca e extrínseca, de modo especial se afiguram as representações sociais como interface psicossocial, sendo mais que uma ponte entre seres, uma ponte entre indivíduo e sociedade, entre grupos distintos, entre mundos diferentes.

Usamos aqui o conceito de compreensão, no sentido etnográfico ao modo de Geertz (1973), no desvelar das representações que se encontra dentro do discurso dos atores/autores sociais identificados como marcadores do discurso do lugar. Não há o desconhecimento de que o mundo da compreensão de cada ser difere, em se tratando de construção particular e histórica relativa ao espaço vital de cada um, as suas experiências, seus horizontes, imagens e representações de mundo. Reconhece-se que sempre entendemos algo referenciado a como alguma coisa, inse-

rindo-a numa estrutura existencial a priori da compreensão, existindo a necessidade da busca de um sentido objetivo, no qual se reconhece a unidade anterior sem perder as diferenças atuais próprias das identidades distintas de cada ser. Entretanto, a teoria das representações sociais alerta para o espaço social como meio onde se constrói compreensão e se dá sentido.

[...] elas [as representações sociais] não podem ser simplesmente reduzidas a atividade representacional porque as representações sociais vão além do trabalho do psiquismo individual e emergem como um fenômeno que expressa a subjetividade do campo social e sua capacidade para construir saberes. (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 79).

As observações de campo, efetuadas ao longo de todo o trabalho da investigação, foram continuamente consideradas no cruzamento das interpretações dos dados pesquisados. Pois que não podíamos deixar de considerar as representações sociais como fenômenos produzidos na esfera pública (JOVCHELOVITCH, 2000). Não sem considerar que:

Na perspectiva libertadora em que me situo..., a pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado os pesquisadores profissionais; de outro, os grupos populares e, como objeto a ser desvelado, a realidade concreta. (FREIRE, 1981, p. 35).

Quanto mais, em uma tal forma de conceber e praticar a pesquisa, os grupos populares vão aprofundando, como sujeitos, o ato de conhecimento de si em suas relações com a realidade, tanto mais vão podendo superar ou vão superando o conhecimento anterior em seus aspectos ingênuos. Deste modo, fazendo pesquisa, educo e estou me educando com os grupos populares. (FREIRE, 1981, p. 36).

Com esse entendimento, um dos passos prelimina-

res dessa interpretação dos resultados se deu ao reforçar a Teoria das Representações Sociais, na tentativa de um ir além da pura catalogação de representações sociais, impondo desde o início a consciência de que existe, na relação figura-fundo, ou seja, no que destaco no contexto visualizado, uma conjuntura de significação e significância que não pode simplesmente ser desprezada. Fica demarcado, registrado e reconhecido, embora não discutido mais ampla e explicitamente nesse trabalho, o pano de fundo dos conflitos sociais, da permanente luta pela hegemonia e a tentativa constante das classes dominantes de preservar a alienação, o poder. Fica, também, explicitada nossa escolha política clara pelos esfarrapados desse mundo.

A Relação Dialógica Entre Metodologia e Referências Teóricas

Apresentamos em seguida, sinteticamente, as etapas epistemo-pedagógicas inspiradas na abordagem freireana conforme foram aplicadas pela educação ambiental dialógica, relacionando educação ambiental e representações sociais, pesquisa-ensino, ação-reflexão-ação-transformação:

1. Levantamento do Universo Existencial e Vocabular que, em nosso caso, se associa às Representações Sociais sobre água, nosso tema de tese. Nessa direção estabelecemos os primeiros contatos com a comunidade e seu povo. Localizamos os marcadores sociais do discurso do lugar. Estabelecemos diálogo – depoimentos com os marcadores. Efetuamos uma espécie de mapeamento dos percursos desejante dos grupos-sujeitos na constituição da teia de representações sociais. Na seqüência é feito um levantamento dos temas geradores–situações limites por meio da identificação das representações sociais (entrevistas, história oral, observações etnográficas) que tipificam problemas concretos, considerando a freqüência de sua ocorrência, riqueza temática, relevância das situações-limite

- presentes e aplicabilidade prática com vista a transformações da realidade.
2. Interpretação do universo existencial e vocabular a partir dessas representações sociais (análise de conteúdo, definição de marcos de destaque nas narrativas; etc.). Recorte seletivo de aspectos vivenciais da práxis social cotidiana e representações sociais;
 3. Codificação de situações-problema. Reconstituição de saberes vividos, situações existenciais típicas do lugar, situações problemas codificados para se aprofundar as reflexões. Nesse trabalho significa a criação de material pedagógico codificando situações-limite que envolva problemáticas sócio-ambientais do lugar, em especial vinculada à água. Nessa vertente busca-se a codificação de situações locais desafiadoras que propiciem discutir problemas locais, regionais, nacionais e globais;
 4. Utilização de materiais que carreguem a codificação elaborada visando favorecer a decodificação, abstração, discussão, reflexão-ação. Este material se corporifica através de fotografias, vídeos artesanais e transparências (imagens geradoras), músicas do cancioneiro popular nordestino (sons geradores), textos falados e escritos produzidos pelo grupo etc.
 5. Confecção das teias temáticas que envolvam o debate com as palavras-geradoras, as situações-limites, corporificando problemas efetivos. Para isso estabelece-se uma relação dialógica e a produção de conhecimento relacional, parceiro, resultante do intercâmbio entre o saber popular e o saber científico tendo em vista a construção do inédito-viável.
 6. Constituição dialogada de projetos de ecopraxis em torno das trajetórias de sentido grupal projetando e potencializando a superação das situações de fronteira na constituição dos sonhos

possíveis.

7. Dialogicamente efetua-se um processo de avaliação sobre as situações-limites enfrentadas e mantém-se o ciclo gnosiológico envolvendo diálogo-ação-reflexão-diálogo.

Em um desfecho desse capítulo recordamos que nosso estudo aborda a questão metodológica, caracterizada pela pesquisa na área das representações sociais, com raízes na fenomenologia, sem desconhecer seus limites e buscando transcendê-los através da Perspectiva Eco-Relacional, das observações de campo (BRANDÃO, 1983, 1996; Haguette, 1987), da interpretação etnográfica (GEERTZ, 1973), das contribuições de Paulo Freire, em suas inúmeras obras. Enfim, Freire é a matriz básica de toda a fundamentação teórico-metodológica que nos norteia a compreensão eco-relacional e a ecopraxis, nessa perspectiva de educação ambiental dialógica.

CAPÍTULO V

Tecendo a Teia de Representações Sociais: Aproximações dos Resultados, Interpretações, Discussões e Intervenção

Esse trabalho trata das representações sociais da água, enquanto eixo dilemático que discute educação ambiental dialógica e ecopraxis, alicerçadas numa Perspectiva Eco-Relacional. A questão da água avulta em importância, por ser o lugar onde podemos flagrar, nas representações sociais, os deslizamentos que envolvem a complexa construção de um saber ambiental (FIGUEIREDO, 2001c).

Como primeiro lugar de aproximação do saber popular, do saber sertanejo, buscamos os “nós críticos” existentes na teia de relações. Por “nós críticos” entendemos as ligações, na perspectiva popular, que são consideradas problemáticas ou que metaforizam um caminho problemático. Na identificação dos nós críticos – os pontos de entrelaçamento, os nós que amarram os fios – da teia que apontam crises, tentamos mostrar um perceber diferente, mudando a forma, a palavra que se recompõe, na suspensão do imediato, desautomatizando o sentido, olhando pelo sentir, ouvindo e tentando tocar raízes imersas no presente, mesmo que mediatizadas pelas representações sociais.

A “trajetória de significação” indica o sentido dado ao “percurso desejante” (GUATTARI & ROLNIK, 1986), visto como a trajetória que os grupos percorrem, a partir da tematização de seus problemas e buscas. Seria o caminho no qual se inscrevem os nós críticos – as metaforizações da percepção popular. Percorrido pelos grupos populares, o percurso desejante ressalta o caminho do sentido, delineando a caminhada por significação. Nesse construto propomos um movimento de compreensão que considera o saber popular, fonte importante no entendimento desse processo de conhecer. Essa teia de significados indica, de algum modo, a singularidade do grupo. Ao mesmo tempo, definem-se tendências presentes na dimensão afetiva que impulsionam seu percurso desejante e dão sentido mais profundo ao caminhar. A amorização estrutura elos que fazem o amálgama da teia de significações. Lembra-nos a importância do chegar perto do coração dos seres, das coisas.

Dentro dessa trajetória de significação na qual os nós críticos se instalam, em uma cultura sertaneja, residualmente oral como essa aqui tratada, emergem os atores-autores de destaque, apontados como porta-voz do grupo, resignificadores de falas ou delimitadores de significações especiais, que intitulamos de “marcadores do discurso do lugar”. Esses marcadores do *discurso do lugar* são autores-atores que redefinem e sublinham um percurso interpretativo. Legitimam e efetuam reordenações simbóli-

cas. Demarcam de que lugares estão falando e as idéias de mediação subjetivas, muito embora em uma cultura residualmente oral a esfera vital tenha significativa influência. O bom marcador marca o lugar do devir. Instigados ficamos também com dimensões esquecidas do ser. Lembrando que o fazer coisa simples ensina a ser simples.

A inter-relação entre os nós da teia vem demonstrar a realidade na forma de trama, de teia de aranha, que se conecta em todos os seus pontos, essa interação entre todos os pontos da teia, se dá através dos nós agregadores dos fios, tecidos na constituição das representações sociais, que compõe a teia da vida. Buscar o núcleo temático, o conjunto representacional, a linha desejante, a cadeia que articula os nexos do viver, do pensar e do sentir é reconstituir a teia de significações. Nesse caminho, mesmo a contradição fortalece pontos importantes.

O tensionar dos nós críticos implica no estudo efetuado por meio da caminhada em busca do sentido dos grupos-sujeitos e sua relação com o conceito sintético de ecopráxis e de Perspectiva Eco-Relacional. Justifica mesmo a escolha do imaginário, como lugar da busca, por permitir mais amplamente a manifestação da sensibilidade e a dinamização da emoção fundante do humano, o amor, em prática conscientemente refletida.

Fez-se necessário, em uma cultura residualmente oral, a identificação dos marcadores do discurso do lugar. Era imperioso que se unisse observação à associação do discurso com a prática ou mesmo com a práxis. Pensando em um ponto de luz, as representações sociais não se fazem no vazio, precisando ser lidas no contexto da prática social cotidiana, na vinculação fala-prática social. Nessa direção, os marcadores do texto do discurso local se relacionam com suas histórias de vida e seus percursos nos grupos, que oferecem o quadro social de memória, exposto a esse olhar por trás da vidraça.

Ao pensarmos fala, representação e prática social, valoriza-se o outro como legítimo outro na convivência (MATURANA, 1998). A investigação passa a intervir no pensar e sentir do lugar, na sua “caminhada pela água.” Jornada

que caracteriza um eixo dilemático, ao mesmo tempo em que é eixo mediático na compreensão dos fragmentos que podem proporcionar uma idéia do todo, potencializando a criticidade.

A Teia de Relações

Não podemos deixar de parafrasear Paulo Freire (1997) quanto às marcas de oralidade na teia de representações. Assim é que Freire nos apresenta, ao falar do saber popular, “um permanente movimento de procura” em que se rediscute a curiosidade ingênua que por meio da crítica interroga a razão de ser virando curiosidade epistemológica.

“À sombra da mangueira”, relata que “[...] a linguagem de quem se insere na realidade contraditória, movido pelo sonho de fazê-la menos perversa, é a da possibilidade.” (FREIRE, 2001, p. 44). Desse movimento relacional ocorre a transição de uma consciência mais ingênua em direção a uma consciência crítica, afinal mudança é a própria essência da democracia (FREIRE, 2000).

Scocuglia (1999) afirma que, já na tese acadêmica, Paulo Freire afirmava o humano como um ser de relações, que estando no mundo é capaz de ir além. Entretanto, “[s] omente na sua solidariedade, em que o subjetivo constitui com o objetivo uma unidade dialética, é possível a práxis autêntica.” (FREIRE, 1983, p.40). É a práxis que efetivamente transforma o ser e o mundo em relação. Não se deve esquecer o profundo vínculo entre linguagem-pensamento e realidade (FREIRE, 1979).

Assim, nas relações o ser humano projeta-se, transcede-se. “Estas relações não se dão apenas com os outros, mas se dão no mundo, com o mundo e pelo mundo.” (FREIRE, 1983, p. 30). A relação dialógica predominará junto com a curiosidade epistemológica enquanto abertura. Com essas referências, vamos adentrando o mundo dessa cultura sertaneja, transitando pelos fios que compõem a trama.

Com o intuito de permitir melhor visibilidade dos resultados da investigação distribuimos a apresentação em

alguns pontos: 1. identificação dos nós críticos resultantes das entrevistas; 2. a trajetória de significação; 3. a teia de representações sociais, ambas construídas através das histórias orais; 4. a inter-relação entre os nós críticos como processo de superação de tensões e o tensionar no estudo dos nós críticos com o eco-relacional e a ecopráxis.

A Identificação de 'Nós Críticos' de Problematização da Água: Algumas Resultantes das Entrevistas Semi-Estruturadas

A água vista sob a ótica das entrevistas realizadas, é representada girando em torno de um eixo representacional que tem como base a noção de um bem coletivo, um sentido vital, que vai incorporando a noção de utilidade pragmática. Mostra, com isto, que começa a agregar outras lógicas, como a capitalística, que se verifica ao associar-se fortemente a noção de utilidade da água, quando o contexto ambiental passa a ser apagado e não mais se vê a natureza como um ente parceiro. Quando o tema é a importância da água ou seu valor, o “uso” é o que aparece mais freqüentemente como resposta. Observa-se, então, que esse uso vai incorporando aspectos da monetarização presentes na imagem da conta da água.

Vemos, desse modo, um resvalar para a instrumentalização da natureza, que passa a ser vista como instrumento para o ser humano, ou como natureza objeto. Essa idéia, em certa medida, alienígena – não pertencente ao imaginário nativo, originariamente, segundo observamos – estrangula a idéia de uma natureza parceira numa interação. Essa sim, mais consentânea com o modo de se tomar o mundo natural e de se conviver com ele. No nosso estudo, observamos como a idéia de mundo natural dos antepassados sertanejos era menos eivada de costuras economicistas centradas no lucro, no produzir e na posse. Verifica-se um deslocamento entre uma “visão” da água representada como “tudo”, “vida”, e outras em que o acento é vê-la como instrumento que “a gente bebe, toma banho”, “serve para limpeza.”

A água é considerada prejudicial se está poluída ou salobra. Quanto ao tratamento dado à água em geral, se

efetiva através de “coar para colocar no pote”; em alguns casos filtrando, colocando medicamento oferecido pela Superintendência de Campanha de Saúde Pública – SU-CAM e, em muitas situações, se confia que a água vem em condições de uso. Acreditam, paradoxalmente, que a água que bebem é “boa, porque vem do pé de serra.”

A maioria dos entrevistados considera que a água pode prejudicar quando se encontra “poluída.” Falando de poluição da águas, praticamente todos relacionam esse fenômeno a doenças. Quando interrogados sobre como preservar a água, consideram que o tratamento da água é a solução. Muitas dessas respostas parecem indicar a influência de campanhas sanitárias circunstanciais ocasionalmente promovidas junto à comunidade.

A atividade doméstica que consome mais água é lavar roupa, seguida do banho. A população parece evitar o desperdício por sentir a falta. Sugerem a necessidade da economia por causa da “conta alta” ou “porque não tinha água”; tratando do desperdício, de como evitá-lo, a associação é feita com “cuidados com as torneiras;” o valor utilitário e os aspectos financeiros aparecem claramente nessas respostas. A monetarização vem tomando corpo na cultura do lugar de modo tatuado, como se vê nessa fala: “Não gastar muito. Porque senão... Pra não vir caro.” Ou ainda: “Era bom que melhorassem a água por causa que assim poupava mais de a gente comprar água pra beber.”

Para esses atores sociais a boa qualidade da água é percebida quando se sabe que é tratada ou pelo seu gosto. Questionados sobre se o uso da água deveria ser proibido para algumas atividades, alguns consideram que não se deveria proibir, já outros acreditam que não deveria ser usada para aguar rua e lavar carros.

Os entrevistados em algum momento do percurso reflexivo parecem reconhecer que a água potável está acabando. Percebem a dimensão política: “Só dependem dos grandes. Políticos, empresários, se eles quisessem melhoravam mais.” Também existe uma compreensão histórica de que a problemática da água se vem modificando.

Apesar de perceberem o desinteresse da política local, em certo momento reafirmam a vinculação da água com o Divino: “Só Deus dá bom tempo e aparecer água boa”. “Se Deus der bom tempo e os açudes encherem, aí melhora bastante.” A instância do sagrado parece conter uma vez última, um poder final que supera a fatuidade do cotidiano: “Está na vontade de Deus.”

Quando os entrevistados são solicitados a pensar em um lugar que consideram muito agradável, ao qual gostariam de ir, seja física ou mentalmente, o que aparece mais intensamente é um ambiente associado à água, emergindo também situações que remetem a lugares onde haja fartura e trabalho. Observa-se aqui, certamente, a vinculação de fartura com a existência de trabalho, ao invés de ócio.

A água é representada como “tudo, pois sem a água acho que a gente não sobrevive”; “fonte de vida;” “Sem ela eu não poderia viver”; “Tudo de bom na vida”; Tudo de bom para a gente.” Falta d’água é “ruim”, é “seca” e “sofrimento”. Poluição da água aparece como “sujeira” e “doença.”

Retratando esses resultados das entrevistas, verificamos, também, uma eco-relação entre as representações sociais sobre “natureza” e sobre “água.” Dessa interface extraímos ilações muito interessantes. Tomando o discurso presente nas respostas elaboradas por esses atores sociais, respeitando o entendimento das diferenças e suas contribuições pertinentes, constatamos que a oralidade confere sua face singular às formas de pensamento, de interação e de legitimação dos discursos do lugar. Compreendendo ainda que a interpretação e reescrita do texto é um dos objetos essenciais no estudo das representações, verifica-se que os recursos expressivos utilizados por esse grupo de usuários da água organizam, e tentam construir amálgamas, que denominamos de “conhecimento tatuado.”

Para esses entrevistados, a natureza aparece, principalmente, como “a própria existência.” Isso pode indicar ainda não haver um “denso apartheid” entre o humano e a natureza. Também essa visão do cosmos como continuidade do mundo humano, associada ao aspecto homeostático

de que fala Ong (1996), características do mundo oral, parece acentuar ou fornecer apoio a essas representações sociais. Também o fato de viverem próximos de dimensões vitais, como a sensória e a intuitiva, os tornariam propensos a darem mais atenção ao natural, perceberem-no e constituírem com ele uma unidade. Um fato que pode ilustrar essa aproximação do grupo com o sensório é a qualidade da água estar ligada ao seu gosto.

A natureza é representada com um sentido de unidade não perdida, de religiosidade. Por outro lado, as representações sociais da água retratam uma relação que começa a ser transpassada pelo valor monetário, pelo caráter instrumental. Nelas, há uma justaposição, uma gradativa ruptura com a unidade que, em certo momento, volta sob seus pés e “chama” a dimensão do sagrado para sobrepassar de modo que restaure a unidade.

A água passa a ser percebida pelo uso que dela se faz, parecendo incidir em contradição com a idéia de uma natureza parceira. Vemos uma mescla de características agregativas, sinestésicas, próprias da cultura residualmente oral, associando-se às de cultura escrita onde o sujeito distancia-se dos contextos ao pensá-los. É assim que a água é identificada por sua falta e, localmente, parece ainda vincular humano-ambiente dessa forma homeostática, inclusive aparecendo como uma história contada desde que ela surge no “açude”, na sua casa e finda no “esgoto.”

Vemos passagens problemáticas de uma percepção do mundo natural para uma relação de conflito que resulta de conhecimentos tatuados, sem maior enraizamento em seus arcabouços psíquicos, sem ancoragem no mundo vivido, de modo que parece caracterizar o pensamento agregativo, figurativo das culturas residualmente orais, segundo observamos. É como se as representações sociais da água refletissem, também, a influência de campanhas pontuais envolvendo saúde e doença. Verifica-se mesmo a repetição de frases de campanhas dissociadas da ordem do “mundo de experiência feito.”

Exemplos ilustrativos se manifestam quando os entrevistados relacionam uma afirmativa própria de campa-

nhas sanitárias tais como: “água é fonte da vida”; “ajudar os órgãos públicos a tratarem da água”; ou “a água prejudica quando está poluída”. Isto, por outro lado, várias vezes, não repercute nos devidos cuidados: “[...] a cada três meses vem um rapaz e coloca um pozinho”; ou ainda restringir-se ao “tratamento da CAGECE, eles colocam flúor, cloro[...]”; ou “coloca no pote.”

Parece-nos que o mundo concreto possui os legitimadores dos saberes do grupo onde operam. O conhecimento que não é mediatizado por esses, parece ficar vazio de sentido ante as práticas grupais ou é registrado como “tatuagem” sobreposta, acriticamente, sobre as vivências concretas dos sujeitos. Esse “conhecimento-tatuado”, conforme nomeamos, parece desenraizado, sem ancoragem coerente, não legitimados, necessitando conexões dialógicas com os “saberes-vividos” pelo grupo. Esse conhecimento também pode ser o núcleo de conflitos cognitivos que vão gerar resistências e mudanças.

Esses “saberes-vividos” se conectam com o que aqui denominamos de “mundo concreto”, no qual o ator social se relaciona em sua cotidianidade, vive suas sensações e sentidos e exercita sua afetividade e inteligibilidade. Funcionam como mediações dos sentidos físicos, dos afetos e da intelectualidade prática oferecida pelo arcabouço que a natureza propicia e os relacionamentos concretos e próximos oferecem. Entretanto, parece, em um primeiro momento, dissociados desse mundo concreto os conhecimentos na forma de tatuagem – embora, como se disse, possam gerar novas sínteses.

Eis aí uma das problemáticas de campanhas. Esse mundo do saber pensado destitui o valor do mundo do sensório e do saber fazer? Não se conectando aos valores essenciais, restringe-se aos valores operatórios, instrumentais, sem parceria, sem unidade com a natureza, o universo

³⁹ Percebendo as sutilezas da fala popular, o modo como singularizam as palavras, optamos por grafá-las o mais próximo possível de como era escutada.

⁴⁰ Servimo-nos do parêntese, em itálico para acrescentar idéias implícitas não explicitadas ou esclarecer pontos não manifestos.

do sagrado sem sacralidade. O autoconvencimento passa, via de regra, pelo que vivenciamos como o percurso desejante dos grupos, pelo processo de se sentir formador de opinião, viver o que pensa. Parecem ser necessários os contextos situacionais, oriundos das práticas sociais concretas: é preciso que os valores sejam legitimados por meio do grupo para a sua indispensável ancoragem.

Esses informes tatuados, descolados da cultura local, assim, em grande medida desconsideram suas características peculiares. Não se vinculam aos antepassados e aos percursos singulares dos grupos. Isto representa grave problema já que a distinção entre oralidade e escrita é mais ampla do que a princípio podemos imaginar e, também, os processos de resistência das culturas singulares à ordem capitalística homogeneizadoras das subjetividades são presentes.

Os Fios da Teia: a Trajetória de Significação no Percurso Desejante dos Sujeitos, no Lugar Social Onde se Instalamos os Nós Críticos

Temos aqui um relato do perfil da trajetória de cada bairro de Irauçuba na luta pela água. Verificamos aspectos concretos e idéias, consciências em trânsito. Damos ouvidos a voz dos “marcadores do discurso do lugar” para descrever lutas, resistências, histórias de vida, reflexão sobre os conflitos presentes.

Buscamos as sutilezas – imagens de dupla mão – iconizadas. Lidamos com a aparente contradição que evidencia o sujeito de sua história, bem como sua atuação como sujeito social que influencia os grupos com os quais interage, deixando ver ora a sua postura política mais ampla, ora o seu jogo de interesses, sua cooptação ou resistência.

Para começo de conversa, descrevo uma ‘nova’ ida ao campo, desta feita com outra percepção, um novo olhar, sentir, cheirar, tocar, observar com outros sentidos com o intuito de acompanhar a relação entre desejo e significado na constituição dos grupos-sujeito.

A Trajetória de Significação e o Percurso Desejante

No caminho de Irauçuba, observamos uma região que contrasta com sua vizinha, Itapajé, que é um recanto de vegetação razoavelmente farta, com boa produção, inclusive de frutas e verduras. Chegando mais pra diante, cortando no meio da serra, a aridez é contundente. Sentimos o calor sufocante que parece pesar sobre nosso corpo de tal modo que nos comprime.

Antes de chegarmos à cidade, propriamente dita, entramos, uns 16 quilômetros antes, à esquerda na direção do açude Jerimum, açude que abastece a cidade. Rumamos utilizando uma estrada repleta de pedregulhos (chamada de “estrada carroçal”) e poeira. O sertão mostra uma de suas faces mais tenebrosas, ressecando todos os bichos que se permitirem morrer sobre seu escaldante solo. Os animais sequer chegam a apodrecer e sua pele, sua carne, suas vísceras são desidratadas e repõem, meio que compulsoriamente, a água para o chão de onde veio. A seca e as cercas cercam o nordestino. Alguém fala que estão chegando às pedras, de Irauçuba. “Quando chegam às pedras, é Irauçuba.” Transitamos por uma estrada seca, repleta de cactos, próximo do açude verifica-se uma área verde. É um açude privado, a gente passa beirando a cerca que o ladeia. A imagem é a de um pedaço molhado. Um gavião espreita na árvore ao lado. Logo em seguida vem uma passagem molhada.

Chegamos à cidade como de outras idas, entretanto levávamos algo de novo no perceber, somado à presença de outros pesquisadores, que aceitaram aliar-se conosco na tentativa de desvelar um pouco mais dessa realidade. Lembramo-nos de uma imagem que, ainda hoje insiste em vir tocar nossa sensibilidade: Uma criança em avançado estado de desnutrição, deitada em uma rede imunda. Será que se desenvolve uma resistência a essa situação? De que

⁴¹ Utilizamos reticência entre parêntesis para indicar exclusão de trecho do depoimento que consideramos irrelevante ou não pertinente para os fins da citação.

modo a miséria pode ser incorporada, acentuando a cultura do silêncio de que fala Freire?

O Bairro da Barragem

Começamos a entrada no campo da pesquisa nos deixando levar pelos informes que nos vinham sobre possíveis informantes-chave. Resolvemos assim entrar em uma casa, no bairro que apresenta mais problemas hídricos. Nessa residência tivemos a indicação de um senhor, Pedro Silva Sousa – o Pedro Piquira, que teria conseguido o “chafariz” para o bairro. Este que até recentemente era o único acesso à rede de distribuição de água em toda área. Sua esposa, Marlene, foi secretária da Associação de Moradores do Bairro da Barragem até 2002.

Iniciamos aqui, efetivamente, a apresentar o trabalho com a História Oral. Entretanto, até para que criássemos uma situação na qual as pessoas ficassem mais à vontade, realizamos os depoimentos com a presença e participação dos demais membros da família. Ficamos atentos para observar a lógica que se relaciona com o movimento de compreensão sobre a água. A que núcleos temáticos se vincula. Precisamos manter em foco que a lógica do povo é uma lógica do pensamento em ação.

Pedro Piquira, fala sobre a conquista do chafariz:

[...] aí um dia ‘nóis³⁹ “tava” numa emergência, fazendo tijolo pro governo... Vinte e cinco ‘home’ trabalhando numa emergência (frente de trabalho⁴⁰)[...] o feitor era o Pedro Santana... aí na derradeira gestão do Tuta ele ainda “tava” tirando voto nessas serras, pegava nambu... (ele era candidato a vereador). Tuta, ele era vereador aqui, aí ele ia passando aí eu disse: (Tuta, rapaz, trabalhou umas duas ‘rês’, já ganhou duas ‘rês’, ‘num’ fez nada, – ele disse, o que é P. P? Pelo bairro da gente, arranja um... chafariz pro nosso ‘barrio’. Aí ele disse: Pedro quando for 5ª Feira tu vai na câmara. Eu fiz que me esqueci. Quando foi na 2ª. feira ele bateu aqui mais o finado Gaudêncio (ex-prefeito), Gerardo Copita, o motorista. Aí ele chegou e disse, rapaz tu num foi pra câmara

pra assinar lá; mas eu 'rim'. – eu fiz que tinha me esquecido – mais eu `num' esqueci não... Sabe? Era só pra 'vê mermo' a atenção que era das autoridades. Aí o dr. Gaudêncio chegou, falou comigo – Muito bem; o chafariz vai sair dentro de 15 dias. Eu disse: muito bem 'Dotô', se o senhor fizer isso é uma boa pra 'nóis'. O senhor tá vendo essas 'muié' tem as perna tudo torta da 'rente' passar nos lajedo aqui da barragem (apontando para o lado)... é de trazer água pra 'nóis'... aí disse – muito bem 'dotô', se o 'sinhô' 'fizé' isso pra 'nóis', é uma boa. Aí dentro de quinze dias ele deu o chafariz pronto.

De repente a conversa se concentra na fala da Marlene, esposa do Pedro Piquira. Ela nos diz de sua peregrinação como secretária da Associação dos Moradores do Bairro. Relata um pouco dos percursos desejantes tentando conseguir a luz elétrica. Primeiro com o Projeto São José e depois através de outro projeto que viabilizou a conquista. Segundo ela, não foi conquista da Associação, pois que todas as áreas da cidade que não tinham “luz” receberam o benefício. “Veio uma ordem que todos os bairros devia haver energia”. Outra busca foi pela creche... Não conseguiram o pretendido. Ou melhor, o prefeito ofereceu, o que era do seu interesse, uma ‘rádia’ que não foi pedida”. Seguiram-se as tentativas para se conseguir que a rede de abastecimento de água e esgoto chegasse lá. Segundo ela “muita gente fica mal satisfeita.” Segundo Marlene, o presidente da associação era o senhor Sebastião Salustiano da Mota.

Nesse bairro, as casas outrora ficavam pertinho das praias do rio Lanchinha. Dava pra tomar banho na sua margem. Hoje ele está, segundo a população local, altamente poluído, pois vem sendo continuamente contaminado por esgotos domésticos que nele são jogados. O rio fica bem seco na época de estiagem das chuvas.

Na entrevista com Sebastião Salustiano da Mota, 76 anos, tivemos possibilidades de enriquecer a história dessa associação do Bairro da Barragem com suas tentativas de conquistar seus desejos, na sua trajetória de significação.

Antes havia sido tesoureiro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Irauçuba. Isto de 73 a 76. Aqui no bairro assumiu como primeiro tesoureiro no dia 21 de abril de 1996. Ele trata da fundação da Associação do Bairro, da qual presidente:

A associação foi criada nessa data, com o presidente de nome Gerardo Xavier, conhecido por Aldo. Ele foi escolhido por ter prática anterior. Ele, agricultor, o saber dele é pouco e o meu é pouco e o dele é menos pouco ainda. Foi ele quem começou[...]⁴¹ O objetivo da associação era trazer melhoria de vida para o bairro, defender os direitos do povo.

Um dos primeiros objetivos concretos era conseguir energia elétrica para o bairro, isto em 96, através do Projeto São José. Entretanto, não foi através desse projeto que se conseguiu energia. Segundo o Sebastião:

Surgiu um outro projeto do governo: 'Luz em Casa', que não necessitava de empréstimo, bem mais fácil e rápido. No projeto São José precisava fazer um empréstimo em nome da associação. O 'Luz em Casa' era dinheiro do Estado e uma pequena parcela do município (20%). Visava beneficiar toda a população do município. Isto em 1998.

[...] A outra luta foi para ver se conseguia uma creche. Isto no seu primeiro mandato, em 1998. [...] A luta seguinte da associação foi por água encanada no bairro. Que não temos. Temos até a rua 21 de junho aonde tem o chafariz. [...] Já existia o chafariz. Foi muito antes da associação. [...] Não se conseguiu nada com esta luta. [...] Perto das eleições, o prefeito cavou umas valas no bairro e ficou nisso, isto em setembro de 2000 (tiveram dúvidas quanto à data). A vala já fez aniversário.

Sobre a importância da associação ele diz que:

Associação é pra ver tudo o quanto existe no bairro. Principalmente a carência do bairro... A vantagem porque tem uma pessoa que represen-

ta o bairro. [...] Porque uma autoridade aí se eu chegar lá sozinho ele não vai prestar atenção... principalmente o político. [...]. Adianta porque o político é como um pescador. A diferença é que o pescador pesca peixe e o político pesca voto. Então o político só vai aonde ele vê que tem muito voto. O povo reunido o político dá mais assistência. Ele tem medo do povo reunido. [...] Agora a dificuldade que tenho encontrado aqui é que o povo ainda não ta bem esclarecido. A gente vive esclarecendo... vamos se reunir porque unido à gente consegue as coisas. E consegue mesmo. [...] Nesta eleição participaram 187 eleitores dos 192 associados, mas na posse só teve 30 participantes.

Sua filha, Vânia, na época, a secretária da associação, afirma que “. Os sócios se reúnem uma vez por mês. Os sócios é quem sabem o que o bairro ‘tá’ precisando. [...] Vai mais gente quando se percebe um certo interesse em alguma coisa.

Volta a palavra para o Sebastião que afirma: “Em nenhuma associação conseguiu isto que houve nesse bairro[...] dessa vez ‘tava’ em disputa. A disputa foi acirrada, pois houve política. Foi eleito Pedro Mota Barreto, conhecido como Pedro Santana (sobrinho do Sebastião).

A rádio comunitária não fora pedida pela população. Como o ‘seu’ Sebastião não foi concretizar a reabertura da rádio, eles, os políticos, foram tentar a eleição para poder reabrir a rádio. Os votos foram 124 para a sucessão e 64 para o Pedro Santana.

Juntaram dinheiro, os políticos ‘tavam’ fazendo tudo isso[...] e não gastamos nenhum centavo. A associação não tem interesse na reabertura da rádio, para reabrir tem que pagar multa. Na cidade existem duas rádios (a terceira seria essa). Não tem ligações políticas – uma do Rocha, outra da Associação de Jovens. Já essa era usada por políticos.

O Sebastião diz: “achei que ‘tava’ ... dando algo para

o prefeito ao assinar o documento da rádio para receber algo em troca: a água encanada”. Apesar dessas contradições, esse marcador demonstra uma reflexão política bastante avançada. Consegue discutir os problemas com uma perspectiva integrada e constata que os problemas sócio-ambientais se relacionam a diversos fatores tais como a política local, problemas climáticos, restrições tecnológicas etc. Certamente, percebe-se aí uma ingenuidade no trato com o poder local.

O Bairro do Cruzeiro

Para retratar o percurso do Bairro do Cruzeiro, buscamos a história oral de Antônia Maria (39 anos), indicada pelos informantes que foram entrevistados anteriormente como uma referência quanto a buscas de sentido e realização de desejos coletivos. Indagada sobre as principais aspirações da Associação do seu bairro, que fundou em 1985, afirma continuamente: emprego. – “O que eu quero mesmo com o povo[...] O que o povo cobra é trazer uma fábrica pra cá.” Fala várias vezes na fome e no desemprego [...], e na “discriminação contra os pobres” – isso a fez “entrar na luta.” Desligou-se por um tempo[...] “Quando foi agora (2001) me meti de novo[...]”.

Questiona-se sobre uma associação que tenha colocado a água como prioridade. Ela responde: “Tem associação aqui que já lutou por poço profundo, esgoto”. – É feita uma provocação questionando se eles não se preocupam com a questão da água. Antônia Maria responde: “[...] nós nem consegue nada, meu amor de Deus[...] nós somos pobre, nós somos pobre pelo amor de Deus. Eu chego pra falar com o poder público, entra num ouvido sai no outro. Meu filho aqui não tem quem faça nada para ninguém não[...] A nossa luta maior aqui é o desemprego[...]”

Por que uns bairros recebem água e outros não? Ela responde:

Aí foi que foi... a gente nem sabe quando que essa água vêm... eu ouvi segundo falar, que a rede só deu até ali... na rua dos prados, né?... a rede só

ia até ali (apontando para o lado)... Aí no mocó fizeram as caixas lá em cima mais muitas casas aqui (apontando na direção) não têm água... É o Cruzeiro aqui que eu 'tô' falando... O Cruzeiro muita parte não tem água... muita parte não tem água...

Antônia Maria quando questionada sobre quais outras associações teriam buscado a resolução do problema da água, cita o nome da Associação da Rodoviária e do senhor Moura, do bairro Gil Bastos. Essa marcadora do discurso do seu bairro parece se destacar por sua dedicação aos companheiros do bairro.

O Bairro do Gil Bastos

Entramos em contato com o 'seu' Moura (57 anos). Ele então começa a discorrer sobre o cata-vento que, segundo ele, estava há dois anos sem funcionar e em precário estado de conservação. Em suas palavras:

Água... isso daqui essa água que tem no município... Olha se você fosse juntar... Ele (o poço) tem 42m de profundidade, a água dele é o salitre puro, eu te garanto que se fizer uma análise clínica e bacteriológica disso daí... aí tem ferro, odor, tem nitrito pesado tem bactéria, tem um pH acima de 10, te garanto, aí tem o pH acima de 10...

Em seguida comenta uma conversa que teve com o "25" (apelido do senhor Francisco das Chaves Alves – Secretário de Agricultura e Recursos Hídricos do município): "Eu disse pra ele: olha o pH duma água com 8 ou 10[...]" O 25 responde: "Mais o organismo agüenta 14 ou 15[...]" (Risos). Moura retruca: "Eu vou beber soda cáustica por acaso? (risos) É isso[...] Dessalinizador só vem pra zona rural[...]" Então perguntamos qual a grande luta que ele teve envolvendo a comunidade, ele responde:

[...] olha, prioridade, maior no nosso bairro, a prioridade maior do nosso bairro é[...] procurar um meio de trazer uma ocupação pra cá, uma

indústria, pra ocupar esses pais de família. E nós tínhamos aqui um pedaço de chão[...] que era sempre doado em nome da comunidade, da associação pra gente fazer uma casa pelo menos um local. Um ponto de encontro pra gente se encontrar mensalmente[...]

Ao falar sobre o bairro diz que:

Aqui são 213 residências [...] 1016 pessoas[...] só nesse bairro aqui. [...]. Ele tá é bom agora, ele melhorou muito.

[...] pra você ver a falta de respeito para conosco[...] dali do bairro ali do outro lado da pista[...] eu acho que ali deve ser Aldeota" (referência a um bairro de classe alta em Fortaleza) e aqui deve ser "lagamar" (bairro de classe oprimida da capital do estado) e lá eles jogam os dejetos, sangram as fossas ligam direto pra passar aqui, e aqui tem tipo um sumidouro a céu aberto, e quando ele sangra ele num agüenta, quando ele leva um sereno aí... isso é feito pra água pluvial... mais aí a... vai deixar de largar esgoto dentro..." (aqui Antonia Maria refere-se ao fato das crianças pescarem peixes dentro desse "sumidouro).

O reservatório supostamente serviria para carrear as águas pluviais. Entretanto, tem servido para encaminhar as águas dos esgotos residenciais até aquele lugar que está funcionando indevidamente para depositar essas águas. Ele tem aproximadamente 200 m². Parece ser um pequeno açude. E o acesso a ele é livre.

O Bairro da Rodoviária

Apresentamos a seguir o depoimento de Gilvane (28 anos) & Rita de Cássia (ex-presidente e presidenta da Associação do Bairro da Rodoviária):

... depois pra mim despertou assim um sonho pelo lado mais ecológico da vida, né? Eu comecei a estudar educação ambiental... o município é mal

estruturado, não tem aquela receptividade, nada tá preparado pra esse trabalho... (referindo-se ao curso feito na instituição japonesa – em SP).

Diante de sua informação de que era um interessado sobre as questões ambientais, em particular tinha interesses envolvendo a educação ambiental, foi perguntado como ele, Gilvane, despertou para a questão ambiental:

Ah, pela própria característica do município, né? Todo um contexto[...] esse próprio lado da ecologia social das pessoas tem uma[...] um tipo de cultura que eu acho que é inadequado pro nosso meio, existe um paternalismo profundo aqui no município, as pessoas tendem a esperar tudo pelos governantes, não têm uma atitude. O município é totalmente degradado pelas próprias condições geográficas e pelo, pelos próprios meios de ocupação também, então[...] foi esse lado que me despertou.

Quando eu morava no outro município que fica vizinho, Itapajé[...] e quando eu tive que mudar pra cá foi assim uma mudança muito radical porque[...] lá era uma serra mais úmida, tinha fruta, tinha tudo[...] e quando eu vim pra cá foi um choque que não tinha nada (sorri) fruta, nem, água era difícil, a água era salobra e aquilo foi sempre despertando assim uma coisa na minha cabeça[...] puxa por que são tão próximos e tão diferentes[...] Ah eu não tive muitas respostas sobre isso[...] eu acho que pelos próprios sistemas de ocupação[...] foram muito diferentes[...] aqui[...] era como se fosse um local de descanso entre Sobral e Fortaleza. [...] É a cordilheira de Uruburetama[. [...]]. Lá tem 150 anos e aqui tem 49 anos de existência[...]

Outra pergunta formulada foi qual seriam os principais problemas de Irauçuba?

[...] eu acho que os principais são as queimadas. O sistema como o homem trabalha a terra. [...] sempre é nas encostas das serras porque na parte mais baixa, os produtores não deixam eles trabalharem por... pra criar pasto pro gado... eles têm

que utilizar as encostas da serra...

Insistimos em verificar outros aspectos, na tentativa de ver se aparecia, de outro modo, o problema da água:

Acho que toda comunidade tem problema com lixo... e acho que não tem uma coleta muito bem feita aqui. A gente tem que se virar com o lixo e acaba plástico, papel, que se vê acaba vindo de outros cantos da rua, o vento acaba trazendo.

E pouco depois:

Acho que os recursos hídricos você fala nesse sentido? Os recursos hídricos você fala nesse sentido? Os recursos hídricos esse que é o maior problema...

O reservatório até quando eu pude consultar no momento parece que tava 12%... Acho que se a chuva não vier logo vai... ter grandes problemas... aí vai ter que ter aquela história do carro-pipa, de novo...

Diante do fato de a água aparecer apenas em terceiro lugar, perguntamos se as pessoas não falam sobre isso. Então perguntamos: Vocês já perceberam esse fato?

É... eu acho que só falam quando (risos dele e de Cássia)... quando... por exemplo, quando a água falta, eles começam a falar, a cobrar do prefeito, cobrar dos governantes, né? Mas como é um fato histórico todo mundo já acabou acostumando com a água pouca (dá de ombros)... talvez por isso eles falem pouco. [...]. As pessoas não reivindicam o direito deles, né? Esperam todos se acomodar... quando eles tão vendo mesmo que tão precisando num tem mais como eles se defender, aí sim eles começam mendigar o pouco que eles tão precisando. Eu acho que a culpa é daquele paternalismo, que eles sofrem há mais de quarenta anos... não só aqui, nos outros municípios também. Eles estão acostumados a receber e se calar com pouco que

tem... Não sabe reivindicar. Poucos são os que reivindicam esses não são escutados os demais acabam se calando.

E sobre a luta pelo encanamento d'água? Parece-nos que houve uma mobilização do grupo aqui... A constituição de uma organização política para que viabilizasse o encanamento:

Isso... também tem um problema porque essas organizações quando elas se constituem elas são bem pontuais, elas só se constituem com base no problema, aqui também pra nós... Pra nós também foi assim... a gente quis sustentar porque talvez ele... essa forma de organização seja muito útil pra gente, mas, na cabeça das pessoas se gerou quando era bem pontual, quando conseguisse água...

Quem começou o movimento? Gilvane responde que: "Foi uma coisa mais espontânea. Fui eu quem começou o movimento". No que interrogamos: como é que você conseguiu?

... a gente começou a ver a experiência das outras pessoas e começou a observar que sozinho a gente não podia. [...]. Tipo o 'seu' Moura. ... outros presidentes de associações né? Vimos que se a gente tivesse um poder institucional, a gente poderia ir mais longe...

Por que vocês se sentiram motivados a fazer uma associação? Gilvane responde: "... porque se elas eram organizadas e ainda não estavam conseguindo, a gente não organizada seria impossível. Caetano complementa dizendo que: "... se eles lutando tanto prá conseguir tava sendo difícil, a gente sem nada..." Então pergunto se nenhuma associação conseguiu?

A Associação do Mandacaru conseguiu algum recurso do Projeto São José... é o José Celino, o presidente. Fica pro sul aqui... (Mandacaru é um distrito na zona rural de Irauçuba). A associação do Missi tá bem organizada também.

(Missi também é um distrito na zona rural de Irauçuba). A Associação lá do Livramento já tem aquela água... daquele poço... Alguns projetos como o Brasil/Canadá 'tá' chegando por aqui e eles conseguiram dessalinizador, energia solar pra essa comunidade...

Então nesse caso foi inspirado nessas outras associações que você começou a se movimentar... E como procedeu pra conseguir instituir a associação. Gilvane afirma que: "Falamos sobre a mobilização para fundar associação do bairro e sabendo dos trâmites burocráticos, ficou fácil porque reuniu os vizinhos que eram seus parentes..." E continua falando sobre o processo de mobilização:

... como essa vila era mais ou menos familiar aí foi difícil à maioria das pessoas são meus primos, meus tios, então, às vezes, aí é necessário nós reunirmos as pessoas. Chegava na casa dum conversava, as pessoas manifestavam interesse né? [...] Mas como todos adultos são imediatistas, queriam resultados mais amplos, aí era normal porque, pra quem sofre problemas, digamos, falta d'água, não pode esperar muito tempo.

... agora pra cá (apontando a direção oposta à anterior) as pessoas são da família mais outras pessoas também participavam. Eles viam o interesse e se achavam interessante, poucos participavam das reuniões... também houve poucas reuniões, né? Mas as reuniões tinham que ser coisas concretas aí dá pra reunir sem, sem ter, digamos assim, uma resposta...

Foi a associação que conseguiu a água para o bairro?

... eu não posso lhe dizer que a água veio por meio da associação, eu acho que o poder político e a própria CAGECE (Companhia de Água e Esgoto do Ceará)... e se achar que 'tava' sentindo um certo peso... porque a gente tentou pelo projeto São José, a gente conseguiu aquele poço profundo, tem ali, mas o poço não deu água... o subsolo, essa parte

não oferece nada de água... e. o projeto São José, a gente chegou a constituir, mas era muita burocracia... e acabou ficando pelo caminho...

Cássia relata como está a associação atualmente (na sua gestão atual como presidente que sucedeu ao Gilvane), relatando um quadro muito diferente do citado por Gilvane, no que diz respeito à participação dos associados, encaminhamentos dos projetos e principalmente resultados que são quase insignificantes. A ação se resume a participar de reuniões. No que Gilvane salienta que os associados só se motivam diante de ações concretas.

Perguntamos o que são questões concretas. Gilvane refere-se à questão da água observando que ela motivou o grupo a lutar. E ao ser perguntado sobre algo além da água que a associação encampou, insiste que só pode se referir até a luta pela água, pois depois “saiu” da presidência (viajou para fazer um curso de especialização em São Paulo, um curso de Gestão Ambiental). Cássia continua relatando o processo de organização para a formação da associação dos artesãos, atual movimento do bairro.

Gilvane, em seguida, como que numa ressalva à sua fala sobre a água, afirma que a televisão e a falsa propaganda fazem uma imagem do município como seco, pobre, faminto.

Perguntamos como eles vêem a questão da seca.

Irauçuba já carregou um rótulo assim de... como esse negócio da seca, da seca... né? Acho que município assim talvez... com situação muito pior, mas quando o tempo fica mais escasso, a televisão bate em cima, aí começa a mostrar problema, mas muitas vezes a televisão paga pras pessoas é... ficarem em situações ridículas pra, pra... mostrar o município como um todo assim... às vezes isso acaba provando...

Isto piora ou ajuda a comunidade? Perguntamos.

... quando melhora as pessoas se sensibilizam, começam a mandar, alimentos, não dá pra cá, mas pra outras cidades também... e piora... é o

rotulo da cidade como um todo né? Quando você chega numa cidade às pessoas dizem: ah, você é daquela cidade que as pessoas ‘tavam’ comendo rato, ‘tavam’ fazendo isso... né? Xiquexique... tudo a Irauçuba tem um pouco...

Mas até que ponto esse estigma representa alguma realidade, ou não é real?

Gilvane retruca:

... ah! Representa. Talvez, têm momentos que tá muito crítico e que não aparece nenhuma ajuda e tem momentos que nem tá tanto e a mídia começa a estimular esse tipo de coisa...

Argumentamos que a água, de repente, é colocada como um grande problema, depois é dito: olha, a mídia explora isso dizendo que é uma cidade que está aí num estado avançado de desertificação, só fala em seca e que não é bem assim... Perguntamos então como coadunar, associar, essas duas afirmativas feitas e que parecem contraditórias. Gilvane então diz que:

... na verdade é que essa questão é séria, é séria, mas é... eu acho que existe um... é um... sensacionalismo por trás disso tudo... ele é negativo pras pessoas porque pro poder público ele acaba sendo benéfico, entendeu?

Por que é negativo pras pessoas?

As pessoas carregam uma baixa estima e o poder público acaba ficando mascarado, as pessoas não têm como recorrer ao poder público, e... fala não tenho dinheiro, e a situação é essa, as pessoas... “num” é que tem que se conformar, a gente tem que passar junto, mas acaba ‘num’ fazendo nada.... [...] eles entendem como seja uma coisa natural, mas aí eu acabo dizendo de novo, aquele paternalismo que tem, as pessoas, termina por ficar esperando e não tem poder de reivindicação. Acho que é a prefeitura a pessoa

que ta lá (a pessoa que ta lá é o prefeito que ele parece preferir não dizer explicitamente), a gente entende, que sei lá, o cara não é governante, é... não sei nem como dizer, se é um reinado ou uma coisa assim, eles não entendem que eles [o povo] colocaram, eles têm que reivindicar. Eles não têm poder de decisão...

Naturalizações do fenômeno? Não parece tão simples assim, é de fato um movimento, de sombreamento e desvelar, que envolve múltiplos fatores. Haveria um certo reconhecimento de alienação por parte dos companheiros de infortúnio, e mesmo, demonstra a compreensão da gravidade das ações paternalistas que geram dependência e resolvem pontualmente uma situação de crise, atuando apenas nos sintomas.

Perguntamos ao Gilvane se o que ele quis dizer era que o problema da falta d'água seria um problema natural. Até que ponto isso é um problema natural e até quando isso é um problema natural dentro do cultural, no sentido de que existe um uso político e que o problema não deriva apenas de condições geofísicas, de recursos hídricos, em particular:

... é um problema natural é... aqui tá chovendo em torno de 400 a 500 ml, o pessoal da FUNCEME (Fundação Cearense de Meteorologia) pelo que fala quando a maior culpa é por essa vertente... o vento desvia a chuva pelo outro lado, o outro lado fica mais úmido. [...] e eu acho que o problema é cultural, os outros governantes que teve anteriormente, eles só se ligavam em coisas pontuais, fazer cacimbões nas propriedades alheias e depois quando terminava a gestão deles os caras iam lá e cercavam e tinham aquilo como patrimônio... [...]. Acho que o natural dá pra ser 35 a 40% e o restante é cultural... porque Sobral tem problemas mais sérios do que a gente e eles conseguem viver.

Como resolver esse problema da falta d'água? Gilvane responde: "Reservatório!"

O Bairro do Centro

Iniciamos a busca no Centro e nos deparamos com duas irmãs, Zuíla. & Zuleide, que com suas histórias apontavam uma descendência dos fundadores da cidade. Afirmaram que acompanharam tempos melhores no que se refere à água. Tendo chegado a banhar-se nas águas do rio Lanchinha, como lazer do seu tempo. Eis alguns trechos de suas falas:

E esse rio ele era maior antigamente?

No que Zuíla afirma que: *“Ele era maior... tem uma barragem rio acima... .”*

A senhora chegou a tomar banho no rio?

– “Eu cheguei, quando era criança pequenininha, ‘né’?”

No que interrogamos se era grande o rio.

Ela responde: *“Era aí vizinho... maravilhoso, é bem aqui... (aponta na direção do nascente).”*

E quando foi que parou de ter água no rio?

– “Depois que os invernos ficaram mais fracos.”

Elas se referem ao fato de que o rio se “acabou” quando se construiu outros açudes na cabeceira do rio barrando o fluxo das águas.

Mais adiante se referia aos difíceis tempos de hoje:

“É... porque num... porque a água é boa, ‘né’? Pra beber dessa água do açude num presta.”

Em geral a água das chuvas são suficientes pra abastecer uma cisterna dessas pra vocês passarem a estiagem bebendo?

– “Ah é sim... é porque a Zuleide não quer, mas tem é água... ela num quer por causa dos gatos...”.

Ela faz alusão ao fato de os gatos supostamente sujarem a água da cisterna.

Quantos rios banhavam a cidade?

Zuíla diz que era: “Mocó, esse aqui (apontando na direção da praça – do rio Lanchinha) eu num sei o nome dele...” Zuleide completa: “Lanchinha, né?”

Mas esse ano o povo disse que esse açude pegou água. [...] Foi parece um milagre. Acho que foi

depois de março... foi um milagre.”

Ainda no Centro, depois entrevistamos o senhor Manuel (87 anos) e o senhor Milton Vasconcelos (77 anos) que nos ofereceram prestimosas informações, inclusive sobre a história da água na cidade. Mostraram outros aspectos sob o que intitulavam a “ótica capitalista.” Com a palavra o ‘seu’ Manuel:

“Sou ‘caboco’ do Caxitoré, do rio Caxitoré. Nasci em 1915. Os anos de 15, 36, 58, foi muito seco. Uma seca por inteiro. Em quarenta também teve uma seca. E a partir de cinquenta teve seca, mas não foi total. [...] Eu lembro quando eu tava aqui, que vinha passar o inverno aqui, sempre tinha problemas de seca. [...] Aqui foi desligado de Itapajé em mil novecentos e cinquenta. Esses municípios daqui tudo era de Itapajé: Tejuçuoca, Santa Cruz, Pitombeira... tudo era de Itapajé.”

“Aqui sempre foi muito seco, problemático. Os antigos dizem que mata, essas coisas, atrai chuva. Aqui sempre teve pouca mata. Essas serras que se vê por ai era matinha rala. Esses anos escassos, aqui toda vida ainda é mais escasso. Papai me dizia que de mil novecentos e dois a mil novecentos e nove o rio Caxitoré nunca botou água.”

“Em mil novecentos e quarenta e dois eu passei, inverno aqui... bem fraquinho o inverno. Vivi sempre na beira do Caxitoré. Tinha menos gente por aqui. Mas a coisa ruim foi eu ter ficado cego agora porque eu sempre trabalhei. Aqui sempre foi lugar de passagem. Aqui nunca teve fartura de dinheiro.”

“A cisterna da casa tira o verão (por que eu uso dela, a água dela tira o verão todo). Tem diminuído as chuvas. Em 74 eu comprei uma fazenda. Passei o inverno lá. No 84 também. [...] Houve um inverno bom. Daí pra cá teve ainda inverno bom. Mas depois custou.”

“Eu botava água no hotel em dois jumentos. Tinha um olho d’água. (Era dono de um hotel na cidade). Hoje eu tenho água encanada. Mas a água encanada tá ruim, nem pra cozinhar num presta.”

Falando do Açude Jerimum, relata que há muito tempo existe o projeto de construção, mas que levou muito mais tempo para sair. Com as suas palavras:

De que serve um açude que não enche? Muito mais importante um poço profundo. Sabe quando foi tirado o Jerimum, foi em 1923 pra fazer o Jerimum. Aí quando foi uma época o senhor Oliveira Paraíba, tirou o estudo do açude do Caxitoré lá do Pentecoste pra cá. Depois tornaram a tirar o estudo do Jerimum quando fez o projeto. O açude era pra ser muito maior. Era pra ser 56 milhões de metros cúbicos e quando o Tasso recebeu foi com 21. Botou parede alta, pra evitar que sangrasse pra cima das propriedades alheias. Pra dar por resolvido o estocamento, do guardar de água.

Questionamos sobre as mudanças percebidas na cidade e ele disse:

Aqui tinha mais pouca gente. Hoje tem uma cidade. Se ela aumentou é porque tem melhora. [...]. Desapareceu a borracha, desapareceu a oiticica, desapareceu o algodão, desapareceu a mamona... Ainda tem muita criação de gado... onde tem muita gente a caça desaparece... a broca é porque facilita... sabe que prejudica, mas pra eles é bom. O 'caboco' quer saber se planta... É mais fácil queimar que desmatar...

Interrogamos sobre o cuidado com a água e ele falou:

Gasto muita água, pois aqui é muito quente. Tomo banho quatro, cinco vezes por dia. Afinal sou um doente, um deficiente...

O Bairro da Esperança e o Bairro do Açude não foram apresentados aqui em suas trajetórias, por não terem atualmente grupos organizados, nem marcadores mais antigos, como no caso do bairro do Centro, que mesmo sem ter uma articulação grupal, possuem algumas pessoas de

referência que têm boa bagagem histórica. Mesmo assim, tivemos o depoimento de Raimundo Pinto Barbosa, um moto-taxista, que muito falou sobre aspectos da distribuição de água da cidade e levou-nos a visitar seu bairro que apresentava o rio Lanchinha transitando ao seu lado, totalmente afetado pelo desaguar de águas oriundas de esgotos do centro e do bairro mesmo. É o bairro no qual se localiza o cemitério da cidade. No muro do cemitério encontra-se uma citação que reporta a esperança daqueles que perecem... Daí o nome do bairro. Nesse bairro existe também uma rua que é denominada com o nome de excrementos humanos por ser o espaço no qual ficavam esses excrementos depositados a céu aberto. Era o ponto de deságüe de todo o esgotamento de Irauçuba, hoje jogado metade diretamente no rio Lanchinha e, a outra metade, no Bairro Gil Bastos.

O Bairro do Açude

É um pequeno trecho da cidade com algumas casas dispersas e pequenos terrenos, somados a uma vila de poucas casas na margem do açude Paulo Bastos, vizinho à estação de tratamento de água da cidade. Vamos apresentar um trecho do depoimento formulado pelo 'seu' Raimundo tratando da água no bairro.

Perguntamos: Quer dizer que a última vez que o açude sangrou foi em 1986?

No que ele respondeu: "Nunca mais."

O senhor já está plantando por conta da chuva?

– "É por conta da chuva."

O senhor acha que vai segurar esse inverno?

– "Estou achando que vai ser grande demais."

Como é que o senhor sabe?

– "A gente tem mais ou menos experiência."

Quais as experiências que o senhor tem?

– "Os planetas, o agricultor, assim como eu que já estou com 70 anos e comecei a trabalhar com 07 anos de idade na agricultura, a gente já tem mais ou menos base."

Como é que o senhor nota?

– “Os insetos da terra, é um grande profeta, o inseto da terra.”

Qual o inseto?

– “Sapo, cururu, jia[...].”

No bairro, mesmo quando não tinha água encanada tinha água?

– “Tinha na régua.”

Está com quanto tempo de água encanada?

– “Está com mais de 15 anos.”

E para beber?

– “Não está prestando para beber, estava com 06 anos que o açude não pegava muita água, água que prestasse para beber.”

Vocês têm que comprar água para beber?

– “Sim, tem que comprar, nós paga água dá CAGECE e ainda tem que comprar pra beber.”

Quanto vocês pagam de CAGECE (Companhia de Água e Esgoto do Ceará)?

– “R\$ 15,00.”

E para beber?

– “R\$ 0,25 p/ lata. [...] 08 latas por semana. Agora a gente está bebendo água da chuva.”

O Bairro da Esperança

Clairton falando um pouco do bairro, inicia relatando um pouco de sua vinculação à Associação do bairro que vivia sem atuação coletiva. Em março de 2002 ele participou, a convite do povo, da eleição para a presidência da Associação do Bairro da Esperança. Por que foi convidado? “Acho que de tanto ver eu gostar assim do povo, de criança, dos idosos... E botaram meu nome lá e disseram que eu tinha que ir.” Tiraram 109 votos e o seu grupo teve uma votação de 270.

O maior mal da nossa cidade, pra quem conhece de pertinho, o maior mal da nossa cidade é quem quer fazer ele não deixa fazer.

Por que se um líder comunitário fizer alguma coisa o prefeito passa a frente e diz que foi ele ou então eles não deixa fazer para que o líder não se torne uma pessoa pública... Que domine o povo,

sabe como é...

A cidade é dum povo amigo, tipo que irmão, sabe, mas é um povo que quer fazer, mas não pode. E quem pode fazer não faz.

– Os problemas maiores:

Aqui é o descaso na vida pública. O homem público leva a vida só em querer (gesticula na forma de puxar para si).

– E depois?

Ele fica pensativo e responde: “É o descaso da agricultura. Tanto a agricultura como o campo que é despreparado... É que eles pode ter a semente e a enxada para plantar, mas não tem nada que favoreça... O CMDS não apóia o empréstimo que vem para a cidade, a política não é gerada para cima da agricultura.

– E a terceira coisa? (Nos pareceu uma resposta anteriormente elaborada. Como se as duas primeiras tivessem que ter sido buscadas, dado o silêncio e a reflexão ocorrida antes de responder. Legítima o ocultar do problema da água percebido ao longo da pesquisa).

O problema é uma política em cima da água. Existe a água, mas não existe a política. E aqui na Irauçuba, queiras ou que não queiras, oitenta por cento acho que se cavar dá água, nem que seja salgada mas tem o dessalinizador. Nem isso os ‘home’ faz... É a água é uma das grandes coisas.

– Como você vê sua cidade?

Ela tá abaixo do nível que é para ela ser. E cada tempo que passa ela tá num regime de ir é descendo.

– E com o coração?

Ela tem tudo para crescer e tem gente capacitada pra isso, falta de informação, mas tem gente que... todo mundo quer vencer, todo mundo quer trabalhar... mas aí o problema é que não tem... não existe uma política aqui...

Uma Tipologia Relacionada à Água Deriva do Trajeto

Começamos a delinear uma tipologia que pudesse

caracterizar a luta de cada bairro quanto à questão sócio-ambiental ligada à água. Associada a isto, evidenciava os marcadores do discurso do lugar e seus depoimentos, suas representações. Emergia, naquele momento a idéia de relacionar: a) o Bairro da Barragem com o “chafariz”; b) o Bairro Gil Bastos com o “cata-vento” que lá se destaca; c) A “caixa d’água” no Bairro do Cruzeiro; d) a “Estação de Tratamento” no Bairro do Açude; e) a “água encanada” no Bairro do Centro; f) o “poço sem água” do Bairro da Rodoviária; g) a “água estagnada” do Bairro da Esperança. Vejamos alguns indicadores que tipificam esses processos.

O chafariz pode ser relacionado ao percalço da população de ter que se deslocar de seu lar com latas ou outros depósitos para poder abastecer-se de água. Implica em um tempo de espera no contato com os vizinhos, aguardando a vez ou o tempo da torneira encher as vasilhas. É um esforço físico debilitante e que satura por estabelecer uma mediação corporal na luta com a água. Na melhor das hipóteses, utiliza-se de um jumento ou de um carro de mão para apanhar a água, minorando o esforço físico pessoal no processo. Naquele bairro nos deparamos com peculiaridades, tais como: ter sido o primeiro bairro a existir depois do bairro do Centro, ter tido o primeiro projeto de iluminação depois do Centro e ser o preterido das ações governamentais, pois foi o último a receber energia elétrica e, ainda, hoje boa parte dele não conta com água encanada e nem esgoto. Os moradores atribuem isso à sua opção política de enfrentamento com o poder local.

O cata-vento interliga a busca da água mais diretamente com a natureza, que determina pelo sabor dos ventos a quantidade de água que chega para o atendimento na beira do poço. Por serem águas salobras, a população do Gil Bastos luta ansiosa por um dessalinizador que não chegou. O cata-vento, inclusive, já nem dá conta de puxar aquela água. O bairro apresenta outro sério problema hídrico: uma barragem de uns 400 m² repleta de dejetos de esgotos.

O “poço sem água” do Bairro da Rodoviária é bem retrato do processo de mobilização que resulta nessa obra

que pretendia resolver a falta de água da localidade. A Rodoviária é um bairro próximo a um posto da Polícia Rodoviária Federal, que desde quando chegou água encanada na cidade é abastecido pela CAGECE (segundo um dos nossos informantes). Entretanto, só com a vinda da água do açude Jerimum foi que expandiram a rede até esse bairro.

A “água estagnada” do Bairro da Esperança mostra um bairro que emergiu ao lado do cemitério e da cadeia pública da cidade. As marcas concretas dessa área indicam um ambiente que funciona como lugar de destino do que está morto ou alijado da sociedade. Desse modo funciona também como o ponto de despejo dos esgotos do Centro e de boa parte da cidade. Hoje vive próximo às margens do rio Lanchinha, mantendo um contato com a sujeira veiculada através das águas dos esgotos que ali têm seu rumo.

A Estação de Tratamento de Água (ETA) da cidade se localiza em um bairro que se constitui de poucas casas e que recebeu esse presente por conta da posição geográfica estrategicamente privilegiada, permitindo que de lá seja encaminhada a água que vai para o restante da cidade. Sequer possui uma Associação de Bairro. A caixa d'água significa uma certa proximidade com um depósito do sistema que atua na distribuição, favorecendo por gravidade o atendimento do bairro que lhe recebe o monumento de concreto. Entretanto, implica também no contato com o problema gerado por uma água de baixa qualidade e/ou pela sua falta. O bairro fica ao lado da Br 222. Possui um cruzeiro como marca. Até recentemente, 1999, só tinha água distribuída por carros-pipa e carros que vendem água.

A água encanada oferece maior conforto, isto se fosse água de qualidade, bem tratada. Por outro lado indica uma mediação monetária mais intensa. O distanciamento do problema parece aumentar através da torneira e do encanamento, dos esgotos que canalizam os dejetos, surgindo, em muitos casos, uma história “in média res”, ou seja, as representações sociais sobre a água sugerem-nos a eclosão

ocasional de uma visão de causalidade desconectada, sem inter-relações. Como se contássemos uma história *in média res* (a partir do “meio da coisa”; quando os acontecimentos já estão em curso). Essa percepção costuma derivar para uma visão localista e pontual dos eventos. Esse recorte impede de ver a construção social da realidade histórica, identificar a mediação feita pelo social, com seus vieses de classe. Isto também pode contribuir para uma mais intensa vinculação da água apenas ao seu uso, numa perspectiva utilitarista que parece ser também individualizante, em certa medida.

Evidente que essas nossas observações parecem apontar para o mundo vivencial. Isto implica a necessidade de pensarmos as formas presenciais no trabalho com educação ambiental popular. O que aparentemente indica a necessidade de identificarmos toda a teia de significações com seus marcadores do texto do lugar. Com isto rebatem-se argumentos pontuais e a informação passa a ser incorporada com um sentido próprio do grupo.

Certamente, o apagamento, na visão do consumidor de água, do movimento de sua circulação cíclica, processo de tratamento e distribuição não significa necessariamente alienação (não significa necessariamente ofuscamento da visão da água enquanto bem social). Por outro lado, parecemos precioso aproveitar as lutas por água, o contato mediato com suas fontes, tratamento e acesso, para a construção de uma cultura coletivizada que inclua a água na reflexão ambiental. As RS da água por se reportarem ao mundo vivido, que parece ter a predominância de uma lógica da ação, lembra-nos que um trabalho de Educação Ambiental deva buscar essa lógica da ação.

Todos os bairros precisam comprar “água de beber”, utilizada para beber e cozinhar (64 litros de água por um real). A “água de usar”, para os outros fins como o banho, lavagem de roupa e de utensílios domésticos etc., fica na dependência do açude ou dos outros meios de acesso anteriormente descritos (maiores detalhes acerca do uso da água e da terra ver anexo III).

Mesmo assim, ficamos nos questionando sobre as

construções e desconstruções do discurso sobre a água, suas aproximações e distanciamentos da Perspectiva Eco-Relacional. Vejamos: a maioria da população investigada não considera que a água seja o maior problema da cidade. Seria uma espécie de obscurecimento da totalidade estrategicamente constituída com o intuito de manter a integridade psíquica diante da constante negação? Seria uma resistência popular diante das constantes investidas políticas antidemocráticas? Seria um assimilar de uma cultura diferente que se estrutura sobre a fragmentação do conhecimento humano? Provavelmente é um conjunto de relações implicantes que acarretam essa percepção em mosaico.

Vejamos agora alguns depoimentos acerca da água:

... a gente se maldiz porque é longe... (Sobre a busca da água)... Sobre a água, aqui sempre foi difícil...

... 'nóis' tem que beber dela, se nós não tiver o dinheiro... se a gente num tiver um real pra comprar água pra beber e fazer o café, 'nóis' tem de beber dela.

É a limpa!" (olhando a água num tanque de cimento)... Ela, lá no açude, é da cor daquela folha daquele coqueiro.

... parece garapa de cana.

Marlene falando sobre a busca de solução para a água encanada disse:

Nós 'num vamo' pra reunião, dia de sexta-feira, na câmara, discutir isso com o vereador porque eu acho que eu pra mim eu acho que é uma humilhação, porque os outros 'barrios' não precisaram fazer isso... só 'nóis' precisa, e eles tão vendo que 'nóis precisa', né...

Parece-nos que, mais uma vez, eles se negam a aceitar que a água seja buscada de uma forma que parece, à população, insuportável. Ela torna-se um fator de humilhação, segundo eles e exacerba o sentimento de desvalor que o poder local lhes passa.

Mais um homem carregando água passa, leva num jumento e num carro de mão. Outro homem bota água nas vasilhas que derramam a água em excesso. Da torneira do chafariz, homens e mulheres enchem muitas espécies de vasilhames.

Há uma preocupação com as crianças, sobre o futuro delas, simbolizada na questão da creche. A creche parece lhes lembrar apoio, um lugar a salvo dos agravos do cotidiano comunitário. Entretanto, estranhamente essas mesmas crianças falam sobre a água, parecendo não estarem sendo ouvidas devidamente:

Um garoto afirma: A água do açude é suja demais... Fiquei doente dos rins.

Outra criança, a Michele diz: Tomei banho com essa água aqui e fiquei toda me coçando muito tempo.

– A água está cheia de cabeça de prego, diz outro menino.

Um dos nossos colaboradores do grupo de discussão chega a afirmar que: “As pessoas parecem não vislumbrar a água como o maior problema – talvez como alguém que possui um câncer e sabe que tem uma expectativa de vida de poucos anos e vai vivendo e considera que os maiores problemas são os do cotidiano, os resolvíveis.” Outro companheiro do grupo enfatiza a tradição de dignidade do sertanejo! “Esse homem do sertão não pede esmola.”

As idéias sobre a cidade, crescimento urbano e história política compõem uma urdidura que os marcadores percebem e relatam:

Eu vejo Irauçuba hoje como uma cidade assim onde tem pessoas muito receptivas, que tem ainda laços de fraternidade forte. Nós, eu costumo dizer as vezes que ainda considero o povo de Irauçuba como uma grande família. Todo mundo se conhece... a gente ainda tem aquela preocupação com o outro...

Tem perdido um pouco isso, tem perdido um pouco. [...]. Atribuo a questão... houve um crescimento mui-

to grande da população urbana, saiu muitas pessoas da zona rural... com o maior aglomerado de pessoas também aumentaram os problemas financeiros da sustentação familiar, aí passou-se a ter também uma visão mais egoísta, individualista, as pessoas passaram a querer pensar um pouco mais em si e isso né, com certeza, influencia na perda desse sentimento da fraternidade. [...] A privação material foi um dos fatores que influenciaram...

[...]. E onde eu vejo o lado assim negativo é que essa questão do gostar não se refletiu no cuidar da coisa, do cuidar desta cidade, desta terra. (“Talvez a repressão, o pouco conhecimento, a pouca informação... as pessoas queriam participar do sistema, mas não tinham... Gosto, mas me acho incapaz de tentar cuidar da coisa maior, do local, do habitat, onde nós moramos...”). Infelizmente nós temos uma história política que não teve essa visão de desenvolvimento local, de procurar cuidar, de procurar realmente proporcionar condições pra que aqui as pessoas pudessem ter as suas necessidades realizadas... há uns três, quatro anos atrás até hoje começou-se... assim um certo despertar da sociedade civil, o povo, as pessoas, nós temos jovens, temos assim profissionais, professores, que começaram a se preocupar com esta questão do cuidar e a gente perceber um movimento, assim tem um movimento, de organização de associações fortes em várias comunidades tivemos conquista da reforma agrária com assentamentos, hoje a gente tem cinco assentamentos no município do governo federal, um do governo do estado. Isto foram conquistas da união do povo.

O processo de manipulação feito pela mídia é percebido, sua influência é considerável no cotidiano das populações do ‘interior’ (sertão). A banalização dos fatos, o individualismo e a “venda” de comportamento para a juventude são mencionados como alterações do “moderno:”

... a vivência lá dentro das comunidades, no meio do povo, no meio das pessoas ali no município.

Isso nos dá assim a possibilidade de ter uma linguagem que possa ser entendida por essas pessoas.

... a medida que a mídia possibilita um acesso maior à informação a experiências de outras realidades, a gente começa a perceber que nós não somos assim uma ilha, que nós fazemos parte de um contexto bem maior, né, o que que acontece? isto influencia os nossos posicionamentos...

Encontramos nessa fala uma reflexão crítica importante, na qual se constata a gravidade de ficarmos desarmados diante da mídia, particularmente no contexto de uma cultura que apresenta efetivamente peculiaridades que nos permitem entendê-la como uma cultura residualmente oral (Ong, 1996). Essa especificidade permite a mídia, particularmente a televisiva, um poder de penetração e influência intenso. Ela, a televisão, carrega aquilo que Ong chama de oralidade secundária que favorece uma maior receptividade da população habituada ao oral e afeita ao que se vincula oralmente, agora nessa feição contraditória.

[...] e por outro lado, e eu acredito que em maior proporção, tem contribuído para uma influência radical nos valores da comunidade. Muitas transformações nos valores, muitas coisas que eram importantes 'pras' comunidade, 'pras' famílias, 'pras' pessoas, pra cultura local, começam a não ser mais consideradas importantes porque a gente vê tudo tão comum na mídia, tudo tão comum, tudo tão normal...

... aumento da população urbana, da falta de oportunidade de trabalho na zona urbana, e que isto tinha gerado, assim, uma questão de individualismo nas pessoas, um dos fatores que estão intrínsecos dentro desta realidade é essa questão do consumismo também.

... isto influencia e faz com que muitas pessoas, muitos jovens se sintam assim frustrados por não terem o que os amigos têm... começa a se frustrar e usa assim determinados comportamentos na sociedade como uma válvula de escape. [...]. A questão dos contra-valores, né? [...]. Isto está ge-

rando prostituição, está gerando o uso de muita droga, muita droga, isto está gerando jovens com atitudes de violência... Jovens que já não respeitam os pais...

Essa questão das características nossas, que ainda se encontram aqui... a gente já não valorizar coisas que quem mora na cidade grande chega aqui e percebe que é um valor e a gente que mora aqui dá esse valor... devido.

... a questão, que eu falava anteriormente, da mídia, começamos a apresentar uma nova forma de viver, alguns valores que são mais atuais, que não são antigos, coisas novas, muito ligado à questão do consumismo, a gente se preocupa muito com o ter...

Por outro lado, eu ainda acrescentaria que devido a gente estar assim tão ligado, tão conectado a essa questão do moderno, do atual, os pensamentos tão voltados para isto que a gente não consegue se abstrair um pouco disso e começar a fazer aquilo, olhar um pouco pra nós mesmos, olhar um pouco as plantas, para os animais, porque a gente está tão conectado com aquilo. A gente amanhece, você amanhece o dia já..., que planos eu tenho pra hoje, pra amanhã, o que fazer.

A memória e seus quadros sociais são evocados com vigor, como tentativa de compor uma práxis de resistência:

[...] o contexto, isso é um contexto bem maior. Porque é assim, meu pai, meus pais, por exemplo, iam cuidar do gado, iam cuidar das ovelhas, tinha muito leite, tinha muita batata, muito milho, tinha a caça, era só ir ali no mato e voltava com a caça, ia ali no açude e tinha peixe suficiente, muita fatura, plantava a batata, tinha a batata, tinha o jerimum, coisas muito simples e era perto de casa, se produzia ali mesmo próximo de casa. Hoje, aqui na nossa realidade, a gente já não dispõe de todos estes produtos, a condição, a sobrevivência é muito mais difícil, você acorda, as pessoas já ficam preocupadas em ter outras alternativas aí

começam a achar que não podem perder tempo, mas querendo coisa diferente, uma coisa nova, é um comércio, comercializar alguma coisa, arranjar um emprego na Paquetá do Itapajé, na Grandene de Sobral, ou então no comércio que tem ali no centro da cidade, é querendo fazer alguma coisa porque não tem aquilo com mais facilidade como tinha antes, né? É mais complicado e existe uma preocupação maior.

É preciso haver, assim, uma certa transformação não com procedimentos paliativos, com ações paliativas, é preciso ir ao cerne da questão que são as políticas públicas adotadas no interior, que precisam se voltar para a realidade do interior, ver as potencialidades que aqui existem, o que pode ser aqui trabalhado para gerar trabalho, gerar renda, para preservar os recursos naturais, preservar nossa fauna, nossa flora, ver que tipo de iniciativas fazer para que ressurgam animais que a gente tinha antes, animais rasteiros, o preá, o tejo, essas coisas desse tipo que tinha em abundância, né? O que fazer para resgatar isso, que iniciativas... E pra que se trabalhe isso é preciso fazer essa questão da análise das potencialidades, voltar as políticas públicas pra isto, procurando preservar o que nós temos, procurando estabelecer uma convivência harmônica com tudo isto e das pessoas umas para com as outras. Daí o papel importantíssimo de uma educação, de uma educação não apenas uma educação na sala de aula, na escola, mas um trabalho educacional de conscientização através dos movimentos populares, nas associações, nos fóruns, nos seminários, das posturas das lideranças, porque todo líder é um educador, ele deve ser um educador. Então, na medida que as lideranças começam a adotar uma postura de educar, de buscar alternativas, alternativas para desenvolver e para preservar, para cuidar, para proporcionar uma qualidade de vida realmente para as pessoas,

⁴² Grupo-sujeito se associa a grupos populares organizados em processos de subjetivação, nos quais a produção de sentidos se dá. Esses processos ocorrem no contexto da relação indivíduo-grupo, modelados em registros sociais de interação.

então outros começam também a adotar aquela postura, vão sendo instruídos, vão sendo educados pelo próprio testemunho de vida, pela sua prática, pela ação, pelas atitudes. Os nossos atos, as nossas ações, elas tem uma influência muito forte na percepção das pessoas, para que outras pessoas também se motivem, passem a ter motivos para querer fazer algo diferente.

Nessas falas encontramos justificativa e motivação para o trabalho junto à comunidade, em particular junto a esses marcadores sociais, em especial, com nossa proposta de uma Educação Ambiental Dialógica numa Perspectiva Eco-Relacional.

Pra se tentar resgatar esses valores... é interessante se trabalhar por várias vertentes. A vertente da educação, que proporcione a informação, é interessante de se trabalhar a questão das dinâmicas de grupo, da questão de se ter uma educação voltada para este humano, para o aflorar do amor, da fraternidade, pra se fazer esse trabalho num município como esse, mesmo já tendo uma concentração urbana maior, ainda é possível tentar se trabalhar de maneira unida...

Para se resgatar este amor e fazer com que haja essa amorosidade maior é preciso se trabalhar usando vários fatores... Por isso quando eu falei da questão de que todas as lideranças comecem a ter uma postura educativa com esta visão. Se o político, o líder comunitário, o professor, o líder estudantil, o padre, o pastor, o agente, o missionário, as pessoas começam a se unir, começam a querer ter, agir com esta forma, com este norte, com estes princípios, com estes objetivos, a gente começa a ver resultados concretizados de uma forma mais ágil.

Concluindo esta exposição, retomamos as últimas informações para enfatizar que existe possibilidade de reerguer o potencial do sertão em termos de transformações. Para isto é preciso que consigamos modificar as políticas públicas e possamos rediscutir o saber popular na direção de

um saber epistêmico parceiro, que favoreça uma ecopraxis mais consentânea com uma Perspectiva Eco-Relacional.

Relatando o trajeto de Fortaleza até Irauçuba no período em que a chuva molha a terra

Durante as chuvas, a poesia emerge diante dessas contradições, desse quadro de dor que se embeleza diante das primeiras chuvas, que no ano de 2002 se adiantaram. Isto na leitura do nordestino, já que as chuvas chegaram em janeiro quando o habitual é março. A estação chuvosa vai até junho, meados de julho. Bem, eis como retratamos o quadro contrastante com o habitual, de seca, que predomina de julho a março, em geral. Vejamos em nosso diário de campo, o que foi registrado e que marca esse caminho.

Na estrada tudo verde, corpos d'água cheios... de Fortaleza passamos ao lado de Caucaia, depois veio Catuana, passamos pelo cruzamento que leva para o Pecém. Veio a cidade de Umirim, seguida de Itapajé e, finalmente, Irauçuba. Fomos pela BR 020.

De vazão das clareiras abertas por queimadas, casinhas humildes e pobres predominam na estrada. Carnaúbas esparsas ao longo do caminho... Predomina o sabiá e o marmeleiro. Iniciamos a jornada. Aqui e acolá, cajueiros. Jegues ainda aparecem na paisagem. Os urubus não deixam de se fazerem presentes. Mangueiras, algumas poucas; goiabeiras, pés de sirigüelas...

Passamos pelo cruzamento Sobral – Paracuru. Encontramos uma placa na estrada de Itapajé que se autodenomina “terra do bordado.” O visual da paisagem está ainda mais bela com os serrotes esverdeados. Irauçuba evidencia-se em meio a esses vãos e serrotes.

Goteja e escorre água pelas pedras, observadas ao cruzarmos por entre elas na entrada de Itapajé. Entrando na cidade logo se destaca a “Pedra do Frade.” Pardais por todo o percurso.

Levamos aproximadamente três horas de ônibus.

Próximo a Irauçuba também está verde, mas parecem mais ralo, os serrotes evidenciam mais as pedras, embora o verde esteja presente. Os rasgos no solo são mais visíveis deixando entrever a epiderme de areia que reveste o chão molhado pelas chuvas...

Na estrada, na entrada da cidade, pneus velhos e sacos plásticos e 'pets' dispostos ao tempo em vários trechos. Laguinhos, poças d'água... Verdes de todos os matizes se apresentam a um olhar mais atento. A relva parece um macio tapete que reveste aquele terreno ríspido e queimado pelo Sol. Pedras emergem desse verde que se espalha pelo chão. Ao longe, os serrotes se destacam. mas poucas e dispersas árvores se rivalizam com o mandacaru, sempre presente. Casinhas e casas com alpendres se mostram ao longo do percurso. Caprinos e algumas reses... pedras e pedras no verde temporário do solo. Rasgos de areia branca se expõem.

Ossos de animais mortos e secos aqui e ali e limpinhos. Moitas de espinhos e espinheiros. Mais e mais poças de água. Mais adiante: as duas caixas de água caídas se avistam... logo na estrada da área urbana. À direita (nascente), uma que se vincula ao sistema de tratamento, à esquerda (poente), a que fica no bairro do Cruzeiro.

Chegamos e vamos percorrer os bairros: Centro, da Barragem, da Esperança, do Cruzeiro, Gil Bastos (Prado), do Açude, da Rodoviária... (Trecho do Diário de Campo).

Uma Reflexão Sertaneja Relacionada à Água

O primeiro ponto que emerge é a polarização entre Grupo e Sujeito versus Grupo-sujeito⁴², confronto muitas vezes velado. Parece taldar a visão da homogeneização das subjetividades das pessoas e grupos, feitas pelo capitalismo que vende um modelo de subjetividade (GUATTARI & ROLNIK, 1986).

Como primeira instância desse percurso, precisamos perceber a teia de significantes que desvelam a significação da água nas vidas desses sujeitos, bem como a sua

singularidade enquanto percurso de grupo. Certamente é importante o processo de singularização, porém é preciso não cair no pólo oposto, pois desse modo ocorre o perigo de implosão, ao se reforçar apenas a diferença, desconhecendo as relações com o global.

Exemplos que podem ilustrar o modo como os grupos parecem ir funcionando como grupo-sujeito são oriundos do bairro da Rodoviária que conseguiu algo na luta pela água (água encanada). Já no bairro da Barragem, a população fica restrita ao uso do chafariz, uma conquista que parece não ter conseguido uma mobilização maior na comunidade. Uma distribuição problemática da água que vem da caixa d'água que fica no bairro do Açude. O bairro Gil Bastos possui, como eixo do sistema de água disponível, um cata-vento que puxa uma água salobra, quando está sem problemas mecânicos. O bairro do Cruzeiro possui uma caixa d'água e distribuição de água irregular. O açude Jerimum encontra-se poluído e em avançado estado de esvaziamento. Este açude é o eixo que abastece todo o sistema de distribuição.

Como vimos, cada bairro, em se tratando da água, realizou algum tipo de conquista que, certamente, pode oferecer um sentido imaginário, subjetivo a seu percurso, estabelecendo uma espécie de "landmark" (um ícone que se materializa, por meio de um marco concreto). Desse modo, podemos entender diferentes tipos de resultados, advindos de diferentes meios de realizar a busca pela água. O Bairro da Rodoviária conseguiu algo na luta pela água (água encanada). O Bairro da Barragem, ainda restrito ao uso do chafariz, realiza uma conquista individual, e para umas poucas casas ocorre uma distribuição problemática da água, que vem da caixa d'água que fica no bairro do Açude. O Bairro do Açude possui uma caixa-d'água por contingência fisiográfica. O Bairro Gil Dantas possui um cata-vento quebrado, uma água salobra, sem um dessalinizador. O Bairro do Cruzeiro possui uma caixa d'água e distribuição de água por um carro pipa.

Na descrição da práxis social dos vários grupos, vamos identificando peculiaridades que mereceram ob-

servação. Demonstram percursos singulares dos grupos, mediatizados por suas conquistas realizadas. Um ponto importante nos parece ser efetuar a descrição densa do movimento de compreensão profunda das coisas tecidas pelo povo que vai desvelando-se na relação com suas lutas.

Existiria no domínio simbólico uma apropriação do conceito do outro para dominá-lo? Isto resulta no assumir os nomes e a argumentação do outro no processo de desmonte das articulações políticas consideradas indesejáveis. A teia de significação em grupo pode restabelecer os nexos de sentido na superação de lacunas da fragmentação, se reapropriando dos seus próprios conceitos e nomes. Parece que as organizações mesmo incipientes, mesmo embriões de organização, articulam por meio de um discurso constituído pelo próprio grupo, o sentido que então vai passando a ser esteio dos sujeitos de discurso. A referência do 'outro' às vezes domina, como se mostra no caso do grupo da Barragem que, utilizando a proposta do Projeto São José, vai à busca da energia elétrica para o bairro. Mais além, porém, o grupo retoma e busca o lugar do seu desejo.

Fundada em um pleito incipiente, a luta do bairro da Barragem resulta em uma rádio comunitária, como vimos. Por outro lado, considerando esses marcos apontados pela investigação, constata-se uma percepção que se aproxima de uma perspectiva de totalidade ainda não perdida de todo. Embora a influência da oralidade secundária gere conhecimentos tatuados, distanciamento, fragmentação e mediação, percebemos movimentos de visão mais totalizadora do real.

Os processos de subjetivação e objetivação podem ser perceptíveis no instante em que focalizamos as falas minuciosamente, como em um 'close' fotográfico (detalhamento ampliado que se consegue com lentes fotográficas que ampliam a imagem). Recortando, para efeito de abstração, trechos e partes do discurso para que pudéssemos sobre eles refletir, tentamos fazê-lo sem perder a noção de que essa fotografia está inserida em um contexto maior, para onde retornamos, em seguida, com as reflexões resultantes.

Maturana (1998) lembra-nos, ao reportar-se à subjetivação vivida nos grupos, que as verdadeiras relações

sociais passam essencialmente pela dimensão afetiva. Gonçalves (2000) corrobora com Maturana indicando que a dimensão afetiva e as estruturas “autopoiéticas” precisam ser consideradas na subjetivação dos grupos.

No intercâmbio com o governo parece haver uma estratégia utilizada pelos grupos –sujeitos de articular uma ação e argumentação que sirva de motor para a continuidade da sua práxis social refletida e politicamente pensada. Lembramos que pode acontecer, diante da impotência mencionada por Antônia Maria ou por Marlene, uma interlocução na qual o percurso desejante (negação de si) é suspenso para fazer-se ouvir o discurso do ‘outro’. O ‘outro’ só dá visibilidade ao papel de nada a população haver ganhado na luta.

As lutas, apesar disso, apresentam conquistas populares efetivadas diante do confronto político com os governantes locais. Quando, por exemplo, primeiro vem a idéia da população de conseguir energia elétrica por meio do Projeto São José e a energia acaba chegando por meio de um projeto maior da prefeitura que se obriga a estender a rede para toda a cidade. Diante disso, a demanda passa a ser a creche – discurso do grupo diante da “precisão:” é que as crianças ficam sob risco de vida, como podendo cair no barranco ou se expondo a acidentes de trânsito, na rodagem que passa em meio à cidade. Ocorre então uma ação reivindicatória que tem como resposta da prefeitura a doação de uma rádio comunitária, que não era meta do grupo. Isto implica em um esvaziamento na luta. Acontece então uma busca por reagrupar que fica restrita às lideranças do lugar. Salientamos que a tentativa de buscar outras formas de conquistas (creche, emprego etc.) parece indicar a possibilidade de abrir outros caminhos objetivos de luta e, neles, os sujeitos viverem outros processos de subjetivação.

Uma Reflexão Introdutória à Teia de Representações Sociais

⁴³ No plural por considerarmos existirem vários tipos de sociedades.

As representações sociais da água nos levaram como em uma enxurrada na direção do saber popular. Nos deparamos com recantos secos, esquecidos ou largados por força de conjunturas alheias à corrente natural do caudaloso rio das nossas aspirações, do nosso querer mais profundo.

Percurso desejanste e trajetória de sentido se mesclaram nesse navegar em busca de certas compreensões que romperiam com o estranhamento diante do outro. Velejamos, assim, por mares nunca desse modo navegados.

O lugar do problema é o sertão, que apresenta peculiaridades específicas tais como a convivência com problemas graves de exploração da miséria manifesta também na falta de alimento e de água. Ricos em sua cultura oral ou residualmente oral como define Walter Ong (1996), carregam emoções, dores e anseios, tormentos e esperanças. E dentre muitas crises vividas pelo sertanejo a crise da água se instala de mansinho, atormentando mais no período da estiagem das chuvas e se alargando devagar para outros tempos.

Precisávamos de alicerces que dessem solidez ao processo em construção. O primeiro deles resultou de reflexões formuladas sobre a dissertação de mestrado, desaguando na Perspectiva Eco-Relacional, enriquecida pela práxis da educação popular dialógica de Paulo Freire (explicitada no conjunto de sua obra) por Carlos Rodrigues Brandão (1994) que retoma a sociabilidade das relações com a natureza não humana. Ainda por Maturana (1998) e o amor como instância fundante do humano são aspectos que, como sulcos, fecundaram a terra do vivido e pensado por toda a tese.

O referencial metodológico que nos acompanhou desde antes foi a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici (1978), que nos chegou através de Arruda (1983, 1992, 1993), Jodelet (1991, 1997), Spink (1993, 1995a, 1995b), permitindo-nos uma práxis epistemológica própria da psicossociologia, passível de ser aplicada à educação ambiental quando amparada por Paulo Freire.

Este velho e querido companheiro foi revisitado e se tornou mais profundamente conhecido. Entramos em

contato lento e profundo com suas propostas e abordagens e seu pensamento fecundava amplamente tudo o quanto vínhamos pensando e fazendo. Claro que foi necessário todo um processo de reconhecimento de nossas atitudes etnocêntricas e comportamentos elitistas. Nos desvestimos gradativamente da roupagem de senhor do saber e caminhamos na direção de saber parceiro com os oprimidos de toda sorte.

Logicamente a história da EA vem em nosso apoio: amigos e companheiros contribuem com a nossa ecopráxis. Haydée Torres de Oliveira, Mauro Guimarães, Philippe Layrargues, Michèle Sato, Antonio Fernando S. Guerra, Valdo Barcelos, Luiz Marcelo de Carvalho, Isabel Carvalho, Marta Tristão e tantos outros com quem tivemos a alegria e o prazer de conviver, trocar idéias e aprender.

Ao dialogar um pouco com cada um desses companheiros de jornada, nos deparamos com ondas e marés que induziam-nos a *'palavrasões'*. Figueiredo de outro tempo e lugar, com a colaboração da etnografia profunda de Geertz (1973), re-encontra-se com seu tempo ainda mais passado e vislumbra uma infância sertaneja na qual se relacionava com o sertão. Era um tirar partes do véu que escondia desejos, tais como montar e cavalgar um cavalo, tomar um banho de açude etc. Esse outro "arrescorder" de um tempo no qual não havia um ser superior, mais do que o outro, um tempo virginal de disputas de poder e status. Retomamos esse tempo no hoje, agora na forma de ecopráxis constituída no repensar do paradigma cartesiano para que seja explicitada a necessidade de destacarmos uma dimensão sócio-política na proposta de "ser mais."

Moscovici (1978) nos chega através do afeto e com ele iniciamos o processo de resgate do saber popular, diante do valor percebido no senso comum. Começamos a entender porque representações diferem, porque diálogos não se estabelecem entre seres que, se presume, falam a mesma língua. Observamos que a representação dada a algo nem sempre está molhada de afeto, que está eivada das contradições da história social... E nem sempre o sentido é percebido imediatamente, sem o movimento

da re-flexão.

A oralidade da cultura sertaneja, por sua vez, enriqueceu nosso “olhar” para o sertão e Ong (1996) trouxe caracteres que corroboram com o vislumbrado, explicitando saberes afetivos e solidariedade, metáforas e histórias que permeiam e iluminam o real em costumes que vão sendo perdidos no mundo das letras e das leituras.

Brandão (1994) reviveu para nós a eterna angústia da superação do antropocentrismo que pode ser vencido na reconstituição de relações sociais com os seres não humanos da natureza. Maturana, por sua vez, permitiu-nos vislumbrar uma luz no final do túnel de uma leitura meramente intelectual, cognitiva. Mostrou-nos que o humano se faz humano no amor, no afeto, na dimensão afetiva. Já Morais (1998) diz que não podemos pensar em resolução da problemática ambiental sem que para isto transcendamos na direção de um pensar integrado, que passa necessariamente pela dimensão relacional, presente desde o nível físico mais primário até o biológico mais elaborado – o psicossocial.

O conceito de desenvolvimento sustentável serve bem para nos mostrar o erro de tratarmos a educação ambiental sem procedermos a uma reflexão crítica do que chamamos de ‘des – envolvimento’ e de sustentável, entender para quem e para que se procura esse tal de DS. O economicismo, dentro de uma lógica capitalista, define o eixo das estratégias, das políticas desenvolvimentistas sustentáveis ou não.

As sociedades⁴³ precisam entender suas estruturas fundamentais e o jogo de interesses presentes nesses campos de poder decisórios das sociedades, que desejamos sejam comunidades, enquanto instâncias coletivas de enfrentamento importantes. O popular, melhor dizendo, o segmento popular dessas sociedades comunidades precisam ter a compreensão de que possuem um direito inalienável de serem humanos e assim considerados em todos os contextos de deliberação. Uma educação que se proponha adequada, dentro desse quadro de desigualdades e injustiças, precisa estar consciente de sua intencionalida-

de. Precisa localizar as vozes que são silenciadas e buscar seus ensaios de dizer.

Uma leitura freireana estabelece uma rota de interação com esses saberes esquecidos e resgatados por meio das RS moscovicianas. E, uma teia de representações sociais proporciona interpretações capazes de mobilizar os grupos comunitários em um repensar do mundo que lêem. A educação ambiental popular dialógica encaminha-se para ganhar inteireza diante da Perspectiva Eco-Relacional, que lhe oferece um ambiente de abrangência, considerando pressupostos tais como o amor, a fé, a confiança e a esperança no contexto de uma natureza que nos engloba em cuidados objetivos e subjetivos.

Reigota (1999) e Figueiredo (1999b, 2000, 2001b, 2001c) encontram dentro da TRS possibilidades de temas geradores, de nos depararmos com situações-limite codificadas, prontas para serem decodificadas deslumbrando, ao desvelar, nossos anseios mais íntimos que estruturam um percurso desejanste, possível de ser uma trajetória de sentidos.

Irauçuba foi nossa escolha enquanto lugar do problema. Oferece uma paisagem agreste, simbolizada pelo cacto e pelo calor do Sol causticante que ilumina e esquenta durante quase todo o ano. A água é o problema enquanto representação social, ou seja, enquanto componente do imaginário popular. A abstração que se faz desse elemento vital, que se encontra num processo de escassez grave e planetária, é o recanto de nosso foco de atenção.

Irauçuba de belezas desconhecidas, de riquezas inexploradas, suas pedras enfeitam, com sua beleza, nossos sonos e sonhos. A caminhada por dentro de suas matas, caatingas, expõe um estoque de plantas e matos de múltiplas funções. Seus bichos sofrem e cuidam desse mundo desconhecido por muitos. As cores douradas e marrons dão o tom sob um som de cigarras e grilos, de sapos e pererecas. O detalhe presente aos nossos olhares atentos enfileira uma enorme quantidade de recantos estéticos pouco visitados.

Muitos dados informam a gravidade eco-ambiental

nesses rincões sertanejos do nordeste do Brasil. Poucas são as discussões acerca das desigualdades de benefícios oferecidos pelos modelos de crescimento social que, em geral, dão aos que têm e tiram dos que já quase nada têm. Pouco se discute, no ambiente do sertão cearense, as políticas públicas voltadas para o desenvolvimento dito sustentável de empresas e empresários e em detrimento do povo do sertão. No caso de Irauçuba, tivemos uma realidade política que conviveu com um segmento político desde sua fundação. Coronéis que não se assumem enquanto tal. Latifundiários que recusam a condição que possuem para estarem como pseudopovo.

A riqueza e a escassez, a fartura e a miséria, os poucos ricos e os muito pobres aí constroem a história. E os embates necessários? E as reivindicações que se necessita para continuar a viagem na direção de mares mais fartos? Podemos, no diálogo, visitar nossos olhares, nossas práticas, nossa práxis, nossa ecopráxis: a teia de representações abre um leque de possibilidades como horizonte do inédito-viável, dos sonhos possíveis.

Ao aprofundar a primeira etapa da pesquisa que se deu por meio de entrevistas e observações participantes, constatamos a conveniência de utilizarmos um outro procedimento que pudesse dar mais densidade aos nossos informes e interpretações. A escolha recaiu nas “histórias orais” (QUEIROZ, 1988; BOSI, 1999; BRANDÃO, 1998; THOMPSON, 1998) e na interpretação etnográfica (GERTZ, 1973).

Nosso movimento de compreensão se fez, então, também, a partir dessas histórias narradas pelos marcadores sociais do discurso do lugar. Eles narravam sua vida e a história das lutas dos seus bairros. Esses marcadores se apresentaram como mediadores essenciais em uma cultura oral ou residualmente oral, pois que nesse tipo de cultura os discursos, informações, mensagens, recomendações, só possuem valor e significado quando realçados ou marcados por esses que recebem seus mandatos da comunidade.

A Teia de Representações Sociais: Aspectos Desvelados e Sombreados Pelo Movimento em Espiral de Ação-Reflexão Social

Ao tratar desses aspectos particularmente associados às Representações Sociais, ressaltamos que aqui ocorre um movimento espiral, em que nenhum desses momentos se apresenta dissociado do outro. Possuem relações entre si, o que nos permite vislumbrar as saídas existentes no próprio bom senso presente no ‘senso comum’.

As representações sociais da água nos levaram a um trânsito na direção do saber popular... O percurso desajante e a trajetória de sentido se definiram como processos essenciais na compreensão desse saber capaz de oferecer uma espécie de procissão sagrada, desveladora de nossas intimidades ainda desconhecidas. Ilumina recantos e ergue véus que demonstram outras dimensões nesse processo de legitimação do outro.

Nosso objetivo, relacionado a esse trecho do trabalho, foi identificar marcos e marcas de um percurso dos grupos populares, retratados aqui pelos marcadores sociais, mediadores pela luta das associações dos bairros de Irauçuba, buscando a conquista de seus desejos. Esse percurso de construção de sentido inscreve-se no trajeto desses componentes, no seu imaginário, e, com as representações sociais parece-nos que poderíamos estabelecer um processo político-pedagógico de educação ambiental dialógica.

Na tessitura da trama, da teia, se destacam os nós, pontos de relação. A inter-relação entre os nós da teia vem demonstrar a realidade de forma tal que tocar qualquer ponto da teia implica em tocar toda a teia. A interação entre todos os pontos agregadores dos fios tecidos socialmente consolidam a constituição da teia de representações sociais.

É a investigação do núcleo temático, do conjunto

⁴⁴ A Companhia de Gestão de Recursos Hídricos – COGERH criada pela lei estadual nº 12.217/93, é vinculada a Secretaria dos Recursos Hídricos – SRH-CE, órgão executor da política estadual de recursos hídricos cujas ações são exercidas por ela própria e pelas instituições vinculadas: COGERH, SOHIDRA e FUNCEME. Compete a COGERH executar o gerenciamento dos recursos hídricos estaduais (BRASIL, 2001).

representacional, da linha de significação, da cadeia que articula os nexos do viver, do pensar e do sentir. Esses ressaltam, por sua vez, que há uma aprendizagem indispensável na dimensão afetiva, no amor, que mesmo nas contradições do percurso fortalece pontos importantes.

Dessa maneira, poderíamos contribuir, por meio desses temas geradores, com a reflexão-ação desses grupos e sua conseqüente mobilização, organização autônoma e integração de desejos e sentidos dados aos seus embates pela qualidade ambiental, através do mote da “água”, presente na teia de representações sociais. Diante do processo natural de estabelecimento das categorias da tese nos defrontamos com alguns fatores, tais como a complexidade das falas, que nos levaram a revê-las e reelaborá-las. Desse modo, renomeamos as categorias, definindo-as dentro de um contexto que engloba aspectos que se desvelam, ora sombreiam. Eis alguns dos nós constituintes da teia de RS:

A Invisibilidade e Visibilidade na Falta da Água; a Marca do Problema

Escuta assim... é assim: falta... falta... chuvê, chove... (Depoimento de Raimundo Pinto).

Nessa categoria apresentamos o que aparenta ser o núcleo mais evidente das representações sociais da água na cidade de Irauçuba. A invisibilidade e a visibilidade na falta sobrepõem-se (ora uma, ora outra), marcam em nosso entendimento uma resistência que se insinua no percurso das lutas e, por vezes, parece esgueirar-se sofrendo apagamentos. Ocorre que a problemática da água, sua falta em quantidade suficiente ou na qualidade adequada ou, ainda, a desertificação e a seca, passaram a ser encaradas também como fator de menor valia, de baixa-estima, de depreciação da comunidade e conseqüentemente dos seus habitantes. Por outro lado, a visão “acostumada” da falta d’água parece levar à não visibilidade de estratégias de mudança. Pela reiteração da falta, isto acaba por adquirir uma “naturalidade”

que resulta ancorar-se em um não lutar. Como afirma um entrevistado: “... pelo menos tem, ruim mais tem...”

“... a gente se maldiz porque é longe” (o lugar de pegar água). Aqui nesse depoimento de Marlene até parece que o único problema é esse, a distância de onde se apanha água. Enquanto, em outros trechos se vê que percebem que o problema é muito mais amplo, envolvendo, por exemplo: má distribuição, baixa qualidade da água, falta de devidos cuidados com os mananciais, carência quantitativa, descaso das políticas públicas etc.

Quando interrogamos os marcadores acerca dos principais problemas do lugar, surgiram várias outras respostas, ficando a água, geralmente, em terceiro plano, como que invisibilizando a gravidade da sua problemática. Será que essa invisibilidade do problema seria por tê-lo associado a uma gama de outros problemas emergentes ou de faces novas? Eis, sinteticamente suas respostas quanto aos problemas:

Marlene e Pedro: Nós ‘tem’ muita vontade de construir uma escolinha pras crianças (creche).

Antônia Maria: ... a nossa luta maior aqui é o desemprego. O que nós queremos fazer é trazer uma fábrica para cá...

Moura: ocupação pro pai de família.

Gilvane: ... eu acho que os principais são as queimadas. O sistema como o homem trabalha a terra...

Nonato: O problema concreto que eu vejo aqui é a questão da desertificação, que é um problema muito sério...

Clairton: descaso do homem público (governantes).

Milton: ... não tem vida própria, não tem uma indústria. (falando da cidade).

Perguntamos a Antônia Maria porque não lutam pela água, no que ela responde:

... nós nem consegue nada, pelo amor de Deus..., nós somos pobre... eu chego pra falar com o poder público, entra num ouvido e sai pelo outro. E, adiante diz: a nossa luta maior é o desemprego.

Aparentemente ela efetiva uma divagação quando perguntada pela água, respondendo como impotente e arrematando que o problema maior é o emprego. Por outro lado, nesse depoimento, aparece uma explicação de que a situação de classe define a não resolução desse grave problema sócio-ambiental. O “emprego” parece ser uma luta mais digna e de maior alcance social e que levaria o problema da água em seu encaminhamento.

Água é considerada por muitos um bem essencial, mas acreditam que se sobrevive com ela limitada. Portanto, em certos momentos, não parece significar uma prioridade na luta, se bem que em outros, particularmente nas situações de carência maior, ela fique mais visível. É como se não percebessem a possibilidade de conquistar água de qualidade e desse modo não faz sentido estar tratando da água como problema, considerado, por alguns, insolúvel. Argumentam que: “... não se consegue”; “Sempre foi assim...”; “É característica da região...”.

O conhecimento tatuado apresenta-se, em alguns discursos, buscando justificar o problema da água. É como um discurso formal que oculta a sua própria reflexão sobre a mudança desse quadro. Porém, de algum modo, dá visibilidade ao problema: “... aí tem ferro, odor, tem nitrito pesado, tem bactéria, tem um ph acima de 10. [...]. Eu vou beber soda cáustica por acaso?”

Diante da nossa interrogação de por que não aparecia a água como problema principal, quando da pesquisa, uma das respostas foi “a gente se acostuma com o que é ruim”; outra foi que isso era fruto da acomodação e alguém disse ser o temor de afrontar os políticos locais outro ponto levantado. Parece que hierarquizavam, em diferentes momentos, os problemas que tinham solução mais fácil. Alguém destaca, em segredo, que existe medo da repressão da parte dos superiores (abuso de poder por parte dos políticos locais).

Tratando da água como problema na cidade, alguns afirmam que o que há é falta de tomada de decisão: “O povo não sabe reivindicar seus direitos.” Outro diz que: “se a gente faz reunião muitos não vão...” Outro fala que:

“os órgãos responsáveis passam de oito a dez dias sem mandar água... mesmo ruim...”. Houve uma discussão se não seria o caso de trocar a CAGECE pelo SAAE, que estaria inclusive encerrando o período previsto para a exploração pela CAGECE da cidade. Foi citado o serviço prestado pela SAAE em Itapajé e avaliou-se sua oferta como de melhor qualidade.

Parece-nos que, mais uma vez, existe, por vezes, uma espécie de mascaramento do problema, ou uma fragmentação que obscurece a visão mais ampla, circunscrevendo o problema a uma questão de gerência no processo do tratamento e distribuição. Existe mesmo o esquecimento de uma informação considerada de domínio de todos os marcadores de que

[...] a COGERH (Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos⁴⁴) já havia condenado a água do Jerimum desde há muito tempo. Apesar disso a prefeitura (tendo esse problema desde anos atrás) não tomou decisão.

Gilvane, do bairro da Rodoviária, informou que o médico responsável pelo laboratório de análise da cidade realizou um rápido teste com a água da torneira (proveniente do Jerimum) em sua presença e que se constatava um pH acima do aceitável para humanos e cloro abaixo do aceitável (isto em meados de janeiro de 2003).

Por que não se discute mais amplamente essa questão? Por que essa informação não está sendo repassada e discutida na comunidade? Aqui aparece contundentemente a problemática da qualidade da água numa comprovação científica.

Raimundo Pinto diz: Rapaz há dois anos atrás passou uma grande dificuldade de água. 2 anos atrás,... 2 a 4...

ZuÍla interfere: ... mas ‘bichím’ o Jerimum só vai até o mês de janeiro...

Raimundo Pinto: ... isso, claro. E aí a água do Jerimum vem direto ‘pra quela’ caixa e daquela caixa vem distribuída pra rua do Prado, aí se dividiu, né? Vem tirada das duas caixas. A caixa central aqui

(bairro do Açude – estação de tratamento) abastece o Centro, e a caixa de lá (bairro do Cruzeiro) abastece ali o bairro dos Prados, bairro do Mocó e aí, vem, vem arrodando aqui (aponta o dedo para o lado) até se encontrar com a outra. [...] Elas se encontram lá na rua da BR.

Raimundo Pinto minimiza o problema da água, empurrando-o para o passado. Zuíla lhe chama a atenção de que é algo presente: a água do Jerimum não daria mais pra dois meses... Mesmo assim, Raimundo Pinto desconversa e continua com sua explicação do sistema de distribuição de água da cidade.

Por que muita gente diz que aqui chove pouco? Zuleide responde: “Porque o povo gosta de falar... o povo gosta de falar daqui... num é bom o inverno... mas num falta não...”. O povo é usado para explicar que não existe problema de falta... Em seguida revela que o período de chuvas não é bom, mas não falta de vez.

Eu botava água no hotel em dois jumentos. Tinha um olho d’água... Hoje eu tenho água encanada. Mas a água encanada tá ruim, nem pra cozinhar num presta. (Depoimento do ‘seu’ Manuel Deoclides).

A água da torneira quando ferve espuma, uma espuma de cor marrom. Não serve para ser filtrada, pois entope os filtros de lama. Com remédio da SUCAM fica com gosto de kiboá (água sanitária – cloro ativo)... Em certas casas, poucas, a água chega boa, mas com a catinga (odor) de peixe. (Depoimento de Antônia Maria).

E quando se cozinha com essa água hoje, como é que se faz? Moura responde: A comida fica ruim, o café, parece que tem cisco em cima da água quando começa a ferver.

Ter “água encanada” em Irauçuba significa um benefício social enorme, de algum modo implica na equiparação do cidadão de Irauçuba ao cidadão de lugares mais “desenvolvidos”, ocorre a valoração da modernidade. A “água da torneira” parece ser *outra água* associada à *modernidade*,

ao poder, parece ser, sua posse, doadora de poder. Existe uma facilidade de acesso à água oferecida pela torneira. Será que isto é real? Água que quando vai, vai de três em três dias, de baixíssima qualidade. Vemos a contradição de uma água encanada, água de torneira, que não presta e de uma boa água do difícil e distante olho d'água. A água da torneira mostra a visibilidade na falta de uma água de qualidade e sua conexão com outros "ganhos" sociais possíveis (emprego).

A fábrica de chinelo Paquetá – Raider deveria ter sido instalada em Irauçuba e acabou sendo instalada em Itapajé. Afirmaram que faltava gente qualificada (com o segundo grau) e água. O prefeito disse que as Associações deveriam reivindicar, embora reconheça que a falta de água é fator limitante. (Depoimento informal do Moura).

... eu acho que o problema da água aqui não se resolve... aqui nós não temos uma fábrica porque não temos água... (Depoimento de Antônia Maria).

Nesses depoimentos, vemos, pois, a visibilidade da falta de água manifesta, por exemplo, em um problema importantíssimo, segundo esses mesmos marcadores, que é a possibilidade de uma fábrica, emprego. Assim é que o processo de desvelamento e obscurecimento das outras problemáticas torna visível ou invisível o problema da água. Esses mesmos marcadores do discurso do lugar em outros momentos afirmam que:

Tem algo estranho, às vezes se as pessoas se prendem de falar que o essencial é a água, é porque ainda se dá o jeito de trazer a água do Jerimum pra cá. A maioria das pessoas tem água aqui desse jeito...

... tem muitos outros meios de se conseguir água por aqui... carro pipa no interior nunca faltou, inverno e verão... e aqui dentro da cidade, o pessoal usa água do Jerimum e quem tem R\$ 1, 00 compra água para beber... a maioria está tomando água suja...

– E quando era aquele açude (dos Patos), dava para cobrir as necessidades de água da cidade?

– Dava sim, ninguém sentia esses problemas não,

quem acabou com a nossa cidade foi os políticos.
– E na época dessa grande seca, como era isso dos carros pipas?
– ... os carros pipas botavam água nos tanques e a gente ia pra tirar uma lata d'água era confusão, tacavam lata na gente, e era uma briga por uma lata d'água, era um sufoco grande por uma lata d'água. (Depoimento de Antônia Maria).

Antônia Maria nesse momento se refere a um poço no centro, próximo ao mercado e pede a um senhor que vem chegando que reafirme seu saber sobre a capacidade enorme desse poço. 'Cumpade' Chico responde: "Dá água demais, não tem quem acabe, só falta um dessalinizador." – "Nós tá lutando" (diz Antônia Maria). – 'Cumpade' Chico: "Tem capacidade de quase abastecer a cidade, não tem quem acabe... faz muito tempo que a gente tem vontade (pausa)... as coisas não é como a gente quer (pausa), tem que ser como acontece."

A água tem muitos meios... como está sendo interligada com a água dos Patos... água tem suficiente. Botando poços com dessalinizador... Tem muito local que só tem um poço cavado e tá parado. (Depoimento do Clairton).

Novamente o problema da água se faz invisível, parecendo se restringir a uma questão tecnológica: o dessalinizador resolveria o problema de água da cidade. Entretanto diz: "... as coisas não é como a gente quer" e "a água tem muitos meios", parecendo depreender daí uma visão de que impedimento é sonegação, da parte do poder, e resistência, aparecimento da água. E tem que ser como acontece? E por que acontece assim? Se for uma construção histórica, historicamente podemos modificar esse quadro que, certamente, não pode ser estudado se restringindo a determinado aspecto do problema (tecnológico, geofísico, ecológico, social, político) – parece-nos dizer Gilvane. Os aspectos políticos chegam a construir o que o Gilvane vem a nomear de baixa-estima das pessoas (auto-estima).

Gilvane tenta explicar porque a invisibilidade do problema da água em Irauçuba: "... mas como é um fato histórico todo mundo já acabou acostumando com a água pouca (dá de ombros)... talvez por isso eles falam pouco..."

Afirma que provavelmente as pessoas não reivindicam mais: "... acho que é culpa do paternalismo."

Tratando da seca diz:

Irauçuba já carregou um rótulo assim de... como esse negócio da seca... a televisão paga pras pessoas é... fiquem em situações ridículas... Quando você chega numa cidade as pessoas dizem: ah, você é daquela cidade que as pessoas 'tavam' comendo rato? É mentira e como é mentira!

A situação não é tão crítica? No que Gilvane responde:

... a situação não é tão crítica (fala em tom baixo)... Na verdade, é que essa questão é séria, é séria, mas é... eu acho que existe um... é um... sensacionalismo (Caetano "sopra", Gilvane concorda)... ele é negativo 'pras' pessoas porque pro poder público ele acaba sendo benéfico... As pessoas carregam uma baixa estima.

Aqui vemos ocorrer a questão do estigma associada à cidade, implicando na resistência de ver a cidade associada a essa imagem depreciativa e que se reflete no empobrecimento do ser humano de Irauçuba. Passa a existir uma relação entre problemas como água, seca, miséria, vergonha de ser visto como menos por estar vinculado a essa imagem construída pela mídia e pelos governantes. É de interesse dos políticos que se perceba Irauçuba desse modo, pois assim a Indústria da Seca continua podendo existir. A ação da mídia televisiva e impressa resulta por contribuir sobremaneira com essa indignação e o sensacionalismo dos fatos parece gerar reações de apagamento, obscurecimento, da potência de resolutividade popular no que concerne ao problema real da água na cidade.

Em um conjunto de representações sociais a água não aparece de imediato como problema. É possível que essa *invisibilidade* da água, enquanto problema, caracterize uma resistência “cega” diante da impossibilidade de mudança desse quadro, pelo menos em curto prazo. Ou seria, na verdade, a compreensão da complexidade que envolve o tema, implicando na apresentação de outros fatores mais urgentes, relacionados à pobreza? Seria uma estratégia política, a busca de resolução de problemas emergentes (na verdade, vistos de modo emergente) para ganhar força de resistência?

A grande categoria, o núcleo duro, das Representações Sociais da água em Irauçuba aparece-nos como sua invisibilidade enquanto problema passível de resolutividade pela luta popular. O que nos remete a uma instância anterior que eclode nas lutas da comunidade diante de uma imagem proposta pela mídia impressa e televisiva, na qual Irauçuba é mostrada como a região dos “miseráveis da seca”, comedores de calango e mandacaru. Isto cola na auto-imagem como uma condição de “ser menos”. Portanto, geradora de uma resistência que toma uma forma singular de rejeição a essas imagens e, conseqüentemente, parecem associar-se a uma rejeição no tratamento da pobreza como problema social. Disso resulta, por vezes, em mudança de foco na luta social, ocorre, então, o desvelamento e sombreamento da Representação Social da água, que, ora, aparece em sua constância e, noutra hora, como carência.

Um ponto essencial dentro destas falas é que muitas vezes a comunidade, diante das chuvas, minimiza suas demandas e seus embates no tocante às questões envolvendo a água, na busca desejável de soluções mais permanentes e mais amplas, socialmente falando.

A Fissura Entre o Vivido e o Pensado no Saber Sobre a Água; a Ecopraxis e o Fio de Ariadne

“... as coisas não é como a gente quer (pausa) tem que ser como acontece.” (Depoimento do ‘Cumpade’

Chico). Essa categoria apresenta situações nas quais se move uma separação aparente, ora mais concreta entre o que se pensa e o que se vive, entre ação e reflexão. Paradoxalmente parecem coexistir cuidados evidentes, concomitantes com o não cuidado. Exemplo: guarda-se água no pote, separa-se a água de beber de outras etc. e, por outro lado, parece que ocorre uma atenuação da necessidade do tratamento, como se não houvesse visibilidade da necessidade do seu tratamento mais apropriado e sistemático. Dizem: “Não uso filtro, pois não esfria a água.” Ou ainda: “Pote bem lavado, água na vasilha eu tampo... eu não deixo menino fazer porcaria na água”; “A gente cõa, sempre lava as vasilhas de colocar água dentro”; “O tratamento quem dá é Deus.”

“Só depende dos grandões... Políticos, empresários...” Aparentemente, acreditam que a responsabilidade de tratar da água é apenas do governo. É como se ocorresse uma certa consciência política, no que se refere ao que a população acha que é tarefa do governo realizar, com relação à água. Como o governo não faz, observa-se um certo desfalecimento no propósito de luta, implicando na recusa de fazer o que acreditam necessário, como um modo de não substituir o que deveria ser feito pelos órgãos públicos.

Por outro lado, em geral, a população ensaia e efetiva núcleos de resistência e luta, mas não tem consumado conquistas em parcerias com o governo. É como se houvesse vergonha de cobrar pela água, que deveria ser direito de todo ser humano. Sendo indigno ter que pedir ou lutar por água. Isto, mais uma vez nos remete à invisibilidade aqui reforçada. Eles se referem à “humilhação de ter que lutar por algo que todos deveriam ter... só o pobre não tem...” “... é como ter que pedir comida para comer...” Ou seria forte a idéia de desvalor do grupo ante “os desmandos do governo, que sempre age assim?”

A filmadora focaliza um tanque com água (escura e espumosa), Antonia Rodrigues dos Santos diz:... é a limpa (tom de gozação). – E esses bichinhos aí: “... Esses bichinhos é que vêm de dentro do açude. (diz Pedro Piquira).

Marlene: "... ela lá no açude é da cor da folha daquele coqueiro. Essa (tanque) já tem remédio. Pedro: "... parece garapa de cana".

Uma garotinha (Michele) fala espontaneamente: "A água do açude é suja demais, eu já tomei banho com essa água fiquei toda me coçando" (Ela estava brincando por ali e se interessou em se aproximar diante da filmadora).

– Eu também. A água aqui da rua da Barragem tá ficando poluída... quando eu fiquei doente dos rins, eu ficava lá brincando, num foi? Aí eu fiquei doente... (afirma outro menino que acompanhava Michele).

– As águas da Barragem tá ficando é poluída, cheia de cabeça de prego... (Diz outro garoto).

Apesar de reconhecerem a necessidade do tratamento da água antes do uso... as crianças estão tendo a liberdade de usá-la e sofrem as conseqüências desse uso.

Observamos outra cena: No chafariz, três torneiras distribuem a água em latas e baldes, que transbordam... A água escorre pelo chão de barro que já está encharcado de tanta água derramada... O desperdício aqui se apresenta como algo natural, como se não fosse um problema de cuidados indispensáveis para a manutenção da quantidade de água da comunidade.

Um homem que coletava água no chafariz afirma: "Vem do Jerimum... olha aqui olha o...". (aponta larvas). Mesmo assim, possivelmente por falta de opção irá utilizá-la. Vai transportá-la em um jumento carregado e um carrinho de mão também lotado de cargas d'água.

Moura falando da barragem de águas em seu bairro:

... isso é feito pra água pluvial... mas aí a... vai deixar de largar esgoto dentro...". Nesse ínterim Antonia Maria refere-se ao fato de as crianças pescarem peixes dentro dele. Parece ser um pequeno açude. E o acesso a ele é livre.

... quando dá as primeiras chuvas junta dejetos com águas pluviais, aí sangra... tem um rio ali

dali em baixo... Ele desce ali então deságua essa água imunda das fossas dentro do rio e sai aqui e vai para o Mici (distrito do município)... sabe qual é o tipo de micróbio que vai acompanhando aí, micróbio da solitária, americana, tipo de tudo...

Observamos uma situação trágica que pode ser incluída aqui e também na categoria que trata da percepção de usufruto individual e bem social da água, por se associar também ao descaso político, a um entendimento individualista por parte dos governantes que não percebem a inter-relação de todos os aspectos do contexto comunitário ali existente. Por outro lado, cremos conveniente uma reflexão sobre a ação popular para que ela se efetive em práxis transformadora também diante de crianças que se utilizam indevidamente dessas águas...

Eu nem quero que grave isso não (no que depois concorda)... colocaram um esgoto daqui do centro, dessa parte todinha dentro da Rua dos Prados... (Antônia Maria gesticulando o braço num gesto largo).

Moura falando sobre o cata-vento:

Aqui dentro soltou-se a válvula, ele nem puxa mais, ele tá ficando já..., tá subindo a terra e ele tá ficando já atolado... já tá com mais de um ano que ele 'num' funciona? Dois anos que nem funciona...

... água aí descendo pro Itapajé... ela deságua ali, num tem muita certeza não, mas a gente diz que é umas duas léguas de ri (rio) abaixo, a água se perdendo, evaporando num ralo, ventania e tudo... e..., Itapajé nem tava precisando dessa água... (Depoimento do Moura).

Por que não denunciar e com isto estar contribuindo com uma efetiva transformação? Onde reivindicar? Como anunciar algo que modifique esses quadros graves que permanecem os mesmos há anos? Sobre o armazenamento da água, a dificuldade com a operacionalização disso:

Em geral a água é suficiente pra abastecer uma cisterna dessas pra vocês passarem a estiagem bebendo?

Ah é sim! É porque a Zuleide não quer, mas tem é água... ela num quer por causa dos gatos... (alusão ao fato de os gatos supostamente sujarem a água da cisterna).

Como utilizar a água da chuva? Existe aparentemente uma ruptura entre o que pensam e como agem, já que afirmam cuidados, noutra hora desistem desses cuidados e atenções para com a água.

Raimundo Pinto levou-nos a uma volta pelo bairro da Esperança, próximo ao rio Lanchinha na, periferia da cidade. Mostrou-nos as crianças se banhando no Rio Lanchinha, que hoje está altamente contaminado e lembrou a inconveniência desse fato que continua ocorrendo “normalmente.”

A água da torneira só serve para lavar e tomar banho, nem pra tomar banho não tá servindo, tá dando coceira. A gente só falta morrer, meus meninos quase caia a pele de tanta coceira, o médico disse que é muriçoca, mas outros dizem que é a água... a água estava ‘podrezinha.

... do outro lado da pista eles jogam dejetos, sangram as fossas e ligam direto para passar aqui, e aqui tem tipo um sumidouro a céu aberto, é feito para água fluvial, quando junta alguma chuva com os dejetos e sangra, as crianças pescam e comem os peixes. (Depoimento de Antônia Maria).

A práxis (ação-reflexão transformadora, que se faz e refaz na luta social) pode ficar comprometida diante de limites impostos por certas situações. Nesses depoimentos da Antônia Maria nos deparamos com um processo de ocultamento aparente de problemas sanitários gerado pela água e de um contexto de sentir-se impotente para lutar contra esse contexto, se permitindo sofrer os agravos diretamente através dos filhos seus e dos outros. Percebe-se claramente o pensar sobre o problema, ocorre o delato e, entretanto ainda

não se vê resultados concretos nem ações transformadoras que resultem por modificar quadros tão graves.

... muitas pessoas na cidade compram água aqui, o rapaz ali do Boqueirão tem uma fonte, água mais ou menos, ninguém sabe bem, porque há muitos anos, o primeiro médico que veio para o Itapajé ele descobriu que tratava das pessoas doentes de ameba e elas se “reinfestavam” e ele procurou saber a causa. Era o olho d`água da Santa Bárbara (no Mocó) que era o transmissor (Depoimento do ‘seu’ Milton).

... a gente não pode dizer que ela é tratada, é dum cacimbão, ela é dum olho d`água. Não é tratada, ela é tratada por que ela vem da terra, ela vem do chão. A água que a gente tem tratada ela é do Jerimum (considera ironicamente o tratamento dado pela CAGECE), uma água que você vê os cabelos (passa a mão sobre eles) só pela situação dos cabelos do pessoal aqui... dá pra perceber. A água está deixando a gente assim (mostra o braço) dá aquela coceira, eu acredito que seja a água, não é nem tanto as muriçocas, mas eu acredito que é um pouco a água. (Depoimento de Antônia Maria).

Novamente vemos como um pensar crítico e sério sobre a água ainda não logrou por resultar em ações modificadoras das suas realidades, pois constatamos que apesar de não saberem efetivamente se a água que estão utilizando é boa, ela continua sendo usada... No caso dessa suspeita, isto não pôde ainda repercutir em práxis capaz de mobilizar rompimentos com essa situação-limite, na direção de um inédito que é viável. Vemos núcleos de bom senso que nos permitem manter a convicção e a esperança desses sonhos possíveis, que resultem de uma mobilização molhada de desejos e prenhe de sentidos transmutadores desse quadro.

Os jovens migram e acabam voltando das cidades, com uma cultura que não é deles, que não sabem administrar. (Depoimento de Caetano).

Vemos nesse depoimento do Caetano, uma situação que nos instiga a pensar na ruptura entre o saber de experiência feito e o conhecimento tatuado que parece não ajudar a modificar quadros reais de dificuldades coletivas, implicando em ações não refletidas.

O conhecimento tatuado que aparece nas apropriações da “fala do doutor”, por exemplo, aparece como evidência de que qualquer produção de conhecimento ou assimilação de novos saberes passa, necessariamente, pela validação dos saberes no mundo vivido ou nas relações com os marcadores do discurso do lugar. Assim, esse tipo de saber superficial, apesar de interferir nas falas e discursos, aparece como representação social, e de fato desse modo pode ser considerada por ter sido tatuado com o respaldo também da mídia. Entretanto, por não estar ancorado no mundo do vivido, inserido no saber de experiência feito na luta social e nem ter sido incorporado criticamente pelos marcadores sociais do grupo, esse saber ainda não repercute em práxis transformadora.

O Divino e a (In) Finitude

“Deus é que manda.” (Clairton).

Observa-se a presença da dimensão do sagrado, perpassando muitas falas daqueles sertanejos que possuem na fé a possibilidade de continuar resistindo. O sagrado parece ultrapassar a finitude do real, algo da ordem do divino é chamado. Ou os impasses são remetidos ao Divino – bem explicitado na frase conclusiva de um marcador do discurso do lugar, do bairro da Barragem, finalizando toda uma tarde de discussão:

- As águas virão quando as torneiras do céu se abrirem” (Depoimento de Pedro Piquira). Outros exemplos: Deus vai tomar conta desses desmandos do poder e resolver o problema. (Clairton).
... mas esse ano o povo disse que esse açude pegou água. (depoimento da Zuleide).
- Pegou, pegou água... a chuva foi tão boa que

encheu quase todos os açudes... num dia de chuva! (fala do Raimundo Pinto).

– Foi, parece um milagre. Acho que foi depois de março... foi um milagre. (Zuleide).

– Teve dia de não ter água nem comida?

Sim. Deus é quem nos ajuda. (Depoimento do “seu” Raimundo Pinto).

Nas entrevistas encontramos:

Só Deus dá bom tempo e aparecer água boa.

Se Deus der bom tempo e os açudes encherem, aí melhora bastante.

Ao perguntarmos sobre a melhoria da questão da água dizem: “Está na vontade de Deus.

Ao indagarmos o que fazer para melhorar a qualidade da água: “Está na vontade de Deus.

Que Deus mande boas chuvas...

Deus protege a gente do mal.

Embora pareça uma visão acomodada, denuncia o desejo de transgredir o real do modo como está posto, a partir de uma instância interventora divina. Embora possa transparecer uma visão fatalista ou alienação, isto parece não necessariamente verdadeiro e até mistura-se às falas anteriores, quando o sentimento de impotência e dificuldade da luta social parece paralisar. Na verdade o que percebemos são dimensões – política, religiosa – que se entrelaçam no pensamento sobre o vivido.

Victor Valla (2002) tratando de questões relativas à religiosidade popular afirma sua utilização como saída simbólica diante das pressões da pobreza. Indica que o fundamento dessa religiosidade é a visão de um Deus pai que não esquece seus filhos. Desse modo encontra nessa dimensão, na providência divina na qual realmente acreditam, o reforço de sua resistência cultural. Não seria uma atitude de fuga do real, mas uma compreensão mais ampla da vida.

... trata-se de estratégias de sobrevivência de que as classes populares lançam mão dentro de uma sociedade que lhes nega oportunidade de trabalho e o exercício de seus legítimos direitos. A busca

pelo sobrenatural, então, tem a ver com a solução de problemas imediatos e cruciais, e não com um investimento para uma vida depois da morte. (VALLA, 2002, p. 71).

Do Natural à Naturalização da Injustiça, ao Utilitarismo e à Monetarização

“... a bonança foi o inverno, simplesmente isso.”
(Depoimento do Moura).

O indivíduo que, nos seus primórdios, se vinculava naturalmente à natureza, era agregativo e vinculava-se ao Divino, agrupava-se em comunidade. As comunidades formaram uma sociedade que institui, por necessidade societária e, então, a organização social que resulta em política se instaura. Da conjugação desses indivíduos pode resultar uma leitura de mundo na qual a natureza vista originalmente como instância primeira, passa a ter outras possibilidades de leituras nas quais pode ser vista como recurso, mediada pela utilidade, mediada pelo valor monetário, mediada pelas usanças do político. Nesses contextos podem eclodir problemas associados à distribuição e disponibilidade dos bens naturais e, conseqüentemente, apresentarem-se o aspecto contraditório da relação com a natureza nas suas conformações político-econômicas concretas.

Essa categoria de naturalização do que é construído socialmente retrata um processo que nos parece ser comum quando associado a elementos vitais como a água. Em se tratando do sertão nordestino esses processos de naturalização adquirem conformações específicas. A água, como a terra no semi-árido brasileiro, principalmente, parece que sempre tiveram dono. Mesmo assim, transparece uma recusa popular em admitir que a água tenha dono. Verificamos isto quando nos deparamos com a utilização das águas dos açudes mesmo privados (e o são em sua maioria), embora de modo parcimonioso e precário, mesmo que para isto a população precise pular a cerca, retirar escondido do proprietário, ou ter a autorização formal ou informal, deliberada ou disfarçada do “dono”, definidor

das regras da extração dessa água privada (muitos afirmam que geralmente são açudadas com o dinheiro dos cofres públicos).

Nesse mesmo ambiente, a água de beber enfatiza o valor monetário. Quatro latas de água, cada uma contendo uma média de 18 litros, custam um real (R\$ 1,00) em Irauçuba (isto no período de novembro de 2001 a abril de 2003). Um entrevistado, explicando porque não economizava água responde: “Eu não pago a água.” Outro afirma que economiza água “... pra não gastar muito”; Diz outro: “... pra economizar dinheiro.” “Ninguém pode gastar em abundância, pois... a água está difícil na nossa região, raramente chove...”

Ao tratar da monetarização, ou seja, a água representada predominantemente pelo seu valor monetário, vemos ela se manifestar em alguns depoimentos e principalmente nas entrevistas, vejamos alguns exemplos:

... ‘nóis’ tem que beber dela, se ‘nóis’ não tiver o dinheiro. Se a gente ‘num’ tiver um real pra comprar água pra beber e fazer o café, ‘nóis’ tem de beber dela... (Depoimento de Marlene).

... ninguém sabe que eles botam cloro demais que a água está podre, eu “tava” cozinhando com ela, mas ninguém “tava” agüentando nem comer o feijão... foi o jeito eu mudar, pois não tinha condição de nós comprar água para beber e cozinhar ao mesmo tempo o dinheiro era pouco e a única solução foi ‘nóis’ beber e cozinhar dela mesmo e quando não tinha, às vezes ‘nóis’ não tinha dinheiro, quando o carro também não passava de 5, 6 dias, uma semana bebendo ela podre que não tinha outra... (depoimento de Antônia Maria).

A monetarização ocorre compulsoriamente diante de situações que implicam no esforço para economizar água, diante da carência ou carestia. Como podemos vislumbrar em respostas a essa pergunta formulada durante as entrevistas: Por que economizar água?

Pra economizar o dinheiro.

Pra não gastar muito, pra economizar.
Pra quando o papel da água vier, vir mais pouco.
(custo em dinheiro).
Enquanto eu gastar menos, melhor é...
Não gastar muito... porque senão... pra não vir caro.
Tanto economiza no meu bolso, como eu gastar menos no açude vai ter mais.

Consideram que na estiagem ela deveria ser mais barata “... porque na seca, coitado do pobre não tem nem onde arranje para pagar”. Observamos a todo tempo justaposições entre a percepção da água como um bem natural, como algo da ordem do Divino, e também como um objeto de uso ou que se define pelo seu valor monetário.

Escuta assim... é assim: falta... falta... ‘chuvê’, chove... Só que num é, num é, num é a... os milímetros necessários para uma boa lavoura... ‘Chuvê’, chove... agora num chove o necessário, que dê pra sê uma boa colheita, uma boa ‘pranta’, uma boa água... (Depoimento do Raimundo Pinto).
É como eu ‘tô’ dizendo... este ano a gente não teve dificuldade de água... as chuvas ‘foi boa’...”
Até que o açude do Mocó pegou muita água... né? Pegou muita água, agora o problema é a chuva mesmo, né? Porque não deu pra encher o açude... (Depoimento do Raimundo Pinto).

... é um problema natural, é... aqui tá chovendo em torno de 400/500 ml, o pessoal da FUNCEME (Fundação Cearense de Meteorologia), pelo que se fala, a maior culpa, nesse desvio de chuva, é por essa vertente. O vento desvia a chuva pelo outro lado, o outro lado fica mais úmido... O lado da vertente da serra que é mais úmido. Os ventos deslizam pra lá (Cordilheira de Uruburetama). Mas aqui, sempre fica essa sequidão. (Depoimento do Gilvane).

Nesses trechos de depoimentos encontramos a associação direta entre a problemática da água e sua natu-

realização. É como se a questão estivesse restrita a aspectos geofísicos, como falta de chuva ou pouca chuva. Nesse caso insistimos aprofundando a discussão acerca da naturalização de processos de resistência a essa naturalização, e da dimensão cultural, mais especificamente política, que emerge em outras falas. Interrogamos se não seriam essas dimensões importantes, a natural e a cultural, na explicação do problema ambiental da água na cidade. E aí, ao questionarmos qual o percentual que ele daria para cada uma dessas dimensões, assim nos respondeu: "...acho que o natural dá pra ser 35 a 40% e o restante é cultural" (Depoimento do Gilvane).

Eu lembro quando eu "tava" aqui, que vinha passar o inverno aqui, sempre tinha problemas de seca.

Aqui sempre foi muito seco, problemático. os antigos dizem que mata, essas coisas, atrai chuva. Aqui sempre teve pouca mata. Essas serras que se vê por ai era matinha rala. Esses anos escassos, aqui toda vida ainda é mais escasso.

Aqui sempre foi lugar de passagem... Aqui nunca teve fartura de dinheiro. (Depoimento do senhor Manuel).

A água aqui sempre foi uma coisa muito difícil, isso aqui antes de ser Irauçuba era Cacimba do Meio, porque segundo conta o primeiro proprietário quando chegou aqui, essa água era muito difícil quando era época da seca. (Depoimento 'seu' Milton).

Esse açude (Jerimum) é um açude grande... nós estamos tendo dificuldade agora porque ele não pegou mais água... (Depoimento do 'seu' Milton).

... Tendo um bom inverno, o açude Jerimum enchendo,... é muita água. (Depoimento do Clairton).

Na visão do Manuel, o lugar Irauçuba é, naturalmente, seco e escasso de chuvas, de matas, de dinheiro... No que tem a corroboração de outros, tais como o Milton, o Clairton etc. Crêem que se houver chuva suficiente resolve-se o problema da água em Irauçuba. Portanto vemos mais uma vez a naturalização do problema.

Moura agachado, debulhando milho em uma bacia, no início da estação chuvosa:

No momento... o povo... praticamente... Tá bem... Eles estão se sentindo bem, no momento, mas não foi benefício político que trouxe bondade nenhuma não, a bonança foi o inverno, simplesmente isso.

A questão da água tá boa, só que a gente tá comprando água... Quem tem apara num tambor, só dá pra beber, acaba, pronto.

Dentro do perfil processual da naturalização dos processos de negação dos seus direitos básicos, que passam a ser esquecidos de sua condição de fator e processos socialmente construídos, as pessoas parecem ter uma idéia que aponta para desvelamentos e apagamentos, nestes percursos de luta social. Assim é que, ora vêem que a água é um bem que não se acaba, pois está associada à natureza, é parte dela e, portanto, algo Divino. Ora vê-se que minimizam o problema e o colocam como endêmico, o que parece resultar em certa invisibilidade. Algo que foi historicamente construído, portanto, aparece como algo natural, sem que se perceba sua dimensão de construção histórica. Ao mesmo tempo, em outros percursos de compreensão dos sujeitos, a água é vista predominantemente como um bem monetarizado, a água de beber, principalmente, adquirindo um valor monetário que também parece ofuscar outras dimensões de um bem comum dessa ordem de importância social.

Como funciona, nesse sistema de pensamento popular, a justaposição ou alternância dessas formas de pensar sobre a água? Em outras palavras, como a relação com a conta da água modifica o pensar sobre a água? – nos perguntávamos.

Essas representações sociais parecem resvalar de uma noção em que a água é um bem natural e, sobretudo, comum (“é natureza, coisa bonita, coisa de Deus”), da dimensão do dado pela graça divina para algo da ordem da cultura individualizante quando o valor da conta se sobrepõe às outras dimensões vividas e pensadas coletiva-

mente (“a conta vem alta”). Percebe-se que a luta da água aparece em sua impotência face ao poder do governo, noutra hora se justapõe idéias do Divino para enfrentar a violência do poder local como se a remessa ao Divino fosse um recurso último de alento para a luta popular. Existiria, em outros momentos, um sublinhar, um acento na visão da água como um bem doado pela natureza que num momento apagava-se, noutra reerguia-se conectado a aspectos culturais relacionados ao tecnológico (dessalinizador, cata-vento etc.) e distributivo do governo (papel da FUNCEME, da politicagem local etc.).

A Percepção do Usufruto Individual e a Água Como Bem Social

Os políticos ainda não são sensíveis de que vão acabar os recursos naturais. (Depoimento do Gilvane).

Nessa categoria encontramos uma percepção que representa um obscurecimento da etapa intelectual de generalização e problematização (“ao modo da ciência”). Ocorre o fracionamento do real, restringindo-o a parcelas que tratam a água como uma “totalidade isolada” e não inserida em um todo maior. Aqui se vê, nesses apagamentos os núcleos internos de resistência sobrepondo-se aos interesses puramente pessoais, capitalísticos, numa perspectiva de classe.

Aí na derradeira gestão do Tuta ele ainda “tava” tirando voto nessas serras... aí ele ia passando, aí eu ‘dixe’: Tuta, rapaz, trabalhou umas duas res, já ganhou duas res, num fez nada... pelo ‘barrio’ da gente, arranja um... chafariz pro nosso barrio. (dias depois) [...]. Aí o dr. Gaudêncio chegou, falou comigo – “Muito bem; o chafariz vai sair dentro de 15 dia. [...]. Aí dentro de quinze dias ele deu o chafariz pronto.

Verificamos nesse relato uma postura de distanciamento dos governantes que se aproximam mediante o pleito na busca por votos. Vemos um marcador do bairro que pleiteia pelo menos um chafariz diante das sérias difi-

culdades de acesso a água por parte dos moradores daquela área da cidade. O aspecto de doação parece remeter a uma postura paternalista. O prefeito dá o chafariz, como se não fosse um direito do povo ou como se não houvesse algum nível de pressão implícita.

“Nóis num vamo” pra reunião dia de sexta-feira, na câmara, discutir isso com o vereador porque eu acho que eu pra mim eu acho que é uma humilhação, porque os outros bairros não precisaram fazer isso... só ‘nóis’ precisa, e eles tão vendo que ‘nóis’ precisa, né... (Depoimento da Marlene).

... mas ‘num’ tem isso não, o prefeito ganhando, a prefeitura ganhando, é de todo mundo. Num tem esse negócio de “suspeita” não. Tá o Henrique Cardoso, num é governador de ‘nóis tudim’, presidente de ‘nóis’ tudo. (Fala Pedro Piquira fazendo gestos circulares com as duas mãos, com os braços abertos).

Contundentemente vemos essa ruptura entre a noção de usufruto pessoal e bem coletivo, representação no resvalar de uma postura de doação ora de cessão de um direito comum. Parece haver uma cobrança dessa consciência por parte das lideranças locais. Os políticos se dissociam dos problemas sociais como se não existisse nenhum vínculo entre povo e eles – e isso parece naturalizar-se, também. Esses relatos conclamam uma reflexão profunda na busca de integrar desejos e sentidos coletivos.

Aí foi que foi... a gente nem sabe, quem sabe não diz... quando que essa água vem? Eu ouvi falar, que a rede só deu até ali, na rua dos Prado, né? Eles queriam que... a rede só ia até ali (apontando para o lado)... aí no Mocó fizeram as caixas lá em cima, mas as casa aqui (apontando na direção) não tem água...” (depoimento da Antônia Maria tentando explicar porque certos trechos da cidade não receberam água encanada).

... rapaz eu, eu ontem mesmo tive ali na casa dum

agente de saúde, e tive de observar que o item de agravamento do mosquito do “aedes egiptae”... teve altíssimo em junho... ele chegou a 18 pontos percentuais e mais alguma coisa... em junho... (Depoimento do Moura).

As autoridades sanitárias não estão cuidando das fossas, indo direto nas águas fluviais. (Depoimento de Milton).

Agora tem uma das coisas que ficou terrível foi os esgotos da cidade que botaram no Riachão, jogaram pra dentro. (Depoimento do Moura).

Observemos que os governantes locais possuem uma lógica que se adequa a segmentações apropriadas à divisão de classe e, nesse movimento elitista, limites se expandem perigosamente na direção de um prejuízo social mais amplo... Por outro lado, existe uma pressão que decorre desses fatos e que faz o povo empurrar esses limites mais para lá. Vemos como se espriaia, nessas falas, a visão da água como bem coletivo usurpado. Em outros momentos, porém, novamente os apagamentos deixam desvelar parece que suspeita e, a seguir, o temor de suspeitar dos usos indevidos do bem público pelo governo.

Noutro momento das histórias orais Zuleide e Zuíla se referem ao fato de que o rio se “acabou” quando se construiu outros açudes nas cabeceiras (no leito do rio) barrando o fluxo das águas. Diante do que Raimundo Pinto fala: “Porque... pegaram a represa dos açudes, do açude da cidade, aí num tinha como o açude encher... é claro, né? (Nesse momento, ele faz uma pausa e reage como se tivesse sido pego cometendo um erro e minimiza a denúncia, realçando a pretensa boa vontade do prefeito). “Os sertões têm água boa, o prefeito tá, tá auxiliando a água...”.

O governo espera todos se acomodar... É aí que a gente vê o povo saindo do canto, quando se vê na precisão e não tem mais como eles se defender. Aí sim o povo começa a mendigar o pouco, o pouco que eles tão precisando. [...] Eu acho que a culpa é daquele paternalismo, que eles sofrem há mais de quarenta anos. (Depoimento do Gilvane).

Segundo Gilvane existe um uso consciente da miséria do povo por parte dos governantes locais, que perpetuam a Indústria da Seca, em Irauçuba. Uma coerência com a luta de classe na perspectiva das elites, mas uma situação absurda do ponto de vista de políticas pública viáveis e capazes de proporcionar minimamente condições de vida para a população local.

... essas organizações quando elas se constituem, elas são bem pontuais, elas só se constituem com base no problema... mas como todos adultos são imediatistas, queriam resultados mais amplos, aí era normal porque, pra quem sofrem problemas, digamos, falta d'água, num pode esperar muito tempo. (Depoimento do Gilvane).

... eu não posso lhe dizer que a água veio por meio da associação, eu acho que foi o poder político e a própria CAGECE... (Depoimento do Gilvane).

Esse marcador social acredita que o povo, em geral, ainda não está plenamente atento à sua capacidade de reivindicação e poder transformador da situação atual em trânsito para uma sociedade mais justa. Crê que o povo foi induzido a depender de uma ajuda paternalista que produz impotência e desmobilização. Até mesmo uma vitória na luta da Associação que ele presidia, para ele é questionável, diante de um quadro permanente de opressão e paternalismo.

Por que os jovens saem daqui tão rápido? Por que tantas crianças morrem de fome? Por que a agricultura daqui não dá certo? Por que é um pólo de degradação ambiental – e social? (Depoimento do Caetano).

Eu penso que a gente devia trabalhar com jovens e escolas. [...]. E uma economia solidária. Nos assentamentos, no desenvolvimento local de pequenas comunidades. A gente tem idéia, mas como abrigar a comunidade despreparada? (Depoimento do Caetano).

Encontramos nessas falas do Caetano a emersão de

uma curiosidade epistêmica que pode desaguar em práxis social transformadora, desde que encontre apoio e solidariedade na constituição de um grupo que compartilhe seus ideais de mudança. Isto, de fato, começa a acontecer...

A gente tinha os dois açudes. A CAGECE foi enfática: não deve ser abastecido pelo açude Jerimum e o dos Patos. O custo será mais alto, se for abastecida pelos dois. A CAGECE alegou que o custo era muito alto para bombear água para cá. [...]. As pessoas não têm muito poder. A prefeitura é que decide e o argumento da CAGECE foi fatal. [...]. Há o interesse de se manter a indústria da seca. (Depoimento do Gilvane).

Tomamos esse comentário do Gilvane apenas para mostrar que essas questões da água são vistas como passando por decisões políticas. Atualmente, abril de 2003, encerrou as obras de recuperação do encanamento que traz água do açude Patos para a cidade de Irauçuba, permitindo a utilização dos dois sistemas de captação de águas (Patos e Jerimum), ampliando, portanto, a capacidade de recepção de água. Segundo os marcadores foram utilizados canos que têm um tempo de vida menor do que poderia ter se fosse utilizada outra tubulação de melhor qualidade. Conforme fala do Moura, “Os ex-prefeitos, Patriolino e o Negreiros, já afirmavam que o problema da cidade era a falta d’água.”

Conforme depõe Antônia Maria, o açude Paulo Bastos abastecia bem, sangrou em 1974 pela última vez. Nesse ano, Patriolino (ex-prefeito) aceitou que se construíssem barragens na cabeceira do açude (a maioria das terras era de Edson Queiroz) – são várias barragens que impedem o fluxo natural das águas do rio. Hora, o mesmo prefeito que afirmava reconhecer a falta d’água como problema autoriza o uso indevido do rio.

Nessa mesma vertente, Antonia denuncia um fato que demonstra as opções estranhas da política pública local: na vaquejada da cidade, durante todo o dia, era carro-pipa botando água dentro do parque de vaqueja-

da, assentando o piso para os animais correrem melhor. Era muita água desperdiçada, enquanto a associação de artesãos passava sufoco por estar sem água, no espaço destinado ao comércio do artesanato local. Até mesmo para limpar os banheiros, para beber e lavar o que fosse necessário.

Lucivânia trata, por outro lado, dos movimentos populares. Reflete sobre os mesmos e diz acreditar que “as pessoas não lutam por falta de esperança.” Ressalta que isto desmobiliza a Associação do bairro. Quase repetindo a fala de outros marcadores, ela nos informa que pessoas dizem: “... isto só vai ficar no papel... só fica na idéia...” Vânia retoma seus pensares e diz que “O que pode modificar é a união... O que pode unir é o esclarecimento.”

Alguma coisa que se traz pra cá (ri). Tudo é visto com os olhos primeiro para a zona rural, a zona urbana fica em segundo... isso é simplesmente por que ele se manifesta através do menos conhecimento do pobre lá do interior, que nós temos muitas pessoas de pouco conhecimento cultural. E lá (referindo-se à zona rural), o cara se prevalece se ele der uma sede d'água, ele como político você está na obrigação de retornar pra ele 1m³ de água. A política dele é essa, simplesmente de interesse, deixando o pessoal à margem da sorte. [...] Tem uma coisa, se o cara souber que você faz oposição a ele... eles são vingativos (políticos locais). Eu não 'tô' nem aí, na hora que eu tenho que abrir a boca lá” (Depoimento do Moura).

A política, ela trabalha em torno do povo e se o povo não se une, ela trabalha como quer...

As melhorias só acontecem na época das eleições. (Depoimento da Vânia).

Aqui vislumbramos um enfoque interessante que reforça a necessidade das mobilizações populares fazerem frente à política tradicional, que oferece alguns benefícios pontuais nas vésperas das eleições para receber a paga em votos. “É só balançar a cuia e o povo vem.”

O homem nordestino tá muito mal instruído, né? Apesar das dificuldades, porque o homem do campo passa muita dificuldade. Ele nunca tem o suficiente... Porque sempre o que ele faz não dá para suprir suas necessidades (referindo-se à plantação de feijão)... O agricultor tem que comprar o seu “vestimento”... (Depoimento do Raimundo Pinto).

A luta maior da gente é o emprego... A gente faz reuniões... aqui não tem emprego... o emprego aqui é da prefeitura... aqui ninguém pode ser um cidadão, porque as coisas aí é difícil... se você é rico, você fica de boca aberta, se é pobre, fica de boca fechada...

... o momento que eu entrei mesmo e gritei guerra, foi a discriminação, a pior coisa é a discriminação, que me faz lutar... por que a gente chega numa porta e bate, a pessoa olha pra gente, olha, acha a gente pobre aí não quer receber, foi por aí que começou. (Depoimento de Antônia Maria).

Chegamos a um ponto tal que a própria cidadania passa por uma doação do poder público local, em rincões como esse do sertão nordestino. O desvalor por si mesmo enquanto nordestino, precisa ser revisto de modo mais amplo por toda a comunidade sertaneja. Precisamos do enfrentamento da discriminação no reconhecimento do potencial humano e da capacidade ampliada pelas relações com o sertão, com a caatinga, com a seca, com a ação agressiva dos desmandos políticos.

Existe uma espécie de dificuldade de inter-relacionar o problema pessoal ao contexto grupal da água com uma dimensão coletiva maior. Ou há uma intencionalidade deliberada de se apropriar de benefícios em detrimento da comunidade. Ou ainda existe uma ingenuidade ou desconhecimento quanto à repercussão mais abrangente dos problemas da água.

Por outro lado, a fragmentação das percepções sobre a água permite isolar aspectos resolvíveis do problema numa espécie de estratégia de sobrevivência, de modo que

teriam uma instância reivindicatória mais acessível. Essa estratégia estabelece uma fragmentação, enquanto artifício de procedimento na tentativa de superar a postura política tradicional que não dá conta da globalidade dos problemas e alega apenas sua amplitude. Há uma dificuldade de diálogo com o poder público que parece funcionar de um modo que os grupos populares seccionam o problema, tentando resolver por onde é possível, ou mais fácil de ser solucionado. Isto, por outro lado, torna mais difícil de ser tomado e pensado em sua totalidade.

Considerar que existe uma relação linear entre o ponto em que se está no percurso e o ponto de chegada, definindo quem está mais próximo de realizar suas aspirações é inadequado. A quantidade de ferramentas de que dispomos, a larga bagagem cultural que temos, não nos faz mais qualificados, nem mais aptos para a realização do saber das lutas sociais. O elemento definidor da ação popular é a qualidade do bem que possibilitamos na práxis, do que somos, no que nos transformamos coletivamente.

Sim, o sertanejo é de fato um forte e precisa ter a clareza desse poder e sabedoria, desenvolvida no cabo da enxada, no roçado de espinhos, no destocar, nos aceiros, no respeito e solidariedade que ainda lhe são peculiares. Temos a possibilidade de avançar e na ecopráxis transformar... e o sertão pode virar mar de abundância, de qualidade de vida.

Existe uma relação explicitada por Paulo Freire (1983) quanto ao tema gerador e à situação-limite, que pode ser considerada quando tratamos dessa teia de representações sociais, lembrando que ao se estar “imerso” na realidade opressora, o tema gerador se encontra envolvido (contido) pela situação-limite. Por outro lado, na “emersão”, o tema gerador engloba a situação-limite que, nesse caso, se torna alicerce de novos avanços. A superação da situação-limite proporcionada pela percepção crítica, pela curiosidade epistêmica, dirige-se para o inédito-viável. A trajetória de sentido transpassa e aponta na direção dos sonhos possíveis. E, podemos utilizar essa compreensão quando refletimos sobre as representações sociais, vendo

nelas instâncias geradoras ou situações limites que habilitam, no entrelaçar do desejo com a significação, o grupo-sujeito a concretizar suas aspirações sociais.

Os nós críticos parecem compor uma espécie de ‘*macramê*’ – um bordado repleto de nós, ou seja, um conjunto de nós que se relaciona formando um bordado em teia. Há uma inter-relação entre esses nós críticos que faz com que um aspecto reforce os demais.

A trajetória em busca de sentido, de significação, sofre apagamentos e deslocamentos de acentos de significados, o que pode ocasionar as dificuldades de tratar o problema de forma mais ampla, a dificuldade de resolver o problema como um todo. O aspecto relacional fica, portanto, apagando-se.

Já podemos vislumbrar a importância do liame entre o empírico e a prática refletida. Precisa-se, nas ações coletivas sócio-ambientais, discutir a fragmentação, verificar como romper as lacunas de sentido que eclodem como apagamentos que aparecem na teia de significações e que impedem de um perceber eco-relacional, de uma ecopráxis. Podemos utilizar esses apagamentos como estudos, em movimentos de suspensão da realidade, em uma postura crítica que possa permitir um distanciamento para entender o real.

O que aparece dentro dessa teia de significados é que o lugar grupal seria o espaço privilegiado para se percorrer toda a trajetória de significação, que parece permitir a mobilização, na direção da modificação do tratamento dos problemas por meio de uma práxis coletiva transformadora.

O “lugar de acordo”, o ambiente de diálogo, explicita um campo de sentido que permite unificar propósitos ou intenções, desejos ou aspirações, expectativas ou defesas, possibilidades de ascensão ou de sobrevivência. É um olhar na mesma direção que pode ser resultado ou resultar no olhar de um para o outro. Aí nasce, no mínimo, um respeito mínimo, uma mínima consideração. Implica na necessidade do se relacionar visando a um denominador comum, uma trans-ação que permite constituir uma ação constituidora de sentido. É na práxis, daí resultante, que o

sentido coletivo do grupo se constitui.

Uma Pausa para Respirar e Rever Antes de Prosseguir

Deitado, depois do almoço, em uma rede armada no alpendre. Avistava-se o balanço dos galhos da algaroba dançando ao vento. Um balé belíssimo. Velhas lembranças são revistas ao aflorarem trazendo o amanhecer no sertão.

Ouve-se a passarada, um galo cantando ao longe, o gado mugindo no pasto.

O cheiro brejeiro e agradável do estrumo fresco no curral sob o pisoteio das vacas.

Quando anoitecia, nas lembranças do sertão, as lamparinas eram acessas até que a escuridão ao redor viesse envolver sua chama que até então lhes espantava.

Os chocalhos batiam no terreiro em frente à casa. O alpendre fora abandonado depois de longas horas de histórias e causos contados ao redor das chamas que alumiam sem iluminar de todo.

O gado aquietava-se aos poucos deixando o silêncio invadir tudo. E o tapete de estrelas embelezava ao fundo. (Trechos do Diário de Campo).

Retoma-se o fôlego e lembramos que as RS da água mostram contradições, paradoxos, fragmentações, totalizações, desvelamentos e apagamentos, podendo a água ser lida, ainda, como parte do mundo do dado, dicotomizado do mundo da cultura. Rompe-se o local em seu liame com o global, o particular e o social. De fato, concorrem deslizamentos de um aspecto para outro.

Por outro lado, observam-se ultrapassagens no percurso desejante dos grupos e dos sujeitos, que passam a caminhar na direção de uma práxis que insiste em ser retomada. Verificam-se movimentos na reconstituição do discurso próprio do grupo. Parecem retomar o aspecto cultural presente no natural e desnaturalizam o que foi construído socialmente, por meio de superações teórico-práticas advindas do aprendizado das lutas sociais. Constatam-se tendências que permitiriam preencher o caminho da práxis,

fechando lacunas de fragmentação, tendendo a perfazer movimentos de reflexão e de compreensão da realidade mais totalizadores.

A Inter-Relação Entre os Nós Críticos Como Processo de Superação; o Tensionar no Estudo dos Nós Críticos com a Ecopráxis e o Eco-Relacional

Daí que não haja ignorância absoluta, nem sabedoria absoluta.

A consciência crítica é a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica. Nas suas correlações causais e circunstanciais. (FREIRE, 2000, p. 113).

Na descrição da articulação entre os nós críticos, fomos constatando a riqueza da cultura popular sertaneja nordestina, representada pelo povo de Irauçuba. Buscamos, em parceria com os grupos populares do lugar, os dois direitos fundamentais pelos quais temos de lutar, como afirma Paulo Freire:

O direito a conhecer, a conhecer o que já se conhece, e o direito a conhecer o que ainda não se conhece. [...]. Em primeiro lugar, conhecer melhor o que se conhece tem que ver com o que a gente chama de saber popular, sabedoria popular, ao lado do saber que a gente chama de erudito... dois saberes representados pela caneta de um lado e pela enxada de outro, foram divididos, separados pela burguesia. E esses dois saberes precisam completar-se. (FREIRE, 2001c; p.22).

Os nós críticos desvelaram aspectos e mostraram também sombreamentos na leitura de mundo que, em algumas situações, se fragmentava como para poder resistir aos embates aparentemente perdidos. Os grupos-sujeitos, no entanto, processavam a re-articulação de significações dadas à luta por meio do percurso desejante que, potencializado, adquiria a capacidade necessária para o embate vitorioso. Isto foi visto na tentativa de entender e descrever

o movimento de compreensão da realidade (da água) tendo os momentos – retratos- como imagens dos movimentos e percursos dos grupos que se traduzem nas representações sociais.

Era ir ao encontro desse povo emerso nos centros urbanos e emergindo já nas zonas rurais e ajudá-lo a inserir-se no processo, criticamente. E esta passagem, absolutamente indispensável à humanização do [ser humano] brasileiro, não poderia ser feita nem pelo medo, nem pela força. Mas, por uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre o seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre o seu papel no novo clima cultural da época de transição.” (FREIRE, 2000, p. 66).

Isto feito, o amorizar, o exercício do amor, do afeto, do ponto de vista dessa dimensão, significa lugar entre liames, lugar que junta ação e sentido da ação potencializando o transcender. Permitiu-nos estabelecer um processo contínuo de ecopráxis, capaz de instituir uma Perspectiva Eco-Relacional. Nessa dialógica a emersão de todos nós se efetua de forma gradativa e constantemente.

Esse enfoque capacita-nos à ruptura com a dicotomia entre o mundo da natureza e da cultura. A água vista como algo permanente, por ser percebida como algo sagrado, da ordem do Divino passa a ser pensada e sentida sem que essas leituras impeçam a compreensão de sua dimensão social e política.

Caminhando e Construindo Com a Educação Ambiental Popular Dialógica

Clareia o dia no sertão... Esperanças renovadas... O desejo de chuva, a água que vem dos céus, é grande. As folhagens traduzem a esperança do verde... Uma belezura, no dizer do sertanejo. Não dá para falar em camponês... pois, tempos e tempos sem campos se efetivam. Roçados de ‘palmas’ já se rivalizam com roças de milho e feijão. A mandioca da farinha e o arroz se

acham nas prateleiras das mercearias...

As pedras, as eternas vigilantes, se corporificam a cada trecho da jornada.

Aqui e ali temos a ilusão da fartura ocasionada pela rabugem que reveste o solo com a impressão de campos e pradaria que se estendem ao olhar. O verde, no mais das vezes, é entrecortado pela cor avermelhada ou esbranquiçada do solo ou pelas pontiagudas pedras, sempre elas a olhar por cima... Elas exigem, de fato, que o sertanejo tire leite de pedras.

O nordestino é acima de tudo um forte'' que tira forças da luta constante com a adversidade natural e social.

A natureza proporciona a resistência fundamental e os outros humanos oferecem a desistência que se acopla desacoplando o natural. (Trechos do Diário de Campo).

Pudemos encontrar nas histórias orais a comprovação de representações sinalizadas nas entrevistas, constatando sua condição de representação social. A surpresa, se assim podemos definir, foi que a dinâmica manifesta nessas representações, não está estruturada em um núcleo duro. Apresenta deslizamentos em espiral. O núcleo representacional tende mais para certas posições em detrimento de outras, de forma muito circunstancial, o que para nós acena por uma interpretação que diríamos ser uma posição de resistência discreta, sutil.

Constatamos que a teia de representações sociais resultante de nossa interpretação dos saberes populares, manifestos no pensar sobre a água, apresenta um movimento espiral... Os saberes dinâmicos e vivos nos intercâmbios sociais sofrem reveses mediante o peso desigual da mídia televisiva e da cultura capitalística massificante também personificadas no jogo do poder local.

A invisibilidade de uma água, que parece, por vezes, aparecer, convive com a visibilidade dada pelo custo da conta da água, pela visibilidade da água enquanto problema cíclico e temporal por um tempo que fica maior a cada dia, por uma história que começa e termina nos entremeios

da viagem. Um problema que se manifesta, às vezes, como natural e, noutras vezes, como social. Por uma água que é dádiva divina e que alguns humanos negam – ou seriam ‘des-humanos’ que desumanizam? Por uma água que purifica e potencializa ações-reflexões humanizantes.

Bem, isto posto devemos retomar a idéia de eco-práxis como resultante de uma abordagem eco-relacional. Através dos diálogos manifestos, nas relações com o outro e nas ações conjuntas, reconhecemos nossa importância enquanto componente fundamental dos processos de co-evolução, onde todos se beneficiam, ao encontrarmos a saída do labirinto restritivo do Minotauro (o personagem mítico) – a fera que circunscreve tudo à sua afetividade bruta, à sua não-racionalidade, à percepção restrita às paredes do labirinto. Encontramos na ecopráxis o fio condutor que nos encaminha para a saída na direção da liberdade.

Na direção da potência advinda da percepção da totalidade vislumbrada, na interface entre a dimensão interior e exterior. Ariadne é a interlocutora que oferece o fio, mas Teseu necessita estabelecer a eco-relação para fazer jus ao fio da teia. Precisa caminhar na direção da saída que significa o inédito-viável presente na esperança. O sertanejo pode estabelecer relações que lhe permitem vislumbrar para além do labirinto.

O sertanejo encontra aqui defensores/colaboradores, se é que precisam disso, para resgatar a potência e a competência que trazem latentes e que se manifestam diante do revés. Diante do que parece natural, mas que é histórico, mutante. Para nós tem sido um aprendizado incalculável, vivermos e pensarmos o movimento de compreensibilidade dos habitantes dos sertões sobre a água.

As lutas dos marcadores do discurso do lugar sublinham devires e superações mobilizadoras do grupo. Pelos percursos vistos nos grupos de Irauçuba, cada caminhada vivida parece mediatizada por especificidades oriundas também do modo como se dá o acesso à água nos bairros.

Certamente, vemos movimentos que apontam superações, por meio de lutas, mas que parecem fragmentar-se

e repercutir em impotência, isso implica dizer, porém, que os sertanejos ainda assim, vivenciam a busca de uma perspectiva eco-relacional. Implica, sim, que a complexidade com que vêem o mundo é muito maior do que se pode perceber, à primeira visada. Significa que possuem núcleos de resistência e que dialogam com essas influências, segundo eles, vitoriosos em alguns embates, derrotados em outros.

Adquirem conhecimentos tatuados, propostos, em geral, pela mídia, que mesclam, ora justapõem com seu modo de vida, com sua cultura de base oral. Oscilam espiralmente entre esses antagonismos, contradições, deslizamentos e apagamentos, construindo estratégias vitais para seus grupos. O antropocentrismo parece situar-se de modo singular, uma vez que é informado por práxis de cuidado social. Vinculam-se afetivamente aos seus bichos e matos. Apegam-se à terra como se fosse um igual, uma diversa, mas entrelaçada família sua.

Quanto à percepção fragmentária, ela se apresenta como estratégia que permite manter a integridade cognitiva que ocorre de modo oscilante, mesmo psíquica, diante das limitações naturais e sociais que sofrem. Por outro lado, a percepção eco-relacional existe naturalmente ou forçosamente ao interagirem intimamente diante da fragilidade na qual todos vivem. Soma-se a isto a forte identidade religiosa (re-ligação com o Divino) que eclode como elemento que oferece constante esperança em algo que está acima das desigualdades sociais, dos políticos que lhes exploram com o clientelismo, das forças da natureza que parece impor-lhes fenômenos adversos.

A práxis social existe confundida por hábitos recém-incorporados, tais como o distanciamento dos vizinhos, que resulta, em parte, da incorporação dessa prática de assistir tv, reduzindo-se mesmo os diálogos familiares, as narrativas de histórias, causos e lendas. Então se contaminam com a cultura alienígena os espaços de manutenção e crescimento da cultura local e das riquezas gregárias da oralidade. Contudo, recriam-se e fazem novas sínteses, também.

A grande contribuição que se pode oferecer a esse povo sofrido é a de constituição de políticas hídricas e intervenções que considerem a equidade – conceito que é muito utilizado na saúde pública, designando a pertinência de oferecer mais a quem necessita mais e menos a quem precisa menos. O povo sertanejo tem direito à água de qualidade e em quantidade satisfatória. Junto a isso se pode pensar em educação ambiental que discuta a construção de um conhecimento integrado em torno da água e problematize as questões locais, vinculando-se a uma reflexão relacional em níveis de complexidade crescentes. Entretanto, nem tudo são flores, nem cactos. Consideramos que todos nós precisamos nos re-encantar com a natureza do humano e da água, reencontrá-las.

Uma das maneiras que temos para reverter esse quadro de dor do sertão nordestino é através da valorização do percurso desejante do grupo, suas lutas e a potência das suas formas de conhecer. Nessa direção há que se pensar subjetividade e cultura, em seus entrelaçamentos, com o reconhecimento dos potenciais intrínsecos presentes na caatinga.

Parece-nos que existe uma necessidade vital de darmos a fragmentação, integrarmos modos de pensar, de sentir, de intuir. Conectando subjetividade e cultura com o natural e o social. Precisamos amorizar nossas atitudes. Só assim se resgata, na direção da ciência, a dimensão ética, o “dever ser”, o comportamento humano refletido e referenciado pela relação com o outro.

Isso significa o resgate do diálogo que se amplia na Perspectiva Eco-Relacional, identificando as marcas como marcos ambientais, indicadores de superação. Rompendo com um saber científico que se estrutura para dominar, conhecer para manipular, na direção da construção de um saber parceiro, constituído dentro da dimensão afetiva, sem desconhecer a multidimensionalidade do humano nas suas múltiplas relações com o ambiente.

Na natureza temos colaboração, com-vivência. O solo é coberto pela folhagem que permite a retenção da fertilidade, da chuva, gerando húmus, evitando erosão. As espécies inte-

ragem em uma harmonia dinâmica, na qual o conflito surge para favorecer o evoluir ecossistêmico. Precisamos reaprender a natureza e a cultura de modo amoroso e fraterno.

A caatinga requer uma relação com base na utilização de uma lógica e de uma economia diferente de outros ecossistemas, impondo o uso regrado e eco-solidário. Claro que a água é um fator limitante em certos lugares e isto determina uma atitude compatível com esse fato. Mas o mais sério embate se dá na esfera sócio-política.

É no entendimento da água como elemento não apenas divino, mas como substância cultural gestada nas lutas sociais, que podemos reverter essa situação, remodelando, ou melhor, percebendo um quadro sócio-ambiental no qual o sertão possa ressurgir com toda sua vida, beleza e riqueza por meio dos percursos de significação molhados de afeto.

Podemos vislumbrar a importância do liame entre a prática e a teoria no percurso de luta dos grupos oprimidos. Nesse caminhar pode-se superar a fragmentação, verificar grupalmente como romper lacunas de sentido e apagamentos na teia de significações, que nos distanciam da perspectiva eco-relacional e, portanto, de uma ecopraxis. A ecopraxis, essa praxis ecológica criticamente refletida, parece dever situar-se numa Perspectiva Eco-Relacional, na qual a prioridade são as relações.

O que aparece dentro dessa teia de significados é que o lugar grupal seria o espaço privilegiado para se percorrer toda a trajetória de significação, permitindo o mover-se do grupo na direção da mudança, no tratamento dos problemas por meio de uma praxis coletiva transformadora.

As tentativas de reflexão sobre o movimento de compreensão da realidade se traduzem nas Representações Sociais, permitem que se observe a teia, interligando os nós críticos, possibilitando superações na constituição do inédito viável. Desde que se perceba a relação entre os diversos pontos dessa tessitura, via representações sociais e praxis cotidianas, viabiliza-se o avançar no caminho. Os nós são nós de sentido e consolidam trajetos de ação e desejo dos

grupos populares.

E agora o que vem em seguida? Certamente essa tese não se restringe a coletar e interpretar dados, por maior respeito que se tenha ao saber popular. Aliás, pelo respeito a esse saber oriundos das classes desfavorecidas é que precisamos ir adiante e tratar de interagir, eco-relacionalmente, construindo saberes parceiros intencionalmente. Dentro dessa pretensão foi constituído o Fórum de Convivência Solidária com o Semi-Árido, ponte de conexão com setores sociais organizados de maior poder de luta; foi promovido o Curso de Educação Ambiental Popular Dialógica, no qual foi possibilitado um diálogo mais intenso e profundo com o segmento de educadores, sem deixar de estar compartilhando o processo com os marcadores sociais de Irauçuba; foi desencadeado um significativo movimento popular de mudança social que está em pleno processo de consolidação.

A Intervenção em Educação Ambiental Dialógica: Relato da Trajetória de Sentido no Percorso Desejante, uma Ecopraxis Dialógica

Estamos convencidos de que, qualquer esforço de educação popular, esteja ou não associado a uma capacitação profissional, seja no campo agrícola ou no industrial urbano, deve ter, pelas razões até agora analisadas, um objetivo fundamental: através da problematização do [ser humano]-mundo ou do [humano] em suas relações com o mundo e com os [humanos], possibilitar que estes aprofundem sua tomada de consciência da realidade na qual e com a qual estão. (FREIRE, 1992, p. 33).

Quando nós nos propusemos a aprofundar a pesquisa, numa conjuntura de intervenção em educação ambiental dialógica, indo à busca das raízes desse nosso trabalho, não havíamos suposto quanta riqueza emergiria. Ao estabelecermos o trânsito foi com a intenção de mudança verdadeira. Era 13 de outubro de 2001. Procuramos quem falasse sobre e pelo lugar. Nos dirigimos, primeira-

mente, para o bairro que aparecia como o que continha mais problemas em torno da água. Vivendo basicamente na dependência de um chafariz. Perguntamos quem poderia falar pelo bairro, quem tivera alguma participação nas conquistas que o bairro tinha realizado. Indicaram a casa do Pedro Piquira.

Ao chegarmos lá, perguntamos pelos embates pra conquistar a realização dos desejos da comunidade de cada bairro. Concluído este diálogo, perguntamos por outras lutas na cidade e indicaram que procurássemos a Antônia Maria. Dali fomos indicados por ela a procurar o Moura, o Moura indicou o Gilvane e a Acássia... Dali vieram o sr. Manuel Deoclides de Sousa, o sr. Milton, Caetano, Gilvane. Depois foi a vez de Maria Zilda Gomes Mota, Maria Zuíla Gomes da Mota, Antônio, Raimundo Pinto da Costa. Tocamos algumas questões de base: Para quem e para que estamos pesquisando?

O sentido pode ser estabelecido dentro do percurso desejante. Ficou melhor definido o que se pretendia, o sentido foi abastecido de emoções, afeto, energia. A interface entre o individual e o coletivo se corporificou melhor. Por outro lado, não houve e nem há uma postura ufanista e acrítica na relação que foi estabelecida com os marcadores sociais de Irauçuba.

Trajetória de sentido e percurso desejante da pesquisa se deparavam com situações-limites, definindo práxis capaz de transpô-las. O tema gerador pode conter ou estar contido por essas situações-limites, e se deixa transpor por esse trajeto que leva em direção ao inédito-viável. O pensamento em ação compreende uma práxis cidadã que pressupunha um movimento permanente da comunidade na direção de uma democratização do poder social

Essa pesquisa, que a princípio se pautava em entrevistas e observações de campo, ganhou corpo numa direção que antes não imaginávamos. Desse modo a pesquisa foi ganhando densidade. Encaminhamos-nos para uma pesquisa participante com observações etnográficas mais profundas e uma descrição densa, nos moldes de Brandão (1981) e de Geertz (1973).

Isto resultou, principalmente, do contato mais intenso com os movimentos populares que foram estabelecidos de modo profundo, ao constituirmos relações significativas com os marcadores do discurso do lugar. Essas interações repercutiram em diálogos, em torno da problemática local, que nos revelaram outras dimensões da cidade de Irauçuba, que se desvelava em sua intimidade ao nosso perceber eco-relacional.

Começamos, então, a definir, com esse grupo de marcadores, propostas efetivas e concretizáveis, visando seus embates pela resolução das questões sócio-ambientais referentes aos seus ambientes, aos seus bairros. Isto ganhou ainda maior vulto quando fomos convidados a estar com eles na Federação das Associações de Irauçuba, espaço esse que se constituiu quase que paralelamente ao nosso processo de pesquisa-intervenção.

A Federação das Associações de Irauçuba foi fundada, formalmente, em junho de 2002, por iniciativa de alguns dirigentes de Associações de bairros da cidade e de distritos do município. Alguns dos principais nomes que se destacam nesse processo estão presentes na lista daqueles que denominamos marcadores sociais do discurso do lugar, tais como Raimundo Nonato Sousa Silva (assessor da Federação), Francisco Gilvane Mota, Caetano Rodrigues de Sousa, Francisco Moura Cavalcante, Antônia Maria Nascimento Mesquita, Sebastião Salustiano da Mota, Francisca Lucivânia Oliveira Mota, a Vânia. Seu primeiro e atual presidente é o Citôncio, Antônio do Nascimento Coelho (do assentamento do Saco Verde), que se tornou um companheiro importante para a realização dos movimentos que coordenamos em parceria com esses marcadores. Hoje vice-prefeito do município de Irauçuba e presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais do município.

Desses movimentos destacamos: o seminário de instalação do Fórum de Convivência Solidária com o Semi-Árido, o próprio Fórum que hoje tem vida própria ao ter sido legitimado e empossado um grupo de coordenação local, e o Curso de Relação de Convivência Solidária com o Semi-Árido (o curso contou com o apoio institucional

da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Ceará – Universidade Estadual do Ceará – UECE). Experiências exitosas de construção de saberes parceiros e de constatação da validade dessa ecopráxis da abordagem educativa a que nos propusemos, a Educação Ambiental Dialógica.

Na conclusão de toda essa participação nos movimentos populares que tivemos ao longo dos dois últimos anos (parte de 2001, 2002 e parte de 2003), junto a esse grupo especial de marcadores, que se tornou realmente parceiro e companheiro nosso, pudemos perceber que a intervenção, na maioria dos seus muitos momentos, se mesclou com a pesquisa e a pesquisa se mostrou intervenção pedagógica, na maneira de uma Educação Ambiental Dialógica. Tivemos mais de uma vez a comprovação da essencialidade da práxis como fundante das transformações concretas.

Queremos frisar que os maiores educandos, aprendizes, de todo esse processo fomos nós que compúnhamos esse grupo de educadores populares (vinculados ao Grupo de Discussão da Relação de Convivência Solidária com o Semi-Árido). Redefinimos nosso processo de compreensão dos saberes populares; confirmamos a essencialidade de valorarmos o saber local, particularmente o saber de experiência feito; resgatamos nossa auto-estima de ser cearense, de ser nordestino; reencontramos nossas raízes sertanejas com suas peculiaridades, o gosto pelas “coisas” do sertão, o reencontro com comidas típicas (a tapioca, o cuscus, o queijo qualho assado na brasa, o milho verde, a canjica, o feijão verde), com o cheiro de mato, com o som dos chocalhos, das galinhas e capotes, dos pássaros de arribação; da beleza visual presente na seca e no verde brilhante da chuva; isto sem falar do sentir-se presente no sertão com seu calor e seu frio, com outras belezas escondidas ao primeiro olhar.

⁴⁵ Situada à rua Rufino de Alencar, 80 – Centro - CEP 60060-620 - Fortaleza, CE - Fone: (0**85) 253-6998 - Fax: (0**85) 231-4783 - E-mail: caritace@fortalnet.com.br).

Na avaliação que foi realizada junto ao grupo que participou do curso e hoje está, em sua maioria, como membro do Fórum, houve unanimidade em expressar mudanças e não apenas trânsitos em suas vivências cotidianas. Quase todos tinham “causos” a relatar em torno da questão. E, principalmente, a sede do município vem passando por uma verdadeira revolução popular. Os grupos de marcadores sociais aliados com presidentes de Associações da zona rural estabeleceram atitudes que serão capazes de mudar, de fato e de vez, o rumo desse município.

Temos, atualmente, na cidade um novo partido político – o Partido Humanista da Solidariedade composto pelos movimentos populares. Existe uma modificação concreta no diretório do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Irauçuba. Houve a constituição de uma ONG composta por esses marcadores, o Instituto Cactus. Desencadeou-se, de vez, a atividade efetiva do Fórum Local atualmente inserido no Fórum Regional e, conseqüentemente, no Fórum Estadual de Convivência com o Semi-Árido, tendo já viabilizado alguns projetos para o município, tais como o Projeto Dom Helder Câmara e o Projeto 1 Milhão de Cisternas – P1MC.

Por força dessas mobilizações populares a prefeitura tem se movimentado na tentativa de manter, minimamente, o poder e isto tem resultado em ações importantes tais como a implantação da Comunidade Ativa no município (o que permitiu que o município fosse um dos lugares piloto na implantação concreta do “Fome Zero” proposto pelo Governo Federal – fato que ocorre nos meados de abril de 2003); houve um movimento em favor dos artesãos, dando nova vida a um grupo que estava amortecido em suas atuações. O secretário municipal de Agricultura e Recursos Hídricos, Francisco das Chagas Alves, vem participando de todas as reuniões do Fórum, desde o seminário de implantação, tendo participado em 65% do curso, e havendo proposto uma parceria de sua secretaria com o Fórum, nesse movimento sócio-ambiental que se estabeleceu na cidade.

Destaco, complementando os resultados da tese,

que em 2004 entramos num embate social muito rico. Tivemos a oportunidade de participar do processo que resultou na eleição do primeiro prefeito popular do município de Irauçuba. Todo o movimento se deu tendo como base e suporte fundamental os marcadores sociais, ampliados por marcadores oriundos dos distritos, tais como o Cleomir, a Cléia, o Zé do Mici, o Elis Roberto etc.

A afetividade demonstrou sua relevância e pujança na constituição dessas relações tão férteis de ecopraxis, reflexões-ações mais abrangentes, que nos fez acreditar em sonhos possíveis, que pareciam impossíveis ao iniciarmos esse trabalho quatro anos atrás (1999). Aprendemos na constatação das palavr-ações prenhes de sentido e de amor de Paulo Freire. É real! Podemos fazer a diferença com pequenas atitudes, desde que molhadas de sentido desejante. Todo o grupo, e isto foi unânime nas avaliações, constatou que quanto mais afetividade constituía a teia, a trama, de relações mais poder se estabelecia, mais intimidade, mais reconhecimento mútuo, mais confiança, mais fé, mais amor, mais...

Na seqüência, apresentaremos as propostas e relatórios decorrentes desse processo de ecopraxis resultante dessa abordagem em Educação Ambiental Dialógica. Iniciando com a proposta de implantação do Fórum. Nele temos a possibilidade de vislumbrar concretamente as ações-reflexões que potencializam uma aplicação efetiva da perspectiva eco-relacional e da educação ambiental dialógica.

O Seminário

O propósito fundamental de instaurar um Fórum em Irauçuba, inicialmente temporário, era estabelecer um ambiente de diálogo e ecopraxis, contribuindo com a mobilização popular da comunidade de Irauçuba em suas buscas de concretização de seus desejos-significados, ao mesmo tempo permitia um procedimento de pesquisa-intervenção, num grupo específico composto de atores-autores parceiros, os marcadores sociais do discurso do lugar, no formato de

fórum de discussão-ação, com fins sócio-ambientais.

Interrogamos e colaboramos com a demanda do grupo na efetivação do Fórum Permanente e do curso de Educação Ambiental Popular (Dialógica), estruturados com base na leitura dos marcadores sociais sobre o percurso das lutas das Associações dos bairros de Irauçuba, enfocando a problemática da água.

Tivemos como objetivos contribuir com: a auto-reflexão do grupo a partir das imagens e representações sociais; a problematização das temáticas de interesse do grupo, que se vinculam às suas trajetórias de sentido; o distanciamento crítico para a leitura dos conteúdos sobre água e gestão ambiental numa perspectiva eco-relacional (local-global) a partir dos percursos e visões prospectivas do grupo focal; o pensar-agir na relação entre o técnico, o informativo e o trajeto das lutas populares pela água (exemplo: a problemática das cisternas, água encanada, dessalinizador); o convívio com as várias leituras dos percursos dos bairros nos embates pela água, com toda a sua complexidade; o acordo de visões sobre as lutas pela água, como modo de construção do conhecimento, enfocando a eco-práxis em uma Perspectiva Eco-Relacional; a transformação sócio-ambiental concreta por meio da reflexão sobre a ação dos percursos desejantes dos bairros na sua luta pela água; a corporificação de um Fórum Permanente em Irauçuba que congregue ações e reflexões sobre a questão ambiental.

O fluxo de trabalho teceu seu eixo gerador com: as representações sociais da água e trajetória de sentido das associações dos bairros; os contrastes presentes nas imagens estáticas (fotos, textos e depoimentos) e dinâmicas (vídeos); a descrição do caminho das águas; o debate sobre as relações de mediação com a água; o relato do conflito

⁴⁶ Recordamos aqui que nos servimos do parêntese, em itálico para acrescentar idéias implícitas não explicitadas ou esclarecer pontos não manifestos.

⁴⁷ Como já dito anteriormente, utilizamos reticência entre parêntese para indicar exclusão de trecho do depoimento que consideramos irrelevante ou não pertinente para os fins da citação.

nas relações com a água, explicitando os nós críticos; a reflexão sobre a água no contexto da seca, como miséria social e política no nordeste brasileiro, sobre o prazer e o sofrer pela água (uso, lazer, saneamento) e a reflexão sobre o singular das culturas; o dialogicizar problematizando a questão da invisibilidade dos problemas da água e suas causas no percurso dos grupos do lugar com vistas a uma ação que possa vincular parceiros nesse percurso; a proposta da produção de textos coletivos e elaboração de trabalhos e proposições de gestão sócio-ambiental.

Como metodologia utilizamos a visualização de vídeos artesanais e fotografias enfocando temas em torno da problemática da água; o confronto dos percursos; leitura de vídeos artesanais devolvendo a fala popular; debates em grupo; diálogo problematizador; produção reflexiva de desenhos de mapas mentais da cidade (anexos XVII a XXIII); elaboração de uma Carta Proposta do Fórum sobre as questões ambientais de Irauçuba.

Em seguida apresentamos um relato do processo de encaminhamento junto à comunidade da proposta do seminário de implantação do Fórum de Irauçuba, que intitulamos de “Fórum de Relação de Convivência Solidária com o Semi-Árido.”

O evento ocorreu em Irauçuba, no dia 01 de novembro de 2002, no salão do Sindicato de Trabalhadores Rurais. Começou às 9h10min. Lá chegando já estavam Gilvane, Citônho, Antônia Maria, dentre outros e Gilmar (representante do Fórum Diocesano de Itapipoca). Ainda não haviam chegado Moura, Sebastião Salustiano e Vânia.

Antes do início da reunião fomos com o Gilvane apanhar o sistema de som, a tv e o vídeo, na Escola de Ensino Fundamental e Médio Lucas Ferreira (escola na qual o Gilvane trabalha como professor) que nos emprestou mediante encaminhamento prévio de ofício.

No processo de planejamento do Fórum de Irauçuba, estivemos na cidade cinco vezes, sendo uma vez no mês de agosto, uma vez em setembro e três vezes em outubro. Em agosto fomos conversar com cada marcador

do discurso do lugar sobre sua disponibilidade de participar ativamente do seminário e do fórum temporário que poderia se tornar permanente. Dialogamos verificando como poderíamos articular o seminário e ter a participação de um número significativo de participantes representando os diversos segmentos da comunidade de Irauçuba.

Ainda como parte da preparação do fórum fomos buscar informações de como poderíamos atuar no sentido de vincular o movimento popular composto pelos marcadores de Irauçuba com o movimento estadual (Fórum Cearense pela Vida no Semi-Árido), e conseqüentemente com o nacional (ASA – Articulação no Semi-Árido Brasileiro). Algo que desse respaldo ao grupo para os embates em busca da realização de suas demandas eco-sócio-ambientais. No mês de agosto entramos em contato com representantes do Fórum Cearense pela Vida no Semi-Árido. Fomos à Cáritas Brasileira – Regional Ceará⁴⁵, onde entrevistamos Alessandro Lopes Nunes que nos forneceu detalhes sobre o Fórum, sua vinculação nacional com a ASA – Articulação no Semi-Árido Brasileiro, um pouco do seu histórico e de suas atividades. Informou-nos também sobre a estrutura formal do Fórum Cearense e de como poderíamos integrar o Fórum de Irauçuba ao Fórum Diocesano de Itapipoca, órgão regional responsável pela região na qual está inserida aquela cidade.

Anteriormente havíamos entrevistado dois especialistas em semi-árido, um na flora da Caatinga, Antônio Sérgio Castro, que há dez anos trabalha com o tema (entrevistado em março de 2002), e outro especialista em desertificação e clima no semi-árido, o professor Dr. Cáo Lóssio Botelho (entrevistado em 04 de março de 2002.)

Entrevistamos também uma das diretoras do Fórum Cearense, Malvinier Macedo. Ela está há dezesseis anos no Splar – ONG que atua no semi-árido nordestino, lidando com agroecologia, banco de sementes e o Programa 1 milhão de Cisternas – P1MC, com assento no Fórum Cearense pela Vida no Semi-árido; tendo sido uma das fundadoras desse fórum em 1999. Malvinier relata ‘causos’ como o do Boqueirão do Santo Ilário, do distrito do Jordão (Sobral)

que, com os recursos do Projeto El Niño, construiu 26 cisternas de placas e com isto geraram uma transformação significativa em seu lugar. Ocorreu o retorno de inúmeras famílias que tinham sido tiradas de lá pela prefeitura que considerava a falta de água naquela área algo sem solução. Diante da mudança resultante da construção das cisternas eles ganharam fôlego e conseguiram poço profundo, energia elétrica. A comunidade avançou, se organizou, e hoje eles possuem creche com cisterna e tudo o mais. Com ocorrências como esta, o Fórum comprovou a validade da proposta de construir cisternas e isto desembocou na proposta do P1MC. Atualmente temos vários Fóruns Regionais e Locais, comissões pela vida no semi-árido. Concluindo este ciclo entrevistamos Rodrigo Castro, diretor da Associação Caatinga, biólogo com mestrado em sociologia do desenvolvimento. Ele nos informa que a associação tem três anos de existência, tendo sido fundada por cearenses preocupados com a caatinga, e com enfoque centrado na conservação do bioma Caatinga.

Dessas entrevistas nos inteiramos das possibilidades concretas de inserção do grupo de Irauçuba nos movimentos mais amplos, sem que precisasse perder sua identidade local. Constatamos que todos estes especialistas acreditam no potencial do semi-árido nordestino, compreendendo a necessidade de adequação das políticas públicas numa vertente mais local e de uma readequação das ações locais no sentido de uma relação mais harmoniosas com a caatinga, com o sertão e com as peculiaridades do clima.

Em setembro havíamos definido uma proposta de data para o seminário com os marcadores e nos propusemos a participar da reunião da Federação das Associações de Irauçuba (essas ocorrem nas primeiras quartas-feiras do mês). Fomos a Irauçuba no dia 04 de outubro, lá conversamos novamente com os marcadores acerca do Seminário. A reunião da Federação foi remarcada para o dia 16 por conta do segundo turno das eleições presidenciais do Brasil.

Ficamos bem satisfeitos em verificar que nosso trabalho junto a comunidade começava a render bons frutos. Tivemos informações de que os marcadores, melhor

dizendo, o grupo de marcadores associados à Federação das Associações de Irauçuba estabeleceram uma estratégia política que se desenvolveu durante o processo eleitoral. Eles propuseram a dois candidatos (Francisco José Caminha Almeida, para deputado estadual e Sérgio Novais, para deputado federal) uma aliança na qual eles se comprometiam com os grupos populares organizados de Irauçuba, acolhendo seus pleitos quando eleitos. Tudo foi gravado em áudio e assinado um termo de compromisso. Os grupos populares, por sua vez, estabeleceram um movimento de conquista democrática de votos para estes dois candidatos. Conseguiram um considerável número de votos no município; sendo eleito o Caminha. Ocorreram retaliações por parte do governo local, ameaçando demitir os que fossem vinculados a prefeitura, criticando abertamente todos os envolvidos. Para o segundo turno foi viabilizada, pelo grupo, uma ida do candidato do Partido dos Trabalhadores – PT ao governo do estado àquela cidade.

No dia 15 de outubro nos deslocamos para Irauçuba para que pudéssemos pernoitar e assim estarmos na cidade no horário previsto para o início da reunião da Federação das Associações de Irauçuba – FAI. Nosso propósito era obtermos seu aval para a realização do seminário de implantação do fórum. Participamos dessa reunião, que aconteceu, como habitualmente, no salão do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Irauçuba, no dia 16 de outubro de 2002, tendo o início às 9h. e encerramento às 12h. Propusemos uma estrutura para o seminário e o fórum.

Devemos organizar as ações de nossas “associações”; objetivando o povo carente desse país, principalmente de nosso município (Irauçuba⁴⁶). (...⁴⁷). Vamos ficar lutando juntos; o município somos nós. [...]. Se a gente não buscar, ninguém vai entregar nada pra gente. (Fala do Citônho na abertura da reunião).

Estava na pauta da reunião uma discussão sobre o problema da água na cidade, que ficava cada vez mais grave. Dentre as denúncias estava a que, segundo informação

do próprio representante da CAGECE na cidade, o prefeito estava desviando água do Jerimum para a sua fazenda de forma irregular, tendo sido inclusive cortada a ligação que havia para a sua propriedade e ele arbitrariamente tinha religado por duas vezes. Citôncio afirma: “[...] não estamos com água nem pra cozinhar, estou tomando banho com água emprestada.”

Outro ponto de destaque na reunião foi sobre crédito para o agricultor. O dilema é que o Banco do Nordeste do Brasil havia reconhecido o direito do agricultor residente na sede do município ser beneficiado pelo crédito agrícola enquanto a EMATERCE (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) não reconhecia este direito por serem residentes de “zona urbana.” Ficou a pergunta: “Que urbanidade é essa, já que se vive dependendo da agricultura e não há uma verdadeira e significativa separação entre a cidade e o campo.”

Durante a nossa propositura, abrimos um debate sobre a validade ou não da proposta. Muitos falaram a favor e alguns contra argumentando que outros fóruns ocorrem na cidade e nada havia mudado. Que os especialistas vinham, discutiam os problemas locais e depois iam embora deixando tudo apenas no papel. Ressaltamos que o fórum temporário proposto poderia resultar em um Fórum permanente. Que nossa atuação seria a de colaborador do grupo local. Observemos algumas falas:

Citôncio apontou todos os representantes de associações como heróis, “o fórum para nós pode trazer mais conhecimentos.”

Todo dia tem um fórum, fórum disso, fórum daquilo. (Erisnaldo).

Acho fundamental a realização do fórum. (Cleomir).

Pra gente é indiscutível a importância desse fórum, Já tivemos um fórum com as entidades que elaboraram um plano de combate à desertificação... a questão é que poucas pessoas têm se proposto a se unir para impulsionar, todos querem fazer pra quê? Ninguém quer assumir outra responsabilidade, pois já temos outras responsabilidades.

(Nonato).

Formar o fórum sim, mas formar pessoas para levar isso adiante. Trabalhar em cima de propostas. Como envolver escolas para trabalhar com isto. Puxar os órgãos Públicos para levar isso adiante. Qual a participação da escola? Tem que puxar essas iniciativas. As coisas que estão acontecendo aqui é descaso público. (Nonato).

Argumentamos que nossa proposta já começava diferente de outras até por que nossas referências eram outras, nossas intenções de um fórum capaz de contribuir com a autonomia da comunidade local, que seria realizado dialogicamente (Perspectiva Eco-Relacional), ou seja, que a construção de todo o processo era compartilhada e que eles eram o elo mais importante dessa teia. Que seriam estabelecidas estratégias que se viabilizariam através de uma “práxis” conjunta. A proposta foi aprovada por unanimidade. A Federação inclusive se propôs a ser parceira principal do Fórum.

Naquela ocasião levamos 10 fotografias (apresentando imagens situações-limites da cidade de Irauçuba) que foram colocadas em uma parede onde se puderam ver observações, tais como:

- Isso não acontece no meu bairro.
- Isso só acontece porque as pessoas não tomam consciência.
- Não depende só da Prefeitura, precisa se repassar na escola.

No dia 28 de outubro ultimamos os detalhes, estruturamos uma programação compactuada do seminário, encaminhamos ofício para a “Escola de Ensino Fundamental e Médio Lucas Ferreira” pedindo a concessão de alguns equipamentos de que iríamos precisar para a realização do evento. Um ofício foi enviado para o Sindicato dos Trabalhadores Rurais pedindo a permissão para utilizarmos o salão de reuniões daquela instituição, e acertarmos os detalhes dos convites e convidados. No dia seguinte, dia 29 de outubro, foram distribuídos os convites com instituições

e representações populares.

Na programação compactuada do seminário “Relação de Convivência Solidária com o Semi-Árido” ficou definido que haveria duas mesas, compondo a primeira mesa o Gilmar (Representante do Fórum Cearense de Convivência com o semi-árido / Cáritas Diocesana de Itapipoca) e o professor João Figueiredo, em seguida viria o debate. Depois, a segunda mesa seria constituída dos representantes das Associações de Bairros da cidade de Irauçuba acompanhada de outro debate. No turno da tarde teríamos os grupos de trabalho subdivididos em GT de Políticas Públicas e Comunicação, GT de Educação, cultura e memória e GT de Novas Tecnologias.

No dia 01 de novembro de 2002 o evento ocorreu conforme o planejado, exceto pelo fato de termos iniciado a programação com a projeção de trechos de um vídeo artesanal sobre Irauçuba e os marcadores. Foi deveras interessante observar os marcadores diante de si e diante de sua realidade imediata ali abstraída e codificada pelos recursos do vídeo.

Vânia fala como é interessante e como abre outros olhares estar se vendo e vendo sua cidade por um ângulo inusitado – o ângulo da televisão. Sebastião Salustiano diz que aquilo o leva de volta a sua infância. Moura sorri ao ver e ouvir seus depoimentos contundentes diante de algumas pessoas por ele criticadas, como foi o caso do secretário de Agricultura e Recursos Hídricos do município. Muitos nos procuraram no final pedindo fotos emprestadas para serem utilizadas em outros eventos na cidade (uma equipe de estudantes de um dos grêmios estudantis do lugar; a secretária de Saúde do município, Gilvane e Caetano que estarão participando de uma Feira de Ciências que eles conseguiram que tivesse como tema a “Convivência com o Semi-Árido”) – talvez mais um fruto dessa nossa parceria.

Houve uma presença significativa, 53 pessoas participaram, dentre eles os marcadores sociais, lideranças comunitárias da cidade e do município como um todo, professores, presidentes de grêmios estudantis, vereadores, o representante do comitê do Partido dos Trabalhadores

da cidade e alguns secretários municipais. Destacamos a presença da secretária de Saúde do município – Fátima Socorro Latif Ferreira; da coordenadora de Vigilância Sanitária – Cândida Maria C. Mesquita; da secretária da Ação Social – Alessandra Beserra Torres e do secretário de Agricultura e Recursos Hídricos, Francisco das Chaves Alves.

Os grupos de trabalho (contamos com 26 pessoas divididas nos três GTs) elaboraram uma avaliação acerca de como se encontra Irauçuba diante daquela temática e o que se poderia fazer para melhorar, numa perspectiva de denúncia e anúncio de práxis (propostas no anexo VI).

Em continuidade ao processo de instauração do Fórum de Irauçuba foi proposto trazeremos na 1ª reunião do Fórum de “Relação de Convivência Solidária com o Semi-Árido” especialistas nas áreas pré-definidas nos grupos de trabalhos, as comissões de Novas Tecnologias, Comunicação e Políticas Públicas e Educação, Cultura e Memória para estimularem as discussões locais visando à potencialização das ações e reivindicações da comunidade de Irauçuba. Ficou definido que convidaríamos o comunicador e jornalista Nonato Albuquerque (Tv Jangadeiro – Rádio e Jornal O Povo) para discutir questões associadas ao GT de Comunicação e Políticas Públicas, a engenheira agrônoma, Mestra em Irrigação, Silvana Coelho (Universidade Federal do Ceará) para tratar de Novas Tecnologias e a profa. Dra. Ângela Linhares para falar de Educação, cultura e memória. Por força de seus inúmeros afazeres não foi possível a ida de Ângela, e João Figueiredo assumiu a tarefa.

O Percorso de Preparação da 1ª Reunião do Fórum

No dia 19 de novembro fizemos outra visita à comunidade durante a qual fotografamos as queimadas que ocorriam naquela época, de modo mais intenso, registramos imagens da seca e de lugares ao redor da cidade que expõem o processo de desertificação. Conversamos com um dos funcionários da CAGECE na cidade (são três os funcionários que prestam esse serviço no posto de distribuição: Paulo, Amarildo e Maurício). Ele nos informou que a água

que está sendo distribuída, nestes tempos, “... depois de tratada **fica quase boa** para o consumo!?”

Encontramos o Moura acororado debulhando uma bacia de feijão. Moura fala dos conflitos dentro das reuniões do “Fórum da Comunidade Ativa”. Do jogo de interesses que são manipulados pelos representantes oficiais da prefeitura dentro do grupo, que geraram uma desmobilização para inviabilizar uma votação diante do fato de que os desejos do prefeito não seriam acatados pelo grupo em uma das demandas sociais estabelecidas – uma rádio comunitária. De quem seria essa demanda?

Moura fala da desesperança de muitos diante das muitas “reuniões que se sucedem sucessivamente sem sucesso e sem cessar.” Contou do movimento dos membros da FAI visando apoiar candidatos a deputado estadual e federal que pudessem ter um compromisso com a comunidade. Disse que, em princípio haviam proposto um acordo com os candidatos do prefeito que não deu nenhum sinal de interesse. Diante disso decidiram apoiar Sérgio Novais, para deputado federal e Caminha, para deputado estadual (este foi eleito).

Isto gerou demissões na prefeitura, inclusive do Nonato (assessor da FAI) que era o responsável pela interação entre a prefeitura e os projetos locais junto ao Banco do Nordeste do Brasil. Disso resultou um protesto popular importante no processo de mobilização popular que se constitui na cidade. No dia 08 de novembro o grupo se mobilizou e realizou uma passeata encerrada em frente ao prédio da prefeitura, com um protesto público, utilizando carro de som e a presença da TV Verdes Mares, filiada da rede Globo no Ceará. Esta reportagem desapareceu e nunca foi noticiada. Embora se tenha inclusive fotografias comprobatórias dessa presença da mídia que, mais uma vez, se rende aos poderes políticos.

Em nova ida à cidade, no dia 27 de novembro, acertamos os detalhes da reunião do Fórum. Nessa viagem Vimos os roçados sendo aprontados, os aceiros prontos, as coivaras e, em alguns lugares, a queimada já havia feito seus “estragos.”

O Fórum Instaurando-se

Ninguém ensina o que não sabe. Mas também ninguém, numa perspectiva democrática, deveria ensinar o que sabe se, de um lado, saber o que já sabem aqueles e aquelas a quem vai ensinar o que sabe. De outro, sem respeitar esse saber, parte do qual se acha implícito na leitura do mundo dos que vão aprender o que quem vai ensinar sabe. (FREIRE, 1994, p. 131).

A primeira reunião do Fórum de Relação de Convivência Solidária com o Semi-Árido ocorreu no dia 07 de dezembro de 2002 com excelente repercussão na comunidade. A fala de Nonato Albuquerque acerca das possibilidades da Comunicação Social enquanto agente de mobilização foi muito bem recebida, além das outras falas. Silvana, por exemplo, se destacou ao fazer uma reflexão comparativa de sua terra de origem, Santa Catarina, e o sertão nordestino. Afirma que o problema maior do sertão, sob a sua ótica, não é a falta de chuvas e sim como retê-la devidamente. Que o tempo de sol nessa área é elemento altamente benéfico para a produção agrícola. João Figueiredo destacou, na sua exposição, o potencial simbólico do nome do município, da cidade. Isto, associado ao poder reflexivo manifesto na teia das representações sociais traduzidas pela pesquisa. Que isto implicava na presente possibilidade de fortalecer escolhas na direção das representações mais compatíveis com a trajetória de sentido e o percurso desejante dos grupos sociais que se organizam na cidade, no município. Que não esquecêssemos que a palavra Irauçuba significava, no sentido do imaginário, trabalho solidário, amizade, companheirismo.

Uma das discussões que se estabeleceram foi em torno da vocação econômica de Irauçuba, que segundo os resultados dos debates, ficaria no contexto do uso da terra na forma de agricultura e da pequena pecuária somada ao artesanato. Discutiu-se a “ruralidade do urbano” que precisava ser considerada pelas autoridades e governan-

tes quando da implementação de políticas agrícolas e de financiamentos e projetos voltados para o semi-árido nordestino.

Na seqüência dessa reunião tivemos encontros informais com os marcadores sociais e com o Citônho nos quais se propôs a realização de ações concretas que pudessem demonstrar a concretude do Fórum. Propuseram um curso envolvendo ecologia e educação ambiental, discutindo os problemas ecológicos do entorno e tratando dos problemas sócio-ambientais do município, mobilização social e gestão participativa nos moldes de uma convivência harmoniosa com o semi-árido.

Diante disso, construímos em parceria uma teia programática como projeto de um curso. Propusemos que o nome do curso poderia ser “Curso de Relação de Convivência Solidária com o Semi-Árido”, o que foi aceito imediatamente por considerarem plenamente adequado ao propósito que se tinha em mente (relatório detalhado do curso encontra-se no Anexo II).

A teia temática ficou assim constituída: ecologia; problemas ambientais do semi-árido; a realidade de Irauçuba na percepção do grupo; a interpretação de Irauçuba no retrato da pesquisa; a convivência com o semi-árido; comunidade solidária sustentável; Educação Ambiental Dialógica e Organização de grupos autônomos.

No dia 20 de dezembro estivemos na Feira de Artesanato, a convite de nossos companheiros e amigos Nonato, Gilvane, Caetano, Moura e Antônia Maria, além do convite formulado pela Alessandra, secretária de Ação Social. Este evento realizado pela Comunidade Ativa contou com o apoio destacado de nossos marcadores sociais.

Preparação do Curso de Educação Ambiental Dialógica em Curso

Somente no dia 07 de janeiro de 2003 foi possível fecharmos uma data para a realização do curso de Educação Ambiental Dialógica e, isto, por iniciativa do Nonato. Ele se propôs a contactar e matricular os que havíamos

definido como grupo a participar do curso, bem como agilizar os detalhes operacionais para sua realização. O encaminhamento de ofício para a Escola Lucas Ferreira solicitando permissão para utilizarmos suas instalações e equipamentos e isto foi feito pelo Nonato, o Gilvane e o Caetano. Foi encaminhado, também, um projeto para a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Ceará – UECE viabilizando seu apoio institucional, bem como a emissão de certificado de curso de extensão.

Resultou do curso de educação ambiental dialógica um texto produzido coletivamente que retrata a construção de um saber parceiro, A Carta de Irauçuba (ver Anexo I). Apresenta a caminhada processual submetida, como relatório final, ao grupo, sendo posteriormente por ele referendada. Pensamos que esse texto condensa momentos que consideramos uma leitura da práxis coletiva. Pareceu também funcionar como um ritual de intensificação dos compromissos grupais e um amálgama dos percursos vividos pelos movimentos populares dos vários bairros da cidade de Irauçuba. Embora em diversas circunstâncias reflexivas remeta-nos a outras tematizações já apresentadas ao longo da tese, parece-nos importante preservar esse texto em todo seu contexto da maneira como foi aprovado e considerado pelo grupo. Julgamos sublinhar o que é legitimado, pelo grupo participante, como uma síntese dessa construção coletiva.

Além desses aspectos ressaltaríamos ainda o cunho documental e histórico desse trajeto que teve como culminância a fala-escrita da Carta de Irauçuba. Esse documento carrega um aspecto propositor e de enfrentamento com os poderes locais. Reafirmamos a importância da Carta de Irauçuba, vinculada que está ao processo de consolidação do Fórum de Irauçuba – movimento genuinamente popular associado ao Fórum Cearense de Convivência com o Semi-Árido e ao Fórum Nacional (ASA).

O relatório pode parecer excessivo em suas minúcias, reapresentando aspectos já largamente tratados, minucioso em detalhes, mas é um preito de fidelidade e testemunho desse saber parceiro. Esse nível de detalhamento aponta essa forma de operar do grupo, parecendo-

nos precioso como corpus de pesquisa que se põe aos olhos de outros pesquisadores. Dentre outros modos de desvelamento apresenta uma leitura do real sob a ótica freireana na interface com a Dialógica Eco-Relacional. Por esses fatores consideramos importante uma visita a esse registro da “Produção Coletiva da Intervenção Dialógica em Irauçuba – CE” inserida no Anexo II.

Avaliação do Curso, Reflexão Sobre a Própria Prática

Em nosso entendimento, o curso atendeu às expectativas da grande maioria de nós todos. Foi concretamente a corporificação de nossa proposta de uma abordagem dialógica sob uma Perspectiva Eco-Relacional aplicada à educação ambiental. Na seqüência passamos a enfocar os relatos resultantes das duas reuniões envolvendo a avaliação do citado curso. A primeira ocorreu dentro de uma reunião do Fórum, no dia 20 de fevereiro de 2003, a outra se deu no dia 14 de março de 2003.

Objetivando essa reunião, na qual pudéssemos refletir sobre nossa ação pedagógica parceira, retornamos a Irauçuba no dia 05 de fevereiro, quando nos encontramos com alguns dos nossos companheiros de Fórum (Nonato, Gilvane, Caetano e Citôncio), e discutimos a conveniência dessa reunião de avaliação e encaminhamento das propostas oriundas do curso.

No dia 13 de fevereiro de 2003 conseguimos fechar uma data e acolher a sugestão dos marcadores para que aproveitássemos uma reunião do Fórum objetivando encaminhar os participantes do curso a se fazerem presentes nessa reunião e quem sabe (observação dos marcadores), com isto, eles não se vinculariam nesse movimento sócio-ambiental? E, assim, ficou decidido para o dia 20 de fevereiro de 2003.

Iniciamos fazendo uma síntese do curso e formulando uma questão: Será que o curso acarretou alguma mudança na minha prática?

Clairton destaca a ocorrência de chuvas e do perigo da Dengue. Considera que se tornou um repassador das

informações absorvidas durante o curso.

Isabel começa dizendo que todos se envolvem muito com suas atividades pessoais e que o grupo não se detém para refletir sobre os problemas sociais da cidade.

A gente veio, claro, para ter um conhecimento, mas quando a gente chegou... quando eu cheguei, eu vi que era algo importante para nós porque se trata de problemas que nós estamos passando, né, que nós enfrentamos e que juntos, com certeza, nós pelo menos sonhamos, né, em buscar respostas, em ter assim as soluções para os problemas. E assim, só em nós estarmos juntos para falarmos em nosso município pra mim foi uma grande coisa. Eu tive oportunidade de conhecer coisas que eu estava alheia, certo. Vai me trazer pra minha vida, pró meu trabalho eu vou ter informações novas que eu não tinha.

... questão da água... que você tava totalmente... assim já acostumada, acho que nós estávamos acomodados, né, com o problema. Que nós tivemos que gritar por soluções. Eu tive assim a impressão. acho que acordei, né. Tive assim como se tivesse dormindo e acordei para uma realidade que eu não... não estava... que não tava na minha cabeça.

Me ajudou sim, porque eu posso muito bem me comunicar com outra pessoa. Posso falar com outra pessoa. Certo, até porque eu vejo cada um de nós temos um, somos um canal. A partir desse momento nós somos um canal para reivindicar aquilo que nós temos direito. Que é... com certeza, nós podemos ter acesso.

Fátima destaca que, embora tendo participado de muitos cursos, considera esse muito rico porque qualificou multiplicadores. "Somos educadores não no sentido de ficar ensinando o bê a bá pra ninguém, mas no sentido de ficar praticando e mostrando como é que se faz."

Clairton ressalta que uma das resultantes do curso foi a ação mais ostensiva do promotor da cidade que foi

convocado por um dos participantes do curso, que não quis se identificar. Ele já está andando nos colégios...

Gilvane enfatiza a importância do Fórum para o município, considerando-o um ambiente que resulta do povo que ama o seu lugar. Observa o fato da apresentação de imagens videográficas retratando o lugar, a fala do povo, que ao se ver identifica suas posturas, suas falas e numa instância mais macro, como ele coloca, poderia ver a sua casa, sua terra, como cuidam, como tratam dela.

Ele diz que foi “um curso bombril, que serve pra tudo”, aludindo para o fato de ter tido múltiplas funções, como por exemplo, o fortalecimento do Fórum. Falando sobre a influência do curso em sua vida afirma que ocorreram modificações. Que do ponto de vista teórico afirma

[...] muitas coisas do curso sabia, e muitas outras mais eu não sabia. Até, por exemplo, olhar uma fotografia e você conseguir ver com outros olhos como se você tirasse uma lente quando alguém ajuda você a refletir sobre o que você tá vendo.

Caetano afirma que:

... na verdade o curso não acaba nunca. Nós continuamos o curso e o curso não acaba nunca... Como uma vez Paulo Freire falou, né, o mundo não é dado, mas é construído através do diálogo. Nós vamos construir a nossa consciência... a Fátima uma vez falou que a consciência se dá aos poucos, é difícil... O que nós podemos fazer? Eu queria que hoje fossem lembradas aquelas ações que o Padre Cícero colocou numa época aí. Coisas simples como, por exemplo, a essa altura os nossos alunos deviam estar plantando árvores... São coisas simples que não precisam de dinheiro, não precisam de muito dinheiro, não precisam muito esforço do poder público. Mas coisas simples que poderiam ser feitas. Aquelas ações do Padre Cícero nós devemos colocar na prática. Devemos assim, que os alunos não tenham medo. Geralmente, quando se fala em mato, quando se fala em natureza parece que os alunos têm um nojo, assim uma coisa (ojeriza). Essa consciência vai ter que se acabar aos poucos, porque é o nosso lar é onde nós moramos. A seca

não é um problema de falta de chuva é um problema de falta de consciência. Aqui tem seca, outra região tem outro problema, mas também se não cortar pela raiz, é que nem árvore, se não cortar pela raiz os galhos crescem de novo. Então nós temos que refazer a consciência dos nossos alunos, de nós mesmos, começar a ter essa práxis que nem o João Figueiredo fala.

Reforçamos que o curso é como o curso de um rio... algo que continua, descendo ladeira abaixo... Contamos a história do ratinho e a ratoeira na fazenda. Nela, todos os animais desqualificam a preocupação do ratinho diante de uma ratoeira na fazenda e no final todos os outros animais é que sofrem pela situação que acreditavam não ter a ver com eles.

O Secretário de Agricultura e Recursos Hídricos, Francisco das Chagas Alves (apelidado de "25") solicita apoio do Fórum no sentido de constituição de parcerias, de integração, em favor do município, colocando sua secretaria à disposição do fórum visando a ações conjuntas. Em nosso entendimento a secretaria percebe a autonomia do Fórum e propõe parcerias com o intuito de não ficar alijada desse processo de mobilização e transformação social que ocorre com o advento do Fórum.

O "25" relata ainda a necessidade de constituição do Conselho Municipal do Meio Ambiente e convida os alunos do curso a participarem de um encontro que ocorrerá no município no início de maio com os membros (cinquenta pessoas) do Comitê de Bacia Hidrográfica do Vale do Curu. Todos os quinze municípios vinculados a esta bacia receberão a visita do comitê. O secretário também pede que o fórum planeje essa recepção, bem como proponha sugestões de ações que possam ser levadas a efeito dentro da questão ambiental, recursos hídricos e agricultura. Desde janeiro de 1997, quando ele assumiu a secretaria, afirma que a primeira atitude foi encaminhar o plano de combate à desertificação.

⁴⁸ Texto publicado por Carlos R. Brandão e largamente utilizado por ele e por Paulo Freire em cursos de Pós-Graduação (ver anexo IV).

Diz que até hoje o plano “não foi aplicado nem em pequenas partes.” Justifica-se dizendo que em 1997 foi seca, em 1998 foi seca verde... Só em 1999 e 2000 que ele pôde tomar um pequeno fôlego, não tendo sido possível aplicar o plano de combate. Ficou-se em ações emergenciais diante da seca... Afirma que existem 2000 barragens e micro-bacias, sendo o segundo município do estado em quantidade de obras similares. Os demais membros da reunião dizem desconhecer a realidade desses dados.

Rinaldo diz que o grupo já está pronto para agir, exemplifica acerca dos dejetos líquidos jogados no rio Lanchinha. E continua:

... já está na hora de..., porque a gente já teve teoria demais. Acho que nós já estamos preparados para agir. A sociedade já está começando a acordar. Achar que o problema não é só do governo. Porque não é só o governo que... não é só o governo que joga lixo, né, que joga esgotos. Problemas nós temos muitos, aí tem a questão dos rios... Edmilson falou... a gente tem aqui logo aqui na barragem tem os esgoto que despejam logo dentro de Irauçuba, aqui na Barragem. Então a gente sabe que problemas a gente tem muitos... mas que a gente tenha o compromisso de atuar junto à sociedade. Então é a hora da gente criar projetos, não com revolta do poder público, porque não é assim que se resolve as coisas, mas com diálogo, né, com projetos, né, mostrando onde se pode buscar os recursos para que se possa trabalhar... Eu acho que está na hora da gente agir, né, que já tivemos a parte da teoria, então estamos preparados para agir nesta cidade.

Gilvane propõe passar uma lista de adesão ao Fórum... A maioria assinou.

Gilmar, representante da Cáritas de Itapipoca e representante regional do Fórum Cearense de Convivência com o Semi-Árido, instância que engloba Irauçuba, enfatiza a importância de estar participando desses eventos e lastima não ter tido a possibilidade de participar desse curso. Ele destaca que:

o agricultor escapa, sobrevive, melhor dizendo escapa mesmo... é sobrevive da agricultura com o plantio do feijão, do arroz, basicamente é o que se precisa, o que se planta hoje, e da pequena criação, seja de porcos, cabras, ovelhas, de aves...

O que foi ou em que momento o agricultor e a agricultora está se capacitando na sua profissão, na agricultura? Onde ele está indo buscar conhecimentos para se capacitar, para melhorar seu conhecimento dentro da sua condição de sobrevivência?

Estiveram presentes nessa reunião do Fórum representantes do Setra (ONG que atua no semi-árido), além dos representantes da Cáritas – Fórum Cearense, visando ao Projeto Dom Helder Câmara – PDHC, com o intuito de combater a seca por meio de atuação nos assentamentos do Incra, com as cisternas de placas associadas a atividades de manutenção do ser humano no campo.

Pedro Henrique fez a leitura da “Carta de Irauçuba”, em seguida colocou-se seu conteúdo em apreciação e votação, para que aprovada pelo grupo presente, fosse encaminhada para divulgação e publicação na mídia. Encerramos agradecendo a todos demarcando a parceria com a Federação das Associações de Irauçuba.

Uma solicitação foi feita aos educandos-educadores que participaram do curso para que fizessem uma avaliação escrita sobre o que mudou na prática de cada um após o curso. Em seguida registramos os resultados:

- Sim, minha prática na sala de aula, reafirma o meu cuidado com a natureza.
- Me trouxe mais consciência ecológica e conhecimento melhor da nossa realidade e poder melhor passar isso para os meus alunos e comunidades.
- O conhecimento no nosso dia a dia; os nossos direitos e deveres; Mudou meu senso crítico e passei a cobrar e trabalhar em cima das nossas necessidades.
- Antes eu nem pensava e nem agia nesse sentido de meio ambiente...
- ... meus conhecimentos evoluíram muito, sobre o semi-árido, a vegetação e o ambientalismo da

nossa região e nossa cidade...

- A minha visão de mundo ficou diferente. Comecei a observar mais a natureza, a ter uma leitura mais aprofundada em respeito ao meio ambiente.
- A iniciativa se fez mais presente em minha vida, enquanto que antes eu não me preocupava com as coisas que aconteciam a minha volta. Na verdade fez nascer e mim um espírito crítico e lutador.
- Mudou-se, porque hoje eu já vejo que o lixo faz parte também da minha vida, o que antes não tinha importância para minha pessoa. A água, para a minha pessoa, não era muito vista, mas depois do curso eu caí na realidade e doeu muito na minha consciência, porque eu nunca vi como problema a água. Depois do curso eu hoje sou outra pessoa. Sou uma cidadã. Os problemas do nosso município, não é só do responsável pelo município, mas sim de cada um enquanto pessoa.
- Tendo recebido um número maior de informações, aumenta muito mais a nossa responsabilidade com tudo o que nos rodeia, lembrando que o ambiente, seja particular ou coletivo, precisa de cuidados; devo realizar a minha prática e por ele (exemplo) levar muitos a isso. Minha preocupação maior hoje é com a água que consumimos, de onde vem? Como está sendo tratada? Como armazenar para que não venha a ser o caos de toda a comunidade? A minha consciência em relação à água aumentou, por isso precisamos discutir essas GOTAS tão necessárias não só a minha sobrevivência, mas a de todos.
- Antes não tinha esses conhecimentos que foram explorados e aprofundados nesse curso. O que veio mudar na minha prática, a certeza do resgate de nossa história ambiental, que precisamos urgentemente mudar e trabalhar em grupo com responsabilidade e compromisso como já estamos agindo nas salas de aulas de EA da escola.
- Mudou sim. A questão do meio ambiente, como jogar lixo no chão, na sala de aula, ou espaços

⁴⁹ Relembramos que percebendo as sutilezas da fala popular, o modo como singularizam as palavras, optamos por grafá-las o mais próximo possível de como era escutada.

reservados na escola; como coordenadora da escola (educação infantil), eu, juntamente com as professoras, estou fazendo um trabalho de conscientização junto às crianças. E podemos observar que as salas estão limpas, o pátio, porque as próprias crianças estão aprendendo e entendendo como devemos manter limpo o ambiente, colocando lixo no lixo.

- Claro que sim, principalmente no cotidiano docente. Antes de participar do curso, minha pessoa já tinha alguns conhecimentos sobre o mesmo e ele veio para aprimorar meus conhecimentos e tirar algumas dúvidas que eu tinha em relação ao meio ambiente de modo geral.

- Hoje, procuro transmitir de uma maneira mais sutil para meus alunos, os quais na maioria são adolescentes e que tendem a mostrar uma educação de qualidade, ou seja, Educação Ambiental na sua vida futura. Com a prática, usando a teoria tudo se torna mais fácil na transmissão de conhecimentos adquiridos.

- Em questão de preservação ao meio ambiente, de conscientizar aos alunos de que não devemos jogar lixo no chão. Pois esta conscientização feita com alunos, eles mesmos levarão a prática para casa e para o mundo que os cerca.

- Tomei consciência real dos principais problemas que existem não só na sede do município, mas também na zona rural. E que através de alunos já iniciei o trabalho de repassar aos mesmos o que vi, e solicitei que levassem aos seus pais, o que seria necessário para obter uma melhor safra, e como superar as dificuldades existentes a cada ano.

- Uma das principais mudanças na minha prática diária, foi em relação aos meus planos de aula. Já não me prendo a tantas teorias e definições, ou seja, estou saindo do conhecimento tatuado para aulas práticas e conscientizadoras.

A efetiva reunião de Avaliação do Curso de Iraucuba ocorreu no dia 14.03.2003. Foi iniciada ressaltando a importância do processo de avaliação no sentido da ecopraxis, ou seja, no sentido de uma reflexão da prática

que já está acontecendo com cada um de nós. Propusemos uma seqüência no processo de avaliação iniciando com a leitura-reflexão do texto do Ciço⁴⁸, seguido de uma avaliação – reflexiva acerca do curso.

Na reflexão acerca do texto Marlene começa discutindo a falta de convicção do “homem da roça” de que suas vivências são elementos educativos, é educação. Gilvane intervém questionando se não deveria ser considerada esta educação não-formal que se diferencia da educação que se trata na zona urbana. Marlene ressalta que valorizar essas vivências está dentro da proposta atual chamada de “teoria do concreto.” Caetano diz que é triste considerar a escola do sertão de modo diferente e inferior à escola urbana... “O agricultor também tem que estudar...” Gilvane lembra um senhor, avô do Eliabe, que possui uma enorme produção artística, poética e musical, discutindo que parece que hoje as pessoas têm menor capacidade do que os mais antigos.

Propusemos a seguinte pergunta para começarmos o diálogo de avaliação: Será que a minha prática se modificou? Como? A prática da minha vida, as minhas práticas cotidianas, profissionais, familiares, pessoais mudaram? Como você percebe mudanças em sua prática?

Gilvane diz que para ele sua prática adquiriu “cuidado”, no sentido dado pelo Leonardo Boff,

[...] a gente passou a ter uma preocupação, um cuidado com tudo o mais, que talvez as práticas ainda não tenham sido externadas, mas quando elas forem elas resgatam as coisas que a gente aprendeu. (1995)

Exemplifica com o envolvimento do Fórum local se propondo a um movimento em torno da semana da água.

Marlene enfoca a questão de se utilizar material que trate da realidade local nas escolas. Ela fala:

... as coisas não acontecem sozinhas... alguém manipula... Porque que a gente não luta? O que muda? Problemas existem, mas eles precisam ser vencidos... A questão da água, pra mim é a coisa mais real. Até que nas primeiras chuvas

que aconteceram... Pensei em mim, mas também pensei nas outras pessoas. Meu Deus, se cada pessoa realmente tivesse essa cisterna de placa para poder armazenar, pra poder quando chegar o período crítico... (Começa a falar na escola em que os alunos deixam a torneira do bebedouro direto aberta). Ela diz que vive dizendo pra eles: "Pessoal o Jerimum não é só de vocês."

Gilvan diz o quanto é difícil o filósofo ser pragmático. Que o curso deixa uma ambigüidade diante da relação do curso dado tanto para educadores quanto para agricultores e lideranças comunitárias. Que as pessoas da escola estão passando a se preocupar com a questão da água, elaborando uma programação na escola, chamando a comunidade para participar da semana da água. Fala da contaminação de pessoas na cidade vizinha com bactérias alienígenas, oriundas da Indonésia, que ninguém sabe como chegou ali e se não poderia ser transmitida para outros por meios hídricos.

Quando pega um tema que a gente trabalhou lá no curso a gente se aprofunda mais com os alunos para que eles pensem aqui essa realidade, quer dizer foi importante. ... Quando a gente tá trabalhando em sala de aula quando a gente pega um tema que se trabalhou lá dentro, na questão ambiental, a questão de água, seca, a questão do êxodo rural, a gente explora mais pra fazer que os alunos pensem e comecem a questionar também o seu dia a dia aqui dentro do município. [...] a prática individual da gente de alguma forma está abrindo uma coisinha lá.... Ele conta de uma prática que propôs aos seus alunos da oitava série, a produção de um "Estatuto da água de Irauçuba. Que segundo ele ficou bastante interessante.

Caetano fala que a curiosidade gera possibilidade de produção do saber. Marlene retoma para dizer que foi importante a questão de valorizar o saber do outro. Conta que antes diante de alguém que falava algo diferente, pensava "Ô besteira!" Que depois do curso diante do impulso parava e lembrava que aquela fala estava pautada em sua história de

vida e podia trazer um outro sentido que nós não absorvíamos, não compreendíamos. Isto foi muito importante.

Gilvane volta com a história do avô do Eliabe dizendo que ele explicava que se o Gilvane quisesse realmente ajudá-lo digitando seu material que respeitasse sua forma de escrever e falar. Se ele botasse “ramo” (vamos) era ‘ramo’ mesmo e não vamos, pois que precisava da forma original para manter sua rima. Eliabe diz que foi corrigi-lo, certa feita, e ele disse “... é assim mesmo a língua que ele falava era aquela mesmo, era a língua do matuto”.

Eliabe diz que fez uma espécie de cisterna para acumular água no período da chuva. Começam a discutir se a água que está chegando nas torneiras é do Jerimum ou dos Patos?

Antonia Maria conta que recentemente as crianças estavam tomando banho no tanque de esgoto. Ela começa a contar de sua mudança a partir de algumas historinhas de sua vida recente.

Mas é difícil eu ver alguma coisa que não é a minha cara, não é a cara da minha Irauçuba, não é a cara que eu vejo que eu nasci. Ainda hoje eu passo e eu vejo a casinha que eu nasci, ali na Lagoa das Pedras ainda tem a casinha que eu nasci e me criei. E pra mim mudou porque eu vi a minha cara, eu trabalhei com o que é meu. Eu tava vendo que ali, eu passo sempre ali, tem o barreiro do lixo que é vizinho a minha casa, tem aquelas pedras... Eu lavava uma bacia de roupa com uma caixa de sabão e a caixa d’água ia “simbora”⁴⁹ “todinha.” Meu marido ficava uma cascavel dentro de casa, como é que eu gastava num sei quantos mil litros d’água. Ai quando eu terminei o curso, que eu fui embora, que cheguei em casa, tinha desse tanto de roupa. Valha Meu Deus do Céu. Ai eu disse amanhã ele me bate, é “mermo” que “tá” vendo que a briga vai ser grande. Mas eu mostro pra ele que eu consigo. Eu sozinha, sem falar pra ninguém, só eu e o sabão lá. Aí eu subi, botei a escada na caixa [d’água] e subi. Ai eu disse: Eu quero provar pra mim que eu tenho a possibilidade e a capacidade

de fazer o que eu quero. Meu coração pede, mas minha mente deixa eu destruir. Agora eu quero saber se meu coração vai deixar minha mente... Olha eu subi nessa caixa tremendo os pés, mandei meu menino segurar, essas pernas tremendo subi, aí eu olhei essa caixa tava assim um palmo, pra completar um palmo. Aí eu botei a roupa todinha no quintal. Mas eu lavava a roupa era diferente... ; eu deixava a torneira ligada, eu achava a torneira caindo pouca água, arrebentava ela [desenroscava a torneira] e deixava no cano. Aí eu ia lavando roupa, lavando roupa, quando era pro fim, duas horas de roupa lavada, que tava lavando, não tinha mais água, aí eu esperava pro outro dia, e fazia a mesma coisa... E pronto, nunca mais ele brigou... Hoje eu lavei dois sacos de roupa...

Conta também quando tratava da galinha, do seu lixo e como hoje tem cuidado com isto... De sua luta com um vizinho que botava lixo na rua e que ela ameaçou de processá-lo e ele parou de fazer isto. Em seguida começa a mostrar a práxis de um saber epistemológico que emergiu a partir do saber do senso comum.

... eu sempre vejo assim que pra mim foi bom. Porque eu era uma pessoa ignorante, eu não tava nem aí não. Como todo mundo né? Mas se tem desse tanto de gente que aprendeu isso aí, né? É fácil que as outras pessoas possam aprender.

Mas uma coisa que eu achei mais interessante. Que eu pensei muito nele hoje, no Figueiredo, que o Nonatinho ontem veio me avisar da reunião, e nesse aí [Nitamo], foi uma coisa que eu fiz hoje e o pessoal ficaram mangando de mim. Eu levei umas plantinhas daqui, Lucena? [Leucena]. É tem lá dentro. Todos os dias eu pelejava... cresceu tá grandinha... Aí eu amanheci hoje meio perturbada, aí eu disse hoje eu planto elas. Aí tem um vizinho lá que tem uma planta que ta com três anos que ele bota a planta e ela num pega, aí eu fui num outro vizinho que plantas tão bonitas, né? E perguntei porque as planta dele não pegavam. – Não eu plantei na areia (ele respondeu). Aí eu disse, mas o esgoto passa aí? – Aí ele disse, não. Ah, o negócio ta o esgoto. Eu chamei

o filho do vizinho eu digo, teu pai plantou esta planta aonde. 'Bora' cavar aqui. Comecei a cavar, comecei a cavar, e deu no esgoto, aí eu tampei o buraco e fui pro meu esgoto e arregacei ta lá, a felicidade foi que o menino me ajudou, arregacei este calçamento todinho. Se eu que falo pro pessoal não acabar com o calçamento hoje fui eu acabei todinho em frente a minha casa. Arregacei tudo. Porque eu me garanti né que ia fazer o calçamento. Aí eu abri, mexi numa parte, desse tanto assim, botei o joelho no chão e fiquei com o rosto assim né? Mas num sai 'catinga' nenhuma não. Aí o menino disse tu 'tá' cheirando o que? Tô sentindo aqui pra ver se tem algum mau cheiro. – Mas como é que tu cheira um esgoto? Mas não tinha mau cheiro nenhum no esgoto. Mas quando eu botei minha mão aqui, parecia um fogo. Botei minha mão e tirei. Pronto agora já sei porque a planta dele não pega. Como é que você tem que colocar uma planta, disse pra ele, olha Diego a planta do teu pai morreu sabe por que? Porque ela ta sentindo a 'quintura' ela não ta sentindo o calor, o calor humano que é a terra pra ela, é humano é como se fosse o calor humano a terra. Então ela tem que a raiz crescer e tomar, correr até onde puder e nunca ela podia correr encima de um esgoto quente.

... me doa... eu levo o gradeado quando as minhas planta tiver rapaz eu devolvo.

Sei que foi um mutirão... Aí 'tava' 'chuvendo' e eu fiquei preocupada porque a água tava descendo e tava passando no pé da bichinha e a bichinha tava caindo. Eu peguei a sombrinha e fui lá pra de baixo e o Enoque (seu esposo) 'mangando' (caçoando) de mim...

Passamos aos informes e à avaliação quanto aos movimentos que o Fórum já vinha encabeçando, como a semana da água e da prevenção ao processo de desertificação que foi realizado no período de 19 a 22 de março de 2003.

Gilvan, brincando, diz que já que é a hora das propagandas, ele tem uma informação sobre a criação de um núcleo do Sindicato da Agricultura Familiar em Irauçuba, sendo ele um dos diretores.

Já encerrando, Nonato comunica o advento do Fórum Regional vir promover sua próxima reunião em Irauçuba, no dia 02 do mês de abril, com a participação dos 17 municípios e de outros movimentos e instituições e ONGs. Ressalta que isto já é produto da implantação do Fórum Local e que esse Fórum já conseguiu para o município o Projeto Dom Helder Câmara e a responsabilidade de ser o gestor da implantação de mais de duas mil cisternas de placa em Irauçuba, através do P1MC – Projeto de 1 milhão de cisternas.

Nonato, a nosso pedido, dá um depoimento sobre sua avaliação acerca do curso:

O curso que nós tivemos agora... esse curso, onde eu vejo a sua maior importância para a vida pessoal dos que participaram é que muitos dos que participaram viviam como se não estivessem percebendo a realidade... muitos até educadores, mais muito voltados para aquela questão teórica do livro mais não se abstraíam um pouco do seu conhecimento teórico lá e olhar para a realidade, procurar questionar a realidade, conhecer a realidade e entender o contexto que faz parte em relação ao meio ambiente, em relação ao contexto sócio-econômico, isso. Então, através do curso, foi possível despertar esses questionamentos das pessoas, olhar um pouco pra sua realidade e à medida que começa a olhar pra essa realidade e questionar os sentimentos, o amor que tem pela cidade onde mora, começa-se também a se despertar pra ter algumas iniciativas. Que procedimentos eu devo ter diante disso, a partir daqui? Onde eu considero importantíssimo, assim, aquela visão de procurar canalizar essas pessoas que começaram a se questionar que procedimentos poderiam adotar para interagir com esta realidade, canalizar o interesse dessas pessoas para dentro do Fórum de Convivência com o Semi-Árido para que lá elas pudessem estar juntas, ser o seu primeiro momento assim de debates comunitários discutindo os problemas da própria comunidade e a partir daí elas começarem a ter outras iniciativas, querer construir algo mais.

... uma maior contribuição... uma questão metodo-

lógica que o curso adotou de trabalhar com o humano, com o emocional, com a afetividade das pessoas, procurar fazer que a gente pense em fazer interações mais assim movidas pelo gostar, mais movidas pela questão da afetividade, do sentimento, e isso com certeza contribui, influenciou muito em mim, pra mim fazer assim, por que em alguns momentos a gente pode, ter, correr aquele risco de ter uma visão muito técnica da coisa. Querer resolver muito pelo técnico, pelo do que a gente tem de conhecimento formado e se esquece um pouco de trabalhar o humano, de trabalhar a convivência uns com os outros, que isso é necessário, é fundamental pra que se fortaleçam as correntes, se fortaleçam os grupos para que eles se transformem em equipes de trabalho. Então isto contribuiu pra mim, pra mim ter essa abertura maior pra trabalhar a pessoa em si, os anseios e procurar nos unir pelos nossos ideais, pelos nossos anseios, pelos nossos sonhos e valores.

... é um caminho... a gente tem uma luz... começa a questionar um pouco de como nós estamos caminhando... questionar nossa caminhada. E os resultados dependem muito da forma como se caminha... A medida que o curso... nos questiona de como estamos caminhando ele também nos incentiva a procurar caminhar melhor com vistas a resultados mais positivos.

“É importantíssimo porque faz com que a gente tenha uma visão mais ampliada do que nós estamos fazendo... E esta prática refletida, essa questão do sentido da trajetória? Do porque estamos fazendo? onde eu quero chegar? O que está me influenciando pra isso? Faz com que a gente reconstrua um pouco as nossas idéias, reformule um pouco idéias que podem não estar levando aos objetivos coletivos, aos objetivos que realmente condizem com os nossos valores e isso nos dá essa possibilidade de desenvolvimento pessoal e conseqüentemente comunitário.

Concluímos, o processo de avaliação do curso, agradecendo a todos e enfatizando que as conquistas eram coletivas e resultantes dessa trajetória parceira, potencializada pela compreensão cada vez mais ampla do saber popular e de sua capacidade de transformação através da ecopraxis.

(In)Conclusões e Perspectivas

Enquanto relação democrática, o diálogo é a possibilidade de que disponho de, abrindo-me ao pensar dos outros, não fenecer no isolamento.

... um poema, uma canção, uma escultura, uma tela, um livro, uma música, um fato, um feito, um acontecimento, jamais têm, explicando-os, uma única razão. Um acontecimento, um fato, um gesto, de amor ou de ódio, um poema, um livro se acham sempre envolvidos em densas tramas, tocados por múltiplas razões de ser, de que algumas estão mais próximas do ocorrido ou do criado, de que algumas são mais visíveis enquanto razão de ser. (FREIRE, 1994, p. 120).

Ao revisitar a tese, constato que os povos do sertão possuem efetivamente um saber que lhes proporciona condições de resistência e de mobilização na busca de seus devires. Mesmo assim vivem um cotidiano de falta d'água, de seca, de convivência com as intempéries do semi-árido, com processos de subjetivação marcados pela miséria e a exploração, bem como a desumanização propostas por coronéis de ontem e de hoje, na expropriação do direito natural da terra que lhes viu nascer e crescer, que recebe seus afagos e rasgos no fecundar de novas flores e frutos.

Diante da inquietude proporcionada pelos vínculos radicais que me conectam ao sertão do Ceará, fui encaminhado a um retorno à terra e às poucas águas desse recanto do mundo. Em princípio por uma escolha deliberada de caminhar na direção do "interior", reencontrar a natureza e seus cuidados. Com uma motivação religiosa desperto para meu "franciscanismo ecológico-ambiental."

Depois, foi a imposição profissional de assumir um trabalho docente no sertão central do estado. Lá eclodiu a dissertação de mestrado, “O Tao Ecocêntrico, em busca de uma práxis ecológica.” O tao significa o caminho que se encontra ao caminhar numa potencialização da transcendência, do ser mais. Ecocêntrico significou um rompimento com o antropocentrismo, com o teocentrismo, com o cosmocentrismo, significando colocar como centro o ‘meio ambiente’, o eco, a casa, o lar. Para potencializar o caminho, ou melhor, para viabilizar o caminhar, precisava da prática refletida, consciente e, se esta práxis for ecológica, isto se faz mais viável, pois amplia a percepção incluindo as dimensões esquecidas e ou relegadas pelo humano, tal como a natureza e os outros seres não humanos e outros humanos.

Nesse trabalho continuo o trajeto. Compreendo que não era suficiente colocar o eco como centro, pois, isto ainda implicava em desqualificar outros. O eco-relacional visa manter o eco como referência fundamental inserindo-o em relações abrangentes que permitissem ampliar o campo paradigmático.

Compreendo que as transformações que desejamos passavam por uma práxis coletiva e não individual. Que passava por embates em favor dos oprimidos. Que esse povo tinha saber essencial e que esta ecopráxis somente se efetiva no câmbio qualitativo de uma curiosidade inata, oriunda do saber de experiência feito, por uma curiosidade epistemológica, constituída pelo saber criticizante.

Algumas “Palavr-Ações” a Título de (In)Conclusão

Um pesquisador que se pós-gradua em São Paulo se depara com um problema que é muito grave em sua região: água sendo comprometida por políticas públicas indevidas. Alguém que se depara com um distanciamento compulsório que proporciona a abstração desejável para um novo olhar, um novo perceber acerca do seu lugar. Foi um retorno às suas raízes mais profundas e um resgate em si de uma cultura sertaneja nordestina que se encontrava

abafada pelo furor do mundo acadêmico. Um etnocentrismo que se viu agradavelmente abalado e rompido na direção do eco-relacional.

Freire então acontece em nossos corações, florescendo o prazer de encontrar a riqueza do saber popular, da cultura residualmente oral, expressa em sua plenitude de vida, de 'saber de experiência feito', de metáforas, de causos do mundo vivido. E, atendendo a suas recomendações de refazer suas propostas, Nossa Contribuição às propostas freireanas foi através da explicitação mais intensa da ruptura com o paradigma antropocêntrico e na relação significativa e significante também como o não-humano. Entendendo, com Paulo Freire, o diálogo enquanto amor como abertura ao outro. Enquanto amor como espaço de crescimento mútuo, parceiro, compartilhado, interdependente. Enquanto diálogo que se dá em diversos níveis e instâncias e seres. Constitui-se em relações significativas com os outros humanos e não-humanos e com as multidensões que nos acercam e nos penetram por meio das múltiplas linguagens.

Paulo Freire considera, e nós concordamos com ele, como elementos essenciais da dialógica: Amor-afetividade, fé (confiança e esperança) e humildade, alteridade (valorização do outro enquanto outro portador e construtor de saber), horizontalidade. Ele propõe o "ser mais" em parceria, na construção do saber compartilhado consolidando a solidariedade. A dialógica é, na verdade, o modo privilegiado por meio da qual se expressa, na dimensão humano-social, a perspectiva eco-relacional.

A perspectiva eco-relacional – PER engloba a dialógica e a curiosidade epistêmica como uma estrutura composta e indissociável através do que a tendência ontológica de ser mais se efetiva. A dialógica, enquanto 'modus operandis' eco-relacional, se concretiza em relações horizontais balizadas pela fé no outro, instituída pelo afeto ao outro, viabilizada pela humildade e confirmada pela criticidade.

A dialógica é mais que diálogo, constituindo-se como ente parceira inseparável da curiosidade epistêmica, definidora de uma ecopraxis capaz de resgatar a totalidade

perdida. A dialógica se dá numa estrutura dialética freireana que se distingue de outras formas de dialética em sua peculiaridade de associar como igualmente importantes infra e superestrutura, subjetividade e objetividade, materialismo e espiritualismo, dimensão do capital e dimensão cultural.

Desse modo foi sendo construído o alicerce de sustentação desse edifício, a tese que emergiu: Educação Ambiental Dialógica e a Perspectiva Eco-Relacional. Resumidamente, foi ligado linguagem, pensamento e mundo; associado a Irauçuba, onde vive uma comunidade residualmente oral do sertão nordestino.

Irauçuba, cidade que esconde belezas sem fim. Cidade amiga de amigos que se fazem mais e se abrem numa busca de ser mais constante. Tornou-se recanto e lugar de constituição de redes de saber, de costura de saberes parceiros que nos fizemos mais.

Quero lembrar que o título da tese que me trouxe até este livro, traz um percurso desejante aliado a uma trajetória de significação: Educação Ambiental Dialógica e Representações Sociais da água em Cultura Sertaneja Nordestina: uma contribuição à consciência ambiental em Irauçuba – CE (BR). Ela me remete a um transpassar da vida no corpo da tese. Modificações reais e permanentes eclodiram no corpo da pesquisa, dos pesquisadores, dos pesquisados.

Nosso ícone tornou-se a *Asa Branca*, pássaro que representa a resistência do povo nordestino diante do embate da “seca.” Esta imagem aparece como retrato desse povo com quem interagimos e nos descobrimos em nossa nordestinidade.

O que se pretendeu foi a primeira pergunta de quem propõe uma ecopraxis, uma ação-reflexão abrangente fundamentada na Perspectiva Eco-Relacional que, por sua vez, engloba as relações entre os seres humanos e os outros humanos, o outro sociedade e o outro natureza humana e não humana, viva e não viva; que enfatiza o sócio-político sem detrimento ao eco-natural.

Quando iniciamos o trabalho com história oral tivemos a colaboração ostensiva de Ângela Linhares que

se ofereceu para estar conosco nos primeiros procedimentos de pesquisa utilizando esta metodologia. Quando, juntamente com Ângela, Pedro Henrique e Nitamo Helder, estabelecemos o trânsito. Fomos em busca de quem falasse pelo lugar.

Perguntamos pelas lutas deles. Quando se mobilizou o depoimento, o contar da história, isto foi feito interrogando sobre as lutas para a conquista de seus desejos enquanto movimento social. Buscamos o percurso desejante desses grupos.

A teia de representações sociais da água permitiu que levantássemos temas geradores e situações-limites que serviram como a “pedra na vereda” com a qual nos deparamos e que pode ser percebida como um obstáculo intransponível ou um trampolim que nos leva a ver e dar um salto mais adiante.

Nesta vereda nos encontramos com a invisibilidade e visibilidade da água, na qual constatamos uma resistência forte à condição imposta pela mídia, em uma ‘invasão cultural’, na qual uma tatuagem estabelece a miséria colada à falta da água, a seca e a desertificação. Opondo-se a isso a comunidade rejeita esses problemas na tentativa de se dissociar do estigma de miseráveis que comem calango e xiquexique. Isto precisa ser refletido para que potencializem seus movimentos populares na reivindicação de seus direitos básicos, dentre eles o acesso à água de qualidade e em quantidade suficiente. A água, nessa interpretação, não aparece de imediato como problema. É possível que esta invisibilidade da água caracterize, enquanto problema, esta resistência diante da impossibilidade de mudança desse quadro, pelo menos em curto prazo.

Noutra categoria interpretativa, vemos a fissura entre o vivido e o pensado no saber sobre a água, discute-se a ecopráxis e o fio de Ariadne, entendendo que essa ruptura se dá no contexto de uma luta inglória do sertanejo, da sertaneja, pela água, por qualidade de vida aceitável. Assim, tenta-se pensar-agir os problemas de uma água sem qualidade, que vem de vez em quando, ou que se desdobra em desgaste físico para ter acesso a ela. Isto parece impli-

car numa fragmentação que isola aspectos resolvíveis do problema numa espécie de estratégia de sobrevivência. Aqui, vimos no movimento de compreensão dessa representação social a necessária conexão entre os processos de desejos inscritos nas referências sobre o mundo vivido e sua necessária vinculação com os percursos políticos e de criticização da luta popular vividas pelos grupos sociais.

O Divino e a (in)finitude vêm apresentar, por sua vez, que a instância sagrada, divina, oferece um poder que as relações políticas locais não tem proporcionado. Permite ao ser humano do sertão um feixe de esperança permanente, capaz de mantê-lo vivo e atuante, dentro de um contexto de relações profundamente desiguais e injustas com o poder público que ainda continua surdo aos reclamos populares. Observou-se que a instância divina é chamada após a constatação e o pesar ante os desmandos e a absurdos das situações de miséria causadas por um contexto opressivo. É nessa hora que os grupos recorrem ao Sagrado como último reduto de força capaz de fortalecê-los ante árduos embates sociais. Parece-nos que uma visão de fatalismo não predominava quando o Sagrado era chamado a intervir, mas o que emergia era uma interligação com uma esfera superior ordenadora do mundo convocada a intervir.

Do natural à naturalização, ao utilitarismo e à monetarização, vem demonstrar o natural associado à infinitude, sofrendo apagamentos para a monetarização e o utilitarismo nas representações sociais da água. Isto ocorre por força do antagonismo entre o humano e os agentes mediadores na relação com a água. A naturalização da problemática da água se dá mediante um maciço processo de aculturação imposto pelo discurso da elite e da mídia, a serviço do poder hegemônico, que justifica a impossibilidade de resolver esse problema por estar numa alçada para além da sua, a própria natureza que gera o problema. Ou ainda, uma água que adquire valor de acesso e, portanto, de uso, implicando em um bem disponível conforme seja a condição financeira daquele que dela se utiliza.

Nenhum desses deslizamentos faz-nos levar a ab-

solutizações. Na verdade não há um esquecimento por completo de um aspecto ou de outro. A oralidade, por utilizar imagens da vida gregária, associada a “causos”, metáforas, histórias de vida, fica pouco a vontade com o distanciamento que se dá com a relação com a água quando esta relação passa a ser mediatizada, essencialmente, pelo aspecto monetário. A história do Jerimum, o dessalinizador, as peripécias do chafariz e do carro-pipa, a coceira e o problema constante da dificuldade no tratamento e distribuição da água, compõem um quadro imagético de condições da água que reitera essa vinculação gregária e a sua forma de relação com a água tão ligada as experiências coletivas com seu acesso aos mananciais, rios, açudes, ainda como parte intrínseca de suas vidas.

A percepção de usufruto individual e bem social da água vem apontar drasticamente os vieses resultantes de embates que socialmente parecem ser mais difíceis. Uma lógica individualista própria do capitalismo justifica que cada um busque suas formas pessoais de resolver seus problemas. Precisamos caminhar na contramão dessa cultura alienígena em uma perspectiva de valorização da cultura local, dos movimentos organizados e solidários que favorecem, certamente, a potencialização do povo de Irauçuba em sua práxis na consolidação dos seus anseios e significados.

Esse trabalho pretendeu contribuir com essas reflexões-ações. Reinsere a problemática ambiental numa perspectiva eco-relacional. Retomar a educação ambiental enquanto instância privilegiada para debatermos a relação humano-sociedade-natureza com uma proposta popular e voltada para o resgate de relações que possam beneficiar todas as dimensões.

Do ponto de vista ambiental, a relevância dessa investigação-intervenção engajada pode ser visualizada ao retomarmos à perspectiva popular como eixo dos debates e produção de conhecimento que pretende contribuir com a verdadeira solução parceira dos problemas ambientais locais.

Do ponto de vista social, a importância desse traba-

lho se deve a poder inserir no âmbito decisório os principais implicados pelas políticas públicas, a população como um todo, em particular os que não têm tido oportunidade de serem escutados.

Do ponto de vista científico enfatizamos o encontro pensado e sistematizado do saber próprio da educação ambiental e da proposta por Paulo Freire para a produção de saber através da educação popular na constituição da educação ambiental dialógica, orientada pela Perspectiva Eco-Relacional.

Do ponto de vista popular já temos frutos, tais como a constituição de um fórum local, de um curso-diálogo realizado, de mobilização popular ativa e atuante, de realizações concretas resultantes de práxis sociais construídas de modo parceiro. De perspectivas claras do ponto de vista político que podem resultar em mudança estrutural da cidade de Irauçuba.

Fui avançando em transformações autênticas que implicaram e explicitaram um outro pensar, uma outra percepção, outra leitura de mundo. O outro ganha um respeito que antes acreditava já possuir. A auto-estima se potencializa ao estimar mais adequadamente o saber do outro.

O ambiental passa a ser visto como uma realização cotidiana que resulta em escolhas políticas e ações mais ou menos condizentes com as múltiplas dimensões, em suas especificidades. Em outras palavras, nem sempre as escolhas se caracterizam por serem favoráveis a um equilíbrio imediato do conjunto multidimensional maior, pois essas opções não podem ser dissociadas de outras práticas e pensares sociais da comunidade. Entretanto, a ecopráxis faz com que a maioria das dimensões sejam pensadas quando da ação e dos resultados da ação. A compreensão da teia de relações impõe uma criticidade que restitui a produção de um saber parceiro que reconhece a importância do coletivo no contexto decisório.

O tensionar dos nós críticos e sua tessitura, sua urdidura na Perspectiva Eco-Relacional permitiu a costura das considerações finais. Ao refletir acerca do núcleo duro

das RS da água em Irauçuba chegamos à conclusão de que, o mais provável, seria que a RS da água estaria associada a “preconceito social.” Ou seja, diluem o problema da água em razão de considerarem haver uma relação em “serem menos” diante da opinião pública, da mídia que os associa a miseráveis que comem calango e não têm água para nada.

Aí vislumbramos o confronto entre a contradição “bairrismo” (orgulho do povo por seu lugar) e problemas com a auto-estima (ligado à visão de “mortafome” – “mortasede”). Outro aspecto associado se liga à vergonha, ou seja, o medo do ridículo produzido pela mídia televisiva e impressa gerando um ponto cego.

Nota-se que a RS da água vinculada a situações desagradáveis de um conhecimento-tatuado implica em resistência permanente da comunidade em se aceitar vivendo esse problema que se apresenta de modo bastante contundente aos que observam de fora, desde outras culturas e outros lugares, outros olhares.

A tendência a se pensar certas construções sociais como dados da natureza, ou seja, a problemática da água como algo apenas da natureza, e não como algo também da ordem da cultura, pareceu-nos ser mais um meio de enfrentamento (apesar dos deslizamentos, apagamentos e desvelamentos, conforme já nos referimos) presente nos processos crescentes vividos nas lutas populares.

As construções sociais nos processos de resistência popular (tais como prêmio ou castigo, dado conforme atenda a cartilha da prefeitura ou não, beneficiar ou não de acordo com interesses políticos) passam a ser percebidas como mutáveis e passíveis de enfrentamento. Isto, por outro lado, não significa que haja o desconhecimento, por completo, das particularidades geofísicas relacionadas à questão da água, entretanto, os grupos populares, em maior medida, reconhecem que a gravidade maior desses problemas está na dimensão da política.

Na verdade esse é o grande desafio para o movimento popular de Irauçuba. Caminhando para além das particularidades desse ambiente geofísico, torna-se urgente

o trabalho de ampliação e aprofundamento da criticização coletiva e permanente do povo na direção de percepções da construção social da problemática da água.

O saber dos percursos populares localiza as especificidades dessa construção e suas possibilidades de enfrentamento. A educação ambiental dialógica não pode prescindir da busca desse saber construído nos embates de conformação popular com suas singularidades vincadas a esse ambiente do sertão.

O percurso desejante, impulsionado pela afetividade, encontrou sentido no que pretendia, para quem pretendia e a quem beneficiaria. Prenhes de amor caminhamos na relação com o popular, com os marcadores sociais do discurso dos bairros de Irauçuba e fomos construindo o saber parceiro acerca da relação com a água, com a natureza, com a cidade, com suas problemáticas sócio-ambientais.

Fomos fortalecendo a interface sujeito individual (aspirações pessoais) e sujeito coletivo (aspirações sociais) e nesta teia a intervenção foi possível contribuindo com a mobilização social, o processo crescente de organização dos grupos populares visando à concretização de seus ideais de qualidade de vida aceitável. Ampliou o exercício de desvelamento das construções sociais sobre a água como forma de resistência ao problema.

Parece-nos que os objetivos alcançados nessa interação, além, de proporcionar o encontro dos saberes e todo o movimento dialógico advindo desses momentos de reflexão teórico-prática, permitiu-nos um processo de vincular a necessária compreensão da realidade da água de Irauçuba com as tematizações políticas feitas pelo Fórum, uma instância agregadora coletiva maior.

Todos nós, ao final da caminhada, concordamos que muito foi viabilizado, mas muito ainda temos a caminhar e isto é muito bom, pois que vamos nos fazendo mais enquanto nos tornamos mais. Vamos desvelando a razão de ser dos fenômenos, das relações e corporificando os sonhos possíveis que de inéditos se viabilizam nos embates parceiros e solidários. A ecopraxis eco-relacionada permite a construção desses saberes que repercutem na

concretização de conquistas dialógicas.

O sertão ganha novas cores... Caem as primeiras chuvas. O verde se espalha pelo chão. O sorriso se estampa nos rostos esperançosos por um novo 'inverno' que traz fartura na colheita... E a vida continua...

Referências Bibliográficas

ALENCAR, José de. *O sertanejo*. São Paulo: Clube do Livro de São Paulo, 1952.

ALMEIDA, Rita de Cássia de. *Memórias do rio do Monjolinho: o processo de urbanização e os impactos sobre os recursos hídricos*. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental). São Carlos: Escola de Engenharia de São Carlos / USP, 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. *NBR- 6023: Referências bibliográficas*. Rio de Janeiro, 1989.

_____. *NBR- 10520: Apresentação de citações em documentos*. Rio de Janeiro, 1990.

AGENDA 21. *Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento*. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2000.

ARAÚJO FILHO, João Ambrósio. Dados de entrevista. In: ARAÚJO, Ariadne. A mão do homem desanda a natureza. *Jornal O Povo*, Fortaleza, 16 de dez. 2001, p. 3. (Caderno Ciência e Saúde).

ARAÚJO, José Amaury de Aragão (Coord.) *Barragens do Nordeste do Brasil: experiências do DNOCS em barragens na região semi-árida*. 2. ed. Fortaleza: DNOCS, 1990.

ARRUDA, Ângela M. S. O Estudo das Representações Sociais: uma contribuição à psicologia social no nordeste. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v. 1, n. 1. p. 05-14, jan/dez., 1983.

_____. *Representações sociais: emergência e conflito na psicologia social*. Rio de Janeiro: Anuário do Laboratório de Subjetividade Política, 1992.

_____. *Ecologia e desenvolvimento: representações de especialistas em formação*. In: SPINK, M. J. et al.(Org.) *O conhecimento no cotidiano*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Tradução de Antônio de P. Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Tópicos).

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BARROS, Lícia M. S. B. & SENNA, Arlindo B. *Homem rural nordestino: proposta para o seu desenvolvimento*. Salvador: UFBA, 1989.

BEZERRA, Evandro. *A terra e a irrigação no Nordeste*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1996.

BONFIM, Zulmira Áurea Cruz & ALMEIDA, Sandra F. C. Representação social: conceituação, dimensões e funções. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v. 9, n. 1/2, p. 51 – 74, Jan/Dez., 1991/92.

_____. *Representação social: conceituação, dimensões e funções*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Brasília:

Universidade de Brasília – UnB, 1992.

BORGES, Janice R. Placeres. *A percepção social como um instrumento para o gerenciamento hídrico: elementos para uma proposta metodológica*. Montevideu, Uruguai: IICA, 1999. Disponível em: <<http://www.iica.org.uy>> .

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BOTELHO, Caio Lóssio. *Secas, visão dinâmica, integrada e correlações*. Fortaleza: ABC Fortaleza, 2000.

BOTURA, Giovana. *A compreensão das formas de relação da população com o meio ambiente: estudo de caso no reservatório de salto Grande (Americana-SP)*. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental). São Carlos: Escola de Engenharia de São Carlos / USP, 1998.

BOFF, Leonardo. *Ecologia, grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. *A educação como cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Somos as águas puras*. Campinas: Papirus, 1994.

_____. *Memória sertão*. São Paulo: Cone Sul/ Ed. UNIU-
BE, 1998.

BRASIL. Ministério de Minas e Energia – MME. *O estado das águas no Brasil: perspectiva de gestão e informação de recursos hídricos*. Brasília: Agência Nacional de Energia Elétrica – ANEEL, 1999. (Cd-Room).

_____. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, 1988.

_____. Ministério da Educação – MEC: Instituto Nacional

de estudos e Pesquisas Educacionais – INEP. *Educação ambiental. Em aberto*. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.

_____. Ministério da Educação – MEC: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP. *Educação ambiental: experiências e perspectivas*. Brasília: INEP, 1993.

_____. Ministério da Educação e do Desporto – MEC. *Educação ambiental*. Brasília: Coordenação de Educação Ambiental – MEC, 1997.

_____. Ministério da educação e do desporto. *Parâmetros curriculares nacionais: meio-ambiente*. Versão preliminar. Brasília: MEC, 1995.

_____. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 5 de outubro de 1988.

_____. Ministério do Meio Ambiente – MMA – Programa Nacional do Meio Ambiente II – PNMA II: Diagnóstico da Gestão Ambiental nas Unidades da Federação. *Relatório Final do Estado do Ceará*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente – MMA, 2001.

BROW, A. J. & DOWLING, P. C. *Doing research, reading research: a mode of interrogation for educacion*. London: Falms Pass., 1997.

CAPRA, Fritjof. *Ecologia profunda, um novo renascimento*. *Revista Toth*, São Paulo, Palas Atena, n. 57, 1992.

_____. *Princípios da alfabetização ecológica*. São Paulo: Elmwood Institute, s.d. (Mimeo).

CARDOSO, Cancionila. *Da oralidade à escrita: a produção do texto narrativo no contexto escolar*. CT: UFMT/INEP/MEC, 2000.

CARTA DE BELGRADO (1975). Iugoslávia: UNESCO. In: *Sistema Brasileiro de Informação sobre Educação Ambiental e Práticas Sustentáveis*: Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/sdi/cbeclg.cfm>>, 2002.

CARSON, R. *Primavera silenciosa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

CASCINO, Fábio. *Educação ambiental: princípios, história, formação de professores*. São Paulo: SENAC, 1999.

CEARÁ. Governo do Estado do Ceará. *Plano de desenvolvimento sustentável: 1995 -1998*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará – IOCE, 1995.

_____. Secretaria dos Recursos Hídricos – SRH. *Plano Estadual de Recursos Hídricos: Atlas*. Fortaleza: SRH, 1992, 4v, v. 1.

_____. IPLANCE. *Atlas do Ceará*. Mapa colorido, Escala 1: 1.500.000. Fortaleza: IPLANCE, 1997.

CIPRIANI, Roberto. Biografia e cultura: da religião a política. In: SIMPSON, Olga DE Moraes V. (Org.). *Experimentos com histórias de vida*: Itália – Brasil. São Paulo: Vértice, 1998.

COIMBRA, Roberto, ROCHA, Ciro L. & BEEKMAN, Gertjan Berndt. Recursos hídricos; conceitos, desafios, capacitação. In: BRASIL. Ministério de Minas e Energia – MME. *O estado das águas no Brasil: perspectiva de gestão e informação de recursos hídricos*. Brasília: Agência Nacional de Energia Elétrica – ANEEL, 1999. (Cd-Room).

COIMBRA, Roberto, ROCHA, Ciro L. & BEEKMAN, Gertjan Berndt. Recursos hídricos; conceitos, desafios, capacitação. In: BRASIL. Ministério de Minas e Energia – MME. *O estado das águas no Brasil: perspectiva de gestão e informação de recursos hídricos*. Brasília: Agência Nacional de Energia Elétrica – ANEEL, 1999. (Cd-Room).

CONDINI, Paulo. *Educação ambiental: a qualidade das águas*. São Paulo: Secretaria de Estado do Meio Ambiente – SMA, 1998.

CONDINI, Paulo. *Educação ambiental; a qualidade das águas*. São Paulo: Secretaria de Estado do Meio Ambiente – SMA, 1998.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO

AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO HUMANO – CNUMAD – 1992. *AGENDA 21*, Edição brasileira. Brasília: Ed. do Senado Federal, 1994.

CONFERÊNCIA Intergovernamental sobre educação ambiental – Tbilisi (URSS). (1977). In: UNESCO (1980). *La Educación Ambiental*. Las grandes orientaciones de la conferencia de Tbilisi. París: Ed. Unesco, 1980.

CONFERÊNCIA Nacional de Educação Ambiental. *Declaração de Brasília para a Educação Ambiental*. Brasília: MMA/MEC, 1997.

CONSELHO DA TERRA. *La Carta de la Terra: valores y principios para un futuro Sostenible*. San Jose – Costa Rica: 1998. [Conselho da Terra].

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO – CMMAD. *Nosso futuro comum*. 2. ed. Tradução de Our Common future. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

COUTINHO, M. *Os desafios historiográficos e educacionais da ecologia contemporânea*. Ministério da Educação e do Desporto. *Em aberto*, Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1992.

COIMBRA, Roberto, ROCHA, Ciro L. & BEEKMAN, Gertjan Berndt. *Recursos hídricos: conceitos, desafios, capacitação*. Brasília: Agência Nacional de Energia Elétrica – ANEEL, 1999.

CHAUÍ, MARILENA S. *Espinosa, uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995.

CLUBE DE ROMA (Donella H. Meadows, Dennis L. Meadows, Jorgen Randers e William W. Behrens III). *Limites do crescimento*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CRESPO, Samyra. Educar para a sustentabilidade: a educação ambiental no programa da agenda 21. In.: NOAL, F. O., REIGOTA, M., BARCELOS, Valdo H. L. *Tendências da educação ambiental brasileira*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

CRUZ, Henryette Patrice, COIMBRA, Roberto Moreira, FREITAS, Marcos Aurélio Vasconcelos. Vulnerabilidade Climática e Recursos Hídricos no Nordeste. In: BRASIL – Ministério de Minas e Energia – MME. *O estado das águas no Brasil: perspectiva de gestão e informação de recursos hídricos*. Brasília: Agência Nacional de Energia Elétrica – ANEEL, 1999. [Cd-Room].

CUNHA, Euclides. *Os sertões*. 29. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

CUNHA, L. H. de O. Significados múltiplos das águas. In: DIEGUES, A. C. (Org.). *A imagem da água*. São Paulo: Hucitec / USP, 2000.

CURTIS, H. *Biologia*. 2. ed. Tradução de Heni Sauaia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1977.

DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 1996.

DECLARAÇÃO da Conferência Intergovernamental de Tbilisi sobre Educação Ambiental, 1977. In: UNESCO. *La Educación Ambiental: Las Grandes Orientaciones de la Conferencia de Tbilisi*. Paris: Ed. Unesco, 1980.

DECLARACION de Thessaloniki. In: *Conferencia Internacional Medio Ambiente y Sociedad: Educación y Conciencia Pública de la Sustentabilidad*. Thessaloniky, 8/12 Dez. 1997. Boletim “E”, Primavera 1998 – WWF, 1998.

DEMARTINI, Zelaide Brito F. História de vida na abordagem de problemas educacionais. In: SIMPSON, Olga de Moraes V. (Org.). *Experimentos com histórias de vida*: Itália – Brasil. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1998.

DEMO, Pedro. *Avaliação qualitativa*. Campinas: Autores Associados, 1996.

DIAS, Genebaldo F. *Educação ambiental: princípios e práticas*. São Paulo: Gaia, 1994.

DIAS, Genebaldo F. Os quinze anos da educação ambiental no Brasil. In: BRASIL. Ministério de Educação – MEC. *Em*

aberto. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1991.

DIAS, Regina L. F. *Intervenções públicas e degradação ambiental no semi-árido cearense (o caso de Irauçuba)*. Fortaleza: 1998. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará – UFC.

DI CIOMMO, R. C. *Ecofeminismo e educação ambiental*. São Paulo: Cone Sul Ed., 1999.

DIEGUES, A. C. (Org.). *A imagem da água*. São Paulo: Hucitec / USP, 2000.

ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL – EPEA. *Anais...* UNESP-Rio Claro, UFSCar e USP. 2001. [Cd Room].

FAZENDA, Ivani. Reflexões metodológicas sobre a tese: “Interdisciplinaridade – um projeto em parceria.” In: FAZENDA, Ivani (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1989.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio: Século XXI eletrônico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.[Cd-Room].

FIGUEIREDO, João B. A. A Teoria das representações sociais de Durkheim à Moscovici. In: PAREDE, Antonia et al. *A teoria das representações sociais em diferentes perspectivas*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1999a.

_____. *O tao ecocêntrico, em busca de uma práxis ecológica*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará – UECE. 1999b. 175p.

_____. Representações Sociais e Educação Ambiental. ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL FORMAL, *Anais...* Recife: Instituto de Ecologia Humana, 2000. (Cd-Room).

_____. A Teia de Representações Sociais entre Água e Natureza. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

AMBIENTAL. *Anais...* Rio Claro: UNESP-Rio Claro, UFSCar e USP, 2001. (Cd-Room).

_____. A relação como fundamento: o fio de Ariadne na reflexão sobre Ecopráxis. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPED. *Anais...* Caxambu: Associação nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2001a. (Mimeografado / Cd-Room).

_____. Educação ambiental e representações sociais em cultura residualmente oral. In: JORNADA INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS. *Anais...* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001b. (Mimeo).

_____. A Teia de Representações Sociais entre Água e Natureza. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL – EPEA. *Anais...* Rio Claro: UNESP-Rio Claro, UFSCar e USP, 2001c. (Cd-Room).

FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FORSBERG, Curt. Limnological research can improve and reduce the cost of monitoring and control of water quality. *Hydrobiology*, v. 86, p. 143-146, 1982. ISSN: 0018-8158/82/0862-0142/500.80. Dr. W. Junk Publishers, The Hague. Printed in the Netherlands.

FÓRUM Global 92. *Tratado de educação ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade local*. Aprovado no Fórum Internacional das Organizações Não-Governamentais e Movimentos Sociais no âmbito do Fórum Global Eco-92. Rio de Janeiro: Fórum das ONGs, 1992.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Conscientização: teoria e prática da libertação –*

uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

_____. *Educação e mudança*. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

_____. *Extensão Ou Comunicação?* Tradução de Rosisca D. de Oliveira. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 39. ed. São Paulo: Cortez, 1992b.

_____. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'água, 1993.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. *Cartas a Cristina*. São Paulo: Paz e Terra, 1994b.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

_____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000b.

_____. *A Educação na cidade*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000c.

_____. *A sombra da mangueira*. 4. ed. São Paulo: Olho d'água, 2001.

_____. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Organizado por Ana M. A. Freire. São Paulo: UNESP, 2001b.

_____. *Fala de Paulo Freire aos sem terra*. In: CALDART, Roseli S. & KOLLING, Edgard Jorge (Orgs.). *Paulo Freire um educador do povo*. Veranópolis, Representações Sociais: ITERRA– Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da

Reforma Agrária, 2001c.

_____. & GUIMARÃES. *Aprendendo com a própria história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. & NOGUEIRA, Adriano. *Que fazer: teoria e prática em educação popular*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. & MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura da palavra, leitura de mundo*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. & SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Tradução de Adriana Lopez. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001c.

_____. & HORTON, Myles. *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*. Organizadores Brenda Bel, John Gaventa e John Peters., tradução de Vera L. M. Joceline. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In.: BRANDÃO, C. R. Pesquisa participante (Org.). São Paulo: Brasiliense, 1981.

FREITAS, Marcos A. V. de & SANTOS, Afonso H. M. Importância da água e da informação hidrológica. In: BRASIL – Ministério de Minas e Energia – MME. *O estado das águas no Brasil: perspectiva de gestão e informação de recursos hídricos*. Brasília: Agência Nacional de Energia Elétrica – ANEEL, 1999. [Cd Room].

GADOTTI, M. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis, 2000. (Série Brasil Cidadão)

_____. *História das idéias pedagógicas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, UNESCO, 1996.

GARCIA, Regina Leite. A busca de coerência: reflexões sobre produção do GT Educação Popular. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM

EDUCAÇÃO – ANPED. Caxambu, MG, 2001a. (Mimeo). Cd-Room.

GARDNER, Howard. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Arte Médicas, 1994.

GARRIDO, Raimundo José. O combate à seca e a gestão dos recursos hídricos no Brasil. In: BRASIL. Ministério de Minas e Energia – MME. *O estado das águas no Brasil: perspectiva de gestão e informação de recursos hídricos*. Brasília: Agência Nacional de Energia Elétrica – ANEEL, 1999. (Cd-Rom).

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. *Cartografias do desejo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. São Paulo: Guanabara Koogan, 1973.

GONSALVES, Elisa P. Desfazendo nós: educação e autopoiese. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPED. 23, *Anais...* Caxambu, 2000. (Mimeografado / CD Room).

GRÜN, Mauro. *Ética e educação ambiental, a conexão necessária*. Campinas: Papyrus, 1996.

GUIMARÃES, Mauro. *A dimensão ambiental na educação*. Campinas: Papyrus, 1995. (Coleção Magistério – Formação e Trabalho Pedagógico).

_____. *Educação ambiental: no consenso um embate?* Campinas: Papyrus, 2000. (Coleção Papyrus Educação).

HAGUETTE, M. T. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.

HAVELOCK, Eric. *A equação oralidade – cultura escrita: uma fórmula para a mente moderna*. In: OLSON, David R. & TORRANCE, Nancy. *Cultura escrita e oralidade*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997

HIRSCH, Joachim. *Globalización, capital y Estado*. México:

Universidade Autónoma Metropolitana; 1996.

HISTÓRICO de Irauçuba. Irauçuba: Prefeitura Municipal de Irauçuba, 1999. (Mimeo).

IBGE. *Censo Demográfico*. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1999.

IBGE. *Censo Demográfico*. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1996.

INSTITUTO Paulo Freire. PRIMEIRO ENCONTRO Internacional da Carta da Terra: a perspectiva da educação. São Paulo: IPF, 1999.

JODELET, Denise. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE REPRESENTAÇÃO SOCIAL E INTERDISCIPLINARIDADE. 1, João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba – UFPb, 1997. (Comunicação Pessoal).

_____. *Representações sociais: um domínio em expansão*. Paris – França: PUF, p. 31-61, 1991. (Mimeo).

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.

KHUN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

KRAMER, Sonia. *Por entre as pedras: arma e sonho na escola*. São Paulo: Ática, 1993.

LANE, Silvia T. M. & CODDO, Wanderley (Orgs.). *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LANE, Silvia T. M. e SAWAIA, Bader Burihan (Orgs.). *No-vas veredas da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense: EDUC, 1995.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. A resolução de problemas ambientais locais deve ser um tema-gerador ou a atividade-fim da educação ambiental? In: REIGOTA, Marcos (Org.). *Verde cotidiano*. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

_____. Educação para a gestão ambiental: a cidadania no enfrentamento político dos conflitos. In: LAYRARGUES, Philippe Pomier (Org.). *Sociedade e meio ambiente*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, Carlos F. B., LAYRARGUES, Philippe Pomier, CASTRO, Ronaldo S. (Orgs.). *Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania*. São Paulo: Cortez, 2002.

LEONTIEV, Alexis. *O desenvolvimento do psiquismo*. Tradução de Manuel Dias Duarte. Lisboa – Portugal: Livros Horizontes, 1978.

LIMA, Almerly Cordeiro. *Guia para apresentação de trabalho intelectual*. Fortaleza: EUFC, 1985.

LINHARES, Ângela Maria Bessa. *O pensamento criador: narratividade enquanto ato criador: processos criativos na crítica da cultura*. Fortaleza: UFC, 2001. (Mimeo)

LURIA, Alexander Romanovich. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Tradução de Diana M. Lychtenstein & Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MARISA, V. C. et al. *Caminhos investigativos*. Porto Alegre: Mediação, 1996.

MATSUSHIMA, Kasue. Dilema contemporâneo e a educação ambiental: uma abordagem arquetípica e holística. Ministério da Educação – MEC. *Em aberto*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1991.

MATURANA, R. Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Tradução de José Fernandes C. Forte. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MAROTTI, Paulo S. & SANTOS, J. E. Narrativas orais como subsídio para um programa de Educação Ambiental Direcionado a uma unidade de conservação. In: SATO, Michèle &

SANTOS, José E. *A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora*. São Carlos: RiMa, 2001.

MAZZOTTI, Tarso Bonilla. Representação social de problema ambiental: uma contribuição à educação ambiental. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 78, n. 188/189/190, p. 86-123, jan./dez. 1997.

MEKSENAS, Paulo. *Sociologia da educação*. São Paulo: Loyola, 1994.

MEADOWS, D. et al. *Os limites do crescimento*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

MICROSOFT Corporation. *Enciclopédia Microsoft Encarta*. 1993-2001. (Cd-Room)

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 1996.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE – MMA / MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. *Declaração de Brasília para a educação ambiental*. Brasília, DF: MMA / MEC, 1997.

_____. *Caatinga*. Disponível em: <[http:// www.mma.Org.br](http://www.mma.Org.br)>, 2002.

_____. *Desertificação*. Disponível em: <[http:// www.mma.Org.br](http://www.mma.Org.br)>, 2002.

MORAES, Edmundo Carlos de. *A construção do conhecimento integrado diante do desafio ambiental: uma estratégia educacional*. In: NOAL, F. O., REIGOTA, M., BARCELOS, Valdo H. L. *Tendências da educação ambiental brasileira*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. & FARR, Robert M. *Social representation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. Tradução de Pedrinho A. Guarechi. Porto Alegre, s.d. (Mimeo).

NISSANI, moti. "Fruits, salads, and smoothies: a working definition of interdisciplinary." *Journal of Educational thought*. v. 26, n. 2, 1995.

NISKIER, Moszek. *SOS Irauçuba*. Rio de Janeiro: Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro, 1985.

ODUM, Eugene P. *Ecologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

OLIVEIRA, Aldo da C. Água doce no mundo e no Brasil. In: REBOUÇAS, Aldo C., BRAGA, Benedito & TUNDISI, José Galizia. *Águas doces no Brasil, capital ecológico, uso e conservação*. São Paulo: Escrituras Editora, 1999a.

_____, BRAGA, Benedito & TUNDISI, José Galizia. *Águas doces no Brasil, capital ecológico, uso e conservação*. São Paulo: Escrituras Editora, 1999b.

OLIVEIRA, Carlos Henke. *Planejamento ambiental na cidade de São Carlos (SP) com ênfase nas áreas públicas e áreas verdes: diagnóstico e proposta*. Dissertação (Mestrado em Ecologia). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, 1996.

_____. *Planejamento ambiental na cidade de São Carlos (SP) com ênfase nas áreas públicas e áreas verdes: diagnóstico e proposta*. Dissertação (Mestrado em Ecologia). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, 1996.

OLIVEIRA, Haydée Torres. *Limnologia*. Programa de Pós-Graduação em Ecologia e recursos Naturais. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, 1999. (Notas de aulas).

OLIVEIRA, Manfredo A. *A crise da racionalidade moderna: uma crise de esperança*. Fortaleza: UFC/NEPS, 1988. (Série Estudos e Pesquisas Sociais, 12).

_____. *A ciência num mundo globalizado*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará- UECE, 1997a. (Comunicação Pessoal – audiocassete).

_____. *Tópicos sobre dialética*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997b.

_____. *Correntes Modernas da Filosofia da Ciência*. Pro-

grama de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará – UFC, 2000. (Notas de aulas).

OLIVEIRA, Elísio M. *Educação Ambiental: uma possível abordagem*. Brasília: IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, 1996.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papyrus, 1996.

P. G. Sly and B. T. Hart (Eds.) *Sediment/ Water Interaction*. 1989. Kluwer Academic Publishers. Printed in Belgium. 1989.

PETRELLA, Riccardo. *O manifesto da água: argumentos para um contrato mundial*. Petrópolis: Vozes, 2002.

PIAGET, Jean. *Biologia e Conhecimento*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

PILETTI, Nelson. *História do Brasil*. 14. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

PORRÉCA, Lúcia Maria. *ABC do meio ambiente: água*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos naturais Renováveis, 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura P. Relatos orais; do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga de Moraes V. *Experimentos com histórias de vida: Itália – Brasil*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

QUEIROZ, Renato S. Caminhos que andam: os rios e a cultura brasileira. In: REBOUÇAS, Aldo C., BRAGA, Benedito & TUNDISI, José Galizia. *Águas doces no Brasil, capital ecológico, uso e conservação*. São Paulo: Escrituras Editora, 1999.

QUEIROZ, Raquel. *O quinze*. 54. ed. São Paulo: Siciliano, 1993.

QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual*

de investigação em ciências sociais. Lisboa – Portugal: Gradiva, 1992.

RAMALHO, Elba Braga. *Luiz Gonzaga: a síntese poética e musical o sertão*. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 87. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

RANGEL, Mary, A representação social como perspectiva de estudo da escola. *Revista Tecnologia Educacional*. v. 22, n. 112, Maio/jun. 1993.

REBOUÇAS, Aldo da C. Água doce no mundo e no Brasil. In: REBOUÇAS, Aldo C., BRAGA, Benedito & TUNDISI, José Galizia. *Águas doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação*. São Paulo: Escrituras Editora, 1999a.

_____. BRAGA, Benedito & TUNDISI, José Galizia. *Águas doces no Brasil, capital ecológico, uso e conservação*. São Paulo: Escrituras Editora, 1999b.

REIGOTA, Marcos. *Meio ambiente e representação social*. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. *A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna*. São Paulo: Cortez, 1999.

REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental*. 1ª reimp. São Paulo: ed. Brasiliense, 1996. (Coleção Primeiros Passos).

REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. 34. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ROAZZI, A. & SANTANA, S M. *O adolescente e seus projetos de vida*. Portalegre (Portugal): Convenção Anual dos Psicólogos Portugueses, 1994. (Mimeo).

ROMÃO, José Eustáquio. *Pedagogia Dialógica*. São Paulo: Cortez/ Instituto Paulo Freire, 2002.

SAIANI, Cláudio. *Jung e a educação: uma análise da relação professor/aluno*. São Paulo: Escrituras Editora, 2000. (Coleção Ensaios Transversais).

SAKAMOTO, Leonardo. Sede de mudança. Revista *Superinteressante*. São Paulo, Abril, dez./ 2001, p. 337. (Caderno Especial Ecologia).

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. *Conceitos: para fazer educação ambiental*. 2. ed. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, 1997.

SARIEGO, José Carlos. *Educação ambiental: as ameaças ao planeta azul*. São Paulo: Scipione, 1994.

SATO, Michèle. *Educação ambiental*. 3. ed. São Carlos: UFSCar, 1995. (Mimeo).

_____. *Educação para o ambiente amazônico*. São Carlos: 1997. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas / Ecologia / Educação Ambiental) – UFSCar, 1997.

SATO, Michèle & SANTOS, José E. *A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora*. São Carlos: RiMa, 2001.

SÁ, Celso Pereira de. *Núcleo central de representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SÉ, João Alberto da Silva. *Educação ambiental nas bacias hidrográficas do rio Monjolinho e do rio Chibarro: ciência, educação e ação nos cotidianos de São Carlos e Embate (SP)*. Tese (Doutorado em Engenharia Ambiental). São Carlos: Escola de Engenharia de São Carlos / USP, 1999.

SIMPSON, Olga de Moraes V. (Org.). *Experimentos com histórias de vida: Itália – Brasil*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1998.

SORRENTINO, Marcos. Educação ambiental: avaliação de experiências recentes e suas perspectivas. In: Brasil: Ministério de Educação – MEC. *Educação ambiental: experiências e perspectivas*. Brasília: Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais, 1993.

_____. De Tbilisi a Thessaloniki. A educação ambiental no Brasil. In: CASCINO, F., JACOBI, P., OLIVEIRA, J. F. (Orgs.). São Paulo (Estado). Secretaria de Estado do Meio Ambiente/Coordenadoria da Educação Ambiental. *Educa-*

ção, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências. São Paulo: SMA/CEAM, 1998.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. *A história das idéias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas.* 2. ed. João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB, 1999.

SPINK, M. J. et al. (Org.) *O conhecimento no cotidiano.* São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais. In: GUARESCI, P. & JOVCHELOVITCH, S. *Textos em representações sociais.* 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995a.

_____. *Representações sociais e produção de sentido.* Programa de Pós-Graduação em psicologia Social da PUC. São Paulo: PUC, 1995b. (Comunicação Pessoal – Gravação em vídeo).

THERRIEN, Jacques. Saber e prática social do educador. *Cadernos da Pós-graduação em Educação*, Fortaleza: Faced – UFC, n. 5, 1996.

THOMAS, R. L. Problem of organization in the science, politics and management of water. *Hydrobiology.* v. 176/177, p. 7-16, 1989.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral.* Tradução de Lólio L. de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

TOURAINÉ, Alain. *Producción de la sociedad.* México – DF: Universidade Nacional Autónoma de México; 1995. (Capítulo 4: El sistema político o institucional; El Estado).

TRATADO de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. (1992). In: VIEZZER, L. Moema e Ovvalles, Omar (Orgs.) *Manual latino-americano de educação ambiental.* São Paulo: Gaia, 1994.

TUAN, Y-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.* Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUNDISI, José Galizia, TUNDISI, Takako Matsumura

& ROCHA, Odete. Ecosistemas de águas interiores. In: REBOUÇAS, Aldo C., BRAGA, Benedito & TUNDISI, José Galizia. *Águas doces no Brasil, capital ecológico, uso e conservação*. São Paulo: Escrituras Editora, 1999.

UNESCO. (1975). *Carta de Belgrado*. Iugoslávia: In: Sistema Brasileiro de Informação sobre Educação Ambiental e Práticas Sustentáveis: Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/sdi/ea/Cbelg.cfm>>, 2002.

UNESCO. *Educação para um futuro sustentável: uma visão transdisciplinar para ações compartilhadas*. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE MEIO AMBIENTE E SOCIEDADE – CMAS. / UNESCO. Tradução de UNESCO/ Antonio Neves S. Filho. Brasília: IBAMA, 1999.

UNGER, Nancy Mangabeira. *Da foz à nascente: o recado do rio*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VALLA, Victor Vincent. Procurando compreender a fala das classes populares. In: VALLA, Victor V. (Org.) *Saúde e educação*. Rio de Janeiro: DPCA, 2000.

_____. Pobreza, emoção e saúde: uma discussão sobre pentecostalismo e saúde no Brasil. In: ANPED. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/fev/mar/abr. n. 19. Campinas: Autores Associados, 2002.

VASCONCELOS SOBRINHO, J. *Desertificação do nordeste brasileiro: áreas em desertificação ocorrentes no Nordeste do Brasil; sua formação e sua contenção*. Pernambuco: Ministério da Educação e Cultura / Universidade Federal Rural de Pernambuco. Ed. Padilla, 1998.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. *Educação popular e atenção à saúde da família*. 2. ed. São Paulo: Hucitec: Sobral, CE: Uva, 2001 (Saúde Em Debate).

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VIEIRA, Vicente P. P. B. Água doce no semi-árido. In.:

REBOUÇAS, Aldo C., BRAGA, Benedito & TUNDISI, José Galizia. *Águas doces no Brasil, capital ecológico, uso e conservação*. São Paulo: Escrituras Editora, 1999.

VIEZZER, L. Moema e Ovvalles, Omar (Orgs.) *Manual latino-americano de educação ambiental*. São Paulo: Gaia, 1994.

VIGOTSKII, Lev Semenovich, LURIA, Alexander Romanovich & LEONTIEV, Alexis N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Tradução de Maria P. Villalobos. 2. ed. São Paulo: Ícone, 1989.

VILLIERS, Marq de. *Água*. Tradução de José Kocerginsky. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

WORLDWATCH INSTITUTE – WWI. Mensagem do Chefe Seattle. Doc. Divulgado pela Organização das Nações Unidas – ONU (Programa de Meio Ambiente). Direitos reservados ao WWI – Worldwatch Institute / MMA – Universidade Livre da Mata Atlântica. Disponível em: <[http // www. wwiuma.org.br](http://www.wwiuma.org.br)>, 2002.

Carta de Intenções Oriunda dos Debates Ocorridos no Curso – Referendada pelo Fórum de Irauçuba

Estamos vivenciando um momento delicado, no qual nossa sociedade torna-se cada vez mais vulnerável às respostas de nossas ações que vão desde o nosso agir à não-ação e o silenciarmos diante das circunstâncias.

São vários os motivos que apontam a degradação de nosso contexto social, desde fatores ecológicos, bem como fatores sócio-culturais, entretanto, nós, comunidade de Irauçuba aqui representada por professores, líderes de associações comunitárias e estudantes, não aceitamos esse projeto de administração nos moldes em que se apresenta, pois ele é portador de exclusão e declínio da nossa sociedade. E olhando para o futuro com grande esperança nós, os participantes do Curso e Fórum de Convivência Solidária Sustentável com o Semi-Árido, construímos esse documento que reflete nossas aspirações mostrando, para toda a sociedade civil e dirigentes de cargos públicos, vias de contribuição para o desenvolvimento desta cidade.

Princípios

1. Fomentar a proteção e a restauração de aquíferos locais, com especial preocupação com o bem mais precioso para a vida – a água, tendo como base:
 - a) Recuperação de nascentes dos rios, olhos d'água etc.;
 - b) Adoção de medidas eficazes para a recuperação e manutenção das matas ciliares;
 - c) Implementação de poços e dessalinizadores na região, bem como a recuperação dos que estão obstruídos;
 - d) Construção de barragens subterrâneas em todo o município;
 - e) Construção de pequenas represas em comunidades da zona rural, que não as possuam;
 - f) Intensificar a construção de cisternas de planas na zona rural, como garantia de água para consumo

- humano em tempos de estiagem;
- g) Manutenção das adutoras existentes no município que bombeiam água para a sede, como forma de assegurar o acesso à água a todos os cidadãos e cidadãs irauçubenses;
 - h) Recuperação da adutora dos Patos, hoje desativada.
2. Vigiar para que o município possua políticas voltadas à promoção de uma agricultura familiar sustentável, tendo como base:
- a) Ações para que a reforma agrária local seja uma realidade;
 - b) Crédito para que pequenos agricultores possam, de maneira justa, estabelecer uma agricultura familiar;
 - c) Condições para que o agricultor possa adquirir equipamentos mínimos necessários à manutenção e tratos agrícolas;
 - d) Profissionais para orientar e apoiar os agricultores pautados na nossa realidade de semi-árido;
 - e) Condições para que cada comunidade tenha seu próprio banco de sementes, garantindo a perpetuação de sementes de boa qualidade e adaptadas à nossa região;
 - f) Adoção à prática de agroflorestas como forma de buscar uma prática agrícola mais sustentável.
3. Exigir saneamento básico, como a única forma de viabilizar de modo preventivo a saúde de toda a população, tendo como base:
- a) Estações de tratamento de água que atendam a demanda que a população hoje requer;
 - b) Construção de rede esgoto em todos os bairros;
 - c) Aproveitamento dos resíduos sólidos, reciclando-os para minorar a falta de emprego e renda e buscar menos impacto ao meio natural;
 - d) Construção de lagoas de estabilização, garantindo melhor qualidade de vida e menos poluição

em nossos rios.

4. Requer eficácia dos poderes públicos constituídos, empenho para a geração de emprego e renda, tendo como base:
 - a) Criação de meios para viabilização da implantação de uma fábrica no município;
 - b) Disponibilização de recursos e profissionais que aproveitem potencialidades locais, como: artesanato, ovinocaprinocultura, piscicultura e ecoturismo;
 - c) Incentivo a pequenos negócios produtivos e cursos de capacitação técnica;
 - d) Acesso a terra pelas associações de produtores como uma realidade concreta.

Irauçuba, março de 2003.

ANEXO II

Relatando a Produção Coletiva da Intervenção Dialógica em Irauçuba – CE (“Educação Ambiental Popular Dialógica e Convivência Solidária Sustentável no Semi-Árido”)

Começamos por afirmar que somente o [ser humano], como um ser que trabalha, que tem um pensamento-linguagem, que atua e é capaz de refletir sobre si mesmo e sobre a sua própria atividade, que dele se separa, somente ele, ao alcançar tais níveis, se fez um ser de práxis. Somente ele vem sendo um ser de relações num mundo de relações. (FREIRE, 1992, p. 39).

Iniciamos o curso, no dia 14.01.2003, às 8h30min., apresentando nosso intuito de caminharmos juntos na construção de um saber parceiro. Ressaltamos nossa proposta dialógica e eco-relacional. Dissemos que acreditávamos no saber do outro. Falamos um pouco dos motivos que nos levaram a estar com eles.

Utilizamos um procedimento de sensibilização /

aquecimento que se deu com a audiência e reflexão sobre a música *Asa Branca* (Gonzaga e Teixeira, 1947) associada à imagem de um xiquexique em Irauçuba. Antes de construirmos a teia de representações sobre a música, discutimos a importância do diálogo e dos principais pressupostos necessários para estabelecê-lo. Pedimos para que anotassem as idéias que emergissem da nossa construção coletiva.

Solicitamos que cada um se colocasse, falasse algo que houvesse emergido com a escuta de *Asa Branca*, tentando expressar as impressões que eles tiveram e anotaram ao observar atento. Foi construída uma teia de representações, registrando no quadro verde os temas e a frequência com que apareciam as representações nas falas do grupo.

Teia de Representações sobre *Asa Branca*:

– Zelândia: seca no sertão; Dificuldades resultantes da seca; Êxodo.

– Nonato: Judiação – Seca; Adeus Rosinha – é preciso muitas vezes deixar “o lugar do afeto” – êxodo.

– Assis: *Asa Branca* – pássaro em extinção; Seca.

– Clairton: Judiação – mais derrota do que vitória trazendo o espírito forte; Não chore – “vamos vencer”.

– Eliabe: Sofrimento – seca.

– Marcelo: Êxodo na busca de algo melhor.

– Régis: Seca – castiga a terra com a secura.

– José dos Santos Coelho: Judiação; Lixo.

– Francisco Alves (cujo apelido é “25”): Seca – condicionamento.

– Rinaldo: Terra ardendo – Sol caudaloso; Falta de conhecimento para a falta com a terra; Judiação – seca; Adeus a terra – ir embora – êxodo.

– Francimilton: Êxodo rural; Falta de amor a terra; Pobreza; Falta de alegria.

– Cleilson: Retrato do povo nordestino – agricultor espera a chuva para o plantio; Seca leva à cidade grande – êxodo; Esperança do retorno.

– Marcelino: Parece que o compositor morava

em Irauçuba – retrato de Irauçuba; Não tem água; Falta dinheiro para se manter.

– Antônia Maria: Cobrança da natureza; Destruição do homem-natureza.

– Salete: Nem só o homem sofre, sofre também os animais. Os pássaros vão sofrer mais.

– Neide: Seca; Judiação com o solo, animais, humanos.

– Maruska: Conseqüências que a seca traz; Sofre o solo; Sofrimento dos animais; Fala a respeito do amor.

– Mirani: Problematização da seca; Mudança do meio ambiente; Êxodo rural.

– Regina: O sofrimento maior dos animais.

– Caetano: Saudade de outra época; Outrora o tempo mesmo seco era melhor; Saudade da família, da vida de outrora.

– Jailson: Deus – Judiação; Antes as coisas eram melhores; Hoje o pecado pode ser o motivo das dificuldades – bem como a distância do criador.

– Aldízio: Seca e o sertão; A chuva é pouca; A esperança do inverno.

– Cristiane: Êxodo.

– Fátima: Êxodo; Destruição dos animais.

– Clemilda: Seca – sofrimento para as pessoas e animais.

– Silda: Seca; Dificuldade; Esperança.

– Geirivanda: Terra ardente – seca; Pobreza – mísera – fome- sede de água; Esperança.

Gilvan: Prova de injustiça social; Egoísmo de uma elite; Desinformação do homem do interior do nordeste; Seca; Alienação; Os que sofrem e os que se aproveitam da seca.

– Gilvane: Perda; Êxodo.

Na discussão de alguns resultados, do ponto de vista quantitativo e qualitativo, verificamos que: seca aparece dezesseis vezes; êxodo aparece dez vezes; judiação ocorre seis vezes; sofrimento, cinco vezes; sofrimento dos animais, cinco vezes; amor, três vezes; pobreza, três;

esperança três. Subjetivamente, parece-nos que a temática que envolve sofrimento aparece de modo mais intenso. Portanto, sofrer, seca e êxodo são as representações mais marcantes, do ponto de vista quali-quantitativo, relacionadas à música *Asa Branca*. A teia pode oferecer maiores reflexões, temas geradores e situações-limites para o grupo, que reconhece uma identidade dessa música com o seu lugar. Isto foi explicitado pela maioria do grupo durante os debates, principalmente quando Marcelino, o Zé Celino, levantou a questão.

Retomando as falas que eclodem diante da reflexão, Nonato, em consequência da teia, trata do conceito de alienação, ao afirmar que “... nosso povo vive no limiar da sobrevivência, se derem qualquer coisinha ficam satisfeitos.”

Clairton diz que “em Irauçuba não tem dois sentidos, como em todo canto (vida-morte, noite-dia etc) só tem um por sermos acomodados.”

Gilvane retoma o sentido da esperança e fala do curso afirmando que “o curso transcende o conceito de curso, pois tratamos de nós, de nossos próprios problemas”. Outro afirma que “a seca é cíclica temos que conviver com ela”. Ressaltamos mais uma vez a urgente necessidade de valorização do saber popular, pois se existem núcleos de aparente alienação, existem fortes focos de resistência e embates na comunidade.

Zé Celino diz que “nos últimos quarenta e três anos em que vivi aqui só teve três anos bons [...]. Hoje tá é bom comparado com o que era antes...” Conta a história do Norato sobre a energia que era prometida e nunca chegava. Diante de uma pregação do padre na comunidade que ao falar da “bendita” energia, levanta-se Norato e diz: “seu padre num fale mais em energia não porque aqui a gente já tem demais, ninguém quer mais... É Enéas no Juá e a jia no açude e no Mandacaru num vem nunca...” Em outra fala Marcelino diz da necessidade de organizarem-se: “‘Nóis’ já sabe que ‘num’ vai ter inverno. A solução é ‘nóis’ nos reunir e conseguir o que precisa... emprego.”

Rinaldo fala que “o nordestino é um destemido”, tratando da fé de plantar na incerteza da chuva. Noutro

sentido, diz ele, a acomodação ocorre motivada pela exploração da boa fé desse povo. “O pouco de farinha que recebe... e a pessoa acha que deve obrigação.” Admoestando quanto ao uso do povo pelos políticos. Ele ainda afirma que a questão da seca, da água pode ser um problema menor através dessa troca de idéias. Que as duas questões básicas do nordeste seriam água e emprego. Que em toda guerra tem alguém que se aproveita da situação... guerra... seca... O Gilvan aproveita para denunciar que o Conselho Municipal de Desenvolvimento Sustentável – CMDS nunca foi realmente instalado no município.

O “25” retoma a discussão acerca de alienação, disse que não usa o termo “alienação” mas sim “dependência social”. Depois, mudando de assunto frisou que o Jerimum foi projetado para 5 anos e já deu para 6 anos (volume morto). Sangrou uma única vez e até hoje extraem água dele, embora de baixa qualidade. Lembrando ele que se foi utilizada certa quantidade de água, a mesma quantidade se perdeu... Informou que na sua gestão (secretário de agricultura) foram construídos 42 poços profundos e implantados 18 dessalinizadores. Gilvan retruca dizendo que em lugares como o Mici não há problemas de água, mas que na sede o problema é crucial.

Ressaltamos a idéia de que a prática social vivida por todos pode ser pensada também coletivamente. Essa “suspensão” do vivido para pensá-lo, segundo foram construindo, trabalhava o que qualificaram como dimensão política. Isto foi discutido em conseqüência de certas conversas mais reservadas informando que existiam pessoas no curso que sentiam medo quando se tocava em temas como a política por conta das pressões dos governantes locais.

Em seguida, apresentamos a teia programática do curso previamente planejada com alguns dos marcadores sociais. Fomos então avançando na direção dos temas e textos propostos, principiando com uma reflexão sobre o sentido do nome dado ao curso. Enfatizamos que não era apenas algo formal e sim algo molhado, carregado de sentido. Daí que “Educação Ambiental Popular e Convivência solidária Sustentável com o Semi-Árido” permite

pensarmos uma educação ambiental popular valorizando o saber popular e seus embates libertários como estratégia que objetiva contribuir com a convivência “solidária e sustentável” com o semi-árido. Ou seja, o conviver, aprimora-se em nossa interpretação, com o compartilhar, na práxis parceira, que permite a sustentabilidade do grupo enquanto grupo na interação com o seu meio ambiente.

Destacamos, ademais, que falar sobre esse trabalho significa se comprometer com ele. Nisto, implica refletir sobre o medo da discriminação como importante, considerando que existe hegemonicamente um modelo comparativo hierarquizante, no qual vemos uns como superiores, outros como inferiores. Convém sair desse padrão entendendo a impropriedade de comparações desse tipo em uma proposta que pensa a solidariedade, a parceria como modelo de relação.

Debatemos sobre a necessidade de superação de leituras etnocêntricas, ou seja, leituras de mundo que valorizam certas culturas como superiores a outras, para nos vermos como seres de igual importância. Não havendo seres menos e seres mais, mas seres que podem ser mais. Precisamos rever nossos paradigmas. A própria pedra com a qual nos deparamos na vereda que trilhamos pode ser vista como ponto final do percurso, um obstáculo, ou como trampolim impulsionador de um salto mais adiante.

Iniciamos o primeiro módulo antecedido de uma discussão sobre cultura versus natureza, com base em imagens produzidas para Paulo Freire quando da experimentação de sua abordagem pedagógica. Essas imagens foram criadas por Vicente de Abreu, inspirado nas imagens primeiras elaboradas por Francisco Brenand, solicitadas por Paulo Freire, objetivando o uso em Angicos, em 1962, na primeira experiência de alfabetização que conseguiu, em quarenta e cinco dias, alfabetizar 300 trabalhadores rurais. Realmente verificamos que o grupo se envolveu dialogicamente nos debates.

Nesse momento alguém lembrou a frase de que o problema do sertão não é a seca e sim a cerca, associando a relação entre cultura e natureza e entre o problema

que, durante muito tempo, foi imposto como unicamente natural e que hoje eles reconhecem como sendo muito mais cultural.

Foi aproveitada, por exemplo, a imagem de uma projeção na qual um jarro é visto sendo projetado para um círculo de cultura e ressaltamos que isto representa de modo abstrato o que concretamente estávamos vivendo, ou seja, o processo de codificação que permite a decodificação objetivando retomar situações críticas próprias do grupo, do lugar, e com elas refletir na produção de um saber parceiro.

Com o propósito de introduzir a discussão sobre o relacionamento existente entre leitura de mundo e paradigma, mostramos a imagem de peixe/pássaros e destacamos a leitura de mundo como associada à que vemos, peixe ou pássaro, conforme nossa escolha do que é figura ou fundo. Outras imagens que podem servir para isto foram apresentadas e fechamos com a imagem do depósito fúnebre de um corpo infantil no Ganges. Interpretando a imagem um dos educandos vê alguém sendo empurrado para a água; outro, vê a ajuda dada a alguém que está na água, outro ainda visualiza algo sendo apanhado das águas. Ou ainda, dependendo da matriz de observação, ou seja, do paradigma, estabelecemos leituras de mundo distintas.

Começamos a debater sobre as ecologias. Caminhamos pela Biologia, indo na direção do social, possibilitando o emergir do ambientalismo e da Educação Ambiental. Falamos sobre o conceito de "*oikos*" (morada). Tratamos da ecologia e da quântica como mobilizadores da ruptura paradigmática nas ciências. Ressaltamos que Guattari propôs as três ecologias e Boff, as quatro ecologias e que nós poderíamos tentar dialogar com essas contribuições e com a chamada ecologia holística. Situamos alguns aspectos que temos desenvolvido na perspectiva eco-relacional.

Retratando a cidade de Irauçuba

Como aquecimento, no período da tarde, iniciamos com movimentos de ciranda sob os acordes da "Ciranda da

Praia” (LINHARES, 2001). Foi dito sobre a luta dos índios de Almofoala por seus direitos de posse (local onde foi criada essa música). Em seguida apresentamos a música “Terra Mãe” (MESQUITA, 2001) e pedimos para escutarem e pensarem sobre a letra (ela apresenta trechos da carta do Chefe Seattle), a partir daí desenvolvemos aproximações sobre temas correlatos.

Apresentamos um vídeo artesanal com imagens digitais mostrando a cidade de Irauçuba. Fotografias da cidade também circularam no grupo. Começamos a ouvi-los falar sobre o que viram, perceberam e representaram a partir dessas abstrações, codificações, da cidade.

Foi proposto e realizado um trabalho no qual se distribuiu fotos em preto e branco com seis equipes, composta de cinco membros cada, para que identificassem dentre elas quais seriam de Irauçuba e que falassem um pouco sobre sua relação com essas imagens e, em especial, sobre as imagens que retratassem Irauçuba.

Equipe 1: Eliabe, Marcelo, Caetano, Zelândia, Raimundo Nonato, Antonia Maria

Fotos:

18 – retratando área de pantanal com aves

09 – área de vegetação cortada por rios no Amazonas

25 – capim rasteiro na caatinga – Irauçuba

24 – reservatório de águas pluviais e esgotos a céu aberto – Irauçuba

23 – retirantes na cena do filme de Deus e o Diabo na terra do sol.

Eles dão como foto da cidade as 23,24 e 25. As três que apresentam o sertão. O detalhe é que a foto 23 não retrata Irauçuba.

Observando as fotos percebe-se uma disparidade entre elas. As duas primeiras 9 e 18 apresentam paisagens onde a vegetação está bem explícita, presença de água abundante entre as árvores e pássaros em elevada quantidade. As outras fotos apresentam terras gastas.

Foto 23 apresenta o êxodo rural – saída do homem do campo para a cidade à procura de uma melhora de vida; a 24, açude com pouca água próximo à serra – açude este que causa muitos

prejuízos à população e também aos animais com a falta de água, isto causada pela escassez das chuvas; foto 25, pasto seco – isto traz fome para o gado, aonde muitos chegam a morrer, por falta de comida e recurso.

Equipe 2: Fátima Magalhães, Mirani Teixeira, Gilvan Firmino, José Cleilson, Fátima Teixeira.

Fotos:

4 – cajueiro no Mici – Irauçuba

12 – solo árido

13 – palmeiras de buriti

27 – família de nordestinos diante de sua casa com vários filhos

1. Eles dão como foto da cidade as 04, 12 e 27.

2. falando sobre as imagens eles dizem que: a imagem 12 apresenta uma situação típica da região, um leito de um açude seco, em contraste com a figura 4 que apresenta a exuberância da paisagem nordestina em época de estações chuvosas. A 27, apresenta um quadro da família sertaneja. “Casinha de taipa, enxada na mão e a alegria do pai de família ao ter seus numerosos filhos, sadios e bem alimentados, com o resultado do seu árduo trabalho direto da terra. As três imagens que se referem a Irauçuba representam duas realidades únicas do interior do nordeste, uma típica da estação chuvosa onde a exuberância da natureza contrasta com a condição social humana e a outra realidade, a estação da seca, onde as imagens secas parecem sem condição de recuperação.”

Equipe 3: Silda, Geirivanda, Clairton, Zé Celino, José dos Santos

Fotos:

5 – agricultores colhendo algodão

19 – um homem votando

26 – esqueleto de cabeça de vaca no meio da caatinga com arame farpado – Irauçuba

08 – vaqueiro encourado (gibão) sobre um animal e o cão no meio da caatinga

A equipe não define imagens que seriam de Irauçuba.

8 – representa o homem do campo na busca de sua sobrevivência

26 – representa a seca irauçubense, os animais morrendo de fome e sede.

19 – representa o cidadão cumprindo seu ato de cidadania, para que haja desenvolvimento no meio social.

Equipe 4: Raquel, Maruska, Aurineide, Francimilton, Moura

Fotos:

16 – família de sertanejos na porta de casa

17 – cata-vento no Gil Bastos – Irauçuba

21 – algodoeiro no Mici – Irauçuba

22 – balneário no Mici – Irauçuba

De acordo com a opinião do grupo todas as imagens são de Irauçuba.

16 – representa a fé e a coragem do irauçubense, com uma enxada na mão, junto com a esposa e cercada de filhos.

17 – bairro Gil Bastos: chafariz quebrado dificultando ainda mais a problemática da água.

21 – uma queimada e fotografada em seguida fazendo com isso uma mudança na própria fotografia e fazendo a mudança de vegetação.

22 – localidade São José (açude) – baixa quantidade de água, o mais conhecido açude do Oríbio.

Equipe 5: Izabel, Marlene, Regina Mudiane, Régis, Assis

Fotos:

03 – orla marítima

02 – área desertificada

01 – rodoviária do Tietê

28 – caminhada de mobilização de agricultores

Eles dão como foto da cidade a 2.

1. Lembra os retirantes da seca por causa do êxodo rural.

2. Lembra a escassez e a aridez da terra irauçubense. Lembra as nossas barragens e açudes vazios.

3. paisagem litorânea

28. Lembra várias situações do homem do campo: Distribuição de sementes; entrega de ferramentas de trabalho; manifestações reivindicando alimentos e emprego.

Equipe 6: Aline, Cristiane, Fernando, Aldízio, Rinaldo, Clemilda

Fotos:

06 – movimento reivindicatório

07 – mandacarus

10 – homem sobre jumento na estrada

11 – mata nas pedras – Irauçuba

15 – mapa do Ceará mostrando ambientes

14 – margens do açude Paulo Bastos – Irauçuba

Eles dão como foto da cidade 14 e 11

07 – representa a caatinga, vegetação típica do semi-árido

10 – representa o homem do campo utilizando um animal como meio de transporte

06 – representa um protesto reivindicando os direitos sociais

11 – paisagem sertaneja

15 – apresenta o mapa do Ceará e seus três tipos de paisagem

14 – representa o açude Paulo Bastos, no período invernososo, mas com pouca água.

A maioria das imagens de Irauçuba foram identificadas. Lembramos que ali estavam fragmentos de imagens e não totalidades. Um dos motivos que poderia levar a confundir a identificação, é a universalidade de algumas características presentes em todo o semi-árido. Uma das lições é que a dificuldade de Irauçuba é também a mesma de outros pontos do semi-árido. Outra lição é que a fragmentação, que se efetua muitas vezes para estudarmos algo, pode obscurecer pontos, o que no contexto da totalidade é mais difícil de ocorrer. Falamos de algumas peculiaridades do semi-árido nordestino.

Na continuidade do processo dessa outra forma de aproximação crítica com a cidade de Irauçuba, foi sugerido que se desenhasse: 1) algo que caracterizasse seu bairro, seu lugar de morada (marco do seu bairro); 2) o mapa mental da cidade, ou do centro da cidade. Depois discutindo os resultados vemos a igreja matriz aparecer em 10 desenhos, em 8 aparecem serrotes, em 6 aparecem xiquexique, em 5 aparece a praça principal da cidade. Quanto aos mapas mentais da cidade, apenas 3 apresentam maiores detalhes sobre suas ruas. A avenida Paulo Bastos, a principal que corta o centro da cidade, é a que mais aparece, 16 vezes explicitamente e mais 3 vezes sem denominação. A avenida Jorge Domingues aparece 7 vezes e a BR 222 ocorre 8 vezes.

Retomamos um pouco a música que trata da carta do chefe Seattle e discutimos sobre uma cultura autóctone numa leitura mais eco-relacional. Mostramos a imagem de uma família sertaneja fugindo (êxodo) da seca e discutimos a relação entre o micro (psíquico) e o macro (social), relações entre cultura e natureza, considerando a interação

dessas dimensões.

Moura, em um arroubo, fala que “Irauçuba é cheia de gente instruída e estruída (desperdiçada) do filósofo ao agricultor.” Pareceu destacar a importância de se valorizar os sábios do lugar e que os sábios reconhecessem seu potencial de atuação em prol da comunidade.

Refletindo sobre a cidade de Irauçuba

No segundo dia, 15.01.2003, às 8h., vivenciamos algumas técnicas de sensibilização. Utilizamos músicas que levassem a um pensar – agir sobre Irauçuba, como “A volta da *Asa Branca* (GONZAGA & DANTAS, 1950). Tratamos sobre a importância do mundo vivido, do “saber de experiência feito”, de sua relevância no trato com a educação, de modo especial em culturas orais ou residualmente orais. Apresentamos a foto da barragem do Lanchinha e discutimos a montagem de uma “*teia de problemas e soluções*”, nos moldes de uma árvore de problemas. Propusemos um pensar-agir sobre ecopráxis enquanto resistência, leitura de mundo e obstáculos, aprofundar o estudo sobre a cidade entendendo a utilização, em nossa pesquisa, de uma teoria oriunda da psicossociologia – a Teoria das Representações Sociais e sua relação com a ruptura de paradigmas e a técnica de entrevistas e história oral.

Nesse dia o ‘seu’ Marcelino relata uma história destacando a relação entre o desvalor atribuído à oralidade e à supervalorização que se dá à cultura escrita. Conta que seu jovem filho estudado lhe disse que já sabia comer com o próprio bico (aludindo ao seu saber). O pai falou que seu bico ainda era mole (informando que ainda lhe faltava o preparo prático da experiência). O pai comprou um certo talhão de terra e entregou ao dito filho para cuidar do gado daquela fazendinha. Logo que a seca agravou e o gado começou a sofrer e a cair (reduzir de peso e ficar em estado precário). Passados alguns dias veio ao pai e lhe disse que seu bico de fato ainda era mole e que precisava de sua ajuda, da ajuda do seu saber para salvar o gado.

Teia de Problemas e Soluções:

Equipe 1: (Caetano, Nonato, Eliabe, Marcelo, Zelândia, Antonia Maria):

Pobreza – êxodo rural – dificuldade de sobrevivência no campo – **seca – falta de planejamento** – falta de incentivo – poucas fontes – desemprego – pobreza – sistema excludente – **falta de assistência pelo poder público** – escassez de água – falta de chuva – poucas políticas públicas – **falta de atenção das lideranças** – **sociedade civil acomodada** – pouca informação – costume.

Alternativas (Estamos mantendo a redação coligida pelo grupo):

Planejamento participativo – assistência específica – firmar parcerias – projetos de incentivo as potencialidades – incentivo aos micronegócios – atração de negócios produtivos

Projeto de estruturação – capacitação – assessoria – cooperativas – reforma agrária

Uso de tecnologias – educação

Equipe 2: (Gilvan, Fátima Magalhães, Fátima Teixeira, Mirani Teixeira, Cleilson):

Falta de cidadania –desesperança (compromisso político para com os cidadãos), desrespeito (fazer com que as pessoas se respeitem como seres igualitários), falta de fé (vontade de lutar) – falta de consciência política (educação política e cidadã), falta de educação cidadã (educação para a vida)– tornar os cidadãos reféns de líderes inescrupulosos (conscientização coletiva) – má distribuição de renda (empenho em organizações governamentais- prefeituras e câmara dos vereadores) – desemprego (empenho das autoridades com programas de infra-estrutura) – violência em geral (programas sociais em benefício da juventude e das famílias).

Equipe 3: (Clairton, Silda, Geirivanda, Zé Celino, José dos Santos):

Desigualdade social, artesanato (empréstimo – capacitações) – desemprego (falta de fábricas, indústrias caseiras, pequenas empresas) – saúde (falta de equipamentos, melhor atendimento, pessoas capacitadas) – fome (incentivo de agricultura familiar) – água (água tratada, dessalinizador) – saneamento básico (rede de esgoto, kit sanitário) – apoio do poder público (mais apoio de associações e assentamentos e mais apoio dos conselhos) – assistência técnica na agricultura (empréstimos – cursos de aperfeiçoamento) – caprinocultura (gera carne, leite, objetos

como sapato, etc).

Equipe 4: (Isabel Braga, Marlene Elvira, Regina Mudiane, Assis, Régis):

Desemprego (emprego) – não valorizam a educação (educação) – princípios (prioridade) – falta de conhecimento (conhecimento) – os filhos não são estimulados aos estudos (informação) – os pais não são alfabetizados (capacitação)

Desunião (união) – indiferença (solidariedade) – isolamento (diálogo)
Egoísmo (coletividade) – bens mal administrados (sociedade lutando pelos mesmos ideais) – poder da minoria – prejuízo da maioria (programas sociais voltados para o povo).

Equipe 5: (Moura, Raquel, Francimilton, Erivanda, Aurineide, Maruska):

Desemprego – fábrica

Desemprego – falta de crédito (máquina credora emperra não abrindo créditos) – reforma agrária – êxodo rural – cidade – ociosidade – droga

Desemprego – água

Desemprego – prostituição infantil – falta de estrutura familiar – violência

Conhecimento – educação – diálogo

Falta de Deus

Equipe 06: (Fernando, Rinaldo, Aldízio, Aline, Cristiane, Cle-milda):

Desemprego (criação de frentes de trabalho, fábricas, artesanato)

Lixo (coleta, lixeiras nas ruas e consciência da sociedade)

Desertificação (conscientização, arborização)

Falta de água (carros pipas, açudes, poços, cisternas)

Saneamento básico (saneamento das ruas)

Discutimos sobre o Jerimum, alguns falaram sobre o cheiro de sua água. Daí, mostramos o vídeo com o depoimento das crianças sobre a água, depoimentos do Moura, do Gilvane e do sr. Manuel.

Apresentamos algumas das nossas leituras dos resultados das entrevistas feitas na cidade e da teia de RS baseada em nossa interpretação das histórias orais e entrevistas. Enfocamos o uso das imagens como codificação do real permitindo o desvelar de situações-limite, enquanto

abstração (distanciamento teorizante, ou seja, a separação mental de um ou mais elementos de uma totalidade abrangente e complexa) que ao ser descodificada oferece a possibilidade de ampliação da leitura de mundo de cada um dos envolvidos no processo pedagógico.

Isto estimulou a que se falasse sobre pesquisas e trabalhos que já haviam sido feitos em torno de Irauçuba. Professora Marlene falou que a Dona Irla, mãe do Caetano, possui o livro *SOS Irauçuba* feito pela Federação Israelita do Rio de Janeiro, sob a responsabilidade do Dr Niskier (1985), cujo resumo se encontra na disponível em: < <http://www.nd.fot.br/fotojornl.html> > . Regina nos passou um material resultante de um trabalho acadêmico intitulado *Desertificação: O caso do Município de Irauçuba*, realizado lá (Regina e Rinaldo faziam parte do grupo) no curso de Formação em Nível Superior da Universidade Vale do Acaraú, na disciplina “Ação Docente orientada de Geografia”. Ela também informou sobre uma Feira de Ciência que tratou do tema “Tudo sobre Irauçuba.”

Recebemos a informação do “25” (secretário de Agricultura e Recursos Hídricos) de que o Jerimum está com a capacidade residual neste período (janeiro de 2003) em 1%. Clairton, com uma de suas piadas, conta que disseram em Sobral que em Irauçuba um servente matou o pedreiro para beber a água do nível. Outra piada citada foi que Irauçuba é o lugar onde mais se rouba carro e isto é feito para tirar a água do radiador.

Gilvane narra um trecho de um livro que, segundo ele, era de Estela Vieira Leitão, publicado em 1984:

É preciso alguém assumir corajosamente a vida desse povo simples em condições miseráveis que em vez de receber farinha e mandioca, recebem um kit de propaganda política, estampados em seus casebres semidestruídos.

Uma curiosidade revelada é que a casa mais antiga da cidade existiu no lugar onde se encontra hoje a casa paroquial, ao lado da igreja principal da cidade.

Nitamo relata as dificuldades de outros lugares

que poderiam, por exemplo, ser percebidos na fala da pesquisadora Silvana Coelho que fez palestra sobre *Novas Tecnologias* durante reunião do Fórum, realizada no dia 07 de dezembro de 2002. Ele enfatiza a maquiagem que muitas vezes é produzida artificialmente sobre a realidade, induzindo leituras distorcidas.

Foram tocados alguns problemas tais como a questão da religação da adutora dos Patos, que segundo Gilvane ficou de ser entregue em 40 dias e nada. Só conseguiram colocar o motor dentro do açude e testar a tubulação que a cada cinco metros dava problemas. Ressalta que já na época em que o sistema de distribuição de água usado era o dos Patos, por ser o encanamento predominantemente de ferro fundido, dava problemas.

Diante da nossa interrogação da (in)visibilidade da água como problema principal na cidade, aspecto apontado pela pesquisa, uma das respostas apontava que seria o acostumar com o que é ruim; outra resposta foi que isso era fruto da acomodação e tivemos também alguém que diz ser o aspecto do temor de afrontar os políticos locais, outro fato ressaltado foi que haviam problemas de mais fácil solução.

Perguntamos: Afinal a água é problema na cidade? Respondendo dizem que não é problema para alguns e que existem condições de viabilizar água boa para todos, se houver interesse político. O problema, segundo muitos, seria de canalização e distribuição. Alguns afirmam que há falta de tomada de decisão... “O povo não sabe reivindicar seus direitos”. Outro fala que “os órgãos responsáveis passam de oito a dez dias sem mandar água... mesmo ruim...”

Houve uma discussão se não seria o caso de trocar a CAGECE pelo SAAE. Que estaria, inclusive, encerrando o período previsto para a CAGECE atuar como responsável pelo tratamento e distribuição da água na cidade. Foi citado o serviço prestado pela SAAE em Itapajé como de melhor qualidade.

Gilvane informou que recentemente o médico responsável pelo laboratório de análise da cidade realizou

um rápido teste com a água da torneira (Jerimum) em sua presença e que se constatava um pH acima do aceitável e cloro abaixo do aceitável para humanos. Alguém afirma que “[...] a COGERH já havia condenado a água do Jerimum desde há muito tempo. Apesar disso a prefeitura não tomou decisão.” Haveria uma fissura entre o vivido e o pensado aqui presente?

Nitamo alude ao fato de que um vendedor de água potável, extraída dos poços do Mici, afirmou que na cidade arrecada R\$ 50,00 líquido por dia. E acha pouco.

Revisitando a cidade de Irauçuba

Na tarde do segundo dia, 15.01.03, quarta-feira, realizamos a dinâmica do movimento complexo que se amplia e se encolhe... ao som de cirandas. Na continuidade foi proposta uma saída em campo, de cinco equipes, compostas por seis membros, visando coletar três objetos que caracterizassem a cidade, durante o percurso a equipe deveria estar atenta para registrar dois problemas percebidos.

Ocorre um relato do sr. Zé Celino no qual ele demonstra o quanto existe de descaso para com o saber popular. Ele contou que houve uma vala para saneamento em Irauçuba no qual os canos estavam faltando, isso em 1993 ou 1994, e como explicação o prefeito informava que em Fortaleza não tinha cano... O sr. Marcelino disse ao prefeito que tinha cano em Fortaleza. Ao que o prefeito retrucou dizendo que o sr. Marcelino não conhecia Fortaleza. Marcelino afirmou que conhecia Fortaleza sim, mas diferente do prefeito que conhecia só de carro enquanto ele conhecia a pé e, portanto, sabia onde tinha cano para vender em Fortaleza. O prefeito pediu que ele lhe informasse o telefone e ele disse que o número do telefone não sabia, mas poderia ir com ele no lugar. Os dois foram e o prefeito comprou três carradas de cano.

No segundo tempo da tarde foi apresentado o trabalho de campo, 15h40min., após o lanche. Montamos um jardim de Irauçuba no centro da sala composto por pedras e alguns vegetais comuns no lugar (cacto, bamburral, vagem

de leucena e galho de algaroba) e fomos acrescentando os inúmeros objetos trazidos.

A equipe 1 (Regina, Isabel, Marlene, Aurineide, Regis e Assis) trouxe xiquexique, vassoura, bolsa de palha e rede. Apresentou os seguintes problemas: forno de carvão que polui e a pouca arborização.

A equipe 2 (Gilvan, Mirani, Fátima Teixeira, Fátima Magalhães, José Cleilson) trouxe: rede, blusa de crochê artesanal e água do Jerimum tirada de uma torneira. Seus problemas foram: esgoto a céu aberto, falta de arborização, água de péssima qualidade, falta de políticas sociais, falta de compromisso das autoridades com políticas públicas, falta de estação de tratamento de esgoto.

A equipe 3 (Silda, Geirivanda, Clairton, Zé Celino, José dos Santos): xiquexique, varanda de crochê, algaroba. Com os seguintes problemas: água e pedaço do asfalto estragado.

Equipe 4 (Marcelo, Nonato, Zelândia, Caetano, Francimilton, Eliabe, Antonia Maria): centro de mesa redondo bordado, xiquexique, algaroba, garrafa plástica de cachaça (celular). Os problemas apontados foram: falta de água total (Dona Dinazilda anda 4 km. para lavar roupa), situação de pobreza drástica das residências. Houve o relato de uma casa visitada na qual várias pessoas comeram um único ovo no almoço.

Equipe 5 (Cristiane, Clemilda, Aldízio, Xavier, Fernando, Aline): galho de cajarana, galho de cajueiro, galho de algaroba. Indicando os problemas: falta de saneamento básico, açude vazio e cercado.

Tivemos alguns comentários sobre a importância da flora local, tais como: o bamburral e seu alto potencial invasor, já que usa solo pobre, tendo função medicinal boa para problemas estomacais. Disutiu-se sobre o uso do chá das inflorescências, um punhado pequeno para uma xícara de água fervente. Algaroba é vista como planta exótica que abunda no município. O xiquexique é planta xerófila, nativa da região, largamente usada para pasto do gado. O Marmeleiro, o mufumo, o muçambê, a salsa, a seda, o velame brabo, a Jurema Preta são vistos como

matos abundantes por todo o sertão cearense. Já o Sabiá pouco vem aparecendo nas matas.

Práxis em Irauçuba

No terceiro dia, 16.01.03, prosseguimos com sensibilizações via reconhecimento dos estados psicofísicos ... percepção do corpo, dos sons no ambiente, dos estados mentais etc. Realizou-se a dinâmica “caindo dentro da barriga” seguida de uma “catarse com o sopro HÁ”, expurgando as preocupações.

Em seguida, ao ouvir uma fala de um dos presentes sobre o “*povo de Irauçuba*” ocorre uma manifestação de indignação do Nitamo: “*Quem é esse povo de Irauçuba de quem tanto se fala?* (3ª. Pessoa)”. Lembrou que, segundo Freire, não devemos apenas denunciar, mas temos que anunciar!

Diante de uma discussão em torno do uso do bom senso na condução do caso de um aluno que aprovado em quase todas as disciplinas, menos em uma, seria reprovado no cumprimento do que estava estabelecido, uma professora contra-argumenta que a lei existe para ser cumprida. Foi então enfatizado que a questão legal não é apenas normativa, mas também é interpretativa daí a jurisprudência justificando, portanto, a possibilidade do núcleo gestor considerar importante o bom senso diante das decisões que precisam ser tomadas em face das situações como estão apresentadas.

Dialogando sobre a dialética da dialógica fizemos a observação de que existe um processo que relaciona reflexão-ação-reflexão de modo tal que após o diálogo as pessoas, geralmente, não são mais as mesmas, potencializando a práxis transformadora do concreto e do pensado.

Colocamos a música indígena “Ô Jandê” (índios Tremembé, 2000) e, como era de se esperar houve o estranhamento ocorreu também e preconceito da parte de uns poucos proporcionando a discussão sobre o respeito ao outro diferente. Discutiu-se sobre a cultura dos Tremembé de Almofala – Itarema (CE). Relatou-se sobre suas dificuldades

e conflitos com a indústria “Ducôco” que utiliza boa parte da área da reserva arbitrariamente e de modo ilegal. Falou-se da aculturação de novos hábitos, inclusive alimentares, ao modo de ‘conhecimentos tatuados’, implicando mesmo na luta permanente pela manutenção e readequação de uma identidade indígena grupal. Enfocou-se ainda que a Dança do Torém, com seu ritual e sua bebida ritualística – o “mocarocó” – feita com o caju azedado e fermentado, é um dos meios que o grupamento utiliza nesse processo de subjetivação em permanente mudança, fortalecimento dos vínculos grupais e enfrentamento no mundo atual.

Leitura de mundo e práxis transformadora

À tarde do terceiro dia, 16.01.03, quinta-feira, começamos com a “Dança do Torém” (“Ô Jandê”). Logo após, apresentamos a música “A lição do pinto” (Patativa do Assaré, 2000) e aproveitamos a letra para discutirmos sobre “práxis”, “comunicação e linguagem” como mediadores do conhecimento humano. Tratando dessa música, na leitura feita pelo grupo, no diálogo estabelecido em cima do texto de Patativa do Assaré, emergiram aspectos importantes relacionados à liberdade, transformação, sofrimento, fragilidade, vida e morte. E, é claro, práxis transformadora.

Discutiu-se como o pinto sobrevive dentro do ovo vinte e um dias no conforto, segurança, mas que, findo esse período, caso não rompa a casca e saia, ele morre. Que apressada a saída por outrem pode representar a morte, como no caso em que foi auxiliar a saída de um pinto que estava parecendo com dificuldades para sair e causou uma hemorragia fatal. Fala da protuberância que o pinto tem na ponta do bico para ajudar sua saída quebrando a casca do ovo, pois que seu bico ainda é mole.

Outros presentes falaram que aquilo era chamado de “fastio” e que impedia dele se alimentar, precisando ser extraído. Ressaltou-se que não é bem assim, pois que o pinto não come nas primeiras vinte e quatro horas, pois está satisfeito com os nutrientes oriundos do saco univitelino.

Aproveitamos para tratar do avanço do saber de experiência feito na direção do saber epistemológico que implica num desvelar da razão de ser dos fatos.

Cleilson conta a história do elefante que, pequeno, amarrado a uma árvore, tenta e não consegue fugir e se acostuma a isto de tal modo que quando adulto não mais tenta fugir mesmo que amarrado a um cabo de vassoura. Mostra que o humano não pode se submeter a esse tipo de situação.

Contamos a história da borboleta saindo do casulo que encontra a ajuda de um humano que ao auxiliar elimina um procedimento importante que é a limpeza da asa que se dá diante do esforço que foi anulado pela pseudo-ajuda levando a borboleta a perecer ressaltando que é importante, diante dos fatos e precisando nos posicionar, termos uma reflexão mais aprofundada que vá além do aparente. Enfatizamos que no reprocessamento do conhecimento humano de cada dia podemos “ser mais.”

Ao apresentarmos a convivência com o semi-árido e dialogarmos sobre alternativas de ecopráxis, surgiram idéias interessantes como a proposta do Gilvan de utilizarmos o último dia de curso para elaborarmos um projeto coletivo de melhoria da convivência com o semi-árido irauçubense. A sugestão do Gilvane foi que se levasse a discussão para o fórum.

Uma observação feita pelo Nitamo é que não se levantou a questão dos múltiplos açudes que existem ao longo do leito do Lanchinha impedindo uma maior vazão de águas que possibilite encher a barragem principal, o açude Paulo Bastos. Ele pergunta se não ocorre o mesmo com o rio Caxitoré inviabilizando água suficiente para o Jerimum?

Gilvan apresenta uma excelente idéia que seria a implementação do Projeto PE Cícero utilizando-se dos mandamentos, de Padre Cícero, para o nordestino evitar e, mesmo, reverter o quadro de propensões à desertificação. Caetano se entusiasma com a idéia.

Apresentamos para reflexão algumas práticas agrícolas ecologicamente adequadas catalogadas por Miguel

Alves de Almeida junto aos agricultores “cooperados” da cidade de Senador Pompeu, registradas em sua monografia de especialização em Educação Ambiental (trabalho que contou com nossa colaboração), em curso oferecido pela Universidade Estadual do Ceará. A monografia foi intitulada *“O Cooperativismo e a Educação Ambiental: Suportes para a Sustentabilidade da Pequena Agropecuária em Senador Pompeu*. Nela ele discorre largamente sobre a práxis vivenciada pelos trabalhadores rurais de sua cidade, resultante dos diálogos estabelecidos em parceria com a cooperativa da qual faz parte.

Ecopráxis, paradigma e leitura de mundo

O segundo tempo do terceiro dia, 16.01.03, quinta-feira, começou com uma sensibilização usando a música de Alceu Valença, “Pétalas.” Mostramos o diagrama apresentando o conceito de “neossistema” (SATO & SANTOS, 2001). Falamos um pouco da interdisciplinaridade, característica da Educação Ambiental, como elo importante na proposição de uma educação ambiental dialógica sob uma perspectiva eco-relacional. Fizemos, a seguir, feita uma alusão à crise de paradigmas, ao Capra e sua relação com a Holística na constituição do paradigma ecocêntrico para introduzir o conceito de “eco-relacional” e “ecopráxis.”

Gilvan pergunta sobre os resultados da pesquisa e, diante de um intervalo que demos para falar do assunto, ele questiona se estavam sendo apenas cobaias, no sentido de estarem a ser passivos ou ativos na produção da pesquisa. Decidimos coletivamente socializar resultados da pesquisa, já podendo adiantar alguns pontos no decorrer do curso. Assim o fizemos, costurando o material já trabalhado e organizando sínteses cumulativas das reflexões-práticas sobre a prática-refletida.

O eco-relacional e a ecopráxis

A segunda etapa do curso se iniciou no dia 22 de janeiro de 2003. O quarto dia de aula, ocorreu em uma quarta-feira, começando às 9h. O grupo propôs uma mu-

dança de sala o que demandou este tempo de atraso, já que a princípio prevíamos iniciar às 8h.

A sensibilização/aquecimento foi processada utilizando-se a música *Amizade sincera* (Renato Teixeira, 1981. ver anexo V) acoplada à imagem projetada do ciclo de nitrogênio. Debates sobre elas. Pretendíamos tratar de estabelecer um diálogo em torno do significado simbólico do nome da cidade (Irauçuba – amizade). Imediatamente foi reforçada a importância da amizade. Levantou-se a dificuldade de se ter verdadeira amizade diante do individualismo, do orgulho e do interesse.

Marlene afirma que Cristo falou da complexidade de escolher. Que devemos confiar e ter sinceridade. Gilvane destaca a distinção entre a amizade e a fraternidade, mostra o gráfico no sentido da fraternidade, ou seja, das relações mais amplas como fato natural ao ecossistema tal como no ciclo de nitrogênio as trocas ocorrem normalmente, exceto quando algo estranho ocorra. Caetano destaca que a base da amizade é a confiança e a simbiose.

Fala-se que a amizade é tal como a planta que requer o regar. Emerge a importância da reciprocidade e da lealdade. “25” diz que deve fazer a sua parte e que o ciclo do nitrogênio tem trocas positivas e trocas negativas tal como nas relações humanas. Outro fala que: “amizade completa a gente não espera nada em troca”.

Eis umas representações que emergiram da reflexão sobre a música: amizade, confiança, traição, completude, retribuição, troca, positivo-negativo.

Caetano lembra um dito popular: “só se aproxima do pau que dá sombra” (significando que ocorre aproximação quando existe interesse). Em seguida ele o rebate ressaltando que todo pau dá sombra (todos temos algo a oferecer).

Rinaldo afirma que “os piores assassinos têm suas amizades.” Perguntamos: Amizade é escambo? Precisa estar pautada na lógica do mercado capitalista?

Nitamo destaca que as trocas nutritivas podem ser boas e ruins.

Retomamos a fala do pau que dá sombra – quanta sombra dá (melhor ou pior, ser mais...) indicando que a

aparência não define os intercâmbios indiretos ou mesmo diretos que se processam nas relações. Relações de afeto instaladas por interesse direto? Mais que tipo de interesse estamos buscando? Mais valia (lucro – comércio)???? Paradigma do comércio, do mercado implica em relações estabelecidas no contexto do lucro ou trocas lucrativas, de quem mais ganha... trocas mercantis. O que ele quer de mim? Perguntamos quando alguém se aproxima da gente...

Gilvane: “... eu me perguntei sobre quando você, João, se apresentou a mim (quando da pesquisa)... Será que é mais um que vem e leva informações e não deixa nada na comunidade?”

Será possível a não hierarquização das relações? Variedade enquanto diferenciação favorável? Amizade seria escolha aleatória ou eletiva?

Gilvane relata que antes de dormir, fazendo uma reflexão sobre o dia, coloca em discussão que às vezes perde para fazer algo pelo outro (deixa de fazer alguma coisa por si)... “Eu perco para ganhar certas amizades.”

Enfatizamos o retorno do bem que se faz. E questionamos: Será preciso alguém perder para que outro ganhe? Só se sobe se derrubar o outro? Afirmamos que é possível restabelecer as relações fora desse paradigma do lucro, do mercado. Afirmamos que um dos nossos propósitos mais importantes é exatamente a proposição de que relações significativas podem e devem ser estabelecidas dentro de um outro paradigma, o eco-relacional, na qual a interface é a afetividade amorosa e solidária, pautada na fé no ser humano, em sua capacidade intrínseca de dialogicamente ser mais por meio da práxis.

Clairton diz: “Pra mim a amizade é aquela que ambas as partes saem ganhando.” As pessoas aplaudem a fala dele e ele diz “O homem se notabiliza pelo seu comportamento”.

Rinaldo conta uma história vivida em seu trabalho no hospital no qual constatou que existia um atendimento discriminatório conforme a classe social. Pacientes de classe pobre não recebiam o mesmo cuidado que

pacientes ricos.

Perguntamos se o que estávamos debatendo tinha a ver com nosso curso. Todos afirmam que sim. O diálogo funciona como elemento fundamental na construção do saber humano em nossa abordagem educativa. Destacamos a impropriedade de utilizarmos a lógica mercantilista nas relações, que é problemático incorporar os valores dessa lógica em nossas relações com o outro, que a leitura está proposta pela sociedade. Portanto, esta história de ganhar ou perder nas relações é uma lógica imposta pelo sistema capitalista.

Citamos o livro de Unger (2001) quando fala na repetição hierárquica do poder do rei sobre os súditos imediatos que reforçam este procedimento na relação com o que lhe está ao lado. Assim o amigo do rei é mais importante do que o amigo do amigo do rei, que é mais importante do que o amigo do amigo do amigo do rei, e assim em diante. Isto implica que todos são amigos desse “um”, o rei. Entretanto, nisso existe uma inversão dos poderes, pois o rei é que devia servir ao povo e não o contrário, como ocorre.

É preciso buscar outras lógicas que atendam às necessidades imediatas da superação da crise civilizatória. O próprio mercado tem mostrado isto. Se o mundo continuar nesta lógica está fadado a atingir o limite e definhar. O próprio pensamento atual do mercado, dos sistemas econômicos, é de que se precisa mudar. Ocorre que a pretensão do sistema é uma readequação, ou como fala Paulo Freire, é buscar uma reforma e não uma revolução. Entretanto, cremos sinceramente que isto não responde à demanda concreta, pois que é inviável pensar numa economia solidária que tenha o lucro, no sentido capitalista, como meta. Lucro envolve benefício de um em detrimento do outro, não se compatibilizando com a equidade e com necessidades essenciais dos que “nada possuem”, do ponto de vista do mercado, para preencher suas privações.

Ressaltamos aqui uma mudança de postura presente no mundo da publicidade, como no caso do mercado automotivo, que atualmente destaca a importância de ser

diferente, de ser único, tendo seu carro personalizado. E com isto cria a falsa impressão de uma singularidade metafórica, dúbia, pois que, na verdade, a idéia é que todos tenham aquele produto. É uma reformulação do consumo na falsa busca de uma individualidade que está na moda. É uma apropriação desses anseios humanos de singularidade utilizados na direção do lucro, da cultura capitalística.

Marlene afirma que onde todos fazem por interesse se há alguém que faça desinteressadamente é visto com desconfiança. Nisso, voltamos a falar sobre o curso destacando que quanto mais alguém do grupo ganhar, mais todos nós ganharíamos. Numa analogia sobre amizade e trocas afirmamos que não é preciso que alguém perca para que todos ganhem.

Clairton falando sobre uma ação da Marlene dando algumas coisas para o povo. Ele diz que pergunta a alguém que não foi receber a doação e a pessoa diz que ficou em dúvida do que ela queria receber em troca.

Abriu-se um parêntese para discutir questões relativas à biodiversidade do sertão, tratando mais especificamente do “calango.” E sobre filmes que prestam um desserviço à flora e à fauna dos ecossistemas defendendo idéias falsas de serpentes, escorpiões, aranhas, que atacam deliberadamente pessoas sem motivo real, resultando em temores infundados já que essas espécies atacam presas que possam comer ou diante de ameaça à sua integridade.

Tocamos na questão da valorização do saber local utilizando uma comparação com o aprendizado da linguagem escrita no qual Emília Ferreiro, com sua psicogênese da língua escrita propõe que se respeite os padrões usuais da linguagem como base na constituição da assimilação do código da escrita. Desse modo, ouvimos a criança falar “carralo” ao invés do padrão dito culto “cavalo”, e sobre o modo usual se constitui a compreensão do ler e escrever. Paulo Freire afirma que para criticarmos essa escolha ideológica e definidora do padrão culto usual precisamos dominá-lo. Assim, igualmente, precisamos considerar o saber de experiência feito (vivido) para daí estabelecer reflexões acerca das relações humano-ambiente. Ressaltamos

que tudo está interligado. Vygotsky destaca sua proposta sócio-histórica indicando a importância da aproximação entre os que mais sabem dos que menos sabem, favorecendo através dessa aproximação um intercâmbio facilitador.

Nitamo exemplifica com a proposta da LDB nº 9394/96 no que se refere à educação especial indicando a inclusão dos alunos com necessidades especiais nas salas / classe de educação regular.

Falou-se que alguns dos atuais pensadores em educação que apenas retomam propostas de clássicos como Piaget, Ferreiro e Paulo Freire dando-lhes uma nova vestimenta.

Revisamos o conceito de ecopraxis relacionando-o ao eco-relacional atendendo a um pedido dos alunos. Nele mostramos a necessidade de utilizarmos o saber do senso comum, o saber do outro, na construção solidária de um saber epistêmico.

Gilvan apresentando um exemplo seu, indica que utilizou os costumes familiares de uma criança, de brincar e lidar com feijão, milho, ou seja, elementos do seu cotidiano, como referência para ensinar-lhe matemática, proporcionando-lhe com essa técnica, que podemos comparar com a etnomatemática, a rápida superação de suas dificuldades de aprendizado.

Irauçuba e a Dialógica

Chegamos ao segundo tempo do quarto dia de aula, 22.01.03. Clairton pede para se mostrar a diferença entre desertificação e desertização. Falamos que a desertificação resulta de fenômenos antrópicos, ou seja, da ação do ser humano sobre a natureza, enquanto que a desertização acontece como resultante fundamental de fenômenos naturais.

Daí passamos a discutir as múltiplas leituras e múltiplas percepções possíveis. Frisamos a importância de “sentir” o lugar quando do trabalho de pesquisa. O que estabelecia uma outra das múltiplas dimensões do compreender para além da razão instrumental, considerando

o sensorio como elemento valorado na leitura do lugar. Isto tinha o intuito de demonstrar a conveniência de práxis mais abrangente que considere o humano inteiro. Exemplo que demarca o sensorio pode ser verificado como quando vínhamos em trabalho de campo e sentíamos reflexivamente na própria pele a “quintura” do lugar, a secura do ambiente, a intensidade do sol. Apresentamos, ainda, o conceito de rosa dos semas (LINHARES, 2002), indicando as esferas se conectando por entremeios que vinculavam o cognitivo, o sensitivo, o intuitivo e o afetivo.

Informamos que o pressuposto (condição preliminar necessária) desse trabalho dialógico envolve quatro passos fundamentais: afetividade, fé (confiança, esperança), humildade e alteridade.

Avançamos na discussão de paradigma como molde no qual se estabelecem as leituras de mundo que, por sua vez, implicam em atitudes, indicando um círculo que pode ser virtuoso ou vicioso. No contexto dos paradigmas caminhamos na direção de exaltar a relevância das relações e o comprometimento disso na transformação sócio-ambiental.

Destacamos Freire quando nos lembra que a história está sendo produzida. A história não está pronta, produzida, acabada. Somos fazedores da história.

Aproximando-se a hora do almoço, Gilvan questiona: o homem com fome pensa? Nitamo completa, o homem cheio pensa? Discutiu-se um pouco sobre limites... saciado, faminto... Nesse contexto Assis afirma “saco seco não se põe em pé e saco cheio demais não consegue se dobrar.”

Chegando à Educação Ambiental Dialógica

Na tarde do quarto dia de aula, quarta-feira, 22.01.03, principiamos tratando da disponibilização do material do curso. Depois apresentamos imagens videográficas resultantes do material coletado simbolizando Irauçuba. Abrimos a discussão acerca disso. Antes, porém, foi realizado um trabalho de sensibilização com a música “Asa Branca”, com movimentos de mão, braços, corpo,

cabeça, pescoço etc.

Marlene destacou, retomando discussões anteriores, que, geralmente, **dentro do problema está a sua solução**. Aponta o fato de que ao reproduzirmos um ambiente de caatinga nele foram anexados o verde como o cajueiro e a cajá, frutas presentes no nordeste, a beleza da pedra, o pote de barro artesanal – terra transformada.

Clairton ressalta a beleza das imagens que podem ser mostradas em qualquer parte do país.

Marcelino afirma a necessidade de “se ajuntar todo mundo, não esperar pelos outros, ir atrás de conseguir, nós consegue...”

Fátima destaca que o vídeo apresenta o feio de Irauçuba. Que aparece a cidade muito seca, muito triste. Diz, mais, que precisamos desenvolver os potenciais de cada um; trabalhar aquilo que sabe.

Nitamo fala sobre imagens, filmagens, plano de câmera, destaque, paradigma videográfico, manipulação de imagens na mídia televisiva. Formatação padronizada do assistir de imagens. Que imagens pós-editadas apresentam traduções ou interferências intencionais ou não. Que mesmo a imagem, nosso olhar sobre Irauçuba, passa por uma formatação que recebem influências sócio-históricas, políticas, psíquicas etc. presentes na constituição de nossa leitura de mundo.

Fernando interpreta que: “... não valorizamos o nosso lugar. Amazônia seria mais bela para nós do que o nosso lugar.” Conta de um primo que visitando Irauçuba, vindo de Manaus, considera belíssimo o lugar, principalmente pelas serras que lá são raras.

Nitamo reafirma o dito: “A árvore dos outros dá mais frutos.” A rotina parece criar uma cegueira, acostuma o olhar, dessensibiliza, entorpece.

Marlene fala: “em nós existem coisas que prestam e que não prestam... Que não é destruir, botar pra fora só por que não presta...”. Parece-nos propor uma manutenção reformada do quadro atual.

Clairton indica que quem chega de fora ainda é acolhido de braços abertos, passa um mês. Ressalta o lado

humano ainda presente no povo de Irauçuba.

Gilvan diz que tinha um propósito de não falar de jeito nenhum naquela tarde, entretanto vê a Marlene como alguém que defende o sistema político estabelecido. “Eu não me perco em observar as belezas da natureza de Irauçuba, Manaus. Isso é muito subjetivo. A solução de Irauçuba passa por uma questão política.” Há mais de cinqüenta anos, segundo ele, que este grupo está no poder e ainda não existe um planejamento para Irauçuba. “Pode ser que um grupo novo que entre no poder faça pior do que o atual, mas haverá injeção de sangue novo.”

Gilvane fala que:

Vocês vêem Irauçuba de uma percepção muito positiva. Dizer que tudo vai bem para que não falem de nossa própria casa. No Nordeste, o sistema oligárquico existe há mais de cinqüenta anos, nos municípios onde o processo de desertificação está avançado.

Discutindo os argumentos de Marlene quanto às afirmativas da pesquisa, dissemos que em Irauçuba, como em todo lugar, existem fatores favoráveis e desfavoráveis. Que não se está traçando um perfil negativo ou ruim, apenas estamos tentando interpretar dados da pesquisa que apontam situações adequadas e conflitos passíveis de solução. Reforçamos que não temos uma visão negativa, nem depreciativa acerca da cidade, menos ainda do seu povo. Pelo contrário, reconhecíamos o potencial maravilhoso presente naquele povo e naquele lugar. Lembramos que embora o adágio popular diga: “Quem desdenha quer comprar”, em educação precisamos pensar que “quem valoriza quer melhorar.”

Ao tratarmos sobre a possibilidade de alguém ter vergonha de sua cidade, falamos que a vergonha que se poderia sentir seria a da omissão e não da cidade, é a de não fazer algo para mudar um quadro que se julga insatisfatório, de não fazê-la tão bonita quanto se deseja, de não torná-la tão agradável quanto se gostaria, isso sim deveria ser motivo de vergonha.

Nonato diz que a responsabilidade pelas transformações é de todos. Informa que pouco se tem feito diante

do muito que pode ser feito para minorar os problemas, afirma que, às vezes: “somos muito inertes... não mobilizamos fontes que viabilizem solução, por exemplo, para o problema do desemprego.”

Discorre que a Secretaria de Agricultura e Recursos Hídricos de Irauçuba, mesmo diante de inúmeros problemas e necessidades nessa área, conta com o secretário e um auxiliar, não tendo sequer um prédio próprio para a dita secretaria. O que para nós parece indicar o grau de cuidado dos dirigentes locais tem com a problemática do lugar.

Segundo o grupo, em 1999, ocorreu um evento na cidade, no colégio Paulo Bastos, sobre a desertificação envolvendo inúmeras instituições estaduais e federais, 15 instituições com seus técnicos, membros representativos da comunidade, colégios, escolas etc. A Neila, da SEMACE, conduziu o processo, saiu um projeto para a participação da sociedade civil. O Projeto desde então se encontra na câmara dos vereadores precisando, segundo os vereadores, de avaliação para ser viabilizado. Ainda hoje continua engavetado. Não se tem um plano para a cidade. O documento existe, não foi aprovado nem pela câmara, nem pelo prefeito.

Nonato continua a falar e diz que o problema de Irauçuba é a falta de mobilização social. O projeto “Caminhos de Israel” veio para o município e vingou por apenas uns seis meses. “Não tinha um carro para o transporte da máquina perfuratriz de um lugar para o outro dentro do município. Depois de muita reclamação foi reativado temporariamente.” Concluindo sua fala afirma que: “... os três grandes problemas que deveriam ser devidamente considerados são o desemprego, a desertificação e a água.” Já para o Gilvan, a questão de Irauçuba é política.

Ainda nessa tarde reiniciamos a discussão acerca de educação ambiental dialógica correlacionando e confrontando com a Educação Ambiental positivista, construtivista, sócio-construtivista e a crítica, na qual se inserem suas raí-

⁵⁰ Aqui tomado com o significado de: razão de ser, consciência, orientação, direção, rumo, faculdade de conhecer, busca, compreen-

zes. Destacamos a presença de dubiedades, muitas vezes expressa ao se apropriar do saber popular contra o povo. Informamos que a educação ambiental dialógica implica em uma ruptura paradigmática e epistemológica consequentemente. Daí não haver possibilidade de ensino numa Educação Ambiental Dialógica sem pesquisa associada, já que elas se encontram uma no corpo da outra.

Salientamos que a curiosidade ingênua é uma instância transitória na direção de uma curiosidade epistemológica (que busca a razão de ser dos fatos, fenômenos, eventos, dos sujeitos dos comportamentos). Ressaltamos que uma curiosidade desveladora não pode estar dissociada da ética e da estética, aliás, como afirmada por Paulo Freire.

Outro fator importante é a coerência do que se diz e do que se faz. Precisamos de uma prática testemunhal que nos re-diz ao invés de nos des-dizer. Mais importante ainda é a compreensão de que ensinar exige querer bem aos educandos. Implica em sensibilidade, abertura (humildade) e bem querer. Implica em ser educador-educando na relação dialógica com os educandos-educadores.

Representações sociais, temas geradores e educação ambiental dialógica

No quarto dia de aula, quarta-feira, 22.01.03, no segundo tempo, tarde, começamos relembando o significado de “conhecimento tatuado”, relacionando-o à necessidade de consciência da “razão de ser” dos fatos. Demarcamos o real propósito da práxis enquanto ação-reflexão dos humanos sobre o mundo para transformá-lo e da ecopraxis enquanto ação-reflexão do humano sobre o meio ambiente se relacionando harmoniosamente no processo histórico-político de transformação mútua e cuidadosa.

Abrimos um parêntese para proceder a uma dinâmica / aquecimento / atividade estimuladora através da respiração criativa, inspirando “positividades” e expirando “negatividades.”

Retomamos tratando do desvelamento dialógico no modo de Paulo Freire e das interações recorrentes

de Maturana enquanto essenciais ao processo evolutivo. Levantamos o tema “ensino-pesquisa”, enquanto instância processual, falando da relação entre consciência – leitura de mundo – representações – percepções – atitudes – prática – práxis – ecopráxis. Dissemos que as representações sociais significam representações consensuais, conforme definições proporcionadas pelo grupo.

Fizemos um exercício com o grupo, tendo por base o tema gerador “água.” Numa rápida enquete junto aos educandos-educadores em sala pedimos que anotassem o que vinha à mente, de forma espontânea, quando pensavam na palavra água. Dessas representações sobre água a que mais se manifestou numericamente entre os 31 educandos foi a chuva (10 vezes), seguida de vida (3), água no copo, açude e cachoeira.

Ficamos a nos questionar se não teria sido por que choveu naquele dia. Será que os marcadores presentes marcam essa representação a ponto dela poder ser considerada social? Bem, mesmo que a chuva não seja a representação social da água desse grupo, ela serve de mote, de codificação para, decodificada, alavancar um diálogo construtivo e produtor de um saber sobre a situação-limite acerca da água junto àquele grupo, pois ela se materializou nas respostas dadas pelo grupo. E mediante este tema “chuva” pudemos construir uma bela reflexão-ação em torno da água e do acesso à água, da seca e das dificuldades de convivência harmoniosa com o semi-árido etc.

Poderia alguém perguntar, diante disso, e por que a necessidade de realizarmos uma pesquisa exaustiva e abrangente, visando a uma educação ambiental dialógica eco-relacional, se um pequeno exercício como esse pode levantar um tema gerador em uma sala de aula? A resposta é que nosso objetivo não é apenas nos atermos a um ponto, um nó crítico, mesmo que muito importante, para reflexão-ação dessa temática. Além do que só foi possível levantarmos essas discussões ou estabelecermos esse tipo de enquete por termos uma inserção na comunidade proporcionada pela convivência gerada durante a pesquisa etnográfica, pelo trabalho de entrevistas, observações

participantes e história oral, que nos ofereceu os subsídios, e principalmente a intimidade, a proximidade necessária, para discutir o que eclodisse em sala de aula.

Mesmo para tratarmos o tema água no contexto dessa representação, resultante deste tipo de técnica (“associação livre”), passível de vieses (erros de interpretação) tais como o tratamento quantitativo que se dá ao resultado, desconsiderando que algumas opiniões são mais relevantes para o grupo do que outras, como no caso de algum marcador que pode ter um maior alcance comunitário. Precisamos entender que essa leitura não representa um sentido, um significado, mais profundo no que se refere à dimensão reflexiva e sua práxis. Entretanto, podemos utilizá-la como técnica complementar e enriquecedora do processo pedagógico, desde que contextualizada em uma pesquisa mais ampla capaz de estabelecer vínculos afetivos reais, dialógicos, que permitam vislumbrar, por trás dos bastidores, o peso real de cada ator nessa trama de interações.

Voltando à sala de aula, Gilvan mais uma vez incita-nos a pensar no plano elaborado que está na câmara como um espaço mediático interessante para que o grupo presente pudesse mobilizar-se na direção de uma Irauçuba melhor. Segundo ele, em se tratando do tópico “Educação” constante no plano elaborado no evento que tratava da desertificação, as pessoas que estão fazendo o curso de Educação Ambiental Dialógica Eco-Relacionada estariam mais preparadas para atuar.

Nitamo constatou, na cisterna da escola que abriga o curso, inúmeros cabeça de prego, larvas. Aproveita e diz que tem pensado muito sobre o que está fazendo com essas reflexões que o curso tem motivado, que devemos ter posturas politicamente ativas na resolução de problemas como este, que a escola, enquanto ambiente que concentra alunos e professores para estabelecerem trocas de saberes, precisaria rever em conjunto essa realidade utilizando-se do problema para discutir fatores envolvidos numa perspectiva mais abrangente. Gilvane fala sobre a cisterna, sobre a dengue, sobre ações corretivas que haviam sido solicitadas

e ainda não haviam se concretizado.

Educação Ambiental Dialógica e o Inédito viável

No quinto dia de aula, quinta-feira, 23.01.03, pela manhã, ainda antes do início da aula tivemos uma boa conversa com o Marcelino, o Assis e o Nitamo. O Assis é da localidade de Aroeira, o Marcelino é do Mandacaru. Marcelino afirma que um prefeito anterior dizia: “num me avexo com política não! É só balançar a cuia com milho e pronto, vem todo mundo!” Assis diz que: “Se o político dá Cr\$ 10,00 ou uma rede, ele num tá dando não... ele pagou pelo seu voto, já comprou.”

Diante disso perguntamos: Parece-nos que, se eles recebem a oferta, eles se sentem comprometidos?

Assis: “Geralmente, embora eles não façam, se sentem. Existe uma dívida.”

Marcelino muda um pouco do assunto e relata aspectos de sua história de vida na liderança da comunidade depõe como ocorre o aumento das dificuldades: “Comecei com o INCRA, nos projetos do governo. O assentamento do Incra no começo era 46 famílias. Hoje são 130. Umas 910 pessoas entre grandes e miúdos... e todo tempo aumentando... que a negrada é todo tempo fazendo... Uns completa 60 anos, mas tem um bocado de 18 anos.”

No início da aula havíamos constatado que o Clairton trouxe uma pedra negra e o Marcelino trouxe umas pedrinhas roliças e falou que na sua localidade existem minas de calcário, de cristais etc.

Na 1ª atividade do dia propusemos uma sensibilização: pares nos quais um faz o que o outro fizer – “jogo de sombra”. Logo após ouvimos a música *Terra Prometida* (RIBEIRO, 2001) para ouvir e retirar quatro palavras significativas ou que tragam uma mensagem. Nesse processo anotamos as palavras que mais se repetiram:

Natureza (8), água (4), saúde (7), preconceito (5), pobreza (7), discriminação (2), povo humilde (3) e abandonado (4), a seca – cerca-sistema (7), comida,

sertão (6), dever, direito, terra (5), educação (5), escavidão (3), plantação (2), sertanejo (3), nordestino, história (2), mel (2), bravura (2), resistência (2), degradada, direito, aconchego (2), leite. Todos concordam que a música tem a ver com Irauçuba.

Tratamos um pouco dos resultados das RS da água e educação ambiental dialógica discutindo paralelamente sobre os temas retirados da música. Discutimos também o sentido da imagem enquanto mediação desveladora lembrando as imagens videográficas do primeiro módulo com as equipes trabalhando, discutindo temas, closes, expressões etc.

Na sensibilização, foram mostrados trechos do vídeo artesanal, com imagens da primeira parte do curso, apresentando as equipes discutindo as fotos – imagens congeladas. Abre-se espaço para a fala, refletimos sobre a imagem subjetiva (imagens abstratas) e as objetivas (materializadas pelo vídeo). Enfatizou-se que o reflexo no espelho demonstra a percepção visual de nós mesmos, enquanto que a imagem escolhida – que é o que ocorre com filmes, novelas, propagandas, imagens midiáticas em geral, apresenta-se como uma faca de dois gumes, pois pode ser manipulada com propósitos edificantes ou distorcida.

Gilvan destaca a necessidade de se distinguir na propaganda a realidade e a imagem documental.

Como é se ver na tv? Dialoga-se sobre a tecnologia e seu uso, diz-se que a televisão comercial, a tv aberta, só exhibe os aspectos que considera importantes e que relatam sua versão. Lembramos da cultura mercantilizada. Implica em massificação. Ser diferente passa a ser uma necessidade. A “tecnologia é neutra.” A tecnologiação, a manipulação, é que é o problema...

Discute-se Bush, o caso da China, da Coréia, do novo meio de colonização proposto pelo neoliberalismo. Desse mote ressalta-se que precisamos entender a importância do mundo vivido, do saber de experiência feito, que se dissocia da tv, da mídia massificadora. A televisão apresenta uma oralidade secundária que favorece o en-

volvimento e sua profunda influência sobre comunidades que possuem peculiaridades orais ou residualmente orais, assim como Irauçuba.

A importância dessa abordagem educativa, da educação ambiental dialógica eco-relacionada, define-se exatamente na valorização do saber popular, do contexto na leitura do texto, do reconhecimento da essencialidade do saber de experiência feito, o que se torna ainda mais relevante em culturas na qual a oralidade é tão importante. Contribui com o desvelar das tatuagens imposta pela mídia televisiva por meio de uma oralidade secundária.

Marlene lembra a geração “Malhação” (telenovela juvenil da rede Globo), completando em 2003 oito anos no ar, presente na adolescência atual. Nas aulas que vão até às 17h30min. os alunos pedem para sair mais cedo por conta da novela estar sendo veiculada no horário de verão, no Rio e em São Paulo. Conta-se a história de dois filhos, um de dez anos e outro de sete, discutindo gravidez e o não uso da camisinha. E a surpresa e vergonha da mãe sem saber como tratar a questão.

Clairton fala que viu na tv que na Índia se deixa uma sandália num lugar e dois dias depois ela continua lá. Talvez pontos positivos do processo televisivo? É preciso criticidade para ouvir o rádio, ver tv, ler jornais, revistas e livros. Paulo Freire conta de um sentar cuidadoso diante da tv, que se sente impedido de estar desarmado diante do que é apresentado.

Passamos para a relação entre criticidade e abstração visualizando a retirada de um terço que se encontrava no pescoço da estátua de uma santa... Que esse ato leva a visibilizar o terço, a santa e a interação entre o terço e a santa... Oferece outra leitura, amplia a possibilidade crítica.

A trajetória de sentido e o Fórum de Irauçuba

No segundo tempo da manhã do quinto dia de aula, quinta-feira, 23.01.03, passamos a trabalhar com o módulo que trata da organização de grupos autônomos. Para isto utilizamos o diálogo sobre a relação entre compromisso

social e a mudança desejada. Retomamos o conceito de percurso desejanter, de Guattari, e nosso conceito de Trajetória de Sentido, definindo sentido⁵⁰ que se renova, sentido que se estabelece – processual, portanto, diante de novos desejos e desafios a serem buscados ou vividos. Um trajeto que envolve ecopraxis, em um pensar-agir abrangente.

Interligamos o Projeto Coletivo do Curso e as RS da comunidade. O Percurso Desejanter como caminho a trilhar para atingir o que queremos enquanto indivíduo – coletividade deve estar sintonizado com a Trajetória de Sentido (precisamos encontrar um ponto de contato entre desejos e sentidos, uma interface entre o indivíduo e o grupo). A Trajetória de Sentido é o caminho que define esses significados, sentidos, motivações essenciais que mobilizam e potencializam o caminhar.

Discutimos reportagem do Jornal Diário do Nordeste do dia 22.01.03, página cidade, que trata do volume do Jerimum – 1,5% do seu volume morto. Mostra o Mozarniel (vereador da cidade) discutindo a dificuldade atual da cidade e do fato de que a canalização dos Patos que havia sido prometida para ficar pronta em quarenta dias. Ainda não estava pronta e não tinha previsão de quando estaria, tendo sido colocado apenas o motor dentro do açude dos Patos. A mesma página traz reportagem de um agrupamento de Conselhos Municipais de Desenvolvimento Social – CMDSS dos Inhamuns que propuseram uma carta – a Carta dos Inhamuns – enfocando as dificuldades dos municípios daquela região em seu convívio com o semi-árido, propondo alternativas, a gestão dos problemas tais como a estrada que liga os municípios à capital, problemas de água, assistência técnica rural, agropecuária etc.

Relembramos Paulo Freire no contexto de que a denúncia precisa estar acompanhada de anúncio. Ao problema apresentado devemos oferecer alternativas de solução. Propusemos que ao invés de um projeto, conforme recomendado pelo Gilvan, talvez fosse mais interessante, no fechamento do curso, propormos uma carta de intenções indicando problemas e soluções para viabilizar uma convivência solidária com o semi-árido já que o projeto

exigiria mais definições, especificidade e argumentos.

Muitos concordaram e lembraram que poderíamos ter no Fórum de Irauçuba uma instância capaz de mediar essas discussões e acompanhar os procedimentos. Contaríamos com o apoio do Fórum Regional de Convivência com o Semi-Árido, no qual Irauçuba agora tem acento através de Citôncio, Gilvane, Caetano e Nonato. Fomos informados de que contaríamos no encerramento do curso com a presença do Gilmar, representante do Fórum Regional, da Cáritas e do Fórum Diocesano de Itapipoca (instituição coordenadora do Fórum Regional). Teríamos também a presença do Citôncio, representando a FAI – Federação das Associações de Irauçuba, nossa parceira nesse trabalho.

Ficou acertado que organizaríamos a Carta de Irauçuba (anexo XVIII). E que uma das etapas seria resgatar o projeto que hoje está engavetado na Câmara dos Vereadores da cidade. Essa carta será assinada por todos os participantes do curso.

Lembramos que nossa missão (Figueiredo, Nitamo e Pedro) tem sido assessorar a mobilização desses movimentos populares, associações da cidade, o Fórum e os projetos comunitários que emergissem daí.

Entabulou-se uma fala na qual se destacava que um prato quente se come pelas beiradas e que era preciso uma transformação molecular que se expandisse para todo o organismo. Aludimos a certas teorias tais como a da “Percolação”, “Bootstrap”, “Totalidade Implicada”, oriundas da Física Quântica (FIGUEIREDO, 1999b), da “Equilibração Majorante” de Piaget (1996) etc., que tratam de certo modo disso. Fechamos com a história do homem que queria mudar o mundo e depois de muita luta percebeu que só mudaria o mundo mudando primeiramente a si mesmo.

Outro ponto digno de uma reflexão envolvia a fragmentação das ações comunitárias diante de tantas esferas que se apresentam como espaços de atuação das lideranças e representantes populares. Enfatizamos que era necessário um reagrupamento de forças na direção única de uma melhoria integral da comunidade. Que ficássemos atentos para que a dispersão dos marcadores sociais, em diversas reuniões e conselhos e comitês, não fosse uma estratégia das elites

no sentido de desmobilizar ou reduzir o poder popular, colocando um num lugar, outro em outra luta, “dividindo para dominar.”

Nonato fala da necessidade de um desprendimento de si mesmo na direção de um senso coletivo. Lembrou a história contada por Nonato Albuquerque, quando de sua palestra em uma reunião do Fórum, ao afirmar que

a chuva cai aos pinguinhos e depois de represada fica muita (no açude) e adquire tanta força que sangra e daí se ficar retida mais ainda é capaz de quebrar a parede do açude.

Foi lembrada a história do movimento de apoio popular a candidatos não apoiados pelos governantes locais durante a eleição recente, o que resultou na demissão do Nonato de uma função pública (prefeitura) na carteira de crédito agrícola.

Reforçamos a necessidade que temos de superar a espera por resultados imediatos, e que em se tratando de movimentos sociais é preciso termos também metas de médio ou longo prazo. Que as representações sociais da comunidade podem ser utilizadas com o papel de potencializar os percursos desejantes conectados às trajetórias de sentido desses grupos populares.

Marcelino afirma que devemos sentar em uma sala de aula como alunos e também como professor. “Depois nós ‘tamo’ lá do ladinho do professor.”

Fechamos a manhã desse dia com a música – *Pachamama* (MALVEZI, 2001).

A organização de grupos autônomos e comunidade solidária sustentável

Na tarde do quinto dia de aula, quinta-feira, 23.01.03, reiniciamos as atividades com o Nitamo tocando violão e cantando *Gracias a la vida*, dois versos e mais dois do “Yo tengo tantos hermanos”, de Violeta Parra. Nitamo depois de cantar traduz a letra e falamos sobre a similaridade das lutas dos povos latino-americanos. Ressaltamos a conve-

niência de Irauçuba pensar e agir nessa direção visando à solução de suas problemáticas. Caetano enfatiza a política opressora presente em muitos países latino-americanos, possuidores de uma certa identidade cultural.

Na continuidade propusemos um trabalho em equipe que envolve a criação de uma história com base em cinco gravuras (recortes de revistas). As equipes se compuseram assim:

Equipe 1: Gilvan, Fátima, Clairton, Maruska, Silda;

Equipe 2: Regina, Marlene, Zelândia, Aldízio, Jailson;

Equipe 3: Caetano, Marcelino, Fátima;

Equipe 4: Antonia Maria, Nonato, Assis, Raquel – fizeram o programa Moura Brasil (numa alusão ao Moura, marcador do bairro Gil Bastos);

Equipe 5: Cristiane, Gilvane, Eliabe, Régis, Neide.

Foi excelente a criatividade dos grupos. Nós discutimos que os grupos puderam pegar cinco fragmentos do real e com eles montarem uma totalidade lógica sob diversos aspectos. Os textos-fragmentos contam histórias reais ou falsas, a totalidade se apresenta como possibilidade.

Continuando no módulo que trata da Organização de Grupos Autônomos enfocamos que eles subentendem uma autonomia, enquanto capacidade de regerem a si mesmos, constituindo uma independência grupal no contexto mais amplo. Para tratar do tema apresentamos, com base em Paulo Freire, pontos que caracterizariam o trajeto de constituição da autonomia: compromisso social e mudança (conquista), saber-ignorância (o saber parte da ignorância), amor-desamor (luta contra posturas individualistas), esperança-deseesperança (compreensão do inacabamento), o humano enquanto ser de relações (com o mundo, com a sociedade, com o outro, consigo mesmo) e a práxis constituinte de um molde crítico-dialógico e relacional. “Ad-mirar” é um olhar mais intenso, mais profundo, que envolve contemplação, o assombrar-se, o estranhamento que faz olhar por dentro, abstrair e voltar a olhar o todo.

(Regis, Marcelo e Eliabe criaram charges e caricaturas de alguns participantes do curso).

Comunidade Solidária Sustentável

O último módulo tratou da Comunidade Solidária Sustentável. A solidariedade envolve a dialógica que, por sua vez, implica em afetividade, confiança, esperança, valorização do outro enquanto legítimo outro... E com ela podemos pensar-agir no planejamento participativo que implica em envolvimento pleno e efetivo durante todas as fases do processo.

No caso da Carta de Intenções, intitulada Carta de Irauçuba (anexo XV), isto indica mapear os problemas da cidade, apontar soluções, identificar responsabilidades, definir gestão e a quem endereçar. Foram sugeridos o DNOCS, SEMACE, SRH, Ministério da Integração Social, Assembléia Legislativa do Estado do Ceará etc.

Alguns dos Temas Geradores da Carta: AGRICULTURA, discutindo subsídios para a agricultura familiar; a ovinocaprinocultura e a agrofloresta. A ÁGUA, refletindo sobre a água de beber e de usar, a manutenção e a recuperação de mananciais. O SANEAMENTO, tratando sobre lixo e esgotos. EMPREGO E RENDA propondo incentivo à pequena indústria, incentivo ao artesanato e ao turismo.

Fechando as atividades abrimos ambiente para a fala dos presentes. Citôinho (presidente da Federação das Associações de Irauçuba, nossa parceira na realização do curso) destaca a importância da edificação de mais esse espaço que é o Fórum de Irauçuba e da relevância desse curso para que as pessoas estejam mais ligadas às mudanças que o município requer.

Gilmar (representante do Fórum Cearense pela Convivência no Semi-Árido) afirma a importância do Fórum Cearense, do Fórum regional e do sentido especial de se ter atualmente a representação do Fórum de Irauçuba neste Fórum mais amplo associado à ASA – Articulação do Semi-Árido, instituição nacional que congrega mais de oitocentas entidades do país. Recentemente, segundo ele, o Fórum Cearense foi solicitado pela Secretaria de Recursos Hídricos do Estado do Ceará para colaborar em

um projeto de construção de 50.000 cisternas de placa. O Fórum se propôs a implementar a construção de 25.000, o que seria sua capacidade limite. Já que a construção de cisternas envolve a cisterna, canos, curso de gerenciamento e cidadania. Um dos pontos importantes resultantes da existência do Fórum local é que a demanda do município será dada por esse fórum municipal, que também passa a atuar como gestor de projetos associados ao fórum estadual e nacional.

Finalizando, agradecemos a todos com muito amor e carinho frisando que teríamos, em seguida, uma pequena confraternização com comes, bebes e quadrilha improvisada, e compartilhamos a alegria e a satisfação real e plena que tivemos de estarmos com eles durante aquele período. Que ficassem certos de terem mais um verdadeiro amigo de cada um e da cidade.

ANEXO III

O Uso da Água e da Terra no Sertão Nordestino

Em seguida apresentamos um conjunto de textos produzidos pelos marcadores sociais no trato de temas inerentes à pesquisa. São interessantes por oportunizar uma leitura acerca de temas cotidianos sobre o uso da água e da terra, enfim sobre aspectos peculiares do sertão nordestino.

O uso concreto da água no sertão de Irauçuba

Latas d'água de dezoito litros compradas por R\$ 1,00... Utilizadas para medir a compra, a quantidade de uso no banho, para beber, para lavar roupa, vasilhas etc. Chegam a conseguir banhar-se com dez litros de água. Vinte litros, em média, é a quantidade que conseguem usar para lavar as louças de uma refeição de quatro pessoas ou efetuar a primeira lavagem de uma bacia de roupas.

ANEXO IV

Texto do Ciço

"[...] Agora, o senhor chega e pergunta: "Ciço, o que que é educação?" Tá certo. Tá bom. O que que eu penso, eu digo. Então veja, o senhor fala: "Educação"; daí eu falo: "educação". A palavra é a mesma, não é? A pronúncia, eu quero dizer. É uma só: "Educação". Mas então eu pergunto pro senhor: "É a mesma coisa? É do mesmo que a gente fala quando diz essa palavra?" Aí eu digo: "Não". Eu digo pro senhor desse jeito: "Não, não é". Eu penso que não.

Educação [...] quando o senhor chega e diz "educação", vem do seu mundo, o mesmo, um outro. Quando eu sou quem fala vem dum outro lugar, de um outro mundo. Vem dum fundo de oco que é o lugar da vida dum pobre, como tem gente que diz. Comparação, no seu essa palavra vem junto com quê? Com escola, não vem? Com aquele professor fino, de roupa boa, estudado; livro novo, bom; caderno, caneta, tudo muito separado, cada coisa do seu jeito, como deve ser. Um estudo que cresce e que vai muito longe de um saberzinho só de alfabeto, uma conta aqui e outra ali. Do seu mundo vem um estudo de escola que muda gente em doutor. É fato? Penso que é, mas eu penso de longe, porque eu nunca vi isso por aqui.

Então, quando o senhor vem e fala a pronúncia "educação", na sua educação tem disso. Quando o senhor fala a palavra conforme eu sei pronunciar. Também, ela vem misturada no pensamento com isso tudo, recursos que no seu mundo tem. Uma coisa assim como aquilo que a gente conversava outro dia, lembra? Dos evangelhos: "Semente que caiu na terra boa e deu fruto bom". [...]

Quando eu falo o pensamento vem dum outro mundo. Um que pode até ser vizinho do seu, vizinho assim, de confrontante, mas não é o mesmo. A escolinha cai-não-cai ali num canto da roça, a professorinha dali mesmo, os recursos tudo como é o resto da regra de pobre. Estudo? Um ano, dois, nem três. Comigo não foi nem três. Então eu digo "educação" e penso "enxada", o que foi pra mim.

Porque é assim desse jeito que eu queria explicar pro senhor. Tem uma educação que vira o destino do homem, não vira? Ele entra ali com um destino e sai com outro. Quem fez? Estudo, foi estudo regular: um saber completo. Ele entra dum tamanho e sai do outro. Parece que essa educação que foi a sua tem uma força que tá nela e não tá. Como é que um menino como eu fui mudá num doutor, num professor, num sujeito de muita valia?

Agora, se eu quero lembrar da minha: “enxada”. Se eu quero lembrar: “trabalho”. E eu hoje só dou conta de um lembrzinho: a escolinha, um ano, dois, um caderninho, um livro, cartilha? Eu nem sei, eu não lembro. Aquilo de um bê-a-bá, de um alfabetozinho. Deu pra aprender? Não deu. Deu pra saber escrever um nome, pra ler uma letrinha, outra. Foi só. O senhor sabe? Muito companheiro meu na roça, na cidade mesmo, não teve nem isso. A gente vê velho aí pra esses fundos que não sabe separar um A dum B. Gente que pega dum lápis e desenha o nome dele lá naquela dificuldade, naquele sofrimento. Mão que foi feita pro cabo da enxada acha a caneta muito pesada e quem não teve prazo dum estudozinho regular quando era menino, de velho é que não aprende mais, aprende? Pra quê? Porque eu vou dizer uma coisa pro senhor: pra quem é como esse povo de roça o estudo de escola é de pouca valia, porque o estudo é pouco e não serve pra fazer da gente um melhor. Serve só pra gente seguir sendo como era, com um pouquinho de leitura. [...]

O senhor faz pergunta com ‘um jeito de quem sabe já a resposta. Mas eu explico assim. A educação que chega pro senhor é a sua, da sua gente, é pros usos do seu mundo. Agora, a minha educação é a sua. Ela tem o saber de sua gente e ela serve pra que mundo? Não é assim mesmo? A professora da escola dos seus meninos pode até ser uma vizinha sua, uma parente, até uma irmã, não pode? Agora, e a dos meus meninos? Porque mesmo nessas escolinhas de roça, de beira de caminho, conforme é a deles, mesmo quando a professorinha é uma gente daqui, o saber dela, o saberzinho dos meninos, não é. Os livros, eu digo, as idéias que tem ali. Menino aqui aprende na ilusão dos pais,’

aquela ilusão de mudar com estudo, um dia. Mas acaba saindo como eu, como tantos, com umas continhas, uma leitura. Isso ninguém não vai dizer que não é bom, vai? Mas pra nós é uma coisa que ajuda e não desenvolve.

Então, “educação”. É por isso que eu lhe digo Que a sua é a sua e a minha é a sua. Só que a sua lhe fez. E a minha? Que a gente aprende mesmo, pros usos da roça, é na roça. É ali mesmo: um filho com o pai, uma filha com a mãe, com uma avó. Os meninos vendo os mais velhos trabalhando.

Inda ontem o senhor me perguntava da Folia de Santos Reis que a gente vimos em Caldas: “Ciço, como é que um menino aprende o cantório? As respostas?” Pois o senhor mesmo viu o costume. Eu precisei lhe ensinar? Menino tão ali, vai vendo um, outro, acompanha o pai, um tio. Olha, aprende. Tem inclinação prum cantório? Prum instrumento? Canta, tá aprendendo, pega, toca, tá aprendendo. Toca uma caixa tambor da Folia de Reis), tá aprendendo a caixa, faz um tipe (tipo de voz do cantório), tá aprendendo cantar. Vai assim, no ato, no seguir do acontecido.

Agora, nisso tudo tem uma educação dentro, não tem? Pode não ter um estudo. Um tipo dum estudo pode ser que não tenha. Mas se ele não sabia e ficou sabendo é porque no acontecido tinha uma lição escondida. Não é uma escola, não tem um professor assim na frente, com o nome “professor”. Não tem [...] Você vai juntando, vai juntando e no fim dá o saber do roceiro, que é um tudo que a gente precisa pra viver a vida conforme Deus é servido.

Quem que vai chamar isso aí de uma educação? Um tipo dum ensino esparramado, coisa de sertão. Mas tem, não tem? Não sei. Podia ser que tivesse mais, por exemplo, na hora que um mais velho chama um menino, um filho. Chama num canto, fala, dá um conselho, fala sério um assunto: assim, assim. Aí pode. Ele é um pai, um padrinho, um mais velho. Na hora ele representa como de um professor, até como um padre. Tem um saber que é falado ali naquela hora. Não tem um estudo, mas tem um saber. O menino baixa a cabeça, daí ele escuta, aprendeu,

às vezes não esquece mais nunca.

Então vem um e pergunta assim: “O Ciço, o Antônio Ciço, seus meninos tão recebendo educação?” Que seja um padre, que seja o senhor. Eu respondo: “Homem, uma eles tão. Em casa eles tão, que a gente nunca deixa de educar um filho conforme os costumes. Mas educação de estudo, fora os dois menorzinhos, eles tão também, que eles tão na escola”. Então quer dizer que é assim: tem uma educação que eu nem sei como é que é mesmo o nome que ela tem que existe dentro do mundo da roça, entre nós. Agora, tem uma - essa é que se chama mesmo “educação” - que tem na escola. Essa que eu digo que é sua. É a educação que eu digo: “de estudo”, de escola, professora, professorinha, coisa e tal. Daqui, mas de lá. A gente manda os meninos pra escola. Quem é que não manda? Só mesmo um sujeito muito atrasado. Um que muda daqui pra lá a toda hora. Um outro que mora aí, pros fundos de um sertão, longe de tudo. A gente manda, todo mundo por aqui manda menino pro estudo. É longe, o senhor viu, mas manda. Podiam tá na roça com o pai, mas tão na escola. Mas quem é pobre e vive nessa descrença de trabalhar dum tanto, a gente crê e descrê. Menino desses pode crescer aí sem um estudinho que seja, da escola? Não pode. Eu digo pro senhor, não pode. O meu saberzinho que já é muito pouco, veio de aprender com os antigos, mais que da escola, veio a poder de assunto, mais do que de estudo regular. Finado meu pai já dizia assim. Mas pra esses meninos, quem sabe o que espera? Vai ter vida na roça pra eles todo o tempo? Tá parecendo que não. E, me diga, quem é quem na cidade sem um saberzinho de estudo? Se bem que a gente fica pensando: “O que é que a escola ensina, meu Deus?”. Sabe? Tem vez que eu penso que pros pobres a escola ensina o mundo como ele não é. [...]

Agora, o senhor chega e diz: “Ciço, e uma educação dum outro jeito? Um saber pro povo do mundo como ele é?” Esse eu queria ver explicado. O senhor fala: “Eu tô falando duma educação pro povo mesmo, um tipo duma educação dele, assim, assim”. Essa eu queria saber como é. Tem? Aí o senhor diz que isso bem; podia ser feito,

tudo junto: gente daqui, de lá, professor, peão, tudo. Daí eu pergunto: “Pode? Pode ser dum jeito assim? Pra quê? Pra quem? [...]”

Antônio Cícero de Sousa.

Lavrador de sítio na estrada entre Andradas e Caldas, no sul de Minas

Gerais. Também dito Antônio Ciço, Tonho Ciço e, ainda, Ciço.

(Prefácio. p. 7-10 p. In: BEZERRA, Aida & BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *A questão política da educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980).

ANEXO V

Notas do Curso de Educação Ambiental Dialógica

Letra citada no capítulo III.

“Somos parte da terra, ela faz parte de nós.

*Tudo o que acontecer a terra, acontecerá aos filhos
acontecerá aos filhos da terra.*

A terra não pertence ao homem

O homem pertence a terra.

*O que ocorrer com a terra, recairá, recairá sobre os fi-
lhos*

recairá sobre os filhos da terra.

O homem não tramou o tecido da vida

ele é simplesmente um dos seus fios”.

Letra extraída por Arlindo Araújo, de Carta enviada por chefe Seattle ao Presidente dos EUA, 1855 (MESQUITA, Mário. *Terra Mãe*. Fortaleza: UNICEF. Dez. 2000).

“Ô Jandê

Recôguirá

Guraripe napurana

Ô mainguê

Ai ô manguirá

ô manguirá

Ai ô manguirá”

(INDIOS TREMEMBÉ. *Ô Jandê*. Fortaleza: UNICEF. Dez. 2000).

“Vamos meu irmão, a grande lição, vamos aprender
É belo o instinto do pequeno pinto, antes de nascer.

O pinto dentro do ovo, está ensinando ao povo, que é
preciso trabalhar,

Bate o bico, bate o bico, bate o bico, Tico-tico pra poder
se libertar.

Vamos minha gente vamos para a frente arrastando a cruz
atrás da verdade, da fraternidade que pregou Jesus.

O pinto prisioneiro, pra sair do cativeiro, vive bastante a
lutar

Bate o bico, bate o bico, bate o bico, Tico-tico pra poder
se libertar.

Se direito temos, todos nós queremos, liberdade e paz.

No direito humano, não existe engano, todos são iguais.

O pinto dentro do ovo, aspirando um mundo novo, não
deixa de beliscar,

Bate o bico, bate o bico, bate o bico, Tico-tico pra poder
se libertar.

(PATATIVA DO ASSARÉ. *Lição do Pinto*. Fortaleza: UNICEF. Dez. 2000).

“As borboletas voam sobre o meu jardim.

São flores vivas, pousam sobre as onze horas

As rosas claras, violetas e jasmíns...

Um beija flor traindo a rosa amarela, beija uma bela mar-
garida infiel.

Apolinárias estão cravadas de ciúmes

E um beija flor beijando flores a granel.

Pétalas , asas amareladas.

Pétalas, espinhos secos, folha, flor, lagartas , pétalas...

As folhas voam e voltam noutra estação, só serei flor quando tu flores no verão..

Um beija flor traindo a rosa amarela, beija uma bela margarida infiel.

Apolinárias estão cravadas de ciúmes

E um beija flor beijando flores a granel.

Pétalas , asas amareladas.

Pétalas, espinhos secos, folha, flor, lagartas , pétalas...

As folhas voam e voltam noutra estação, só serei flor quando tu flores no verão..

Só serei flor quando tu fores no verão...

Só serei flor quando tu flores no verão...

Só serei flor quando tu fores no verão”.

(VALENÇA, Alceu & AZUL, H. *Pétalas*. São Paulo: BMG MUS. PUB. Brasil, 1985).

“A amizade sincera é um santo remédio

É um abrigo seguro

É natural da amizade

O abraço, o aperto de mão , o sorriso

Por isso se for preciso conte comigo

Amigo disponha

Lembre-se sempre que mesmo modesta minha casa será sempre sua

Amigo

Os verdadeiros amigos

Do peito, de fé , os melhores amigos

Não trazem dentro da boca palavras que giram ou falsas histórias

Sabem prender o silêncio e manter a presença mesmo quando ausente

Por isso mesmo, apesar de tão raro

Não há nada melhor do que um grande

Amigo

*A amizade sincera é um santo remédio
É um abrigo seguro
É natural da amizade
O abraço, o aperto de mão, o sorriso
Por isso se for preciso conte comigo
Amigo disponha
Lembre-se sempre que mesmo modesta minha casa será
sempre sua
Amigo (bis 3X)*

*Por isso se for preciso conte comigo
Amigo disponha
Lembre-se sempre que mesmo modesta minha casa será
sempre sua
Amigo (bis 3X)" .
(TEIXEIRA, Renato. *Amizade sincera*. São Paulo: BMG US.
PUB. BRASIL (produzido por Dominginhos), 1981).*

*“Doce mar, meu aconchego! Ó, belo sertão
Natureza que inspira o poema e a canção
Na bravura e resistência, teu povo fiel
Grata terra prometida onde corre
O leite e o mel.*

*A pobreza e a indignância cortam
O coração da gente
Ações preconceituosas que degradam
O ambiente
Faltam abrigo e comida, saúde e educação
Faltam água pra beber e molhar a plantação*

*Povo humilde, abandonado
Fruto da escravidão
A elite é atrasada, de um poder sem
Compaixão
Sertanejo nordestino quer viver e ter direito
De poder fazer história e quebrar o
Preconceito*

E assim poder sentir ao som de um violão
A quixaba e o reisado, São Gonçalo e São João
Do sertão ao pé da serra
Do cerrado à beira mar
Ser parte da mesa farta do almoço ao jantar

A seca não é o problema,
Isso ouvi de um viajante
É a cerca e o sistema que fazem os retirantes
Hastear nossa bandeira e expor sem desatino
O Nordeste é a terra prometida aos
Nordestinos”
(RIBEIRO, Miroval Marques. *Terra prometida*. São Paulo:
Paulinas, 2001).

“A terra é toda azul.
Planeta Água
A Terra é toda, toda, toda, toda grávida (bis)

Toda beleza
Da Pachamama
Com suas águas, solos e fertilidade
Com suas curvas, rios e sensualidade.
É o paraíso do sonho e felicidade (bis)

É tudo dom de Deus
É tudo a mão do Pai
Que faz neném mamar
E a mulher gestar
Que deu às fêmeas o instinto maternal
Criou o cio fecundo do mundo animal
E deu às plantas o seu ciclo natural (bis)

É tudo criação
É tudo gestação
De um filho pra nascer
Do ser que vai viver
A vida humana é de Deus supremo dom

A natureza, a beleza e comunhão.

A Terra é casa e lugar de cada irmã (bis)

(MALVEZZI, Roberto. *Pachamama*. São Paulo: Paulinas, 2001).

Foram tocados e cantados dois versos de cada uma dessas músicas : “Gracias a la vida” e “yo tengo tantos hermanos”, que se supõe ser de Violeta Parra.:

“Gracias a la vida / qué me hadado tanto / me dio dos luzeros que quando los abro/ perfecto destingo lo negro del blanco / y en el alto cielo / su fondo estrellado / y en las mutitudes / la mujer que yo amo”.

“Yo tengo tantos hermanos / que no los puedo contar / en el valle / en las montañas / en el pampa / y en el mar / cada qual com sus trabajos / com su enios / com su suenios / cada qual / con la esperanza adelante / con los recuerdos detrás /

COLEÇÃO DIÁLOGOS INTEMPESTIVOS

1. **Ditos (mau)ditos.** José Gerardo Vasconcelos; Antonio Germano Magalhães Junior e José Mendes Fonteles (Orgs.). 2001. 208p. 2001. ISBN: 85-86627-13-5
2. **Memórias no plural.** José Gerardo Vasconcelos e Antonio Germano Magalhães Junior (Orgs.). 140p. 2001. ISBN: 85-86627-21-6
3. **Trajetórias da juventude.** Maria Nobre Damasceno; Kelma Socorro Lopes de Matos e José Gerardo Vasconcelos (Orgs.). 112p. 2001. ISBN: 85-86627-22-4
4. **Trabalho e educação face à crise global do capitalismo.** Enéas Arrais Neto; Manuel José Pina Fernandes e Sandra Cordeiro Felismino (Orgs.). 2002. 218p. ISBN: 85-86627-23-2
5. **Um dispositivo chamado Foucault.** José Gerardo Vasconcelos e Antonio Germano Magalhães Junior (Orgs.). 120p. 2002. ISBN: 85-86627-24-0
6. **Registros de pesquisa na educação.** Kelma Socorro Lopes de Matos e José Gerardo Vasconcelos (Orgs.). 2002. 216p. ISBN: 85-86627-25-9
7. **Linguagens da história.** José Gerardo Vasconcelos e Antonio Germano Magalhães Junior (Orgs.). 2003. 154p. ISBN: 85-7564084-4
8. **Esboços em avaliação educacional.** Brendan Coleman Mc Donald (Org.). 2003. 168p. ISBN: 85-7282-131-7
9. **Informática na escola: um olhar multidisciplinar.** Edla Maria Faust Ramos; Marta Costa Rosatelli e Raul Sidnei Wazlawick (Orgs.). 2003. 135p. ISBN: 85-7282-130-9
10. **Filosofia, educação e realidade.** José Gerardo Vasconcelos (Org.). 2003. 300p. ISBN: 85-7282-132-5
11. **Avaliação: Fiat Lux em Educação.** Wagner Bandeira Andriola e Brendan Coleman Mc Donald (Orgs.). 2003. 212p. ISBN: 85-7282-136-8
12. **Biografias, instituições, idéias, experiências e políticas educacionais.** Maria Juraci Maia Cavalcante e José Arimatea Barros Bezerra (Orgs.). 2003. 467p. ISBN: 85-7282-137-6.
13. **Movimentos sociais, educação popular e escola: a favor da diversidade.** Kelma Socorro Lopes de Matos (Org.). 2003. 312p. ISBN: 85-7282-138-4
14. **Trabalho, sociabilidade e educação: uma crítica à ordem do capital.** Ana Maria Dorta de Menezes e Fábio Fonseca Figueiredo (Orgs.). 2003. 396p. ISBN: 85-7282-139-2
15. **Mundo do trabalho: debates contemporâneos.** Enéas Arrais Neto, Elenice Gomes de Oliveira e José Gerardo Vasconcelos (Orgs.). 2004. 154p. ISBN: 85-7282-142-2
16. **Formação humana: liberdade e historicidade.** Ercília Maria Braga

- de Olinda (Org.). 2004. 250p. ISBN: 85-7282-143-0
17. **Diversidade cultural e desigualdade:** dinâmicas identitárias em jogo. Maria de Fátima Vasconcelos e Rosa Barros Ribeiro (Orgs.). 2004. 324p. ISBN: 85-7282-144-9
 18. **Corporeidade:** ensaios que envolvem o corpo. Antonio Germano Magalhães Junior e José Gerardo Vasconcelos (Orgs.). 2004. 114p. ISBN:85-7282-146-5.
 19. **Linguagem e educação da criança.** Sílvia Helena Vieira Cruz e Mônica Petralanda Holanda (Orgs.). 2004. 369p. ISBN:85-7282-149-X.
 20. **Educação ambiental em tempos de semear.** Kelma Socorro Lopes de Matos e José Levi Furtado Sampaio (Orgs.). 2004. 203p. ISBN: 85-7282-150-3.
 21. **Saberes populares e práticas educativas.** José Arimatea Barros Bezerra, Catarina Farias de Oliveira e Rosa Maria Barros Ribeiro (Orgs.). 2004. 186p. ISBN: 85-7282-162-7.
 22. **Culturas, currículos e identidades.** Luiz Botelho de Albuquerque (Org.). 231p. ISBN: 85-7282-165-1.
 23. **Polifonias:** vozes, olhares e registros na filosofia da educação. José Gerardo Vasconcelos, Andréa Pinheiro e Érica Atem (Orgs.) 274p. ISBN: 85-7282-166-X.
 24. **Coisas de cidade.** José Gerardo Vasconcelos e Shara Jane Holanda Costa Adad. ISBN: 85-7282-172-4.
 25. **O caminho se faz ao caminhar.** Maria Nobre Damasceno e Celecina de Maria Vera Sales (Orgs.). 2005. 230p. ISBN: 85-7282-179-1.
 26. **Artesania do saber:** tecendo os fios da educação popular. Maria Nobre Damasceno (Org.). 2005. 169p. ISBN: 85-7282-181-3.
 27. **História da educação:** instituições, protagonistas e práticas. Maria Juraci Maia Cavalcante e José Arimatea Barros Bezerra. (Orgs.). 458p. ISBN: 85-7282-182-1.
 28. **Linguagens, literatura e escola.** Sylvie Delacours-Lins e Sílvia Helena Vieira Cruz (Orgs.). 2005. 221p. ISBN: 85-7282-184-8
 29. **Formação humana e dialogicidade em Paulo Freire.** Maria Ercília Braga de Olinda e João Batista de A. Figueiredo (Orgs.). 2006. ISBN: 85-7282-186-4.
 30. **Currículos contemporâneos:** formação, diversidade e identidades em transição. Luiz Botelho Albuquerque (Org.). 2006. ISBN: 85-7282-188-0.
 31. **Cultura de paz, educação ambiental e movimentos sociais.** Kelma Socorro Lopes de Matos (Org.). 2006. ISBN: 85-7282-189-9.
 32. **Movimentos sociais, educação popular e escola:** a favor da diversidade II. Sylvio de Sousa Gadelha e Sônia Pereira Barreto (Orgs.). 2006. 172p. ISBN: 85-7282-192-9
 33. **Entretantos:** diversidade na pesquisa educacional. José Gerardo Vasconcelos, Emanuel Luís Roque Soares e Isabel Magda Said

- Pierre Carneiro (Orgs.). ISBN: 85-7282-194-5
34. **Juventudes, cultura de paz e violências na escola.** Maria do Carmo Alves do Bomfim e Kelma Socorro Lopes de Matos (Orgs.). 2006. 276p. ISBN: 85-7282-204-6
 35. **Diversidade sexual:** perspectivas educacionais. Luís Palhano Loiola. 183p. ISBN: 85-7282-214-3
 36. **Estágio nos cursos tecnológicos:** conhecendo a profissão e o profissional. Gregório Maranguape da Cunha, Patrícia Helena Carvalho Holanda, Cristiano Lins de Vasconcelos (Orgs.). 93p. ISBN: 85-7282-215-1
 37. **Jovens e crianças:** outras imagens. Kelma Socorro Lopes de Matos, Shara Jane Holanda Costa Adad e Maria Dalva Macedo Ferreira (Orgs.). 221p. ISBN: 85-7282-219-4
 38. **História da educação no Nordeste brasileiro.** José Gerardo Vasconcelos e Jorge Carvalho do Nascimento (Orgs.). 2006. 193p. ISBN: 85-7282-220-8
 39. **Pensando com arte.** José Gerardo Vasconcelos e José Albio Moreira de Sales (Orgs.). 2006. 212p. ISBN: 85-7282-221-6
 40. **Educação, política e modernidade.** José Gerardo Vasconcelos e Antonio Paulino de Sousa (Orgs.). 2006. 209p. ISBN: 978-85-7282-231-2
 41. **Interfaces Metodológicas na História da Educação.** José Gerardo Vasconcelos, Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior, Zuleide Fernandes de Queiroz e José Edvar Costa de Araújo (Orgs.). 2007. 286p. ISBN: 978-85-7282-232-9
 42. Livro da Prof. Ercília
 43. **Educação Ambiental dialógica:** as contribuições de Paulo Freire e as representações sociais da água em cultura sertaneja nordestina.